

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Paula Ferreira do Amaral Guia

**Pequenas empresas e grandes mulheres:
trajetórias profissionais de empreendedoras**

Taubaté – SP

2019

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Paula Ferreira do Amaral Guia

**Pequenas empresas e grandes mulheres:
trajetórias profissionais de empreendedoras**

Dissertação apresentada à banca de defesa como requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ávila

Taubaté – SP

2019

Sistema integrado de Bibliotecas – SIBi/ UNITAU
Biblioteca Setorial de Pedagogia, Ciências Sociais, Letras e Serviço Social

G943p Guia, Paula Ferreira do Amaral
Pequenas empresas e grandes mulheres: trajetórias
profissionais de empreendedoras. /Paula Ferreira do
Amaral Guia. – 2019.
209. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ávila,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

1. Desenvolvimento. 2. Empreendedorismo. 3. Gênero.
4. Pesquisa biográfica-narrativa. 5. Biogramas. I. Título.

CDD – 305.43

PAULA FERREIRA DO AMARAL GUIA

Pequenas empresas e grandes mulheres: trajetórias profissionais de empreendedoras

Dissertação apresentada à banca de defesa como requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.
Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.
Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ávila

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ávila - Universidade de Taubaté - UNITAU

Assinatura _____

Profa. Dra. Eda Maria de Oliveira Henriques - Universidade Federal Fluminense - UFF

Assinatura _____

Profa. Dra. Maria Aparecida Campos Diniz - Universidade de Taubaté - UNITAU

Assinatura _____

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que ao longo da história conquistaram espaços profissionais e reconhecimento pela relevância do papel feminino nos ambientes de trabalho, não abandonando os valores e papéis essenciais da sua existência. A todas que levantaram a bandeira do "sou capaz", sem retirar a coroa de princesa e rainha. Àquelas que souberam conciliar a armadura e uniforme da luta laboral diária, permitindo-se viver intensamente o papel de filha, esposa, mãe, amiga, entre tantos outros. A quem soube reconhecer seus limites, utilizando-se de seus talentos na busca pelo sucesso. Às empreendedoras de si mesmas.

AGRADECIMENTOS

Os dois anos de mestrado, proporcionaram-me o fortalecimento de vínculos que serão para sempre em meu viver, bem como a oportunidade de novos encontros que deixarão marcas profundas em mim. A todos esses momentos e pessoas, registro aqui minha gratidão.

Primeiramente a *Deus*, por conceder-me a graça e condições para mais essa conquista.

Ao meu esposo *Sergio Augusto da Guia*, pelo companheirismo, fazendo-se presente nos momentos mais exaustivos e tensos. Participando ativamente de casa etapa, desde a inscrição no processo seletivo até a entrega a defesa da dissertação.

Aos meus *pais e familiares*, pelo constante suporte emocional. Especialmente, a minha *mãe* pelos cuidados amorosos, escutas, conselhos e orações.

Às minhas tias *Catarina Aparecida Ferreira* e *Selma Amaral* por tamanha preocupação e carinho, manifestadas cada uma à sua maneira.

À *Ana Carlota Pinto Teixeira*, coordenadora do curso de psicologia Unisal *campus* Lorena, por ter sido a alavanca para minha decisão em iniciar o desafio do mestrado.

Ao apoio logístico dos queridos *Gustavo do Amaral Reis*, *Fabiana Rocha da Silva*, *Camila Oliveira* e *Sofia Sorbille Veiga Grove*.

Aos *funcionários e professores* do Programa de Mestrado Desenvolvimento Humano Unital, pela dedicação e atenção.

Especialmente à *Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ávila*, por orientar-me nesse percurso formativo, levando-o a conhecer o caminho da ciência através do olhar apaixonado por aquilo que se faz, despertando-me ao interesse de ir além no universo do saber e conhecer.

Às *Profas. Dras. Maria Aparecida Campos Diniz* e *Eda Maria de Oliveira Henriques*, pela valiosa contribuição ao meu trabalho, repletas de conhecimento e experiência, bem como pela disposição carinhosa de estarem comigo, nesse momento ímpar de desenvolvimento pessoal e profissional.

À *Profa. Dra. Maria Angela Boccara de Paula*, por todo exemplo de competência, dinamismo e profissionalismo.

Aos amigos das turmas de sábado do MDH e MPE 2017, por sonharem e lutarem juntos comigo. Especialmente, a *Alessandra Aparecida Soares Calil* pelo constante apoio amigo e a *Priscilla Sousa Frigi Raimundi* pela intensa parceria fraterna.

Às integrantes do grupo NEDHEG, por toda troca, oportunidade de desenvolvimento. A Priscila Santos da Silva Navarenho pelas idas e vindas, cheias de afeto e desabafos. A Luciana Maria Molina Barbosa e família, pelas caronas, amizade e por tornarem referência do vencer limites através do amor.

Às amigas do grupo "Unidas pela fé" por toda torcida, incentivo e intercessão.

Às *empreendedoras participantes dessa pesquisa*, pelas generosas narrativas de suas trajetórias profissionais e por permitirem o acesso às suas vidas pessoais, enriquecendo-me de exer inspirações.

Meu respeito, admiração, eterno amor e amizade.

***“Não desejo que as mulheres tenham poder sobre os homens,
e sim, sobre elas mesmas”***

Mary Wollstonecraft

RESUMO

Na sociedade contemporânea, em busca por igualdade de gênero, uma forma para a conquista de espaços pelas mulheres no mundo do trabalho é o empreendedorismo. Ao longo de um tempo histórico, o empreendedorismo feminino foi ganhando espaço. Tal fato estimulou o interesse por essa pesquisa, guiada pela seguinte questão: atualmente, como tem sido a inserção das mulheres no mundo do trabalho? Quando empreendedoras, quais os aspectos facilitadores e dificultadores dessa trajetória? Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi o de identificar os acontecimentos marcantes, determinantes de direções e escolhas, bem como os significados atribuídos por essas mulheres aos incidentes críticos que compuseram suas trajetórias profissionais como empreendedoras. Nesse estudo, a ideia de empreendedorismo refere-se às pessoas que, de maneira criativa e inovadora, planejam e colocam em prática projetos profissionais. Optou-se por conhecer a trajetória profissional de quinze empreendedoras de uma cidade do Vale Paraíba, interior de São Paulo. Buscou-se conhecer o caminho de inovação, criatividade e transformação percorrido por essas mulheres, que são pertencentes às três gerações profissionais reconhecidas como *Baby Boomer*, X e Y, nascidas entre 1946 a 2000. A pesquisa, de natureza qualitativa e do tipo biográfica-narrativa, foi realizada mediante entrevistas biográficas, realizadas em dois momentos. Após serem tratados, os dados narrativos foram organizados em Biogramas, cuja sobreposições permitiram a identificação dos acontecimentos singulares e comuns a cada participante e/ou geração. As entrevistas mostraram que a narrativa da própria história de vida pode ser uma ferramenta, para reconhecer-se, de revalorização de esforços e alternativas de soluções pontuais, além do fortalecimento para experiências futuras. Os resultados sugerem que as diferenças geracionais têm aspecto complementar e não somente divergente, podendo ser utilizado como referência e base para futuras empreendedoras, sugerindo estratégias de inovação e manutenção dos seus negócios.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento. Empreendedorismo. Gênero. Pesquisa biográfica-narrativa. Biogramas.

ABSTRACT

In contemporary society, in search of gender equality, one way to gain space for women in the world of work is entrepreneurship. Over a historical time, female entrepreneurship has been gaining ground. This fact stimulated interest in this research, guided by the following question: currently, how has the insertion of women in the world of work? When entrepreneurs, what are the facilitating and hindering aspects of this trajectory? The objective was to identify the marked events, determinants of directions and choices, as well as the meanings attributed by these women to the critical incidents that made up their professional trajectories as entrepreneurs. In this study, the idea of entrepreneurship refers to people who, in a creative and innovative way, plan and put into practice professional projects. It was decided to know the professional trajectory of fifteen entrepreneurs from a city of Vale of Paraíba, in the interior of São Paulo. It was sought to know the path of innovation, creativity and transformation undergone by these women, who belong to the three professional generations recognized as Baby Boomer, X and Y, born between 1946 and 2000. The research, of a qualitative and biographical- narrative, was performed through biographical interviews, carried out in two moments. After being treated, the narrative data were organized in Biograms, whose overlaps allowed the identification of the singular and common events to each participant and / or generation. The interviews showed that the narrative of life history itself can be a tool, to recognize itself, of revaluation of efforts and alternatives of punctual solutions, in addition to strengthening for future experiences. The results suggest that the generational differences have a complementary and not only divergent aspect, being able to be used as reference and base for future entrepreneurs, suggesting strategies of innovation and maintenance of their businesses.

KEYWORDS: Development, Entrepreneurship, Gender, Biographical-Narrative Research, Biograms.

LISTA DE SIGLAS

ACEG	–	Associação Comercial de Guaratinguetá
CEP/UNITAU	–	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBQP	–	Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade
IPEA	–	Instituto de Pesquisa Aplicada
GEM	–	Global Entrepreneurship Monitor
OIT	–	Organização Internacional do Trabalho
ONU	–	Organização das Nações Unidas
PNAD	–	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
SEBRAE	–	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela I - Principais motivos que levam mulheres e homens a empreender	37
Quadro I – As diferentes abordagens do empreendedorismo	26
Quadro II – Modelo Biograma	70
Quadro III – Modelo Sobreposição de Biograma Incidentes Críticos Baby Boomer	71
Quadro IV – Modelo Sobreposição de Biograma Incidentes Críticos Gerações	72
Quadro V – Dados das empreendedoras da Geração Baby Boomer	76
Quadro VI – Dados das empreendedoras da Geração X	78
Quadro VII – Dados das empreendedoras da Geração Baby Boomer	79
Quadro VIII – Sobreposição de Gerações – Início Vida Profissional	178
Quadro IX – Sobreposição de Gerações – Maternidade e seus impactos	181
Quadro X – Sobreposição de Gerações – Conquista do próprio negócio	183
Quadro XI – Sobreposição de Gerações – Momento atual e perspectivas futuras	185

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 A pesquisadora: incidentes críticos que permeiam sua trajetória	15
1.2 Problema	20
1.3 Objetivos	21
1.3.1 Objetivo Geral	21
1.3.2 Objetivos Específicos	21
1.4 Delimitação do Estudo	21
1.5 Relevância do Estudo / Justificativa	22
1.6 Organização do Trabalho	23
2 REVISÃO DA LITERATURA	
2.1 Empreendedorismo	25
2.1.1 Mulheres e Trabalho	30
2.1.2 Amparo legal às mulheres no contexto de trabalho	35
2.1.3 Mulheres Empreendedoras	37
2.2 Gerações profissionais	40
2.2.1 Baby Boomer	44
2.2.2 Geração X	45
2.2.3 Geração Y	47
2.3 Trajetórias profissionais, memórias e incidentes críticos	50
2.4 Resiliência como marca das trajetórias narradas pelas empreendedoras	58
2.4.1 Fatores de Risco	60
2.4.1 Mecanismos de Proteção	61
3. O MÉTODO BIOGRÁFICO-NARRATIVO	63
3.1 Tipo de Pesquisa	64
3.2 Participantes da Pesquisa	65
3.3 Instrumentos	66
3.4 Procedimentos de Coleta e Tratamento de Dados	68
3.5 Procedimentos para Análise de dados narrativos	69
4 TRAJETÓRIAS PROFISSONAIS DE EMPREENDEDORAS: RESULTADOS E DISCUSSÕES	75

4.1 O perfil sociodemográfico das empreendedoras	75
4.2 Singularidades nas trajetórias profissionais	80
4.2.1 Geração <i>Baby Boomer</i>	81
4.2.2 Geração X	107
4.2.3 Geração Y	135
4.3 O paradigmático nas trajetórias profissionais – incidentes críticos comuns	160
4.3.1 Como tudo começou: início da vida profissional	161
4.3.2 O tornar-se mãe: maternidade e seus impactos	164
4.3.3. Empreendedora: a conquista do próprio negócio	167
4.3.4. Em busca do novo: experiências em outras culturas	171
4.3.5. O agora: momento atual e perspectivas futuras	173
4.4 Tenuidade entre o singular e o comum	177
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
REFERÊNCIAS	196
Anexo I – Parecer Consubstanciado	204
Anexo II – Modelo do Termo de Consentimento Livre	207

1 INTRODUÇÃO

Há diversas questões que motivaram a realização da pesquisa relatada nesse trabalho: quem são as mulheres que optaram por empreender? Quais os motivos que as levaram ao empreendedorismo? Como foi o processo de inserção e reconhecimento de sua opção? As condições da época da escolha influenciaram no despertar do empreendedorismo? Quais acontecimentos foram e são determinantes na trajetória profissional?

O tema da pesquisa sempre me causou muito interesse, principalmente devido aos fatores típicos da contemporaneidade como a globalização, aumento da competitividade, diminuição de postos formais do trabalho, necessidade constante da busca por atualização de conhecimentos e inovações, acúmulo das entregas de resultados em curto prazo, crise financeira, modificação das legislações, diversas gerações em um mesmo contexto profissional e a *participação crescente de mulheres em diversificados ramos profissionais*, vem interferindo diretamente nas consideradas relações de trabalho e nas representações sociais do mundo de negócios.

Pois, segundo Dejours (1994), bem mais amplo que a ideia de produção e mercantilização, o conteúdo significativo de trabalho pode ser fonte de prazer ou sofrimento para toda pessoa inserida nesse contexto. O mesmo autor aponta que a vivência qualitativa da tarefa, a relação entre os desejos e motivações pessoais, simbolizam o significado satisfatório – ou não – do trabalhador quanto àquilo que realiza e o impacto em seu desenvolvimento como ser humano.

Diante deste cenário, surgiu o interesse da pesquisadora por um dos aspectos de discussão e impacto nos tempos atuais: a trajetória profissional de mulheres empreendedoras, os incidentes críticos determinantes no processo de ocupação de espaço, a aceitação e ganho de respeito social e profissional. Houve também a curiosidade em conhecer e compreender facilidades e dificuldades oriundas nas diferentes gerações e suas particularidades, provenientes de um momento épico histórico.

Compreende-se por empreendedor, conforme Dornelas (2010), as pessoas categorizadas como visionárias, questionadoras, com facilidade de arriscar-se em inovar e geralmente querem deixar um legado, fazendo acontecer com tamanho

amor e determinação pelo que fazem, passando a serem reconhecidas e admiradas pelos demais.

No jogo dos negócios, essas habilidades são requeridas e diferenciam a qualidade do profissional, principalmente nos momentos atuais que exigem muitas mudanças de posturas e atitudes diante dos novos e constantes desafios.

Seguindo as considerações de Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), para as mulheres, os desafios se tornam mais exigentes, pois não se relacionam apenas ao ingresso no mercado para complementar a renda familiar e/ou busca de autonomia. Abrange ainda outros fatores como: mudanças na vida pessoal, relação familiar (o ser mãe, esposa e arcar com todas as responsabilidades domésticas), conquista de posições consideradas masculinas e reconhecimento financeiro de acordo com a entrega realizada, alcance dos objetivos e resultados atingidos.

Um aspecto considerado interessante para estudo é a interferência das particularidades comportamentais existentes em cada geração, que é reconhecida pela faixa etária específica a cada denominação Baby Boomer, X e Y.

Quartarolli *et. al.* (2015) definem as gerações da seguinte forma:

- Baby Boomer – pessoas nascidas de 1946 a 1964, com educação de forte disciplina e conhecida como a primeira geração com acesso à televisão.
- Geração X – pessoas nascidas de 1965 a 1980 no auge do consumismo. Viveram a crise do petróleo, e, no Brasil, o milagre econômico. São viciados pelo trabalho.
- Geração Y – pessoas nascidas de 1981 a 2000. Conhecidos como os revolucionários do mundo do trabalho e usuários de todos os tipos de tecnologia, com fácil acesso às informações.

As diferenças entre as gerações facilitaram a compreensão dos esforços e barreiras encontradas por mulheres em suas carreiras profissionais. Considerou-se, nesse estudo, a carreira como trajetória profissional, compreendendo-a como uma série de estágios e sequência profissional vivenciada pelo indivíduo, envolvendo necessidades pessoais e imposições sociais nem sempre controladas por quem as vivem (VELOSO, DUTRA E NAKATA, 2016).

As narrativas biográficas proporcionaram, tanto às pesquisadas como à pesquisadora, o reconhecer de fatos, características e saídas de enfrentamento

utilizadas por mulheres em seus percursos pessoais e profissionais, relacionando-os à cultura, idade, tempo histórico vivido e às condições econômicas.

Conhecer histórias de vidas de quinze mulheres empreendedoras, suas trajetórias pessoais e profissionais, os incidentes críticos – considerados como os acontecimentos determinantes, momentos marcantes – e a importância atribuída a estes pelas empreendedoras, mostrou-me o desafio dessas mulheres na luta contra a diversidade de gênero, inclusive no ambiente profissional.

As histórias de vida dessas empreendedoras, levaram-me a refletir sobre minha trajetória a partir daqui. Bem provável que inspirada na vida das pesquisadas, comece eu a traçar minha trajetória de empreendedorismo, sem nunca esquecer da missão de facilitadora dos processos de aprendizagens de novas pessoas.

Para maiores esclarecimentos sobre o sentido dessa pesquisa para mim, a seguir faço uma licença poética, em que apresento minha história de vida.

1.1 A pesquisadora: os incidentes críticos que permeiam sua trajetória

Como filha de uma servidora pública na área da saúde e um gerente administrativo de oficina em uma representante da Mercedes Bens, durante minha infância ficava com minha irmã na casa de famílias cuidadoras de criança.

Considero esse fato como incidente crítico em minha trajetória, por essas vivências despertarem valores e determinarem comportamentos praticados até o presente momento.

Recordo-me vagamente da primeira família que cuidou de mim. Dona Cida e Seu Jesus, um casal de evangélicos muito amável. Tinham filhos, que também colaboravam com a tarefa de brincar comigo e com minha irmã. Lá aprendi muito sobre disciplina e subordinação, visto que o sistema familiar era rígido e com muitas regras.

Já na segunda família, aprendi o que é o amor mesmo sem existir vínculo de sangue. Tinha avó Adelina, a Lila que era nossa segunda mãe, o Zezinho marido dela e os quatro filhos. Cabe lembrar, que eles moravam todos com a avó e ela tinha mais nove filhos. A casa vivia lotada pelos netos, tios e moradores. Tinha também um entra e sai de vizinhos/amigos. Um movimento grande de pessoas, que com desentendimentos e dificuldades, viviam unidos e felizes. Lá aprendi, também, que a união faz a força e que em equipe tudo fica mais fácil.

Os filhos da Lila, levavam a gente para escola, ajudavam nos cuidados e brincavam muito conosco. As brincadeiras eram improvisadas no quintal e só tinha fim quando era a hora do café no barracão. Lembro-me que eu era a primeira a comer, pois era a menor deles. Todo cuidado possível era dispensado a minha pessoa. Ali, comecei a compreender o sentido de gratidão.

O tempo passou e nós crescemos. Já conseguíamos ficar sozinhas e tomar conta da casa. Considero essa fase com o segundo incidente marcante em minha trajetória, ao identificar o papel dos meus pais em minha formação pessoal.

Estudamos na Escola Estadual Professor Francisco Augusto da Costa Braga. Recordo-me da minha mãe, levantando às cinco horas da manhã, fazendo o almoço, o café, lavando a roupa e indo trabalhar. Meu pai, também saía com ela. Um pouco antes do almoço, ela vinha de ônibus circular para arrumar nossa comida e organizar nossa ida à escola. Depois desses afazeres, ela voltava correndo para o Centro de Saúde. Quando terminava a aula, lá estava ela, esperando-nos para voltar para a casa. Quando chegávamos, era o tempo exato para ela arrumar a casa, preparar o jantar e aí o meu pai chegava. Ela colocava a comida na mesa, jantávamos juntos e ela deixava tudo limpinho para o dia seguinte. Ainda, era possível brincarmos na famosa “ruinha do bairro”. Todas as mães ficavam conversando, enquanto aprendíamos a conviver em grupo e desenvolvíamos nossas habilidades sociais.

Minha mãe foi e é o meu maior exemplo de força feminina. Ela mostrou-me na prática, desde muito cedo, o quanto é possível uma mulher conciliar vida profissional e pessoal, mantendo a qualidade em tudo que faz.

Sempre foi referência em seu serviço, pelo bom atendimento, profissionalismo e relacionamento. Sua marca é o sorriso a todos que encontrar.

Meu pai, já mais reservado, foi o modelo provedor fiel que presenciei. Entretanto, uma de suas maiores e melhores características era fazer nossa alegria. Ele rolava no chão conosco, inventava brincadeiras, assistia à televisão, ensinava o amor pelos animais e plantas. Em contrapartida, ela nos ensinava os valores primordiais da fé, respeito, luta pelos sonhos e busca por melhorias. E assim foi a primeira fase do meu desenvolvimento pessoal.

Como mencionado anteriormente, brincávamos na chamada “ruinha”. Lá eu era a professora dos mais novos. Nesse lugar, morava um casal de professores, referência em minha trajetória de vida. Eles promoviam um espaço com recursos

para o nosso desenvolvimento educacional. Realizavam alguns encontros de vizinhos, em que nós, crianças, apresentávamos peças teatrais ou número de danças, enquanto os pais levavam comes e bebes, colocando o papo em dia.

Eu usava o mimeógrafo da Virgínia para montar as atividades que passava para as outras crianças. E após a correção das tarefas de casa, ela me emprestava os carimbos de estrelinhas, para que eu pudesse dar as notas aos trabalhos. Ali, tive os primeiros mestres a me inspirar.

Todo domingo, ia com essa família, após a missa, visitar os pais do professor, um casal idoso, que morava no centro da cidade. Nos fundos da casa, tinha um quarto com muitas estantes, livros e jornais. Recordo-me, ainda, que o pai do professor – Sr. Toninho, ao meu ver atuando como “professora” das outras crianças, dizia o quanto esse era o meu dom e que eu seria uma grande mestre. Ele me apelidou de “a professorinha”. Considero essa experiência como o terceiro incidente crítico em minha trajetória.

Por falar em professores e mestres, guardo muitas lições da Escola Costa Braga. O ensino fundamental foi o quarto incidente crítico devido aos exemplos dessa época.

O diretor era um figura única, que certamente ficou registrada na vida de todos que ali estudavam. Lembro-me dos sapatos lustrados, calça social cinza, camisa impecável branca e os poucos cabelos grisalhos penteados para trás, sem movimento. Sua rigidez e disciplina formaram uma escola séria, respeitada e exemplar.

Cantávamos todos os dias o Hino Nacional para que a bandeira brasileira fosse hasteada. O amor e respeito à pátria eram cultivados. A professora de educação artística e música era a responsável por reger o hino. A escola inteira, antes de iniciar um turno de estudo, seguia esse ritual.

Tive como professores, pessoas inspiradoras como: D. Lurdinha, na pré-escola, com sua paciência e tranquilidade; D. Aparecida Grelet com toda sua rigidez e hostilidade, fez-me a representante de sala e sua queridinha; Tia Emília, inesquecível por sua maternal proteção e eficiente método de ensino; Sr. Marotta, levou-nos a experienciar misturas químicas, físicas e conhecer a grandeza da ciência; D. Arlete, fez-nos gostar da geografia; D. Yragi, forçava-nos a falar em inglês; D. Jane, fez-nos cantar, pintar e bordar. Além de marchar, nos treinos para o desfile de 07 de setembro e se apresentar no coral montado para quem tinha esse

dom; Sr. Didi, levou-nos a viajar pela história da cidade, estado, país e mundo; Sr. Chiquinho, ensinou-nos uma matemática leve e apaixonante.

Eles, entre tantos outros, fizeram-me compreender o papel do professor na formação de cidadãos do bem, que possam levar às outras gerações a paixão pela vida e importância do papel de cada um no desenvolvimento humano.

Ao terminar o ensino fundamental, passei em um vestibulinho para a última turma do chamado magistério. Assim, como minha mãe e irmã, fui fazer a formação para professora. Foram quatro anos, na Escola Conselheiro Rodrigues Alves, entre aulas e estágios com as crianças do ensino fundamental. Foram muitas aprendizagens e amadurecimento profissional.

Em 1992, iniciei também o curso de Psicologia, na Faculdade Salesiana de Lorena (Unisal). Na verdade, meu interesse era por medicina. No curso, não consegui me ver como psicóloga clínica e dessa forma optei pelas áreas jurídica e organizacional. Em 1995, participei de um processo seletivo para estágio na empresa Tekno, em Guaratinguetá. Fui a escolhida, deixando assim a atividade de professora na Obra Social. Difícil escolha, mas necessária. Pretendia crescer e conhecer outros ambientes, até mesmo para poder certificar-me do percurso a ser seguido.

O início da minha trajetória como profissional da psicologia foi o quinto acontecimento determinante em minha vida. Com o estágio na empresa e outras atividades obrigatórias previstas na grade curricular do curso, fizemos do meu quarto e quinto ano de psicologia, um momento importante de formação profissional e principalmente de desenvolvimento pessoal. Foram dois anos de transformação e lapidação de quem hoje sou. Tempo fundamental de criação para minha identidade profissional.

Ao terminar a faculdade, iniciei minha trajetória como profissional de recursos humanos. Fui efetivada na empresa Tekno em maio de 1997, traçando um belo caminho até agosto de 2017.

Nesses 20 anos, muitos cursos de formação e aperfeiçoamento foram realizados. Minha carreira iniciada como auxiliar de RH foi tomando forma através das experiências diárias, dos desafios desbravados cada qual a seu tempo, do convívio com profissionais mais experientes e muito estudo em busca constante por novos conhecimentos. Realizei, também, na Unita, uma pós-graduação em

Administração de Recursos Humanos com ênfase em Pessoas e na FGV, o MBA executivo em Gestão Estratégica de Pessoas.

O curso da FGV foi um divisor de postura em minha vida, sendo considerado mais um incidente crítico. Uma nova profissional deu-se a partir de então. A mudança de comportamentos e da forma de administrar minha própria carreira, despertou em mim o interesse de ir além. Desenvolveu um forte sentimento de inquietação e uma nova pessoa nasceu dessa experiência.

Durante o tempo de dedicação à empresa, em paralelo, realizei atividades como educadora em algumas instituições. Na própria Tekno, fui por uns três anos professora de funcionários que cursavam o Telecurso 2000, em busca de finalização do ensino fundamental e médio. Considero esse acontecimento como um incidente crítico em minha trajetória, pela importância e transformação na vida de muitos destes. Senti-me importante por ajudá-los.

Também, fui palestrante e ministrei vários cursos para funcionários dessa empresa, como para outras instituições/organizações vizinhas.

As atividades de educadora tiveram início, informalmente, em um curso técnico de administração de pessoas, em que fiquei por dois anos. Fui professora de administração de recursos humanos, na Faculdade de Administração e Contabilidade Organização Guará de Ensino – Nogueira da Gama por cinco anos e nos últimos três anos de Tekno, passei a ser professora no curso de Psicologia, RH e MBA de Gestão de Pessoas no Centro Universitário Salesiano de Lorena – Unisal, local que faço parte do quadro de colaboradores atualmente.

Percebo que minha vida sempre esteve diretamente ligada à educação. Hoje, consigo compreender que minha primeira vocação é a de dividir conhecimentos. Entretanto, essa convicção, só foi possível após o encerramento do ciclo na empresa, onde era cobrada pelo empenho administrativo. Consigo entender que o encerramento desse ciclo foi ocorrendo por um ano antes de concluir-se. Tanto que em novembro de 2016, até por uma imposição para continuidade da minha trajetória como professora acadêmica, resolvi ingressar no Mestrado de Desenvolvimento Humano.

Concomitantemente, no lado pessoal, meu companheiro foi para a reserva da força aérea brasileira e mal conseguia me ver. Eu estava priorizando minha vida profissional e deixando a desejar com minha família, meu relacionamento conjugal e qualidade de vida.

O ser desligada da empresa foi extremamente impactante. Entretanto, foi possível priorizar as situações e aspectos relevantes para esse momento da minha vida profissional e pessoal. Em outubro de 2018, oficializei meu relacionamento conjugal, sendo esse um acontecimento também determinante. Fortalecendo compromissos e valores.

Uma das prioridades foi a realização do mestrado, que passou a ser um incidente crítico em minha trajetória, por possibilitar a abertura de horizontes e expectativas, levando-me a sair da zona de conforto na qual estava instalada, em busca de encontrar felicidade e sentido na vida profissional através da conciliação com a vida pessoal.

1.2 Problema

Uma forma para a conquista de espaço e equidade de condições de desenvolvimento das mulheres no mundo do trabalho é o empreendedorismo. “Mulheres empreendedoras” constitui um grupo crescente na economia brasileira e mundial. Entretanto, nem sempre foi assim.

Na sociedade contemporânea, as mulheres deixaram de ocupar somente o papel de cuidadoras do lar e da família, assumindo também funções impactantes e crescentes no mundo do trabalho. A abertura de espaço para as mulheres é parte da luta por igualdade de gêneros, que busca não somente o reconhecimento da força e do poder feminino, como também a reafirmação das novas exigências econômicas e mudanças dos padrões até então vigentes na sociedade.

O empreendedorismo feminino foi ocupando espaço ao longo de um tempo histórico. A criação do próprio negócio é uma oportunidade de agregar valor à renda familiar e/ou até de conquistar a autonomia e o empoderamento social/financeiro.

Desta forma, torna-se instigante o aprofundamento nas seguintes questões:

Atualmente, como tem sido a inserção das mulheres no mundo do trabalho? Quando empreendedoras, quais os aspectos facilitadores e dificultadores dessa trajetória? Que acontecimentos marcantes, relativos às diversidades e particularidades geracionais presentes nas trajetórias profissionais de mulheres empreendedoras definiram sua atuação no mundo do trabalho?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar, nas trajetórias profissionais de mulheres empreendedoras que pertencem as gerações Baby Boomer, X e Y , o processo de desenvolvimento e os acontecimentos marcantes e significativos que definem suas escolhas.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Delinear o perfil sociodemográfico de mulheres empreendedoras;
- b) Identificar as características empreendedoras nas três gerações profissionais;
- c) Conhecer e analisar as formas adotadas pelas empreendedoras diante dos incidentes críticos que acompanharam suas trajetórias profissionais.

1.4 Delimitação do Estudo

Este estudo foi realizado em uma cidade de médio porte do Vale do Paraíba, com população estimada pelo IBGE de 119.753 habitantes, sendo que 51,86% são mulheres.

Segundo o DataSebrae (2018), o número de empresas e empreendedores atuais são:



Em 2014, essas empresas quando divididas por setor, eram representadas por 180 na Agropecuária, 2.487 no Comércio, 330 na Construção Civil, 608 na Indústria e 2.097 em Serviços.

Do total atual de empresas da cidade, 543 são associadas à Associação Comercial e foram a base dos nossos primeiros contatos para busca de sujeitos, considerando-se um acesso mais efetivo com Microempreendedores Individuais, Microempreendedores e Empresas de Pequeno Porte.

Segundo Receita Federal – Simples Nacional (2018), os microempreendedores individuais são aqueles que possuem um único estabelecimento, não participam como sócio, titular ou administrador de outra empresa, não têm além de um empregado e sua receita, tanto no ano vigente como no anterior, não ultrapassa a R\$ 60.000,00 ou em limite proporcional, se estiver no início de suas atividades.

Já a Microempresa:

Será a sociedade empresária, a sociedade simples, a empresa individual de responsabilidade limitada e o empresário, devidamente registrados nos órgãos competentes, que aufera em cada ano calendário, a receita bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00. Se a receita bruta anual for superior a R\$ 360.000,00 e igual ou inferior a R\$ 3.600.000,00, a sociedade será enquadrada como **empresa de pequeno porte**. Estes valores referem-se a receitas obtidas no mercado nacional. A empresa de pequeno porte não perderá o seu enquadramento se obter adicionais de receitas de exportação, até o limite de R\$ 3.600.000,00. (SEBRAE, 2018, s/p.)

1.5 Relevância do Estudo / Justificativa

Diante das constantes e impactantes mudanças na história do trabalho humano, toma força a inserção feminina no âmbito profissional e o impacto cultural desse processo no desenvolvimento das sociedades.

Dessa forma, realizar um estudo sobre a trajetória profissional de mulheres, por meio das histórias de vida narradas pelas próprias protagonistas, proporciona uma série de possibilidades:

1. Conhecer as singularidades de cada pesquisada, as influências culturais e socioeconômicas, os dificultadores e facilitadores para a formação das profissionais que são na atualidade.
2. Identificar as diferenças geracionais, características comuns desenvolvidas em um determinado período do tempo e os comportamentos considerados adequados à época.
3. Buscar compreender a predominância das características geracionais e a influência real das condições sociais e diversidade de gênero.
4. Captar os obstáculos da diversidade de gênero para o desenvolvimento da igualdade de condições e possibilidades, a fim de efetivamente se trabalhar com desenvolvimento humano.
5. Estimular ideais de novos estudos, proposição de estratégias de formação e políticas de desenvolvimento para gerações futuras na superação de barreiras relativas à desigualdade de gênero, que busquem favorecer o empreendedorismo feminino.

Entende-se que o conhecimento gerado a partir desta pesquisa é de grande relevância para a produção, ampliação e reflexão de estudos sobre o empreendedorismo feminino, a inserção de mulheres no mercado de trabalho, o convívio saudável de gerações nesse contexto e o desenvolvimento de estratégias para futuras empreendedoras. Como ação real, esse trabalho poderá servir de base para projetos de apoio e desenvolvimento de empreendedoras da cidade onde a pesquisa foi realizada ou em outras da região.

1.6 Organização do Estudo

O estudo é composto por seis capítulos. No capítulo 1, encontra-se a introdução, composta pela descrição do problema, objetivos, relevância, delimitação e organização da pesquisa.

O capítulo 2 apresenta a revisão de literatura, apontando no primeiro tópico o empreendedorismo, empreendedorismo feminino – mulheres e trabalho, amparo legal e mulheres empreendedoras. No segundo tópico, encontra-se o conceito de geração e as diferenças comportamentais entre as gerações no âmbito profissional, conhecidas como Baby Boomer, X e Y. No terceiro, explanou-se sobre as narrativas das trajetórias profissionais, relacionando o conceito de memória aos impactos dos incidentes críticos. No quarto, conceituou-se resiliência, fatores de risco e mecanismos de proteção.

No capítulo 3, encontra-se o método evidenciando o tipo de pesquisa, a população estudada, os instrumentos utilizados, os procedimentos da coleta e análise de dados.

Os resultados obtidos e suas discussões estão apresentados no capítulo 4. E para finalizar o trabalho, apresentam-se as considerações finais, referências, anexos e apêndices.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para discutirmos sobre o empreendedorismo feminino, torna-se necessário primeiramente compreender o significado e a importância dos conceitos relacionados ao empreendedorismo em geral, bem como conhecer o desenvolvimento histórico e o impacto econômico e social do termo na atualidade.

2.1. Empreendedorismo

Derivado da expressão inglesa *entrepreneurship*, que é combinação da palavra francesa “entrepreneur” e do sufixo inglês “-ship”, conforme Santos, Almeida e Vasconcelos (2010), o termo empreendedorismo foi utilizado inicialmente na França, no século V, para denominar as pessoas que tinham como responsabilidade o gerenciamento de brigas. Já no século VII, também na França, o termo definia as pessoas que assumiam os riscos inerentes a um negócio.

Baggio e Baggio (2014), apontam as teorias econômica e comportamentalista como as principais abordagens sobre empreendedorismo. Os três principais estudiosos da teoria econômica foram Richard Cantillon, Jean Baptiste Say e Joseph Schumpeter. Esses economistas foram os primeiros interessados em compreender o papel do empreendedor para o desenvolvimento econômico de uma sociedade.

No século XII, segundo Pereira *et al.* (2015), economistas como Cantillon e Jean-Baptiste Say definem o empreendedor como “intermediário”, pessoa facilitadora do processo de troca entre fornecedor e mercado. Os autores apontam

que o direcionamento do termo para a área de negócios deu-se no século XVIII, quando o conceito de empreendedor passava a ter uma relação direta com a tarefa de identificar oportunidades de negócios, assumir riscos, inovar e promover mudanças.

Entretanto, o significado desse termo passou a ser semelhante ao utilizado nos dias atuais, por meio da teoria criada pelo economista austríaco Schumpeter (1997). Ele concebia o desenvolvimento econômico a partir da do chamado “ciclo de inovação”, composto por etapas: inovação em si, ação empreendedora e disponibilidade de crédito. Neste sentido, explica que o elemento central do ciclo de inovação é o empreendedor, denominado por ele como um ator social, que de posse de recursos financeiros e tecnológicos necessários, habilmente assume o risco de utilizá-los combinadamente, de modo a criar novos e vantajosos negócios (*apud* CRISTALDO; SENNA; MATOS, 2018).

Ao longo do tempo, o conceito de empreendedorismo deixa de ser visto somente sobre a ótica da economia. Devido a sua complexidade, tornou-se fundamental considerar a contextualização temporal e as diversas áreas de estudo sobre este. Verga e Soares da Silva (2014, p. 9) apresentaram o seguinte quadro, adaptado de Julien (2010), com as diferentes abordagens sobre o pensamento empreendedor, esclarecendo as características conforme cada área da ciência.

Quadro I – As diferentes abordagens do empreendedorismo

Abordagem Área	O Empreendedor	A Empresa ou Organização	O Ambiente ou Meio Territorial
Antropológica e Psicológica ou Comportamentalista	Suas características (origens, cultura, educação e formação)	Pessoal e Centralizada (Dependência do empreendedor do início)	Pessoal ou não considerado
Sociológica	Um criador de organização	Associadas a outras e a sociedade, ela é mais importante que o próprio empreendedor	A organização é parte do tecido industrial e do desenvolvimento da região: gera empregos e produtos
Geográfica ou de Economia Regional	Um dos principais atores, mas não o único	Elementos de diversificação ou não	Fortes laços com o meio e vice-versa.
	Simple agente	Parte da estrutura setorial	O dinamismo da empresa parte da

Econômica	econômico	e resposta às necessidades do mercado	conjuntura e outros ciclos econômicos de médio e longo prazo
Administração	Agente identificador/criador de oportunidades economicamente viáveis	Combinação de esforços voltados para um objetivo	Exerce influência na gestão devido a propensão a atividade empreendedora

Fonte: Julien (2010 *apud* VERGAS; SOARES DA SILVA, 2014, p. 9)

A teoria comportamentalista refere-se aos estudiosos do comportamento e motivação humana. Sobre essa ótica, Baggio e Baggio (2014) apontam David C. McClelland como um dos pioneiros no estudo sobre o desejo como uma força realizadora controlada pela razão, destacando o papel dos homens de negócios para a sociedade e seu desenvolvimento econômico.

Max Weber também é mencionado por Baggio e Baggio (2014) como um dos comportamentalistas e estudiosos dos elementos fundamentais para o comportamento empreendedor, considerando-o como um sujeito inovador e um líder independente.

Ao analisar as abordagens e características das áreas de estudo do pensamento empreendedor, percebe-se que não há contradições entre elas e sim uma complementariedade, que proporciona sentido aos conceitos utilizados na contemporaneidade. Uma visão reduzida a uma única abordagem seria insuficiente e limitadora diante da amplitude e aplicação do conceito.

No contexto atual, o termo empreendedor assume definições variadas em consonância com a forma de pensamento daquele que exprime o conceito. Diversas são as definições encontradas para o termo empreendedorismo, mas sua essência se resume em fazer diferente, empregar os recursos disponíveis de forma criativa, assumir riscos calculados, buscar oportunidades e inovar.

Dornelas (2010) afirma que o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços. Nesse sentido, cria um equilíbrio entre as turbulências e as oportunidades, pela inovação das formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais, detectando oportunidades e criando negócios para capitalizar, assumindo riscos calculados.

Para Dolabela (2009), o empreendedor é alguém capaz de desenvolver a visão de um sonho, transformar um problema em oportunidades de negócios lucrativos, mesmo quando não tem meio financeiro para a realização dessas transformações. Sabe, entretanto, encontrar e atrair esses recursos, assim como designar tarefas a terceiros. Sócios, colaboradores e investidores são por ele convencidos de que sua visão poderá levar a um bom resultado no futuro. Força de vontade, perseverança e preparação para enfrentar os obstáculos são potencializadores do espírito empreendedor.

Lezana e Tonelli (2009) asseveram que empreendedores são pessoas que buscam o benefício, trabalhando sozinhos ou em grupo, de maneira inovadora, identificando e criando oportunidades de negócios, montando e coordenando novas combinações de recursos (funções de produção), visando propiciar os melhores benefícios de suas inovações num meio incerto.

Para Pereira (2010), um dos aspectos mais importantes para um empreendedor é conhecer a si mesmo, podendo utilizar-se do próprio trabalho como ferramenta para obter sucesso de um negócio. Essa ideia é reforçada por Cardoso (2016) ao ver o empreendedor como um indivíduo inovador, com grande autoconhecimento e certeza do que busca para si, disposto a conhecer novas oportunidades e realidades, assumindo riscos e aumentando condições para a vantagem competitiva.

Para tanto, algumas habilidades são necessárias para caracterizá-lo como um bom empreendedor. Baggio e Baggio (2014) esclarecem que essas habilidades não se limitam às técnicas administrativas, sendo de extrema importância as consideradas “competências empreendedoras”.

Segundo Bolson (2009), essas habilidades são pessoais e inatas, podendo ser aperfeiçoadas e até adquiridas no decorrer da vida. Elas estão relacionadas diretamente com a gestão de mudanças, liderança, inovação, controle pessoal, capacidade de correr riscos e visão de futuro.

Diante dessas definições, compreende-se que as características básicas do empreendedor é a existência de um espírito criativo e pesquisador, mantendo-se geralmente otimista e em constante busca do sucesso. Essas características levam-no a procurar sempre novos caminhos e soluções, vislumbrando atender às necessidades das pessoas consideradas como seu público alvo.

Coley (1990) caracteriza o empreendedor como sendo extremamente comprometido, assumindo para si a responsabilidade tanto do sucesso como do fracasso dos resultados obtidos. O empreendedor segue um modelo de liderança participativa, assumindo a parte operacional do negócio quando precisa, auxiliando diretamente seus empregados quando necessário. Toma constantemente a iniciativa, busca por constante oportunidade e sai sempre à frente diante de melhorias ou novos negócios.

Esse perfil de competências do empreendedor, foi sendo criado ao longo do tempo. A prática do empreendedorismo e o interesse pela ampliação de conhecimentos sobre os empreendedores teve um acelerado crescimento na década de 90, intensificando-se nos anos 2000 em todo mundo, conforme apontado por Silva, Furtado e Zanini (2015).

Foi nessa mesma época que esse movimento se iniciou também no Brasil, com o surgimento do SEBRAE (Serviço de apoio às Micro e Pequenas Empresas) e SOFTEX (Sociedade Brasileira para Exportação de Software), começando a compreensão do conceito de empreendedorismo na prática e a promoção do auxílio às pessoas que optaram pela trajetória profissional empreendedora.

Visando compreender o impacto da atividade empreendedora para o desenvolvimento da economia e sociedade brasileira, o Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), em conjunto com Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), há 18 anos vem produzindo a pesquisa “Global Entrepreneurship Monitor (GEM)”, buscando apontar as reais características dos empreendedores brasileiros e seus negócios.

A Agência Sebrae de Notícias (ASN) esclarece que a pesquisa GEM é parte do projeto *Global Entrepreneurship Monitor*, em parceria iniciada em 1999 entre a London Business School e o Babson College, abrangendo atualmente aproximadamente 100 países, sendo constituída o maior estudo em andamento sobre empreendedorismo no mundo (PIRES, 2015).

Os dados apresentados pela GEM mostram que em 2017 a taxa total de empreendedores no Brasil era de 36,4%, significando que de 100 brasileiros, entre 18 e 64 anos, 36 encontravam-se em atividade empreendedora, seja em um negócio de criação e inovação própria ou na manutenção de um negócio já estabelecido.

Na análise específica da taxa total de empreendedores brasileiros, alguns pontos levantados despertam-nos a atenção, sendo eles:

a) Idade Vital X Fase do Empreendimento

Pessoas de 25 a 34 anos foram os mais criadores do próprio negócio, correspondendo 30,5% dos brasileiros que são proprietários e administradores dos empreendimentos criados e em fase inicial de consolidação.

20,3% dos jovens de 18 a 24 anos estavam envolvidos na criação de novos negócios e 25,9% dos brasileiros entre 45 e 54 anos são proprietários e ao mesmo tempo gerenciam os próprios negócios já consolidados.

b) Escolaridade X Fase do Empreendimento

Dos empreendedores já estabelecidos, 22,5% não possuem o ensino médio completo e 18% têm o ensino superior concluído.

Dos empreendedores brasileiros na fase inicial de seus negócios, 23,9% têm apenas o ensino fundamental completo e 14,3% concluíram o ensino superior.

c) Gênero X Fase do Empreendimento

Os homens permanecem ligeiramente mais empreendedores do que as mulheres, com uma diferença de três pontos percentuais. Essa diferença passa a quatro pontos percentuais em se tratando de empreendedores já estabelecidos no mercado dos negócios. Entretanto, quando se fala de empreendedores na fase inicial dos seus negócios, as mulheres estão à frente dos homens em quase um ponto percentual. É importante ressaltar que ao falar do número geral de empreendedores a diferença entre gênero é bem pequena, chegando o número de empreendedoras ser muito próximo ao de empreendedores.

O GEM (2017) aponta questionamentos quanto ao gênero, que merecem a transcrição na íntegra: “Seriam as mulheres menos persistentes na condução de seus empreendimentos? Ou o ambiente para mulheres empreenderem ainda lhes é desfavorável e isso afeta a longevidade dos seus negócios?”

Diante das reflexões acima, cabe-nos um aprofundamento histórico e uma contextualização contemporânea sobre o trabalho e empreendedorismo feminino.

2.1.1 Mulheres e Trabalho

Para compreender a atuação de mulheres empreendedoras na atualidade, é importante, antes, a compreensão da relação mulheres e trabalho e os impactos das últimas décadas no desenvolvimento desse assunto.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) aponta que a participação das mulheres no mercado de trabalho tomou força a partir da década de 70. A crescente participação feminina tem hoje valores significativos relacionados à taxa de atividade, pois se em 1970 era representada por 18%, em 2010 representava 50%. (IPEA, 2016)

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA),

Os primeiros dados oficiais de que se tem conhecimento apontam que, em 1872, elas representavam 45,5% da força de trabalho. Nesta época (...) as mulheres estavam empregadas predominantemente na agropecuária, nos serviços domésticos em lar alheio ou no serviço de costura por conta própria. Depois de 1920, a PEA feminina reduz-se drasticamente, em parte porque no momento do primeiro recenseamento boa parte da produção se desenvolvia nos limites domésticos” (IPEA, 2014, p.592).

No passado, as mulheres realizavam apenas trabalhos domésticos. Essa subordinação das mulheres era própria da época e as meninas eram ensinadas a executar todas as tarefas domésticas para servir à família, tornando-se a imagem perfeita de esposa e mãe (OST, 2009).

Quando os homens foram para a I e II Guerras Mundiais, as mulheres assumiram os negócios da família e foram inseridas no mercado de trabalho. A consolidação do capitalismo levou as mulheres para dentro das fábricas, porém o trabalho feminino era explorado e as jornadas de trabalho eram de 14 a 18 horas, com salários bem menores aos do sexo oposto (PROBST, 2013).

Diante dos fatos, o trabalho da mulher foi um dos primeiros a ser regulamentado pelos organismos internacionais, em uma tentativa de diminuição de desigualdades de gênero.

A mulher começou então a conquistar espaços fora do ambiente doméstico, criando assim sua própria rotina para administração dos múltiplos papéis. O movimento feminista iniciado com a Revolução Francesa na Europa foi o primeiro em termos de conquista para a liberdade e trabalho da mulher.

No Brasil, o movimento feminista foi liderado por Bertha Lutz, que reivindicava o direito ao voto conquistado por meio do novo Código Eleitoral. A partir daí, algumas leis passaram a beneficiar as mulheres, expresso no Decreto n. 21.417-A, de 1932 (LAIMER; VAZ, 2011).

Mesmo com a proteção da lei, as mulheres continuaram a ser exploradas devido ao enraizamento do preconceito. Entretanto, apesar das barreiras, a inserção feminina vem se ampliando no mercado de trabalho.

Dados de algumas pesquisas mostram que a participação da mulher cresceu muito na década de 1970, não houve um regresso, apesar de na época existirem várias crises econômicas. Em 1970, apenas 18,2% das brasileiras com mais de 10 anos de idade eram economicamente ativas, depois de 20 anos isso mudou, a taxa de atividade da mulher subiu para 39,2%, e o número ultrapassou os 22 milhões de trabalhadoras mulheres (DOMINGUES; LUZ; QUERINO, 2013, p. 90).

Os principais fatores que influenciaram o crescimento da mulher no mercado de trabalho foram as mudanças dos padrões culturais, a queda na taxa de fecundidade e o aumento de mulheres com formação e qualificação profissional.

Nota-se, assim, que em decorrência das mudanças econômicas e sociais, muitas mulheres vêm buscando desenvolvimento pessoal, sendo que a educação é o caminho inicial. Elas se qualificam profissionalmente, facilitando sua concorrência no mercado profissional e iniciando carreiras brilhantes. Em consequência, muitas deixaram a opção da maternidade como uma possibilidade remota de realização, que nem sempre acaba sendo realizada por falta de interesse, tempo e condições para continuarem o crescimento profissional.

O IPEA em parceria com a ONU Mulheres, embasados nos indicadores apontados pelo IBGE na Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD), disponibilizaram no documento *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015*, dados significativos sobre a temática. Percebeu-se como relevante o:

- Crescimento da proporção de domicílios “chefiados” por mulheres, principalmente em lares urbanos. Nos 20 anos da pesquisa, esse dado teve um considerável aumento de 18% no âmbito urbano e 10% no rural. Ressalta-se, ainda, que os domicílios com mulheres à frente não excluem a presença masculina, levando-nos a perceber uma quebra do paradigma social de que homens são os provedores e mulheres apenas cuidadoras. Entretanto, a pesquisa mostra também que há um elevado número de famílias que não possuem a figura masculina, composta por mulheres e filhos, que são considerados pelo estudo mais vulneráveis diante de um outro aspecto merecedor de atenção, a questão da desigualdade salarial. Os dados ainda apontam que mulheres, especialmente negras, possuem a renda média mensal bastante inferior aos dos homens. Esse indicador não

demonstra apenas uma mudança cultural na formação familiar, verificada ao longo dos anos com o decréscimo de 18% da formação tradicional, como também a crescente tendência de famílias composta por apenas uma pessoa e/ou por casais sem filhos e por outros arranjos familiares. Mulheres em posição de “chefia” retratam também um novo olhar das próprias diante da importância do seu papel social, aumentando significativamente o grau de autoestima.

- Vantagem feminina no campo educacional/formação. Embora a taxa de analfabetismo no Brasil tenha reduzido nas últimas décadas, sabe-se que ainda está bem longe de se atingir a meta ideal. Perpetua-se ainda a diferença racial quanto à escolaridade. Mulheres negras encontram-se em considerável atraso quanto ao acesso à educação. Em 2015, a porcentagem de negras com escolaridade passava a ser compatível ao de brancas em 1995.

- Desvantagem das mulheres na ocupação de posições no mercado de trabalho, sendo que hierarquicamente os homens brancos se encontram no topo da pirâmide e as mulheres negras na base desta. Embora no campo educacional, as mulheres encontrem-se em vantagem quanto aos homens, o mesmo não é percebido com relação à inserção no mercado de trabalho. Durante os vinte anos de pesquisa, o índice de mulheres que possuem ocupações formais praticamente estagnou e nunca ultrapassou a 60%, diferentemente dos homens que chegaram a 85%. Sendo assim, metade das mulheres brasileiras em idade ativa de 16 a 59 anos encontram-se ainda sem empregos fixos e registrados. Esse indicador evidencia não somente a diferença de gênero, como novamente reforça a diferença racial. Mulheres têm muito mais dificuldade do que homens em ocupação de posições, principalmente cargos de liderança. Essa distância aumenta muito mais em se tratando de mulheres negras.

- O trabalho doméstico continua sendo predominantemente feminino, com ocupação em 2015 de proporção maior por mulheres negras, com uma diferença superior de 8% com relação às mulheres brancas. Porém, há um declínio do número de pessoas nessa profissão, sendo evidenciado um envelhecimento significativo dessa categoria. A pesquisa afirma que, em 1995, 50% das domésticas tinham até 29 anos, já em 2015, apenas 16% chegavam a essa idade. Apontou-se ainda um considerável aumento do registro em carteira de trabalho para as pessoas que se encontram nessa modalidade, mesmo mantendo-se a existência de diferença racial quanto a conquista de direitos. O documento mostra, ainda, um significativo

crescimento de aproximadamente 13% das atividades de “diaristas” para aquele período. Outro aspecto abordado foi quanto à remuneração da categoria, que embora tenha tido uma evolução, em 2015, a renda média não atingia o salário mínimo da época.

Entretanto, cabe acrescentar que em 1º de junho de 2015 entrou em vigor a lei complementar nº 150, objetivando a legalização dos direitos e deveres do serviço doméstico, tornando-se passivo de processo e multas trabalhistas a falta de cumprimento dos artigos previstos em lei, que deram melhores condições à categoria e diminuição do aspecto de escravidão social dessa função.

- Diferença na renda recebida pela prestação de serviços. Embora exista uma diminuição considerável quanto à discrepância de remuneração entre homens, mulheres brancas e mulheres negras, pode-se perceber a manutenção da seguinte ordem histórica ao longo de todos os anos de pesquisa: homem branco, mulher branca, homem negro e mulher negra.

- Predominância feminina nas atividades domésticas. Mesmo considerando-se uma nova composição familiar e a participação das mulheres no exercício de atividades remuneradas e formais, ainda hoje é predominante na sociedade brasileira a responsabilização do feminino por atividades/trabalhos domésticos não remunerados. Fato que torna incoerente afirmar que há uma repaginação da divisão de tarefas domésticas. As mulheres, na verdade, responsabilizam-se pela efetividade das tarefas que compõem sua dupla jornada. Em função dessa realidade, em 2015, a jornada total média semanal das mulheres superava em 7,5 horas a dos homens.

Com a afirmativa de que “[...] Mulheres e homens não trabalham igualmente nas mesmas atividades, nem o fazem na mesma duração. Logo, responsabilidades e poderes são diferentes entre homens e mulheres, em parte como decorrência da forma como alocam seu tempo”, o documento que apresenta a síntese da pesquisa do IPEA sobre desigualdade de gênero com relação ao mercado de trabalho, leva-nos a refletir nas possíveis saídas de enfrentamento utilizadas por mulheres para ultrapassarem as limitações históricas impostas socialmente.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) também considera como aspectos desafiadores e perspectivas futuras para as mulheres e trabalhos a superação dos considerados obstáculos ainda fortes nessa relação: 1) os estereótipos, discriminação e acesso ao trabalho; 2) a diferença salarial; 3) a

distribuição desigual e subvalorização do trabalho de assistência e 4) a luta contra o assédio no local de trabalho.

De acordo Jonathan e Silva (2007), as mulheres têm apresentado habilidades para superar o mito da habilidade para cuidadoras, envolvendo-se fortemente em atividades produtivas fora do lar, sem abrir mão de administrar suas famílias e casas também com excelência.

Souza (2015) também se refere à capacidade feminina de transitar entre dois mundos, dizendo que a multiplicidade de tarefas contribui para a realização pessoal e desenvolvimento de competências estratégicas para o enfrentamento de situações adversas e imprevisíveis.

De acordo com a autora, o exercício em ser uma profissional e ter sua própria família, faz com que as mulheres busquem desenvolver a competência da administração do tempo e desenvolvam o comprometimento psicológico nos papéis assumidos, proporcionando satisfação a si mesma como ser humano, família como membro atuante e profissional através dos resultados nos negócios.

A luta pela conquista de espaço e reconhecimento ainda permanece, mas os passos dados até o presente momento causaram impactos que vem resultando na abertura de posições de liderança feminina, no surgimento de mulheres empreendedoras – idealizadoras e comandantes do seu próprio negócio –, na competitividade para postos de trabalhos até então permitidos somente para homens e no respeito quanto às habilidades profissionais para entrega de resultados e agregação de valores.

2.1.2 Amparo legal às mulheres no contexto de trabalho

Mesmo diante das desigualdades de gênero no contexto de trabalho, é preciso conhecer o que fala a legislação sobre a inserção feminina no ambiente profissional. Muito conteúdo determinado a tempos vem sofrendo alterações de acordo com a cultura, globalização e demais alterações da sociedade atual.

Muitos estudos e inúmeras tentativas de ampliação das oportunidades justas e igualitárias foram sendo realizadas ao longo da história. As primeiras regulamentações sobre o trabalho feminino ocorreram na Europa.

Em 19 de agosto de 1842, a Inglaterra proibiu o trabalho das mulheres em subterrâneos. Em 1844, foi limitada a sua jornada de trabalho a 10 horas e meia, devendo, aos sábados, terminar antes

das 16:30 horas. Na França, em 1848 surgiram leis de proteção ao trabalho feminino. Na Alemanha, o Código Industrial, de 1891, também se ocupou do problema, fixando algumas normas mínimas (FUCHINA; LUZ, 2009, p. 11).

Já o Tratado de Versailles estabeleceu o princípio da igualdade salarial entre homens e mulheres, reconhecido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1919, bem como a Declaração da Filadélfia da OIT, em 1944, que garante oportunidades iguais a todos os trabalhadores.

A Convenção n. 100, de 1951, sobre igualdade de remuneração, foi o primeiro instrumento internacional sobre a questão, adotada justamente após a Segunda Guerra Mundial, momento em que as mulheres estavam ocupando os postos dos homens. A Convenção n. 156, sobre Trabalhadores com Responsabilidades Familiares, de 1981, a Convenção n. 183, sobre a Proteção da Maternidade, de 2000, a Declaração da OIT relativa aos Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho, de 1998, e a Convenção das Nações Unidas para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres formam o ordenamento jurídico e político internacional, para amparar a igualdade de gênero no mercado de trabalho (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2013).

O Decreto n. 21.417-A, de 17 de maio de 1932, regulamenta no Brasil o trabalho da mulher. A CLT incorporou vários dispositivos de proteção à mulher, exceto a estabilidade provisória, que foi prevista em alguns acordos coletivos e sentenças normativas e o direito das grávidas previsto no artigo 10 do ADCT da Constituição Federal de 1988.

Diante dessas promulgações, a mulher pode atuar no mercado do trabalho com base legal, recebendo dispositivos específicos que lhes assegurassem diversos direitos na Constituição de 1988, na tentativa de eximir qualquer discriminação existente ou limitações dificultadoras de sua inserção no mercado profissional.

A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) ampara o trabalho feminino, mencionando proteção às mulheres quanto à discriminação salarial – igualdade (artigos 5 e 461), duração do trabalho (artigo 373), discriminação (artigo 373.A), carregamento de peso (artigo 390), condições de trabalho (artigo 389), gravidez (artigo 391), gestação (artigos 392, 395 e 396) .

Segundo Rodrigues e Silva (2010), o capítulo III da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) protege as condições e a discriminação contra o trabalho da mulher com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e do trabalho da mulher.

O amparo no âmbito trabalhista protege a mulher contra os abusos, entretanto, na prática, a injustiça e a desigualdade entre homem e mulher é muito presente no mercado de trabalho, desde o recebimento de menor salário diante de funções iguais, número não representativo em posições de liderança, discriminação de mulheres grávidas ou idades com possibilidade de gestação, assédios morais e sexuais. Muito ainda precisa ser realizado, desde a educação até as práticas, para que de fato a mulher tenha seus direitos preservados e respeitados na sociedade em geral.

Um dos assuntos legais tão antigo quanto ao trabalho, que tomou força na contemporaneidade e ainda requerem sérios cuidados quanto às atuações de prevenções e remediações, são o assédio moral e sexual no âmbito laboral.

De acordo o site Guia Trabalhista (2018), entende-se por assédio moral atitudes frequentes e repetidas de evidente violência psicológica ao empregado, como exposição à humilhação, exigência de resultados inatingíveis, apelidos constrangedores, excesso de regras, condições de indiferença e desprezo à pessoa. Essas atitudes chegam a causar danos físicos, em consequência às habituais e insustentáveis agressões psicológicas.

Para Oliveira (2015), o assédio sexual é um atentado à liberdade sexual, principalmente das mulheres. A Lei 10.224 (2001) caracteriza esse assédio como o constrangimento com a intenção de obter favorecimento ou vantagem sexual sobre uma pessoa, considerando a posição hierárquica de superior e subordinado, presente nas relações de trabalho.

Os assédios moral e sexual são comuns no ambiente laboral, entretanto, poucos chegam ao conhecimento de pessoas capazes de inibi-los, devido à falta de tratativas devidas e respostas justas aos assediados.

2.1.3 Mulheres Empreendedoras

Considerando o empreendedorismo como uma das alternativas para a conquista do espaço feminino no universo do trabalho, Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014) ressaltam que o debate sobre empreendedorismo feminino vai muito além de uma forma de inserção da mulher no mercado de trabalho, em busca de autonomia, poder e/ou complemento de renda. O empreendedorismo feminino requer um cuidado quanto às dificuldades enfrentadas inerentes à diversidade de gênero na

cultura brasileira, como oportunidades e reconhecimento tanto da sociedade como da própria família.

Os mesmos autores informam que as barreiras a serem quebradas por mulheres empreendedoras são: inserção em setores praticamente masculinos, medo de fracasso e percepção de capacidade, perpetuação das características femininas, vencer os ciúmes dos cônjuges ou companheiros, administrar a dupla jornada trabalho-família e superar as desvantagens do gênero.

Para Villa Boas e Diehl (2012), não há diferenças relacionadas ao gênero quanto às motivações que levam pessoas a empreenderem. As razões pelas quais as mulheres investem no empreendedorismo são as mesmas do sexo masculino. Como eles, as empreendedoras buscam o sustento de si mesmas e de suas famílias, o enriquecimento de suas vidas com uma carreira reconhecida e a sua independência financeira, como se pode visualizar na seguinte tabela:

Tabela I: Principais motivos que levam mulheres e homens a empreender

	Mulheres	Homens
Identifiquei uma oportunidade no mercado	42,1%	58,6%
Sempre quis ter um negócio próprio	42,1%	48,3%
Busca por qualidade de vida	42,1%	15,5%
Quis transformar uma paixão em profissão	34,2%	24,1%
Queria ganhar mais dinheiro	25%	27,6%
Convite para entrar em uma empresa já existente	9,2%	13,8%
Oportunidade de atuar em uma empresa da família	10,5%	5,2%
Construir uma empresa para deixar para família/meus dependentes	7,9%	10,3%

Fonte: VILLA BOAS; DIEHL, 2012, p. 568

Os dados mostram que a motivação feminina em ter seu próprio negócio está concentrada, na busca por qualidade de vida, realização pessoal através da conquista de um sonho ou de uma paixão e na percepção do empreendedor como uma oportunidade de (re)inserção no mercado.

Entretanto, sob a óptica da diversidade de gênero, Arroyo, Fuentes e Jiménez (2016) demonstram que há uma forte tendência de mulheres empreendedoras terem menor ambição de crescimento do seu negócio frente aos homens empreendedores. Supõe-se que as empreendedoras preferem manter seus negócios em um tamanho razoavelmente pequeno, de fácil gerenciamento.

Strobino e Teixeira (2013) também consideram ser inegável o crescimento de mulheres que optaram em ocupar espaços não ocupados por homens, preferindo utilizar-se dos próprios recursos financeiros e não assumir riscos considerados tão altos.

Faz-se interessante voltar às reflexões sugeridas pelo relatório de pesquisa GEM (2017) quanto à longevidade dos negócios de mulheres empreendedoras, quer seja pela falta de perseverança delas ou ainda pela existência de dificultadores sociais para perpetuação dos negócios. Para maior compreensão quanto a essas indagações, torna-se pertinente observar o estudo realizado por Camargo, Lourenço e Ferreira (2018) sobre os medos das empreendedoras brasileiras. As autoras compreenderam o medo como uma emoção que influencia negativamente na abertura de um novo negócio.

No caso das empreendedoras especificamente, para as autoras, o fracasso passa ser o medo mais comum entre as mulheres de negócio. Possivelmente, está relacionado às instabilidades políticas, econômicas e sociais, bem como aos diversos empecilhos impostos culturalmente, como as dificuldades de financiamento para as mulheres e a persistente discriminação nos processos sucessórios de negócios familiares.

Nassif, Andreassi e Tonelli (2016) acrescentam alguns aspectos evidenciados em suas pesquisas, que são significativos para contextualização das empreendedoras na atualidade. Elas consideram como relevantes o número atual de empreendedoras e a tendência de crescimento e fortalecimentos dessas mulheres no mundo dos negócios, mesmo diante da realidade de dupla jornada do trabalho (casa e negócio) e das condições econômicas desfavoráveis para os empresários brasileiros nos dias atuais.

As autoras apontam, ainda, questões de impacto no desenvolvimento da trajetória de empreendedoras, como: aumento de famílias chefiadas por mulheres, o conflito família e trabalho, dificuldades de aceitação e negociação com o mercado, aspectos emocionais para enfrentar obstáculos, falta de apoio social e afetivo. Em contrapartida, elas enfatizam que mulheres com oportunidades de desenvolvimento de competências e habilidades técnicas e comportamentais tiveram êxito em seus negócios próprios.

Carreira *et. al.* (2015), em pesquisa sobre o empreendedorismo feminino, conseguiram identificar características marcantes de empreendedoras que parecem ser próprias daquelas que constroem seu próprio negócio:

[...] persistência e determinação alicerçadas pela coragem e confiança no trabalho que realizam; visão de mercado e de oportunidades com base em pesquisas; intuição e percepção de oportunidades; perseverança nos seus objetivos; mantendo a família e a fé como aliados, apoiadores e até como alicerces. Além disso, estabelecer e cumprir metas estão entre seus maiores pontos fortes, somando-se a eles o planejamento e cumprimento de prazos. Também merecem destaque iniciativas e atitudes, como a formação e manutenção de uma sólida rede de contatos; no quesito “riscos”, preferem agir com segurança e moderação e, como consequência, vivenciam o sucesso, com o resultado traduzido em marcas conhecidas e requisitadas, clientes numerosos, satisfeitos e fidelizados. (CARREIRA *et. al.*, 2015, p.12)

Santos *et. al.* (2017, p. 462), encontraram as seguintes características que identificam uma empreendedora: “dirigir e controlar, saber ouvir, ser comunicativa, no qual segundo os respondentes é um diferencial competitivo em relação aos homens. [...] a família é fundamental para o bom desempenho. Persuasão e intuição”.

Para Osório (2017), as mulheres empreendedoras possuem características que as diferenciam e beneficiam em relação aos homens empreendedores, sendo essas: maior atenção aos detalhes, intuição e sensibilidade, atuação desbravadora que exige coragem, determinação e iniciativa, investimento maior em capacitação.

Cortez, Araújo e Pereira (2017) enfatizam a consideração da afetividade no processo de empreendedorismo feminino. Embasadas em outros autores e estudos, definem a afetividade como a maneira subjetiva e singular do indivíduo vivenciar eventos específicos, experimentando sentimentos de acordo com o estado temporário, motivando-os ou não a explorar oportunidades.

O afeto é capaz de levar a empreendedora, nem sempre positivamente, a ações e decisões específicas, em momentos de incertezas e imprevisibilidade. Além de despertar “a criatividade, o reconhecimento de oportunidades, a persuasão e formação de relações produtivas e o processo de tomada de decisão” (CORTÊS; ARAÚJO; PEREIRA, 2017, p. 241).

Diante do perfil de competências determinado por pesquisas, mídias, produções científicas ou não, livros e discussões, o empreendedorismo feminino não

se exime de desafios ainda a serem enfrentados por mulheres dispostas a encarar o desafio de criar, desenvolver e manter seu próprio negócio.

Percebe-se que a luta pelo reconhecimento do potencial profissional de mulheres, sejam empreendedoras ou colaboradoras de organizações ainda é muito grande. Mas, é possível reconhecer que grandes passos foram dados para a conquista do espaço e respeito justo merecido destas. Conhecer casos e histórias de sucesso podem agregar valores às mulheres que ainda não sabem como agir diante dos desafios. Divulgar o sucesso de uma é dar a oportunidade para muitas de acreditar nos sonhos e buscar a realização disto.

2.2 Gerações Profissionais

Para maior entendimento das características que distinguem as gerações profissionais, torna-se relevante sua compreensão mediante as peculiaridades que formam a diversidade geracional no mundo do trabalho e dos negócios. A abordagem aqui adotada foca o mundo do trabalho empresarial e corporativo, embora seja importante ressaltar que a temática possa ser tratada de outras perspectivas.

Assim, o tema gerações está fundamentado no pensamento de Karl Mannheim (1952), que foi inspirado pelas visões de Comte (1798) e Dilthey (1909). Mannheim considerava gerações como “estilos de pensamento” de uma época ou de ações, capazes de produzir mudanças sociais. Para ele, uma geração não é caracterizada apenas pela considerada “demarcação geracional” – data de nascimento comum, mas principalmente pela parte do processo histórico que pessoas de uma mesma idade compartilham fatos e situações, potencialmente os determinando como marcantes e característicos de um tempo. (FEIXA; LECCARDI, 2010)

Esse “laço geracional” se constitui pelas situações que quebram a continuidade histórica em “antes e depois” de um determinado fato vivenciado, de forma que essa descontinuidade passe a ser primeira impressão coletiva sobre este, criando, assim, o considerado vínculo geracional entre um determinado grupo de pessoas pertencentes a um tempo específico. (FEIXA; LECCARDI, 2010)

Para Comte (Comte *apud* Bortolazzo (2016)), geração teria uma duração de trinta anos. Esse era o tempo considerado como favorável para verificação de um

progresso equilibrado entre as inovações e ações de uma nova geração e a estabilidade mantida pelas gerações passadas. Para Dilthey, Dilthey *apud* Bortolazzo (2016), a determinação de uma geração exige uma análise qualitativa da relação tempo histórico e do ritmo de acontecimentos de um mesmo grupo de pessoas.

Com o passar dos anos, o conceito de geração agregou a questão de tempos da existência humana, entrelaçando-os com as mudanças sociais. E diante das colocações acima, o conceito e o sentido de gerações tornam-se resultantes do sincronismo do curso da vida ou tempo biográfico e a experiência ou tempo histórico. Entretanto, os estudos e debates sobre o tema geração passaram a ganhar força nas décadas iniciais do século XX. (BORTOLAZZO, 2016)

Souza e Ramos (2017) adotam o conceito de geração com um grupo de indivíduos, nascidos no mesmo contexto histórico e socioculturais, que formam uma construção social influenciada pela somatória de oportunidades e experiências únicas.

Sob a mesma óptica, mas com descrição diferente, Veloso, Silva e Dutra (2003) referem-se a uma geração como um grupo de pessoas nascidas em um determinado período de tempo, que vivenciam eventos e momentos históricos influenciadores diretos de seu desenvolvimento humano, sofrendo influência desses na formação de seus valores, crenças e comportamentos.

No IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, realizado em Porto Alegre-RS, a diversidade geracional foi discutida como ponto de relevância para o ambiente do trabalho. Colet, Mozzato e Grsybovsky (2016) sintetizam, então, os conceitos de geração apresentados acima, ao reconhecerem que o tempo cronológico de nascimento, que demarca uma geração, não pode ser considerado como base determinante para ações de um grupo pertencente a uma determinada faixa etária. Para as autoras, deve-se considerar que a aproximação das pessoas pertencentes a uma geração se dá pelo compartilhamento de experiências históricas e sociais comuns, podendo padronizar comportamentos, crenças e valores relacionados à vida profissional, às considerações sobre trabalho, organizações, ética e aspirações profissionais.

Tomando por base essas definições e principalmente pela definição por Feixa e Leccardi (2010), torna-se possível afirmar que uma nova geração não surge simplesmente em um tempo padronizado, no qual se possa medir seu ritmo e

particularidades. Torna-se importante compreender que uma geração é capaz de criar uma “nova identidade”, pensada como algo único e singular, como também algo comum a um grupo coletivo e mais amplo socialmente, através da identificação com aquilo que é compartilhado pelos pertencentes deste, conforme apontado por Bortolazzo (2016).

Diante da ideia da formação de uma “nova identidade” através do compartilhar valores comuns coletivos e sociais, cabe compreender esse compartilhamento sobre o olhar do filósofo Walter Benjamin. Para ele, o conceito de história está diretamente relacionado com o entendimento de tempo. Sendo impossível a compreensão disto sem mencionar a questão do tempo e de vida em sociedade.

Segundo Cardoso (2007), Benjamin faz críticas quanto ao historicismo – concepção filosófica que sustenta o curso contínuo de cada momento singular da história humana, sem previsão possível de um final para o mesmo.

O questionamento do filósofo quanto ao historicismo está na concepção de tempo como uma cronologia linear: “O historicismo se contenta em estabelecer um nexos causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, por ser causa, é só por isso um fato histórico” (BENJAMIN, 1994, p. 232).

História, sob a ótica benjaminiana, é um resgate de fragmentos do passado oprimido, que ganha sua forma no presente através do recolhimento, reconhecimento e valorização do vivido. Gusmão e Souza (2010) reforçam a posição de Benjamin quanto à importância do rompimento do tempo cronológico progressista como base da história e o reconhecimento do passado como preenchimento do presente, possibilitando novas formas de existir do futuro.

A aproximação dos conceitos de geração e identidade é evidenciada por Edmund e Turner (2002) ao identificarem geração por um grupo etário que vem assumir importância social em virtude de se constituir como uma identidade cultural.

Para compreensão de identidade relacionada à geração, a definição de Bauman (2005) torna-se coerente com a perspectiva assumida nessa pesquisa, por considerá-la como em constante mudança e renegociação, não permanecendo a esta por toda vida, sendo sua manutenção dependente dos valores e ações do(s) sujeito(s).

Através do entendimento dos conceitos estudados, surge-nos a indagação quanto à administração e conflitos provocados pela convivência no mundo do

trabalho de pertencentes das distintas gerações, que se distinguem não só em idade como também em valores, crenças e características.

Esse é um assunto tratado por alguns estudiosos, podendo ser verificado no trabalho de Nascimento *et al.* (2016), ao afirmarem que na atualidade as organizações ou o mundo do trabalho são formados por pessoas pertencentes a diversas gerações, sendo que as características comportamentais referentes a cada uma delas nem sempre são as evidenciadas no convívio diário.

Os autores complementam que as manifestações comportamentais peculiares a cada geração dependem também das condições sociais, econômicas e culturais as quais os indivíduos estão expostos e integrados. Para o desenvolvimento da considerada inteligência organizacional, que faz a organização competitiva e atraente no mundo dos negócios, as pessoas que a formam moldam-se sinergicamente, objetivando convivência e busca de resultados profissionais.

Para maior compreensão quanto às peculiaridades que formam a diversidade geracional no mundo do trabalho e negócios, atentaremos a seguir para algumas características das gerações consideradas como ativas profissionalmente nos dias atuais, sendo conhecidas como *Baby boomer*, X e Y, bem como são divididas na maioria dos estudos sobre o assunto.

Cabe ressaltar que esses estudos nem sempre identificam seus participantes como nascidos no mesmo período, entretanto, as características expostas não são significativamente divergentes (VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2016).

Nas descrições abaixo, utilizou-se das datas verificadas com maior frequência para demarcar cada geração e de características predominantemente utilizadas para diferenciar os pertencentes a estas.

2.2.1 Baby Boomer

As pessoas da geração *Baby boomer* são as nascidas entre 1946 a 1964, frutos de explosão populacional após a Segunda Guerra Mundial. A educação recebida foi baseada em obediência às regras, refletida na postura profissional. Essa característica ainda é notória na atuação dessa geração em seu desempenho no ambiente de trabalho.

Segundo Kanaane (2017), essa geração vivenciou os anos 60 e toda sua revolução, que gerou mudanças significativas no papel das mulheres e juventude na sociedade, desenvolvendo-se uma cultura própria, totalmente distante das crenças e valores de seus pais. São chamados de criadores da era “paz e amor”, por terem aversão declarada aos conflitos armados e preferiam os recursos artísticos como forma de revolução. É marca dessa geração o movimento hippie, feminismo e direitos civis, principalmente dos homossexuais. O meio de comunicação era a televisão. Atualmente, os *Baby boomers* que assumem cargos de liderança em algumas organizações, com estruturas e culturais mais tradicionais.

São pessoas que acreditam na relação duradoura em um determinado emprego, considerando-o para uma vida toda e demonstram, assim, lealdade ao trabalho, muitas vezes, priorizando-o mais fortemente que a própria vida pessoal (SILVA *et al.*, 2014)

Carvazotte, Lemos e Viana (2012) também apontam como característica dessa geração o apego ao trabalho e à organização na qual está inserida tal geração. Acrescentam, ainda, forte tendência de valorização à segurança, excessiva lealdade e dedicação, aceitação da autoridade diferenciada de acordo com o cargo, interesse por *status* e aquisição de poder ao longo da carreira, espera de reconhecimento do seu comprometimento e maiores dificuldades na administração da relação vida pessoal *versus* profissional.

Botelho *et al.* (2018) reforçam as características já citadas ao afirmarem que os pertencentes a essa geração optaram por empregos fixos, prezam pela estabilidade, buscando a construção de uma carreira sólida, mantendo o foco na experiência e competência profissional. A maior preocupação dessa geração é com o cumprimento de suas obrigações, prezando pela manutenção da disciplina, sendo leais e colaborativos nos ambientes profissionais. O trabalho é para eles a maior fonte de realização pessoal.

Podem demonstrar resistência às mudanças, preocupando-se em entregar devidamente o que lhes cabe e em manter o espaço conquistado no emprego. Possuem grande experiência profissional e elevado conhecimento de suas atividades, muitas vezes, adquiridos em um único emprego e em uma única empresa. Em contrapartida, apresentam dificuldades de gerenciar conflitos profissionais, mesmo diante das bagagens de conhecimento que possuem.

Em geral, essa geração vive para trabalhar, atua conforme regras estabelecidas, demonstra forte compromisso e lealdade com a organização e procura estabilidade e segurança nessa relação. Tendem a preferir sistemas de reconhecimento por senioridade, sendo indicadores de sucesso a posição ocupada na hierarquia e o ganho financeiro. No ambiente organizacional evitam conflitos, utilizam a habilidade política ao lidar com a autoridade e são cautelosos diante de mudanças (CARRARA; NUNES; SARSUR, 2013, p. 4).

Dentro do mundo empresarial, por conta de tanta dedicação, esses profissionais exigem ser reconhecidos por suas ações, buscam uma posição hierárquica respeitada pelos demais colaboradores e identificam-se melhor com uma organização burocrática, com regras rígidas, com poder centralizado e comunicação formal (MINTZBERG, 2013).

Os *Baby boomers* tendem a não tolerar questionamentos de gerações mais jovens e consideram o papel da liderança como de controle. Segundo Andrade *et al.* (2012), essa geração quando aposentada dos trabalhos formais, são valiosos contribuintes dos trabalhos voluntários, devido à dedicação, experiência e conhecimentos.

Veloso, Dutra e Nakata (2016) esclarecem as particularidades dessa geração ao dizerem que são pessoas motivadas, otimistas e consideradas *workaholics*; a inserção econômica dessa geração se deu por oportunidades em diversos ramos ou ocupações; a formação escolar foi por áreas que prometiam facilidade e garantias para o crescimento profissional; valorização do *status*, ascensão em empregos nos quais eram totalmente leais; segundo o IBGE, representam 34% da população econômica brasileira.

2.2.2 Geração X

A geração X corresponde aos que nasceram entre o período de 1965 a 1980. Eles presenciaram fatos importantes para a história e fizeram parte de movimentos revolucionários. No Brasil, essa geração presenciou planos econômicos que buscavam a resolução da inflação, e por isso, estão sempre em busca de estabilidade financeira.

Essa geração conviveu com a turbulência de ordem econômica, que levou a se tornarem mais práticos para que sua vida econômica fosse equilibrada. Não são profissionais apegados a cargos e empregos e estão abertos às mudanças e a ter movimentação na sua carreira profissional, desde que esta vá ao encontro de seus

objetivos. Buscam um trabalho onde possam agir com autonomia e liberdade (CARRARA; NUNES; SARSUR, 2013, p.5).

Kanaane (2017) relatou que o nome dado a essa geração foi criado pelo fotógrafo Robert Capa. Na verdade, Geração X seria o nome de um ensaio sobre homens e mulheres, jovens que cresceram imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. Os X's são conhecedores, com embasamento, de política, cultura e economia, entre outras. São reconhecidos por não gostarem de regras, buscando por liberdade para desenvolver suas funções laborais. Tendem a ser autossuficientes e utilizam do trabalho para suas conquistas materiais e pessoais. Profissionalmente, boa parte dessa geração já ocupa cargos de liderança ou são considerados referências em seu ramo de atuação. Adequaram-se às mudanças sociais, principalmente as relacionadas ao uso de tecnologia, buscando o desenvolvimento necessário para manutenção da qualidade, em todos os aspectos do seu existir.

Segundo Silva *et al.* (2014), uma das características marcantes dessa geração é a descrença e desconfiança em relação às organizações, o que os tornam menos compromissados do que os *Baby boomers*.

Andrade *et al.* (2012) acrescentam características importantes para a compreensão dessa geração, como a busca de individualidade (mesmo convivendo em grupos e trabalhando em equipe), maturidade e escolha de produtos pela qualidade, rupturas das gerações anteriores, valorização dos indivíduos do sexo oposto, busca pelos seus direitos, respeito pela família (diferenciado das gerações anteriores), busca por maior liberdade.

Carvazotte, Lemos e Viana (2012) afirmam que essa geração é composta por pessoas interessadas pelos ganhos de oportunidades, levando-os a atitudes cínicas e individualistas, menor lealdade às organizações, maior aceitação às mudanças, facilidade em trocar de empregos, lugares e ramos por maiores desafios e recompensas, pouca aceitação de autoridades formais e tradicionais, porém são dependentes de feedbacks. Estimam a conquista de objetivos pessoais e prezam pelo equilíbrio da vida profissional com a pessoal.

Por resistência, a autoridade resultante de hierarquia tradicionalmente rigorosa e em busca de obtenção do equilíbrio em suas vidas pessoais, os pertencentes a essa geração tendem optar por trabalhar para si mesmo (Botelho *et*

al, 2018). Essa geração valoriza religião, mas apreciam o dinheiro. Pode-se esperar deles aceitação de longas jornadas de trabalho, objetivando o acréscimo de experiência e ganho de conhecimento através de treinamento.

Essas pessoas cresceram com as mudanças tecnológicas e aprenderam a trabalhar utilizando-as como recursos facilitadores. Os que possuíam maior poder aquisitivo cursaram ensino superior ou acima desse, adaptando-se às mudanças exigidas pelo mercado de trabalho.

Os considerados da geração X defendiam a informalidade e uma hierarquia mais flexível, mostravam-se céticos quanto às relações de trabalho, vivenciaram o *downsizing* do mundo organizacional, causando-lhes insegurança profissional e despertando-os para desenvolvimento de habilidades referentes à empregabilidade (VELOSO, DUTRA E NAKATAS, 2016). De acordo com os autores mencionados, os pertencentes dessa geração, a partir dos dados do IBGE, também representam 34% da população economicamente ativa brasileira.

O trabalho é, para essa geração, uma fonte de aprendizagem e crescimento, levando-os ao empreendedorismo, ao desenvolvimento profissional e ocupação de cargos considerados como primordiais do topo da pirâmide hierárquica organizacional. São profissionais autoconfiantes e comprometidos com os objetivos da organização, valorizando habilidades e atitudes quando assumem cargos de liderança (CARRARA, NUNES e SARSUR, 2013).

2.2.3 Geração Y

A geração Y é formada pelos nascidos entre 1981 a 2000, período marcado pela prosperidade econômica, revolução tecnológica, globalização e diversidade.

É uma geração que valoriza a democracia, a liberdade política e a prosperidade econômica. São profissionais jovens, autoconfiantes, que interferem na dinâmica e nas normas e relações dos processos organizacionais devido a sua busca por satisfação pessoal. Possuem uma nova visão sobre o trabalho e apresentam desafios que os mantêm nas organizações, além de conseguir amenizar os conflitos organizacionais, além de dominarem com destreza os avanços da tecnologia (OLIVEIRA, 2012, p. 552).

Segundo Kanaane (2017), são filhos ou netos das gerações X e *Baby boomer*. São influenciados diretamente pelo acesso rápido ao conhecimento e utilização de recursos tecnológicos, o que desperta nos pertencentes características

de imediatismo em todos os âmbitos de sua trajetória. Vivem uma nova configuração familiar, por formações diversas e atuação profissional feminina constante e diárias. A criação fica por conta de babás, escolas, televisão e jogos eletrônicos, transformando-os, muitas vezes, em pessoas individualistas, independentes e distraídos. Em contrapartida, a geração Y já tem uma agenda grande de atividades, que incluem escola, curso de idiomas, esportes, música e outras sérias de atividades, que nem sempre agregavam valor à sua identidade.

Carvazotte, Lemos e Viana (2012) afirmam que os considerados dessa geração são os marcados pelo desenvolvimento da tecnologia computacional, principalmente pela expansão da internet, sites de relacionamento e uso de jogos virtuais de console e *web-based*.

Para Andrade *et al.* (2012), os integrantes dessa geração são flexíveis, individualistas, competitivos, acostumados a fazer escolhas, produtores de conteúdo e adeptos em recebê-los. Buscam ser o centro das atenções, através da ousadia, independência, da abertura às mudanças e inovações, além da aversão às regras.

O acesso ao conhecimento e facilidade de recursos para formação profissional dão maiores condições para que essas pessoas estejam atualizadas tecnicamente ao mercado de trabalho. Cabe ressaltar, que mesmo diante de tantas “facilidades” e ousadias, existem vários aspectos que possibilitam o ingresso e a permanência desses na atuação profissional.

Os integrantes dessa geração são de fato mais individualistas, defendendo sempre suas opiniões, priorizando as questões pessoais. Nasceram em um Brasil marcado por uma forte instabilidade econômica, seguida de uma reinstalação da democracia e cresceram movidos pelo acesso constante à tecnologia das informações, vivenciando mercados sem garantias e voláteis. Representam 33% da população ativa economicamente no Brasil. (VELOSO, DUTRA E NAKATAS, 2016).

Botelho *et al.* (2018) reforçam que essa geração é a primeira imersa na interatividade tecnológica, utilizando e dominando aparelhos digitais, principalmente computadores e celulares multifuncionais, comunicando-se com frequência por redes sociais simultâneas, dando-lhes maior afinidade com a informatização dos processos de trabalho.

Os mesmos autores mostram que o domínio da tecnologia e o acesso rápido a inúmeras informações e conhecimentos fazem com os integrantes da geração Y sejam audaciosos, buscando sempre tarefas desafiadoras, buscando uma hierarquia

bem flexível e líderes participativos, requisitando sempre clareza para se manterem motivados e autonomia para realização de suas atividades. Apresentam, ainda, pouca resistência à frustração de seus desejos, abandonam os empregos ou mudam de áreas e lugares, alegando desmotivação e falta de sentido naquilo que executam.

Silva *et al.* (2014) reforçam que essa geração demonstra atitudes de inquietação, contestação, e, algumas vezes, de insubordinação na realidade cotidiana do trabalho. Os Ys consideram o trabalho como fonte de satisfação e aprendizagem, aspecto mais valorizado do que o financeiro, buscando assim o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional.

São pessoas que precisam de estímulos e motivação para permanecer no emprego e acreditam que ao apresentar projetos criativos possam obter resultados positivos imediatos para a organização, dando-lhes possibilidade de assumir até cargos de liderança. Quando líderes, encontram dificuldades para legitimar sua autoridade em equipes formadas pelas gerações anteriores.

Devido às suas ideias inovadoras, os integrantes da geração Y, querem mudar os propósitos da empresa, visando novos desafios e melhor qualidade de vida. Geralmente são impacientes e impulsivos e gostam de participar de processos de decisão e querem reconhecimento e subir de posto rápido. Devido a sua impaciência e insatisfação, permanecem menos tempo em uma empresa que as gerações anteriores quando não há reconhecimento de seu trabalho. Preferem trabalhar em empresas com estrutura mais flexível com comunicação informal e descentralização do poder (GERBAUDO, 2011, p. 98).

Torna-se necessário que os gestores da atualidade identifiquem as características dos profissionais atuantes no mesmo ambiente profissional, com o objetivo de reforçar o potencial de cada uma dessas gerações, enfraquecendo as dificuldades pertinentes a estas.

Colet, Mozzato e Grybovski (2016) resumem bem as características impactantes dessas gerações, considerando os reconhecidos mais jovens como almejantes de liberdade e experiências novas, determinados nas escolhas próprias do que consumir, onde e como trabalhar, prezando pela integridade, entretenimento, inovação e satisfação pessoal. Valorizam desafios, autonomia, flexibilidade, qualidade de vida e feedbacks. Importam-se com a responsabilidade social e sustentabilidade ambiental.

Qualificam os considerados adultos como os mais centrados na conclusão de suas atividades, apresentando maiores resistências, prezando pela estabilidade financeira e segurança para sobrevivência. São considerados com bom

desempenho organizacional e buscam alcançar a empregabilidade, através de desenvolvimento de habilidades.

Ressalta-se, ainda, sobre a importância da não generalização dos pertencentes às gerações simplesmente por estarem dentro da faixa etária que as determinam, sendo necessário considerar as diferenças sociais, a cultura em que estão inseridos, as condições econômicas sociais e a individualidade de cada pessoa. Torna-se importante considerar o ponto de convergência das gerações, observando as características que complementam uma a outra, identificando potenciais, contribuições e estratégias para uma convivência efetiva e sadia no mercado de trabalho. (COLET; MOZZATO; GRYBOVSKI, 2016)

Finalmente, as gerações, tratadas aqui segundo a diversidade geracional no mundo do trabalho e dos negócios evidenciam a importância de se compreender as trajetórias profissionais, relacionadas ao conceito de experiência e memória. Sua compreensão também mantém estreita relação com os acontecimentos marcantes, aqui denominados incidentes críticos.

2.3 Trajetórias profissionais, experiência, memória e incidentes críticos

Veloso, Dutra e Nakata (2016) denominam a trajetória profissional como carreira. Compreendem-na como uma série de estágios e sequência profissional vivenciada pelo indivíduo, envolvendo necessidades pessoais e imposições sociais nem sempre controladas por quem as vivem.

Segundo Schen (1996), existe uma sequência de fases que possibilitam a compreensão das etapas de uma trajetória profissional, que são variáveis de acordo com cada pessoa e opções realizadas. Sendo elas:

1. Crescimento, fantasia e exploração = fase de aproximação das escolhas profissionais, acompanhadas pela formação formal para possível atuação, pelas fantasias e exploração dos conhecimentos e domínios.
2. Educação e treinamento = aquisição de conhecimentos técnicos ou não, primordiais para atuação profissional.
3. Ingresso no mundo profissional = entrada de fato no mundo profissional, colocando-se em prática conhecimentos e validando os interesses real pelas opções feitas.

4. Treinamento básico e socialização = momento de adaptação quanto às atividades e pessoas de contato no ambiente profissional.
5. Admissão como membro = percepção de pertencimento a um lugar e reconhecimento da importância de sua atuação profissional.
6. Estabilização no emprego, permanência como membro = percepção de uma carreira longa ou não. Percepção da necessidade de desenvolver novas habilidades, possibilitando o despertar da empregabilidade.
7. Crise no meio da carreira e reavaliação – momento de questionamento de suas de suas primeiras escolhas. Etapa determinante para possíveis escolhas de novas rotas e direções. Possibilidade ainda de desenvolvimento de trajetórias simultâneas, conforme os próprios sensores de realização de cada pessoa.
8. Avanço, recomeço ou estabilização = Diante da autoavaliação e muitas vezes buscando apoio de profissionais especializados em orientação profissional, esse é um momento marcado por um revisitar sua realização com aquilo que realiza, determinando a continuidade ou interrupção da carreira realizada até aquele momento.
9. Desligamento = próximo ao período final da carreira, há uma forte tendência na diminuição de ritmos, podendo refletir no comprometimento do profissional com as atividades realizadas. Entretanto, isso não é uma regra, podendo algumas pessoas manter-se no patamar de qualidade comum ao seu reconhecido desempenho.
10. Aposentadoria = momento caracterizado como vitória para uns, que o veem como merecido descanso após anos de trabalho e para outros, pode ser visto como experiência traumática por trazer um sentimento de inutilidade em não estar produzindo.

Entretanto, a carreira ou trajetória profissional não pode ser considerada como algo linear, estando sempre sujeita a fatores de imprevisibilidade, em constante movimento, proporcionando uma interação variável entre indivíduo e sociedade. (VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2016).

O conceito de carreira vem assumindo novas direções, respondendo aos avanços existentes no contexto contemporâneo de trabalho. Para tanto, faz-se

necessária a inclusão das diversas experiências funcionais vivenciadas pelo indivíduo no decorrer de sua trajetória profissional. (SOUZA; SOUZA, 2016).

As pessoas tendem a guiar suas carreiras mais por apelos externos, como remuneração, status, etc., do que por preferências pessoais. Contudo, tende a sofrer alterações nos próximos anos, devido às pressões impostas pelas empresas e às pressões sociais e econômicas. As empresas estimulam as pessoas a planejar suas carreiras tendo em vista a necessidade de se tornarem mais competitivas, o que é conseguido com pessoas que sabem onde podem render mais, que busquem um contínuo desenvolvimento e que sejam empreendedoras. (LIMONGI FRANÇA, 2016, p.237)

Essa dinâmica corresponde à sociedade do século XXI, reconhecida como sendo a voltada para o conhecimento. A implicação dessa característica está na percebida vantagem por profissionais que a reconhecem, buscando continuamente aperfeiçoamentos e novas qualificações. Ao tratar-se de carreiras empreendedoras, espera-se ainda a existência das competências específicas - criatividade, inovação, audácia e autonomia, visivelmente apresentada por um grupo seletivo de pessoas (TOLFO, 2002).

Tardif (2000) questiona tal proposição, referindo-se ao conceito de “*malpractice* – mau uso de seu conhecimento” que pode levar profissionais a causarem danos a seus clientes. A trajetória profissional, embora individual, está diretamente ligada às pessoas que são receptoras daquilo que foi proposto a ser realizado, de modo que o profissional torna responsável em suas atividades e impactos nos aspectos técnicos, éticos e judiciais. Ou seja, a trajetória profissional sempre está relacionada a um coletivo, seja o coletivo profissional, seja a sociedade em geral.

Na atualidade, há uma distorção quanto ao conceito de experiência relacionando-a à quantidade excessiva de trabalho que o indivíduo realiza. Segundo Larrosa (2001), a experiência é algo tocante ao ser humano, a ponto de transformá-lo, sendo que a busca de produção desenfreada não a torna sinônimo de experiência. É o que nos acontece, pois somos territórios de passagem das paixões a que estamos sujeitos e abertos a vivê-las. Muitas vezes, perdemos nossos “poderes” para então apoderar-nos. Aceitamos os contratempos e frustrações, para de fato transformar-nos.

O saber da experiência estaria, então, ligado ao modo como a pessoa vai respondendo ao longo da vida aos acontecimentos que são vivenciados. É o sentido

percebido pelo indivíduo diante desses acontecimentos, sendo elaborado de maneira particular e individual diante daquilo que nos acontece. (LARROSA, 2001).

Benjamin (1987), a quem Larrosa (2001) toma por base, definiu experiência como histórias contadas de geração em geração, utilizando-se de palavras tão duráveis que pudessem ser transmitidas como um anel. Ao mesmo tempo, recordamos de como o compartilhar dessa experiência tem-se empobrecido ao longo do tempo, devido ao desenvolvimento desenfreado da modernidade técnica, transformando o homem antigo em um homem disposto, muitas vezes, a eliminar o residual, a apagar do presente os restos do passado, transformando a sociedade em miserável de memórias e história.

Benjamin (2012) aponta que na relação narrador e ouvinte é perceptível a questão tempo-espaço construída pela conexão entre materiais e culturas, narradas por quem viveu a situação e tem maior sabedoria sobre a esta, bem como pela compreensão do ouvinte quanto à realidade de quem narra e sua interpretação daquilo que é narrado.

A experiência que passa de boca a boca é a fonte que recorrem todos os narradores [...] A figura do narrador só se torna plenamente tangível se tivermos presentes ambos esses grupos. “Quem viaja tem muito a contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e o outro pelo marinheiro comerciante. De fato, ambos estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas linhagens de narradores. Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias. Essas duas linhagens constituem, como já foi dito, apenas tipos fundamentais. A extensão real do reino narrativo, em tudo seu alcance histórico, só pode ser compreendida se levarmos em conta a íntima interpretação desses dois tipos arcaicos. (BENJAMIN, 2012, p. 214-215)

Pode-se, assim, considerar que todo tipo de memória traduz um conhecimento adquirido por seu portador. Brandão (2008) esclarece essa ideia ao afirmar que ao trabalhar com memória autobiográfica, torna-se evidente que as sensações experimentadas e internalizadas por uma pessoa, quando (re)lembradas subjetivamente e novamente vividas em determinado meio cultural, passam a ser consideradas como um saber próprio, dentro de um processo de aprender-ensinar-construir.

Compreende-se por incidentes críticos os “acontecimentos-chaves que determinam decisões e rumos nas trajetórias profissionais ou pessoais, momentos marcantes atribuídos pelo próprio sujeito aos acontecimentos por ele vivenciados” (ALMEIDA, 2009, p.196). Para ser identificado como sendo um incidente crítico é preciso que o acontecimento seja reconhecido pelo próprio sujeito.

Woods (1993 *apud* ALMEIDA, 2009) afirma que esses incidentes não são planejados antecipadamente ou controlados. São situações ou momentos que demandam muita energia de quem está vivendo, impactando fortemente no decorrer da sua trajetória pessoal e profissional, causando possíveis mudanças de percursos e percepções.

Esses momentos, para Bolivar (2002), são definidos como de “crises”, possibilitando ao indivíduo um revisitar da condição e situação atual, proporcionando-lhe uma avaliação desta e como consequência, simultaneamente, dando-lhe condições de reconhecer sua própria identidade, decidindo assim por alterá-la ou reafirmá-la, validando o rumo de sua trajetória profissional e pessoal. Os incidentes críticos podem levar o sujeito a perceber características e comportamentos próprios, nunca reconhecidos como pertencentes a si mesmo.

Cabe ressaltar que o mesmo autor aponta como fundamental a consideração da afetividade e emoções como influência direta, em primeira ordem, para o desenvolvimento da trajetória profissional, carreiras e desempenhos de pessoas inseridas nos diversos ramos de atividades do trabalho.

O impacto da dimensão pessoal afetiva-emocional para a dimensão profissional pode ter manifestações de intensidade diferentes de acordo com a cultura, na qual o indivíduo está inserido. Nassif, Andreassi e Tonelli (2016) exemplificam a influência cultural ao afirmarem que os incidentes críticos, quando relacionados às vivências de mulheres empreendedoras brasileiras, são repletos de alta dosagem de emoção, afetando diretamente o desenvolvimento dos negócios. Destacam que ao contrário de estudos internacionais, a relação entre vida pessoal e profissional é mais evidenciada na realidade cultural do nosso país.

Com base nas definições abordadas sobre incidentes críticos, torna-se possível relacionar esses acontecimentos com o conceito de memória. Izquierdo (2004) define-a como frutos, no plural, por não ser exclusivamente uma, das inúmeras e variadas percepções e sentimentos experimentados por uma pessoa.

O mesmo autor afirma que as memórias se dão dentro de um processo que integra aquisição, preservação e recordação de fatos e informações vivenciados por um indivíduo. Sendo que este só se torna possível quando o acontecimento vivido for acompanhado de uma carga significativa de emoção.

Dessa forma, a memória faz parte da individualidade de cada pessoa, sujeita a lembranças e esquecimentos, às percepções e deformações de quem as viveu, podendo ser manifestada após longo tempo sem ter sido antes resgatada e quando feito, podendo ser consciente ou inconscientemente. A memória é sempre atual, algo vivido em determinado tempo que se faz presente magicamente no agora, com detalhes afetivos que o fizeram ser registrado. A memória reconhece o passado, trazendo-o para o presente. A memória torna-se, assim, o roteiro da história (VILLAS BÔAS, 2015).

Na compreensão do conceito de memória, é possível fazer a relação do apresentado com a narrativa autobiográfica. De acordo com Delory-Momberger (2016), ao narrar sua trajetória, o indivíduo experencia a si mesmo e ao mundo a que pertence, em um tempo próprio relacionado à sua existência. Esse reviver de cada instante, de cada hora, de cada momento vivido, possibilita ao narrador a compreensão e entendimento de sua própria vida.

Antes de qualquer expressão da sua história, seja qual for a forma escolhida em fazê-la, o sujeito revisita mentalmente sua vida, configurando os fatos e interligando-os para assim narrar os eventos e situações de sua existência (DELORY-MOMBERGER, 2016).

Para Benjamin, narrar sua história é uma arte e uma faculdade que utiliza da própria vida humana como matéria-prima, a oralidade como um dos aspectos fundamentais e o narrador como o protagonista essencial para a transmissão da tradição. O narrador, aos olhos de Benjamin, ao contar sua história incorpora a ela um sentido, retirando dessa experiência de restaurar o passado, um saber prático e efetivo que atualiza o presente, validando a linearidade do tempo como a base dos acontecimentos históricos. (PEREIRA, 2006).

A verdadeira narração, segundo a concepção benjaminiana, procede da tradição, apresenta conselhos em forma de sugestão, é transmitida por narradores anônimos, evita explicações totalmente acabadas, não deixa o ouvinte expectante quanto ao sentido da vida, constitui como seus representantes básicos o viajante que vem de

longe e o camponês sedentário, mostra personagens humanizadas e a serviço da transformação da realidade, não descreve pedagogicamente o destino alheio, pode ser renovada, não exige verificação mantendo-se ligada ao passado, ao presente e com projeções para o futuro, têm as raízes fincadas na experiência, etc. (CARDOSO, 2007, p. 48)

Brandão (2008) aponta que ao narrar partes de sua trajetória de vida, a pessoa resgata lembranças únicas, singulares e solitárias, das quais ele é a única testemunha. Embora o considerado “eu”, seja o olhar individualizado de uma pessoa sobre um momento/acontecimento vivido, sua lembrança está diretamente ligada a um contexto social, apoiada a um tempo específico e fazendo parte também das relações familiares, conjugais, de amizades e com outras pessoas envolvidas na situação narrada.

As experiências vivenciadas pelo ser humano acontecem nos mundos históricos e sociais, trazendo com elas marcas da época vivida, dos meios utilizados e dos ambientes envolvidos. Isso impacta diretamente no “plano de vida” das pessoas. Aquilo que é experimentado acaba sendo apreendido e valorizado de forma própria, determinando comportamentos e reações às situações futuras. Esses “saberes da experiência” ficam armazenados na reserva de conhecimentos e são resgatados diante de outras experiências que podem ser percebidas pelo protagonista como familiar, idêntica, análoga, nova, estrangeira, etc. (DELORY-MOMBERGER, 2016).

Para Delory-Momberger (2016), a narrativa de um sujeito sobre sua própria trajetória requer uma considerada trama, na dimensão performativa, por ser necessário a configuração dos fatos e interpretação destes, como o objetivo de dar forma e sentido para a experiência vivida a ser narrada. Narrar a própria trajetória, leva o indivíduo a revisitar experiências vividas, resgatando memórias, determinando estruturas para se explicar a si mesmo aos outros, permitindo ser evidenciados como singulares os fatos, situações, crenças, valores e afetos pertencentes à trama daquela pessoa.

Sendo assim, ressalta que o saber biográfico de um ser humano só é acessado por outro pelas entradas permitidas por quem o detém. Nesse sentido, compreende-se que a narrativa do sujeito implica em reflexão sobre suas tomadas de decisão e escolhas pessoais/profissionais, realizadas a partir dos conhecimentos

adquiridos, internalizados e resgatados como sendo marcantes e determinantes para formação de sua própria identidade (DELORY-MOMBERGER, 2016).

Para melhor compreensão do significado das narrativas de suas trajetórias pelos próprios sujeitos, apoia-se a explicação de Passeggi (2011) quando afirma que a pessoa ao relatar sua história, procura dar sentido às experiências que estão sendo narradas, revivendo-as a partir de seus relatos, buscando-se uma possível compreensão destes e o significado desses para seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Cabe aqui referenciar a obra de Vygostsky, quando afirma que a linguagem determina o desenvolvimento do pensamento, que se dá pela experiência sociocultural de uma pessoa. É através da linguagem que o ser humano se mostra um sujeito histórico-cultural, atribuindo significados aos acontecimentos, objetos e seres. Em tratando-se de uma perspectiva vigostskyana sobre linguagem, a diferenciação entre sentido e significado torna-se imprescindível. O significado é estabilizado, enquanto que o sentido busca estabilizar-se. O sentido é dinâmico, sofrendo alterações de acordo com seu interlocutor, evento e momento. Já o significado é o fenômeno do pensamento, que conceitua e generaliza algo, dependendo assim do contexto sócio cultural.

A primeira, que é fundamental, é o domínio do *sentido* de uma palavra sobre seu *significado* – uma distinção que devemos a Paulhan. Segundo ele, o sentido de uma palavra é a soma de todos eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações de sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas da fala. (VYGOTSKY, 1996, p. 125)

O sentido dado pelas participantes às narrativas de parte da sua história de vida leva-nos a evidenciar uma presente característica nos relatos de todas pesquisadas: a resiliência.

2.4 Resiliência como marca das trajetórias narradas pelas empreendedoras

O termo resiliência, segundo Benetti e Crepaldi (2011), inicialmente foi utilizado no campo das ciências exatas, diretamente relacionado com o estudo da resistência de materiais quanto a tensões/deformações e choques/flexibilidades. Barlach, Limongi-França e Malvezzi (2008) explicam que o termo vem de Resílio, palavra originária do Latim, que significa retornar a um estado anterior.

Nas últimas décadas, ampliou-se o campo de estudo sobre resiliência e como apontado por Oliveira *et al.* (2008) a expansão da busca pelo conhecer mais sobre o termo ocorreu devido ao aumento de desastres socioambientais e da violência com forte impacto social, proporcionando a abertura de interesse deste por diversas áreas, inclusive da Psicologia.

A definição de resiliência sob a ótica da psicologia está ligada à resistência individual ou em grupo, diante de situações adversas, mantendo o equilíbrio emocional (PINHEIROS, 2004). É a capacidade de acomodação e reequilíbrio constante.

O desenvolvimento é um processo contínuo de adaptação (assimilação e acomodação), entre indivíduos e seus ambientes, condição que impõe ao estudo desse fenômeno uma abordagem contextualizada considerando sempre o ecossistema constituído pela díade composta pelo ser humano e seu meio. Esta visão é oposta aos estudos que entenderam a resiliência como um resultado decorrente de traços de personalidade, pois esse enfoque enfraquece a participação do contexto na produção da resiliência. Segundo ela, o equilíbrio – alcançado pelos indivíduos assim denominados resilientes – só pode ser explicado por uma perspectiva que incorpore, em suas análises, a interação dinâmica entre sistemas. (BARLACH; LIMONGI-FRANÇA; MALVEZZI, p. 2008)

Taboada, Legal e Machado (2006) adotaram o modelo de Deslandes e Junqueira para explanação de resiliência em três polos:

➤ **Processo de Adaptação e Superação**

Pensar em resiliência como um esforço para que o sujeito mantenha suas características existentes anteriormente às situações de conflitos (adaptação), à capacidade de retornar ao estado de equilíbrio anterior ao mesmo (“bounce back”), aprendendo com as adversidades através de sua capacidade própria, ou ainda, por estabelecimento de vínculos e confiança com o meio que está inserido.

➤ **Fator Inato X Fator Adquirido**

Os estudos sobre resiliência não trazem diretamente o questionamento quanto à natureza desta, entretanto, pesquisas focadas nas capacidades e habilidades de um sujeito, consideram-na como um traço/característica de personalidade, e, em contrapartida, as que focam em práticas sociais, caracterizam-na como habilidade que pode ser aprendida e estimulada socialmente. Na maioria dos estudos, entende-se que o meio e as relações sociais são fundamentais para efetivação de uma potencialidade inata do indivíduo.

➤ **Circunstancial X Permanente**

Embora a grande maioria dos estudos considere resiliência como um traço de personalidade, desenvolvido e facilitado pelo meio e relações sociais, muitos pesquisadores tendem a compreendê-la como um fenômeno manifestado por uma mesma pessoa em determinada situação e em outra não.

Angst (2009) reforça a explicação feita do termo resiliência em três polos, ao afirmar que não se deve simplesmente descrever um indivíduo como resiliente ou não. É preciso perceber que “o ser ou não ser” está relacionado diretamente ao ambiente que o cerca e suas habilidades pessoais, como seu processamento perceptual e interpretação de um determinado fato/situação. Muitas vezes, o resultado dessas particularidades faz com que diante de uma mesma situação pessoas tenham reações de enfrentamento diferentes e sentimentos únicos frente à adversidade ou conflito iguais.

Polleto & Koller (2008) sintetizam o conceito de resiliência como característica pessoal, móvel, desencadeada ou não em algumas circunstâncias, tornando-se presente diante das algumas situações e ausentes em outras, estimulada e favorecida pelo meio no qual o indivíduo está inserido e pelas relações as quais estão estabelecidas. Implica diretamente no enfrentamento às adversidades e não à resistência absoluta diante destas.

A natureza dinâmica da resiliência conduz a outros fenômenos que interagem de forma constante. Estes fatores agem no processo de resiliência como fatores de proteção e de risco, facilitando e potencializando (positivamente/negativamente) os eventos presentes na vida do indivíduo, necessitando ser apontados e diferenciados entre si, e esclarecidos”. (BENETTI; CREPALDI, 2012, p. 17)

Para maior compreensão da dinâmica do processo de resiliência, cabe explanação desses fatores e os impactos destes para o entendimento desse amplo conceito.

2.4.1 Fatores de Riscos

De acordo com Benetti e Crepaldi (2012), são considerados como fatores de riscos todas as condições ou eventos geradores, internos (hiperatividade, déficit cognitivo, prematuridade, etc.) e externos (negligência, violência, abuso, etc.), que negativamente aumentam a probabilidade de comprometer a esfera de saúde, bem-estar e desempenho social.

As mesmas autoras apontam, também, que esses fatores impactam de maneira diferente e de acordo com as diversas fases de desenvolvimento, podendo dificultar ou ainda impedir a capacidade do indivíduo de dar continuidade em sua vida em alguns momentos.

Taboada, Legal e Machado (2006) esclarecem que ao falar de “probabilidade” é ao mesmo tempo estar afirmando que a exposição ao fator de risco não é um determinante para o desenvolvimento de uma patologia ou bloqueio de uma pessoa, mas que certamente há de alguma forma uma forte relação entre esses processos.

Esses fatores são descritos por Poletto e Koller (2008) não somente como situação de risco pessoal e social, que fazem das pessoas vítimas de um sistema injusto, ao contrário, eles reforçam o empoderamento das pessoas, fortalecendo suas características saudáveis e dando-lhes capacidade de enfrentamento diante das situações de adversidades.

Ainda sob o olhar de empoderar, Benetti e Crepaldi (2012) acrescentam que os fatores de risco podem ser desencadeadores de mudanças positivas, através das quais as pessoas reorganizam sua vida e se fortalecem a dar continuidade em sua história.

Elas afirmam, também, que um risco isolado pode em um determinado momento ser fator negativo e em outro um fator de proteção. Para se considerar o fator como de risco é importante focar nas condições adversas que geram um processo a ser enfrentado e não uma variável isolada que muitas vezes nem sequer estimula saídas resilientes do indivíduo. É importante ressaltar que o contexto no qual a pessoa está inserida e se desenvolve é determinante para que reconheça os

riscos como tal e acionem outros fatores/recursos dentro deste mesmo contexto como proteção e atenuante àquele considerado como nocivo a sua existência atual.

2.4.2 Mecanismos de Proteção

Entende-se por proteção, de acordo com Poletto e Koller (2008), a maneira como o indivíduo enfrenta as transições e mudanças em sua existência, sua atuação diante das situações adversas, o significado que atribui a essas experiências e quais as interferências das mesmas para seu bem-estar biopsicossocial.

Para que os mecanismos de proteção tenham sentido e sejam acionados em um processo considerado de resiliência humana é fundamental a existência de um fator de risco eminente, como se pode verificar na seguinte afirmativa:

Diante desta contextualização, fica claro que os fatores protetivos emergem e operam somente em condições específicas de riscos, mitigando o impacto do evento e diminuindo a probabilidade de um resultado negativo acontecer na presença de um fator de risco, modificando e alterando a resposta a um evento nocivo. Nesta direção, enquanto a vulnerabilidade potencializa e exacerba os efeitos das condições de adversidades, os fatores de proteção agem como amortecedores a estas condições. (BENETTI; CREPALDI, 2012, p.19)

Ainda segundo Poletto e Koller (2008), diferenciar fatores de risco e proteção requer análise minuciosa do evento, contexto e momento histórico da vida do indivíduo, atentando-se para a característica de constante mudança e elasticidade que envolve o processo determinante desses mecanismos.

Pinheiros (2004) aponta a existência das três seguintes classificações para os fatores de proteção: condições do próprio indivíduo (autonomia, tolerância ao sofrimento, estabilidade emocional, boa autoestima, entre outros), condições familiares (coesão, estabilidade, qualidade de interações, consistência, entre outros) e redes de apoio do ambiente (reconhecimento, aceitação e tolerância).

Alguns pontos podem ser sintetizados por Taboada, Legal e Machado (2006), esclarecendo aspectos como:

- Mecanismo de Proteção são fatores capazes de proteger as pessoas dos efeitos negativos causados pelas situações de riscos.
- Não há clareza total de como esses fatores atuam no indivíduo para a ocorrência dos enfrentamentos diante das adversidades.

- Estes fatores influenciam, melhorando e modificando as reações e respostas dos indivíduos diante de situações de difícil adaptação.

- A integração intrapessoal e ambiental entre fatores de riscos e de proteção são determinantes para o desenvolvimento da resiliência.

- O fator de proteção está relacionado diretamente com o de risco. Não é possível a verificação de existência de um considerado de proteção se não houver uma análise do considerado de risco.

- Os fatores de proteção se enfraquecem quando o número dos fatores de risco é maior que àqueles, fazendo com que pessoas que já foram resilientes em determinada situação apresentem sinais de desestabilização diante de outras.

O apontamento feito por Barlach, Limongi-França e Malvezzi (2008) é de fundamental importância para maior entendimento do conceito de resiliência, que de forma simplista está relacionado com a capacidade do indivíduo de enfrentar situações adversas através do mecanismo de proteção diante dos fatores de risco, sendo que sua abrangência e impacto são mais amplos por envolver saídas criativas para a resolução de problemas, renovação de competências e busca de novos resultados em sua vida pessoal e/profissional.

3. MÉTODO BIOGRÁFICO-NARRATIVO

Para realização da pesquisa ora proposta e atendimento de seus objetivos, tornou-se necessário a escolha de um método que possibilitasse não somente conhecer as trajetórias profissionais das empreendedoras pesquisadas, como também identificar os incidentes críticos determinantes do caminho percorrido por elas atribuídos a esses incidentes.

Assim, o método biográfico-narrativo, explicado por Delory-Momberger (2016) como sendo a análise de relatos individuais, singulares, realizada de forma compartilhada entre participante e pesquisador, possibilitando a compreensão dos fatos e sentimentos narrados, mostrou-se o mais apropriado para o conhecer histórias de vidas profissionais dessas empreendedoras.

Para Bolívar (2002), o método biográfico-narrativo exige uma relação de proximidade entre pesquisador e pesquisados, possibilitando a promoção de empatia, na busca pela construção de um relato compartilhado.

Sendo assim, Abrahão (2003) complementa que a pesquisa autobiográfica narrativa transversal possibilita ao pesquisador conhecer os percursos e recursos utilizados pelos sujeitos que nos contam suas histórias de vida, através da reconstrução de todos os processos vivenciados do passado para chegar até o presente momento, construindo uma memória pessoal e/ou coletiva procedente de um tempo histórico.

[...] Todo indivíduo é o singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual. Se é legítima a tentativa de ler uma sociedade por meio de uma biografia, é preciso considerar que não se trata apenas da exposição de uma narrativa de experiências vividas pelo outro, mas sim de uma microrrelação social. (SANTOS; GARMS, 2012, p. 4097)

Embora encontre-se críticas a respeito da subjetividade existente nas pesquisas bibliográficas e narrativas, Bolívar (2002) fundamenta a importância deste aspecto ao afirmar que toda a riqueza e significações abstratas humanas para os fatos e situações só podem ser captadas e conhecidas através dos relatos das histórias contadas por quem as viveu.

Segundo Ferrarotti (1991), a especificidade do método biográfico está no muito além do modelo científico mecanicista, lógico e formal. É preciso utilizar-se da

razão dialética, para que a subjetividade e historicidade individual venham a ser consideradas como potencial humanístico sociologicamente.

3.1. Tipo de Pesquisa

Buscando desvendar a influência das peculiaridades das gerações na trajetória profissional de mulheres empreendedoras, essa pesquisa tem uma abordagem qualitativa, por focar na ação prática e na interpretação desta relação no cotidiano do público pesquisado.

Minayo (2010), ao explicar a pesquisa qualitativa, afirma que esta responde a questões particulares e parte da realidade social, que se resume no mundo das relações, das representações e da intencionalidade.

Gray inspira-nos na escolha do método, ao afirmar que:

os dados qualitativos são abertos as múltiplas interpretações (umas são mais contundentes do que outras em termos teóricos, ou em função de consistência interna) [...] Na verdade, a reflexividade, as reflexões dos próprios pesquisadores sobre as suas funções e suas observações no campo e suas percepções, torna-se parte dos dados. (GRAY, 2012, p. 137)

A pesquisa caracteriza-se também como transversal, por abranger três gerações de mulheres, permitindo conhecer suas trajetórias profissionais e dinâmicas, vivenciadas em um mesmo momento histórico.

Esse estudo tem ainda uma perspectiva biográfica-narrativa, que segundo Passeggi, Nascimento e Oliveiras (2011), transcende o simples conceito de pesquisar pessoas, dando ao pesquisador uma condição de apropriar-se e empoderar-se da história de quem está sendo pesquisado e dos momentos históricos vivenciados.

Através das histórias contadas, os incidentes particulares são narrados pelo sujeito, tornando-se possível a compreensão dos sentidos dados por ele aos acontecimentos vividos. O pesquisador diante das narrativas, compromete-se em manter autêntica a fala e os sentimentos expressos pelo pesquisado, não violando os fatos e significados expressos por estes (BOLÍVAR, 2002). A narrativa biográfica, segundo Bolívar e Domingos (2006), é um instrumento efetivo para análise de aspectos essenciais de uma profissão e do desenvolvimento de uma sociedade.

Dessa forma, para conhecer o caminho percorrido por mulheres em suas trajetórias profissionais, faz-se necessário não somente ouvi-las, como também reviver juntamente com cada uma todos os sentimentos frutos dos momentos determinantes para o desenvolvimento da pessoa e profissional que se tornaram.

3.2. População / Amostra

Com base na relação de empresas fornecida pela Associação Comercial da cidade escolhida para realização do estudo, obtiveram-se os dados para contato das 543 micro e pequenas empresas associadas, a fim de lançar o convite de participação destas.

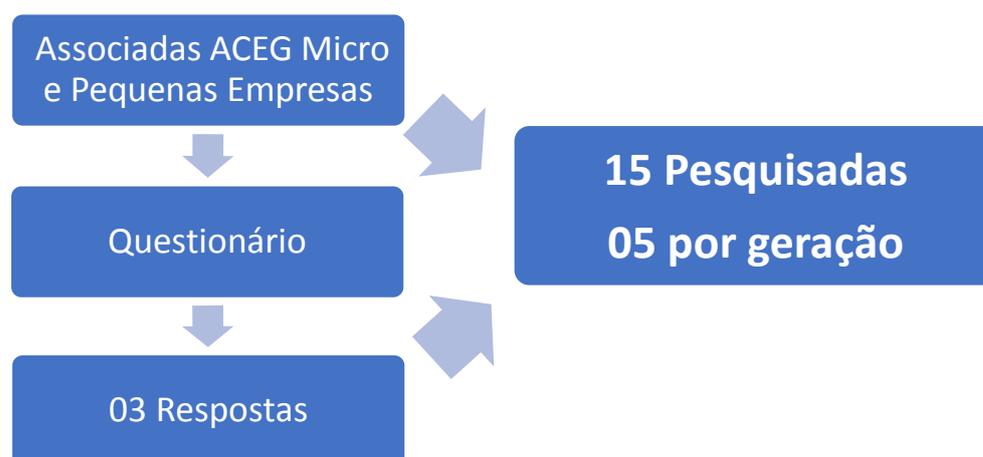
Para adesão e participação, foi enviado a todos os associados um e-mail esclarecendo os objetivos desse trabalho e um questionário a ser preenchido pelas interessadas em compor os sujeitos da pesquisa.

Diante de apenas três respostas desse primeiro contato, optou-se por considerar empreendedoras indicadas pelas interessadas que responderam ao questionário, considerando-se o número mínimo de 5 mulheres de cada geração (*Baby boomer*, X e Y) e o critério de saturação como determinante para o número máximo de entrevistadas.

Embora as referências teóricas deixe-nos claro que o conceito de geração ultrapassa a questão cronológica - ano de nascimento, considerando como relevante e fundamental a aproximação de experiências históricas e sociais na padronização das crenças, valores, significado dado ao trabalho, postura diante das relações interpessoais e decisões na carreira como determinantes geracionais, a escolha dos sujeitos integrantes de cada geração deu-se apenas pela idade.

Ressalta-se que, apesar do conceito de geração não ser delimitado apenas pelo ano de nascimento, no momento do convite de participação para as pesquisadas, essa data era, para a pesquisadora, o único recurso para a divisão das participantes, segundo o grupo geracional a que pertenciam. Então, a partir da entrevista e tratamento dos dados, tornou-se possível a verificação da existência de valores e características individuais que levariam ou não a consideração do tempo cronológico como um determinante no enquadramento de pessoas a uma geração.

Atentou-se, ainda, à diversidade de atividades econômicas para o convite de participação na pesquisa, objetivando a ampliação de verificação das trajetórias profissionais e acontecimentos críticos facilitadores/limitadores pertinentes a elas.



Fonte: a autora, 2018

3.3. Instrumentos

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas biográficas, abertas e em profundidade. Para Haguette (1997, p. 86) “A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

As entrevistas biográficas têm como objetivo conhecer as histórias de vida por meio das narrativas.

Narrativas, orais e escritas, têm sido utilizadas na história humana como recurso educativo e se constituem em instrumento cultural com grande potencial de organização do pensamento e da realidade na estruturação de aprendizagens. Em geral, relatam o desenvolvimento de uma situação provocada pela vivência de tensões e conflitos, reais ou imaginários, e a forma como eles são resolvidos. As experiências narradas pelos outros são significativas na compreensão da realidade, pois o ouvinte/leitor experimenta, simultaneamente com um certo distanciamento emocional e com uma certa proximidade, uma identificação com a história relatada. (SANTOS E GARMS, 2014, p. 4100)

A entrevista, em especial a do tipo em profundidade e reflexiva, implica em uma atividade interacional, na qual, segundo Szymanski (2004, p. 12), “estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistado e entrevistador.”

Delory-Momberger (2016) complementa que um pesquisador somente acessa um “saber biográfico” pelas entradas permitidas pelo pesquisado. Para ela, o discurso narrativo é a forma que mantém uma “relação mais direta com a dimensão

temporal da experiência e do agir humano” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 141). A temporalidade biográfica é o meio pelo qual as pessoas dão forma ao que vivem. As experiências vividas acontecem em um contexto histórico e social, sendo influenciados pelas marcas da época, dos meios e dos ambientes nos quais estão inseridas.

A primeira entrevista teve início por meio da pergunta desencadeadora: **Como o empreender teve início em sua vida e quais foram os acontecimentos marcantes presentes em sua trajetória profissional?**

Considerou-se os seguintes aspectos para nortear esse primeiro contato:

1. Os processos formativos.
2. O desenvolvimento da carreira e as escolhas profissionais.
3. A opção pelo empreendedorismo e a situação atual.

Para a compreensão da temporalidade da história individual da empreendedora entrevistada, as narrativas coletadas foram transcritas e organizadas em um biograma (primeira versão). O biograma foi o instrumento que permitiu ao pesquisador o aprofundamento no conteúdo da narrativa, organizando-os em ordem temporal e identificando os incidentes críticos vivenciados pelo pesquisado. Foi também um instrumento de ampliação do processo de significação do sujeito em relação às suas experiências de vida, possibilitando-o na agregação de sentidos ao revisitar suas histórias.

Os incidentes críticos são definidos por Almeida (2009) como acontecimentos determinantes nas tomadas de decisões, que levam a mudanças ou reafirmações das rotas escolhidas para o percurso profissional e pessoal.

Woods (1993) refere-se que esses incidentes não são planejados antecipadamente e/ou controlados, exigindo muita energia da quem os vive, impactando conseqüente e fortemente em mudanças no desenvolvimento pessoal (1993 *apud* ALMEIDA, 2009).

Essa primeira versão do biograma deu origem ao roteiro orientador da segunda entrevista, específico para cada empreendedora entrevistada, cujo objetivo foi preencher as lacunas, buscar esclarecer as dúvidas do pesquisador além de permitir ao entrevistado a confirmação ou a alteração de seu relato.

3.4. Procedimentos para coleta dos dados narrativos

Inicialmente, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa Humana – Universidade de Taubaté. Após aprovação do Comitê, foi levantado junto à Associação Comercial da referida cidade pesquisada a relação das micro e pequenas empresas conveniadas.

De posse dos dados das associadas, foi elaborado um questionário no Google Formulário (Anexo I) e enviado para o endereço eletrônico das empresas com data prevista para devolução. No questionário, constavam esclarecimentos sobre a pesquisa, informações pessoais e profissionais, questionamento quanto ao interesse de participação e dados de contato para maiores detalhes.

Entretanto, obtivemos como resposta uma completa, que a empreendedora declinou quanto à continuidade de participação nas entrevistas, alegando falta de tempo para o compromisso; uma pessoa do sexo masculino disse que gostaria de participar, mas não poderia fazê-lo visto ao público alvo da entrevista; e três pessoas que participam desse estudo, entraram em contato por telefone agendando a entrevista pessoalmente, dizendo que assim as questões do formulário seriam respondidas no encontro. Desta forma, desconsideramos o questionário como instrumento válido para adesão de participantes.

Diante do fato relato, a escolha dos participantes deu-se por indicação das entrevistadas, considerando ainda o número proposto de empreendedoras por geração e a generosidade delas em relatar suas histórias e sentimentos.

Os contatos iniciais foram feitos por telefone e em data/horário/local pré-determinados foram realizadas as primeiras entrevistas, com a anuência das participantes registrada nos termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

A primeira entrevista foi transcrita e sintetizada na primeira versão do biograma. Cabe esclarecer que segundo Sá e Almeida (2004), o biograma é um instrumento que favorece o diálogo entre pesquisador-pesquisado, permitindo que o pesquisador organize e transcreva coerentemente os dados narrados nas entrevistas e que os pesquisados pensem sistematicamente na sua trajetória profissional e pessoal, aprovando ou alterando os dados descritos de acordo com aquilo que realmente foi vivido ou sentido, aumentando o nível de confiabilidade da pesquisa.

Torna-se importante também esclarecer que para manter sigilo quanto aos nomes e demais dados das pesquisadas, foram utilizados nomes fictícios de flores.

Esses foram escolhidos pela pesquisadora, de acordo com os sentimentos desencadeados pelas narrativas das entrevistadas. A escolha deve-se à analogia, pois essas mulheres, mesmo diante de suas fragilidades, embelezam significativamente a sociedade, em que estão inseridas e as pessoas que as veem como exemplo de força e realização.

Após a elaboração do biograma referente aos dados da primeira entrevista, realizou-se um novo encontro com cada entrevistada para a devolutiva dos dados levantados na primeira entrevista. Esse momento teve um roteiro individualizado, baseado nas narrativas particulares da participante e na primeira versão do biograma, com o objetivo de validar e preencher as lacunas sobre data, fatos, situações, significados e acontecimentos marcantes/decisivos.

A segunda entrevista possibilitou uma nova e definitiva versão do biograma, em que constam os incidentes críticos já confirmados pelos participantes.

Os biogramas finais foram sobrepostos com a finalidade de identificação dos aspectos comuns e singulares presentes nas trajetórias profissionais dos três grupos de mulheres empreendedoras.

3.5. Procedimentos para análise dos dados narrativos: biogramas e sobreposições

Na pesquisa sobre os significados dos incidentes críticos nas trajetórias profissionais de empreendedoras, considerou-se os relatos biográficos para a elaboração de biogramas – sínteses esquemáticas das narrativas, utilizando-se das três categorias apontadas por Bolívar (2002) – cronologia/fatos, acontecimentos e incidentes críticos. O modelo utilizado compreendeu: cronologia/ano, idade vital, idade profissional e incidentes críticos (acontecimento/significados). Para sua elaboração, foram necessárias muitas leituras das transcrições das entrevistas.

As narrativas foram transformadas nessas sínteses esquemáticas, utilizadas como instrumento para nortear o segundo encontro com as pesquisadas, no qual elas puderam validar, negar ou alterar informações presentes no primeiro biograma. Cada dimensão foi analisada pelo próprio sujeito, possibilitando uma segunda e definitiva versão dos biogramas, que permitiu o conhecimento das singularidades presentes nas narrativas das trajetórias profissionais.

Quadro II – Modelo de Biograma

Azaleia					
Ano	Idade Vital	Idade Profissional	INCIDENTE	Sentido	Trecho
1990 - 1993	10 a 13	1 a 4	Trabalho informal com a família e sonho inviável de ser médica	Dedicação, responsabilidade e empenho para crescer	Comecei a trabalhar desde cedo, comecei a cuidar das coisas do meu pai com dez anos, eu era a filha mais velha, então quem dirigiu o trator pela primeira vez, buscou trator de caminhão de terra, arroz, laranja era eu e quando a minha mãe foi trabalhar eu já tinha doze pra treze anos, e além de eu ter algumas atividades que eu precisava pra dirigir eu tinha a casa e meus irmãos. Eu estudava meio período e tinha essas atividades, tarefas que eu achava que era super importante pra preencher o dia, sempre fui uma aluna boa, exemplar, não vou dizer que era aluna dez em tudo, mas sempre fui uma aluna exemplar, cuidei dos meus irmãos. Os meus irmãos não passaram metade das coisas que eu passei, minha irmã então pegou a parte mais tranquila, eu não reclamo dessa parte, pra mim foi um despendimento. Quando você é criança você idealiza um sonho de carreira, quando criança eu queria ser médica e eu comecei a estudar a viabilidade de ser médica, uma vez eu fui ver naqueles guias quanto era o investimento pra médica, meu pai falou que infelizmente não tinha condições pra manter isso, e era pra ver o que eu podia fazer aqui por perto...
1994 - 1995	14 a 15	5 a 6	Primeiro Trabalho Formal, Curso técnico e de idiomas	Ampliação de horizontes, renda financeira possibilitando o curso de idiomas, novas responsabilidade e oportunidade de crescimento	Aos quatorze eu comecei a trabalhar como auxiliar de dentista por que eu queria pagar meu inglês. Ela teve aqui domingo almoçando com a gente e falou pra mim que a gente cresceu juntas por que eu era uma menina de quatorze, só que eu fui muito grande, muito alta, e ela como recém-formada, vindo de Alfenas, montou um consultório aqui. Fui para área de técnica de segurança de trabalho que é uma área muito técnica e bem interessante que você tem uma noção de tudo, nunca atuei como técnica de segurança, nunca tive tempo de fazer

					o estágio na área.
--	--	--	--	--	--------------------

Fonte: a autora, 2018

Com os biogramas finais elaborados, tornou-se possível a compreensão na prática da afirmativa de Bolívar (2002) quanto ao tratamento das narrativas como análise dos relatos individuais e particulares de cada sujeito, possibilitando a elaboração de uma nova história com autenticidade de coerência, fruto da visão do pesquisador diante dos fatos e sentimentos narrados. Porém, a esquematização dessa versão é uma ferramenta para que o sujeito revise sua história e valide-as, identificando os acontecimentos que determinaram transformações e desenvolvimento de suas trajetórias.

Sá (2004) demonstra os seguintes aspectos como vantagens em se trabalhar com biogramas: representar toda uma vida profissional esquematicamente, otimização do tempo na reconstrução das trajetórias em conjunto pesquisado-pesquisador, identificação de regularidades nas trajetórias individuais quando em superposições e preservação das singularidades.

Essas vantagens foram verificadas nas sobreposições dos biogramas, após a elaboração das versões finais de cada empreendedora. Essa etapa, primeiramente, foi realizada por geração, permitindo a identificação e análise dos acontecimentos comuns e sua distinção dos singulares, referentes às mulheres nascidas em um mesmo período, reconhecido como espaço de tempo determinante desse grupo.

Posteriormente, a sobreposição dos incidentes críticos foi realizada com a versão final de todos os biogramas, independente da geração pertencente, possibilitando a identificação do comum e do singular referentes às trajetórias empreendedoras das pesquisadas.

O quadro II representa um modelo de sobreposição por geração:

Quadro III - Modelo Sobreposição Incidentes Críticos – Geração *Baby Boomer*

Sujeito	IP	IV	Incidente	Sentido
Rosa	0	9	Dificuldade financeira da família – ajudar a mãe com pequenas	Ainda pequena, fazia algumas coisas para mãe e vizinhas, buscando diminuir as dificuldades financeiras da família e encontrando um sentido para

			coisas	o que vivia.
Jasmim	0	10	Situação familiar difícil	Tristeza e insatisfação com a situação financeira da família. Necessidade de buscar soluções e sem condições algumas de continuar os estudos.
Begônia	0	14	Incêndio na casa da família	Separação da família e busca de estratégias para assumir financeiramente a família juntamente com a mãe e uma irmã
Lírio	1	8	Trabalhar como babá	Apoiar financeiramente a família, que era muito humilde. Orgulho por trabalhar desde muito cedo, valor passado aos filhos.
Rosa	1	10	Morar com os padrinhos, para trabalhar	Buscar melhores condições de vida, devido a humilde situação familiar. Alegria por ter tido a oportunidade de uma vida melhor.
Jasmim	1	12	Trabalhar como manicure (menor aprendiz) em um salão	Apoiar financeiramente a família. Encontrar algo que sabia fazer, para entrar no mercado. Orgulho por buscar saídas desde muito nova.
Girassol	1	15	Empregar-se para ter seu próprio dinheiro	Busca de liberdade financeira e não suportar a ideia de dependência para ter ou realizar algo. Orgulho por não precisar depender de ninguém.
Begônia	1	17	Trabalhar em um escritório de contabilidade	Para contornar os problemas familiares e por iniciativa de sempre cuidar de si e dos outros. Orgulho de ser a primeira a pensar em ajudar e juntar a família.
Jasmim	5	15	Ser mãe – Realização e revisão das possibilidades	Aprender a viver uma nova rotina, trabalhar em sua própria casa, dando conta da família e clientes, inovando para se ter um ganho maior.
Begônia	6	22	Banco Central do Brasil	Realização plena por conseguir fazer parte do primeiro grupo de mulheres na fiscalização do banco. Porém com grandes desafios, preconceitos e discriminações. Resiliência para enfrentar cada um deles.
Rosa	9	21	Primeiro filho e Casamento	Mudança em todos os sentidos, novos desafios, descobertas e dificuldades. Sobrecarga, muita responsabilidade e determinação para enfrentar os desafios.
Jasmim	11	21	Curso de cabeleireira	Empolgação em buscar aprimoramento dos serviços prestados, esforço para manter financeiramente o curso e a família, garra para enfrentar o esposo que não queria que ela realizasse o curso. Orgulho de ter se superado.
Begônia	11	27	Casamento	Continuou morando em São Paulo e via o marido nos finais de semana. Ele era comerciante em sua cidade e não se adaptou ao ritmo da Capital.
Rosa	12	24	Venda de marmitas e salgados	Determinação para manter um negócio que ela tinha condições de realizar e apoiar financeiramente o esposo, na melhoria de condições para família

Fonte: a autora, 2018

O Quadro III, a seguir, mostra o modelo de sobreposição dos incidentes críticos apontados por todas as empreendedoras entrevistadas.

Quadro IV – Modelo Sobreposição Incidentes Críticos todas gerações

Geração	Sujeito	IP	IV	Incidente	Sentido
Baby Boomer	Lírio	1	8	Trabalhar como babá	Apoiar financeiramente a família, que era muito humilde. Orgulho por trabalhar desde muito cedo, valor passado aos filhos.
Y	Liz	1	9	Venda de brigadeiros e bijuterias na escola, feitos por ela.	Despertar de uma empreendedora, buscando negociar e fazer algo para obter seus próprios recursos financeiro.
Baby Boomer	Rosa	1	10	Morar com os padrinhos, para trabalhar	Buscar melhores condições de vida, devido à humilde situação familiar. Alegria por ter tido a oportunidade de uma vida melhor.
X	Azaleia	1	10	Trabalho informal com o pai, apoio nos trabalhos rurais	Dedicação, responsabilidade e empenho para crescer. Participação ativa nos afazeres dos trabalhos de produtores rurais dos pais.
Baby Boomer	Jasmim	1	12	Trabalhar como manicure (menor aprendiz) em um salão	Apoiar financeiramente a família. Encontrar algo que sabia fazer, para entrar no mercado. Orgulho por buscar saídas desde muito nova.
X	Orquídea	1	12	Influenciada pela cultura local, iniciou sua vida profissional.	Buscar por recursos para apoiar a família e para conseguir aquilo que almejava, passando por alguns empregos, sempre em busca de condições favoráveis ao seu desenvolvimento.
X	Gérbera	1	14	Falência do Pai	Aprender com o perder a facilidade de ter o queria, despertando para a criação e buscando soluções para conseguir fazer a viagem de formatura.
X	Margarida	1	15	Início da carreira em uma fábrica de calçados	Ter condições de apoiar financeiramente a família, buscando recursos para continuidade dos estudos, aceitou o desafio de trabalhar em um fábrica de calçados.
Y	Gardênia	1	15	Discussão com o pai, passar a morar com a vó e o primeiro emprego (informal)	Necessidade de buscar recursos financeiros e independência, já que havia saído de casa após uma discussão com o pai e ido morar com os avós. Movida pela ambição. Primeiro emprego informal.
Baby Boomer	Girassol	1	15	Empregar-se para ter seu próprio dinheiro	Busca de liberdade financeira e não suportar a ideia de dependência para ter ou realizar algo. Orgulho por não precisar depender de ninguém.
Baby Boomer	Begônia	1	17	Trabalhar em um escritório de contabilidade	Para contornar os problemas familiares e por iniciativa de sempre cuidar de si e dos outros. Orgulho de ser a primeira a pensar em ajudar e juntar a família.

Y	Tulipa	1	17	Faculdade e estágio	Dúvidas iniciais quanto à escolha profissional, mas logo reconhece que a psicologia lhe trouxe satisfação e muita aprendizagem com o estágio-primeiro emprego no CRAS.
X	Hortênsia	1	17	Início da carreira como professora substituta	Ao cursar o magistério, por muitas vezes foi substituta na rede pública. Experiência prática muito boa, porém determinante para não seguir a carreira de professora no ensino fundamental e médio.
Y	Dália	1	18	Início da vida profissional, não como empreendedora	A vontade de ter seu próprio negócio sempre prevaleceu. Mas, essas experiências profissionais fortaleceram a ideia de empreendedorismo.
Y	Violeta	1	19	Ida para Capital – estudo e trabalho	Ida para Capital para estudo e trabalho. Desenvolvimento e crescimento com os grandes desafios profissionais. Aprendizagem e oportunidade de novos conhecimentos. Bons serviços, mas insatisfação com a vida que levava. Solidão e vazio.

Fonte: a autora, 2018

A partir dos quadros de superposição de biogramas que reúnem os momentos vividos pelas empreendedoras em suas trajetórias profissionais e pessoais, foi possível a identificação de aspectos singulares a cada uma e dos aspectos comuns à maioria delas como: inserção na vida profissional, maternidade e seus impactos, conquista do próprio negócio, mudanças de cidades e estados, experiência no exterior, momento atual e perspectivas futuras. Destacou-se também que esse processo foi marcado por revisitar ao passado, exercitando a memória, causando-lhes emoções expressadas em palavras e atitudes.

Assim, são apresentadas a seguir as principais características encontradas na constituição das trajetórias profissionais dessas empreendedoras, a partir dos quadros de superposições dos biogramas.

4. TRAJETÓRIA PROFISSIONAIS DE EMPREENDEDORAS: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos no estudo das trajetórias profissionais das empreendedoras pesquisadas foram divididos em quatro momentos. Inicialmente, apresenta-se o perfil das mulheres estudadas e suas características, relacionando-os aos resultados de outras pesquisas.

Em seguida, apresentam-se os incidentes críticos singulares identificados pelos próprios sujeitos, relacionando-os à determinada geração. A partir das singularidades, indicam-se os incidentes críticos comuns às trajetórias das empreendedoras.

Finalmente, faz-se a relação entre o singular e o comum nas diferentes gerações, evidenciando os acontecimentos que as caracterizam como empreendedoras em busca de espaços, consolidação profissional e fortalecimento de sua identidade.

4.1 O perfil sociodemográfico das empreendedoras

No Brasil, de cada 100 brasileiros, 36 pessoas encontram-se em atividades empreendedoras direta ou indiretamente. Na Pesquisa GEM (2017), os empreendedores são divididos em dois grupos definidos como:

-Empreendedores Iniciais: Pessoas que se encontram no começo da criação dos próprios negócios. Esse grupo é integrado, em sua maioria, por pessoas entre 25 e 34 anos (30%), seguidos em 22,9% por pessoas entre 35 a 44 anos. E, por último, encontram-se representados os empreendedores entre 55 e 64 anos (10,4%). Quanto à escolaridade, 52,7% dos integrantes possuem o ensino médio completo ou iniciaram o superior e 6,3% desses concluíram o ensino superior e/ou a pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado).

- **Empreendedores Estabelecidos:** São os proprietários de negócios seguros e estabilizados. Esse grupo é composto em sua maior parte por pessoas de idade entre 35 a 44 anos (30,1%) e de 45 a 54 anos (26,5%). Quanto à escolaridade, há maior porcentagem de pessoas com ensino médio incompleto (55,4%) do que as que completaram o ensino médio (38,1%), sendo que poucos concluíram o ensino superior. A Pesquisa GEM aponta, ainda, que o menor número de pertencentes ao grupo dos empreendedores estabelecidos está na faixa de idade de 18 a 24 anos e a presença de pessoas com idade entre 55 a 64 anos é expressivamente maior do que os pertencentes no grupo de empreendedores iniciais.

A pesquisa aponta também algumas questões quanto:

-Ao estado civil: os casados superam os solteiros, tanto como empreendedores iniciais como estabelecidos.

-À busca de apoio em órgãos especializados em empreendedorismo: o maior número de pessoas que recorre a esse apoio está entre 35 e 44 anos e já concluiu o ensino médio. Os motivos apontados pelos que não buscaram por esse serviço estão relacionados à falta de conhecimento, falta de interesse e de necessidade.

-Às atividades com maior representação do empreendedorismo feminino: cabelereiros e outras atividades de tratamento e cuidados com a beleza, serviços domésticos, comércio varejistas de cosméticos, produtos de beleza e higiene, serviços de comida preparada ou bufê.

As empreendedoras, sujeitos da pesquisa ora relatada, foram divididas de acordo com as gerações profissionais reconhecidas na maioria dos estudos sobre o assunto, identificadas como nascidas em determinado período histórico. Buscou-se delinear o perfil de cada um dos grupos geracionais e comparar suas características com as apontadas pela pesquisa GEM.

No Quadro V, a seguir, apresentam-se as características das empreendedoras da geração *Baby Boomer*, identificadas pelos nomes fictícios.

Quadro V: Dados das Empreendedoras Geração *Baby Boomer* – (1946 a 1964)

Nome Fictício	Idade Vital	Estado Civil	Tempo de Empreendedorismo (anos)	Escolaridade
Girassol	54	Casada	11	Superior
Jasmim	56	Divorciada	44	Médio Incompleto

Begônia	64	Viúva	01	Especialização
Lírio	65	Casada	32	Médio
Rosa	66	Casada	45	Fundamental

Fonte: a autora, 2018

Dentre as empreendedoras da geração *Baby boomer*, apenas uma das pesquisadas foi considerada empreendedora iniciante e quatro empreendedoras estabelecidas. De acordo com os indicadores de escolaridade da pesquisa GEM (2017), 55,4% dos empreendedores estabelecidos não concluíram o ensino médio, sendo confirmado em três das empreendedoras pertencentes, que possuem ensino fundamental, médio incompleto e médio.

A pesquisa GEM apresenta ainda que 57,2% dos empreendedores iniciantes concluíram o ensino médio ou superior. A única pesquisada da geração *Baby Boomer* considerada como empreendedora iniciante, não só concluiu o superior como terminou especialização na área de opção da formação profissional.

A pesquisa GEM não menciona dados quanto à questão dessas profissionais terem atuado em outra profissão antes de empreenderem, mas no caso das trajetórias das mulheres aqui analisadas, as três consideradas como empreendedoras estabelecidas e com formação até o ensino médio, iniciaram suas trajetórias profissionais já como empreendedoras. As outras duas pesquisadas, com formação superior ou especialização, fizeram carreira em profissões pertinentes à sua graduação e só despertaram para o empreendedorismo, após uma longa trajetória na área de formação inicial.

Embora a pesquisa GEM apresente que a maioria das “empreendedoras estabelecidas” possua o ensino médio, apenas uma delas apresentava essa escolaridade. Duas não concluíram esse nível de ensino e as outras duas finalizaram o ensino superior.

Todas as mulheres entrevistadas eram casadas, resultado equivalente ao apontado pela pesquisa GEM. Ressalta-se que duas delas divorciaram-se por não conseguirem ultrapassar uma das maiores dificuldades, como apontado por Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), sobre o reconhecimento de seus cônjuges quanto ao aspecto profissional. Uma dessas relatou agressão física enquanto grávida, por não aceitação do ex-marido quanto ao seu desenvolvimento e crescimento como uma mulher atuante e pertencente ao mercado de trabalho.

Desse grupo, apenas a iniciante mencionava nas entrevistas utilizar-se do SEBRAE como apoio para seu negócio. Três sequer fizeram menção a qualquer órgão e uma delas disse ter feito falta, porém, hoje, não demonstra mais interesse e necessidade em procurar por esse tipo de apoio.

Quanto às atividades apontadas como as mais comuns no empreendedorismo feminino, quatro delas encontravam-se desempenhando atividades indicadas na pesquisa GEM, como cabelereiros/tratamento de beleza ou serviços de comida. Apenas uma mulher distancia-se desse indicador, atuando em um empreendimento que segue o ramo de sua atividade anterior – serviços de seguros oferecidos também pelos bancos.

No Quadro VI, são apresentadas as características das empreendedoras pertencentes à Geração X.

Quadro VI: Dados das Empreendedoras Geração X – (1965 a 1980)

Nome Fictício	Idade Vital	Estado Civil	Tempo de Empreendedorismo (anos)	Escolaridade
Azaléia	38	Casada	02	Especialização
Gérbera	38	Casada	14	Especialização
Margarida	38	Casada	17	Superior
Hortênsia	46	Casada	15	Superior
Orquídea	50	Divorciada	24	Médio

Fonte: a autora, 2018

Na geração X, também há uma pesquisada considerada como empreendedora iniciante e quatro enquadram-se como empreendedoras estabelecidas. Esses dados estão em consonância com o indicador da pesquisa GEM, de que o maior número de empreendedores estabelecidos está entre os 35 e 54 anos.

Já quanto à escolaridade, dentre as mulheres pertencentes a essa geração, uma concluiu o ensino médio e as demais terminaram o ensino superior, sendo que duas destas certificaram-se em especializações nas áreas compatíveis à sua graduação.

Nas narrativas, foi possível identificar que quatro delas iniciaram sua vida profissional em atividades não relacionadas ao empreendedorismo e a única que já

iniciou sua carreira como empreendedora manteve sempre duas atividades paralelas – o seu negócio por opção e a administração dos negócios da família por obrigação e sentimento de pertencimento.

As cinco mulheres estudadas nessa geração eram casadas. Uma divorciou-se, decisão que, segundo seu relato, não foi de encontro a alguns de seus valores, mas reforçou outros, como a superação da resistência do ex-marido em reconhecer seu trabalho como algo importante para ela e para a manutenção da família.

A única considerada como empreendedora iniciante buscou apoio junto ao SEBRAE, até mesmo por ser o empreendedorismo uma solução ao desemprego, motivado, segundo ela, pela discriminação de gêneros. As demais não apontam como necessário e/ou significativo o apoio de instituições especializadas no empreender.

Há diversidade quanto às atividades das empreendedoras, sendo que uma é de serviços de comida, três estão ligadas à venda de roupas e uma desenvolve serviços de beleza. Todas estão nas atividades consideradas como as de maior frequência ao tratar-se do empreendedorismo feminino e que correspondem às atividades tradicionalmente consideradas femininas.

A seguir, apresenta-se o Quadro VII, que contém as características das empreendedoras da Geração Y:

Quadro VII: Dados das Empreendedoras Geração Y – (1981 a 2000)

Nome Fictício	Idade Vital	Estado Civil	Tempo de Empreendedorismo (anos)	Escolaridade
Liz	19	União Estável	04	Médio
Dália	26	Casada	03	Superior
Tulipa	27	Solteira	01	Especialização
Violeta	32	Solteira	02	Especialização
Gardênia	33	Casada	03	Superior

Fonte: a autora, 2018

As pesquisadas da Geração Y, em função da idade vital, encontram-se como empreendedoras iniciantes – em processo de desenvolvimento do próprio negócio. De acordo com os dados sobre educação da pesquisa GEM, a maioria dessas empreendedoras tem no mínimo o ensino superior, sendo que das pesquisadas

apenas uma, de menor idade, terminou o ensino médio e mostra-se totalmente decidida em não dar continuidade à formação formal, tendo o objetivo de desenvolver-se em cursos específicos em sua área de atuação.

Se na pesquisa GEM, a maior parte dos empreendedores são casados, nesse grupo, uma das entrevistadas estava em união estável, sendo o companheiro também o parceiro no negócio, e duas encontravam-se solteiras. Segundo as narrativas, as solteiras buscaram cursar especialização, provavelmente uma característica dessa geração na busca de outras formações e interesse na continuação de seu desenvolvimento acadêmico/profissional.

Quatro das pesquisadas despertaram para o empreendedorismo após outras experiências profissionais, em atividades referentes às opções de formação. Para três delas, a escolha do empreender foi por iniciativa própria e descontentamento com a realidade vivenciada. Uma dessas relata dificuldades encontradas na experiência profissional pelo fato de ser mulher, sofrendo assédio moral, sexual e discriminação quanto a reconhecimento e remuneração. Uma das pesquisadas optou por empreender como a única forma para obter recursos financeiros, até mesmo para que futuramente possa conciliar sua opção profissional com sua habilidade nos negócios.

Desse grupo, quatro relatam reconhecer a importância da busca de apoio junto ao SEBRAE, visando melhores resultados na arte do empreender. Uma utiliza de todos os recursos do órgão especializado para seu crescimento e enfrentamento das dificuldades encontradas no desenvolvimento de seus negócios. Duas buscaram pelos treinamentos ofertados pela entidade, para conhecimento de soluções e ferramentas gerenciais. Uma estava com horário agendado junto à entidade, buscando por consultoria. E apenas uma não se referiu à necessidade ou interesse pela busca de suporte dos profissionais especializados.

Quanto às atividades consideradas predominantes pela Pesquisa GEM, três pertencentes a essa geração estavam em negócios voltados aos serviços de comida e duas encontram-se na venda de roupas ou acessórios, característica comum às três gerações.

4.2 Singularidades nas trajetórias profissionais

A narrativa dos momentos vivenciados por uma pessoa resulta na história de vida desse indivíduo. O reunir ou agregar de instantes possibilita a elaboração

cumulativa e integração das experiências vividas, entendida com dimensão biográfica. Ao narrar sua história, o sujeito configura e interpreta os fatos e momentos, dando sua forma e seu sentido às experiências vividas. (DELORY-MOMBERGER, 2016).

Para Ferrarotti (1991),

Um homem é um indivíduo; o melhor termo seria o de um universal singular; tendo sido totalizado, e assim universalizado pela sua época, ele retotaliza, reproduzindo-se a si mesmo como singularidade. Sendo, em princípio, universal através da universalidade singular da história humana e singular pela singularidade universalizante dos seus projetos, este homem precisa ser estudado com ambas as perspectivas em simultâneo. (FERRAROTTI, 1991, p. 173)

Ao discutir sobre o desenvolvimento do conhecimento científico, por meio da pesquisa biográfica-narrativa, Bolívar (2002) afirma tornar-se possível a compreensão dos sentidos atribuídos pelas pessoas ao que realizam e vivem, mediante suas histórias contadas e descrições feitas dos incidentes críticos percebidos como marcantes em suas trajetórias. Nesse modo de pesquisar são conhecidas as características distintas, os acontecimentos únicos e não repetíveis.

Buscando conhecer o singular das narrativas de cada sujeito do presente estudo, apresentam-se, a seguir, os incidentes narrados como determinantes na trajetória de cada participante. Ressalta-se que alguns desses incidentes repetem-se nas histórias de vida dessas mulheres. Entretanto, a singularidade é perceptível pelos sentidos dados aos incidentes vividos, que se tornam únicos mesmo quando comuns à vida de várias outras pessoas.

4.2.1 Geração *Baby Boomer*

Begônia: uma história de recomeços

Begônia é uma mulher experiente, sempre à frente do seu tempo, sua história é marcada por atitudes e decisões inteligentes e resilientes. Recentemente, tornou-se proprietária de uma doceria em parceria com a filha Tulipa, que também é sujeito dessa pesquisa. Afirma ser caridosa e cuidadosa com todos, nascida em uma família que passou por grandes dificuldades, superadas pela força e perseverança, especialmente dela. Sua trajetória profissional é feita de um constante

aperfeiçoamento e reinventar-se diante de cada obstáculo ou necessidade impostos pela vida.

O primeiro incidente crítico: incêndio na casa da família

Begônia teve uma infância comum, em uma família de classe média-baixa. Morava com os pais e sete irmãos. Aos quatorze anos, a casa onde residiam, incendiou-se. Diante do acontecimento, ela relata:

Nós assumimos o contorno da situação, a mamãe, a primeira filha e eu. Então nós três passamos a comandar toda, toda a família em todos os aspectos e nós ficamos quatro anos e meio sem casa, cada parte da família ficou na casa de um dos familiares. Acho que 2 em uma casa, 2 em outra, 2 em outra, foi assim, nós éramos 8 [...] Depois de 4 anos e meio, eu fui a primeira que comecei a trabalhar, a mamãe que nunca tinha trabalhado fora começou, a vender Christian Gray na época [...] Foi quando a gente conseguiu começar a montar a casa. (BEGÔNIA¹)

Disposta a solucionar as questões pendentes e a buscar a realização dos seus sonhos, relatou com orgulho essas habilidades.

Desde pequena eu tinha muita força mesmo, eu sempre fui assim, não sabia explicar, mas eu sabia, eu sempre soube o que eu quis, eu acho que isso é uma graça muito grande. [...] Eu lembro do meu avô, pai da mamãe, não entendia nada o porquê que ele falava aquilo, ele passava a mão na minha cabeça e falava assim: essa baixinha aqui, vai longe. (BEGÔNIA²)

Tão certa de suas pretensões e interesses, ela buscou por aquilo que almejava.

Daí já gostava muito de contabilidade e eu acho que esse histórico, eu sempre era primeiro lugar, primeiro lugar, primeiro lugar, mas nunca foi tanto assim de, eu não era, não vivia grudada nos livros, não vivia grudada nos livros e nem tenho o QI muito alto. Eu sempre percebi que eu não tenho QI muito alto, a vida toda eu percebi isso. Mas eu acho que é o caso de interesse pelas coisas, buscar com naturalidade e de por muita inteligência emocional no meio, porque o relacionamento sempre foi algo bastante importante pra mim. (BEGÔNIA³)

Como narrado pela própria entrevistada, características como certeza dos seus interesses, inteligência/controla emocional em suas ações e a preocupação em relacionar-se bem com os outros fez com que atingisse seus ideais.

¹ Informação verbal.

² Idem.

³ Idem.

O segundo incidente crítico: escolhas para o sucesso profissional

Inspirada por seus próprios interesses, Begônia iniciou sua carreira já pensando em prosperar, crescer e ir muito além do que era. Mesmo ainda sem formação, ela iniciou sua trajetória profissional.

Eu comecei a trabalhar aos 17 anos no escritório de contabilidade da dona Lígia. Ela era muito firme, que ensinava muito bem, aprendi muita coisa lá. [...] antes de fazer 18, já consegui entrar na BASF. Aí fiz concurso e ainda tive que trabalhar uns dias na BASF sem registro, porque ela só pegava com 18 anos, mas acharam que eu fui tão bem no teste que já me seguraram. Tinha ensino fundamental, mas eu não parei de estudar [...] Eu fiz contabilidade, depois especialização em Auditoria. (BEGÔNIA⁴)

Logo após iniciar sua experiência nessa multinacional, Begônia conseguiu trabalhar na Caixa Econômica Federal, sendo rapidamente reconhecida por sua dedicação e eficiência. Pessoalmente, sua preocupação com a família continuou sendo prioridade.

Com 19 passei para auditoria interna da Caixa Econômica Federal que sugeriu o meu nome para gerência... Imagina quando eu tinha 19 anos! Para você ver como eu era terrível! [...] Aí a mamãe encontrou uma casa para comprar para a família e eu organizei a documentação da casa, eu sabia tudo porque eu fazia isso na Caixa, trabalhava em financiamento de imóveis. (BEGÔNIA⁵)

Entretanto, seu sonho profissional era maior e seu maior orgulho foi conseguir chegar nesse local tão almejado.

Eu fui uma das integrantes da primeira turma feminina de fiscalização do Banco Central do Brasil. Nunca tinha tido mulher na fiscalização do Banco. Quando a gente chegou lá, a gente sofreu preconceito de todas as ordens. Daí me colocaram para fazer certas coisas e no começo eles não deixavam a mulher ir para a rua. Mas, Deus é bom mesmo né? Me colocaram numa época fazendo folha de ponto do pessoal. Depois me mandaram fazer na datilografia, um manual de normas cambiais que estava sendo criado, operações com outras moedas, com moedas externas e o que aconteceu? Aprendi o manual inteiro. Daí fui para a rua desde a primeira vez, primeiro dia que eu fui lá fazer fiscalização, fui sozinha. Eu falo que a primeira vez que peguei na mão de uma pessoa, eu não sabia quem tremia mais, os dois estavam tremendo. (BEGÔNIA⁶)

⁴ Idem.

⁵ Idem

⁶ Idem.

Begônia expressa orgulho de ter chegado onde tanto sonhou e conquistado tantos reconhecimentos profissionais. Saiu do Banco Central aposentada e por necessidade familiar. Relata a realização nessa fase de sua vida, mas expressou o quanto foi difícil essa saída.

Eu perguntava para mamãe: mãe a senhora nunca ligou para mim? Nem uma Vaz para me perguntar: Begônia como você está? Está boa?... Minha carga foi grande, eu sozinha e com uma filha e eu era muito nova ainda. Somando a responsabilidade familiar também era bastante grande. Unindo a familiar com a profissional, teve época que me pegou, tive até que me tratar. Não tinha necessidade de me cobrar tanto daquela forma, não tinha, mas eu é que me cobrava, até hoje eu tenho que tomar cuidado com o nível de autocrítica, de cobrança, porque aí eu cobro de mim e cobro dos outros. (BEGÔNIA⁷)

Ela teve que ser a mais forte, a mais resolvida, a com maior capacidade e ao mesmo tempo esperava dos outros as mesmas condições. Certamente essa situação foi pesando e sozinha foi se tornando um fardo para carregar.

O terceiro incidente crítico: ser Esposa e Mãe

Em 1981, Begônia volta o olhar para sua vida pessoal. Resolve se casar e ser mãe.

Eu tinha 27 quando a gente casou. Ele era daqui, ele foi um pouquinho para lá, mas não quis ficar, então logo ele voltou. Ele fez a faculdade lá em São Paulo e veio embora. Já abriu o supermercado em 85, nós tínhamos nos casado em 81, aí ele não quis ficar nada lá, não se adaptou lá. (BEGÔNIA⁸)

Já no Banco Central, emprego seguro e sonhado, ela continuou em São Paulo durante a semana e ficando com o esposo aos finais de semana. Engravidou por algumas poucas vezes, mas as crianças não chegaram a nascer com vida. Resolveu, então, fazer um tratamento alternativo e conseguiu realizar o sonho de ser mãe, manifesto desde menina, quando ainda estudava no colégio católico de sua cidade natal, onde cursou o ensino fundamental e médio.

Eu estava no Carmo, quando eu tinha 12 anos. Na missa escolhi o nome da minha filha, através da passagem do evangelho em que Jesus fala - Talita levanta-te e anda. Minha filha vai se chamar Talita, sempre foi Talita. Daí quando eu perdi três antes dela, logo no comecinho, foi quando eu fiz um tratamento homeopático com minha médica homeopata ginecologista. Foi quando eu consegui reter e me

⁷ Idem.

⁸ Idem.

equilibrei. Porque essa questão da gente perder, deixa-nos muito fora, muito frustrada e muito descompensada. (BEGÔNIA⁹)

Begônia sentia-se realizada, com um bom emprego, casada e mãe. Mas o morar em São Paulo sozinha com a filha, trabalhando o dia todo e a menina na escolinha, o aumento das responsabilidades no Banco e novos desafios para continuar ativa profissionalmente, fizeram-na repensar se não seria o momento de rever sua trajetória pessoal e profissional.

O quarto incidente crítico: aposentadoria e retorno ao Vale

A aposentadoria constituiu um incidente, um divisor de águas na vida de Begônia. Muitas mudanças em um mesmo instante: a saída do Banco, a família unida o tempo todo pela primeira vez, o deixar o agito da capital para viver em uma pacata cidade. Foi preciso uma grande e difícil readaptação.

Eu tive que sair de lá, foi uma decisão, era profissão ou família. Minha filha estava com 7 anos, eu ficava sozinha com ela em São Paulo. O pai nunca mais voltou para morar lá, mas quando eu precisei, quando ela precisava dele, ele ia e ia no final de semana, na sexta feira e nos trazia pra cá, então era assim, ele ia sexta e a gente vinha sábado, ele ia domingo nos deixava e voltava segunda. Daí ficava nós duas lá para passar a semana, né? Eu trabalhando o dia todo, a minha vida toda eu trabalhei o dia todo e ela na escolinha. [...] Eu estava super nova ainda, estava com 42 anos de idade, fazendo carreira no Banco Central. Já estava no nível, vamos dizer assim, de Supervisora. Eu tinha conseguido ser Supervisora de equipe, mas aí estava naquela época que iria acabar a aposentadoria proporcional. Se eu continuasse lá eu ia ter que fazer uma série de cursos que meu cargo atual exigia, eu já estava viajado. O pai dela toda hora tinha que ir para São Paulo [...] Mas aí quando chegou nessa época, quando eu estava com 42 era toda a noite ele ligava e chorava e a filha ligava pra ele e ela chorava, o pai chorando de um lado e ela chorando do outro. E eu naquela indecisão, o Banco Central passando por uma série de reestruturação. É sai!!! Foi bastante difícil, assim não foi fácil, ela também ficou doente quando voltou para cá, porque mudou totalmente a rotina dela. Tinha que me aposentar. (BEGÔNIA¹⁰)

Begônia decidiu-se pela família. O sofrimento foi grande pelo prazer que tinha pelo cargo/posição que ocupava e pela constante cobrança em ser sempre

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

melhor. Mas, o lado pessoal fazia mais sentido naquele instante. Optou, então, pela busca de ser a melhor mãe e esposa.

O quinto incidente crítico: reviravolta profissional e separação conjugal

A adaptação com a nova vida foi trabalhosa e desafiadora. De imediato e por dois anos, ela afirmou que viveu o momento mais difícil do seu existir.

Quando voltei, eu senti muito... Eu cheguei de manhã e a tarde eu tive que ir para Pindamonhangaba. O pai dela tinha criado uma escola para a irmã dele, no nome dele. Tinha ensino fundamental e até aquele momento não tinha diretora, daí passei dois anos, os mais difíceis da minha vida. Fui contratar uma diretora. E trabalhar com a irmã dele, que era dona dessa escolinha infantil. Foram os dois anos mais difíceis da minha vida. Eu aprendi muita coisa. Eu trabalhei com crianças, eu dei aula para as crianças de informática com jogos... Aulas assim bem estimulantes, que eles adoravam, então tinha uma parte boa também. Mas, foi terrível, foram dois anos terríveis. (BEGÔNIA¹¹)

Esses anos foram tão difíceis, que Begônia não suportou. Deixou a escola e foi trabalhar com o marido, cuidando da parte administrativa e contábil do supermercado. Essa tarefa também não foi nada fácil e não teve um final feliz. Após seis anos de convivência profissional, chegou ao fim seu casamento e qualquer relação entre ela e o esposo.

Depois de dois anos, passei a ajudar o marido. Também foi super difícil, que a cabeça dele e a minha também não batiam. Saímos do prédio pequeno, construímos um prédio grande. Ficou legal, do jeito que ele queria e tal. Depois ele vendeu o supermercado, tivemos muitos problemas, tivemos muitos problemas financeiros e nos separamos. Mas, enfim, alguma coisa não deu certo... talvez o nosso, o nosso próprio relacionamento que tenha prejudicado tudo, pode ser. É profissionalmente também a gente tinha ideias muito diferentes, era complicado demais. (BEGÔNIA¹²)

A separação foi dolorosa e cansativa devido ao confronto de personalidades fortes e diferentes, que não conseguiram fazer prevalecer o sentimento de amor entre eles. Pela primeira vez, Begônia mostra-se fragilizada e enfraquecida. Por dois anos tentou restabelecer o equilíbrio, indo de imediato morar em Santos, onde também não obteve sucesso.

Voltou para sua cidade, começou a prestar serviços como contadora para um conceituado posto de gasolina da cidade, mas sua sobrinha faleceu.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

Nós passamos um período muito difícil com a morte da minha primeira sobrinha. É, quando ela morreu eu não fui mais no posto, eu já estava encerrando umas coisas lá. Eu não tive mais coragem de ir. (BEGÔNIA¹³)

A tristeza e a decepção de Begônia foram aumentando. Ela percebeu que era preciso fazer uma mudança radical em sua vida.

O sexto incidente crítico: experiência no exterior

A possibilidade de recomeço surgiu e Begônia decidiu aceitá-la, na esperança de solucionar questões pessoais e financeiras.

Estava abalada com tudo, porque a situação que a gente deixou a empresa não foi simples, ficaram dívidas e processos. Então lá em Angola, o Banco Central de lá precisava de pessoas de algum lugar do mundo, acabou decidindo pelo Brasil para levar um conjunto de 10 pessoas, 10 técnicos pra melhorar a fiscalização do mercado financeiro angolano. O contrato era renovado, nós fomos em outubro de 2009, os 10. Eu fiquei de outubro de 2009 junto com eles até mês junho de 2011 e a partir de julho de 2011, eu fui responsável por criar uma outra área... fui criar a área cambial que é aquela daquele manual lá do início do Banco Central. Tinha salário razoável, mas o mais importante de tudo é que o valor era livre [...] Só que eu era patinho feio, primeiro quem me chamou para trabalhar, não foi o chefe da equipe dos 10. E outra coisa, todos eles estavam trabalhando no mercado financeiro e eu não, entendeu? Então era a patinho feio e fui a única que fiquei em Angola. (BEGÔNIA¹⁴)

Com essa decisão, Begônia voltou a sentir-se útil e importante. A confiança e profissionalismo, sempre presentes em sua trajetória, voltaram a fazer parte de seu viver.

O sétimo incidente crítico: a volta ao Brasil e o nascer da empreendedora

Entretanto, o ex-marido adoeceu gravemente e Begônia começou a pensar em retornar ao Brasil, visto que a filha havia ficado com o pai. Sentiu que a filha precisava dela e deveria estar aqui nesse momento tão complicado da vida de Tulipa.

Depois que o pai dela faleceu eu já estava pensando em vir embora. [...] Eu estava lá quando ele faleceu, cheguei 15 minutos antes do enterro, para me despedir. Mas ainda fiquei mais dois anos na Angola [...] Fui percebendo que era hora de voltar e em setembro de 2017, voltei. Só que antes de vir, quatro meses antes, minha filha foi

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

pra lá. Foram quatro meses para ela se envolver em trabalhos voluntários. A gente foi conhecer o interior do país além de todo o voluntariado, e depois antes da minha filha voltar ao Brasil, tirei quinze dias de férias. Meu último período de férias, nós fomos pra Itália que é a terra de origem do pai dela. Voltei para a Angola fiquei só mais uma semana e vim embora. (BEGÔNIA¹⁵)

Inicialmente, Begônia não veio para o Brasil na intenção de abrir um espaço e se tornar uma empreendedora. Porém, segundo ela, a vida a levou para esse caminho. Na intenção de apoiar a filha, viu-se nesse ramo de atividade e mostrou satisfação pela escolha feita.

Na realidade o motivo de me tornar uma empreendedora é por causa da minha filha, entendeu? Porque nosso negócio seria aberto pela dona aqui do espaço. Na realidade a gente decidiu junto eu e a Filha, tinha aquele espaço, nós ficamos... A princípio minha Filha se interessou muito. Perguntou para mim se eu ajudaria. Eu falei vamos embora filha, se é isso que você quer, você está com vontade de fazer e vamos lá. Estou junto com você. (BEGÔNIA¹⁶)

Mãe e filha são muito unidas. Uma vive em função da outra, o que pôde ser percebido na narrativa das duas. Begônia, porém, quando inicia algo, principalmente no lado profissional, ela o faz para ser o melhor.

Não diferente de todas as outras experiências profissionais, ela vem batalhando para que o negócio cresça e que a filha conquiste seu espaço de maneira sólida e com muito sucesso. Begônia vive hoje em função da felicidade e realização da filha. Ela afirmou que seu intuito atual é deixar a filha pronta para enfrentar o mercado, e para tanto, ela fará o necessário para que isso aconteça. Com sua experiência contábil e administrativa, Begônia vem estruturando a base de uma pequena doceria, sendo seu propósito o de transformá-la em uma franquia, que satisfaça o mercado local, nacional e exterior.

Sua trajetória está sendo renovada e busca ser a referência para a trajetória de Tulipa, tanto profissional como pessoalmente. Sua narrativa se encerrou com a afirmativa de que lutará incansavelmente para a adoção da neta angolana e que seu projeto é ser uma avó do coração como vem sendo uma mãe de sangue.

Girassol: uma história de segurança e adaptação

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

Girassol mostrou ser uma mulher intensa em tudo o que faz, movida pela liberdade de ação e o sentimento de participação ativa em tudo que sentido para sua trajetória. Atualmente, é sócia do esposo em uma seguradora e vice-presidente da associação comercial da cidade. Membro de uma família de classe média, sempre procurou sua independência financeira e condições para ajudar a renda familiar.

O primeiro incidente crítico: primeiro emprego aos quinze anos

A busca por liberdade e independência fez com que Girassol procurasse um emprego ainda muito jovem.

Com 15 anos, porque queria pagar minhas contas, meu pai nunca precisou pagar escola para mim, eu fiz curso técnico, meu pai nunca precisou pagar faculdade para mim. comprava as coisas para mim e ainda ajudava em casa. eu comecei a trabalhar muito cedo, com 15 anos de idade, aí eu fiz um curso técnico, quando eu estava na faculdade, e eu tipo assim... sempre, eu achava um absurdo ter que pedir dinheiro para pai, do mesmo jeito que eu nunca pedi dinheiro pra marido sabe assim? (GIRASSOL¹⁷)

Essas características foram muitas vezes evidenciadas na narrativa da pesquisada. Ser dona de si e dirigir seu próprio caminho, foram condições fundamentais para seu desenvolvimento.

O segundo incidente crítico: estágio no banco

Este acontecimento foi narrado com orgulho por ter sido escolhida entre muitos:

Eu estava fazendo faculdade, e aí foi uma empresa lá para selecionar algumas pessoas para estágio no banco. Tinha umas 54 vagas e eu fui uma das que consegui entrar, aí eu fui fazer estágio no Banespa e minha carreira começou assim, eu tinha só 19 anos. (GIRASSOL¹⁸)

Foi um momento divisor e inesperado, fazendo Girassol sentir-se importante e levando-a a buscar ser uma exemplar profissional.

O terceiro incidente crítico: formação completa e novos desafios profissionais

¹⁷ Informação verbal.

¹⁸ Idem.

A definição de si é ser uma eterna inconformada. Descreve-se sempre em busca de novos desafios e oportunidades. Para ela, sua curiosidade lhe proporcionou experiências inéditas que a fizeram crescer profissionalmente.

Eu comecei a trabalhar como escriturária, só que nessa época tinha uma gerente que trabalhava com open over - uma aplicação financeira que a gente tinha que fechar, uma mesa de negócio até meio dia, era como bolsa de valores, essas aplicações eram diárias, rendiam 80% de um dia para o outro. Aí essa moça ficou grávida, saiu de licença, e o gerente falou assim pra mim: você vai lá, você vai ficar no lugar dela, aí nisso, ela não voltou da licença, ela saiu do banco e ele já me promoveu pra gerente. (GIRASSOL¹⁹)

Devido à rápida ascensão no trabalho, vivenciou a incompreensão dos companheiros de trabalho. Entretanto, isso não foi um limitador para seu crescimento no ambiente bancário.

Com 21 anos, eu estava terminando a faculdade. Foi assim: fiquei no Bamerindus que se tornou HSBC. Eu era gerente de pessoa física, fui promovida a gerente de pessoa jurídica e passei a tomar conta de empresas. (GIRASSOL²⁰)

O crescimento e reconhecimento profissional sempre motivaram Girassol na busca de novas oportunidades e desafios. Essas características foram mola propulsora para sobrevivência no banco por 25 anos, fazendo-a suportar e superar as pressões, bem como os conflitos procedentes das relações humanas no âmbito profissional.

O quinto incidente crítico: mudança de cidade e um novo amor = recomeço

Para de fato recomeçar, foi preciso sair do contexto em que vivia. Sua separação era motivo de muita curiosidade, o que lhe causava constrangimento e sofrimento. Girassol resolveu mudar-se para a cidade vizinha:

Aí eu fui para a cidade vizinha, comecei a trabalhar lá, mudei sozinha. Lá ninguém me conhece, ninguém vai me cobrar nada, vou começar uma vida nova. Comecei, porque daí eu conheci o Marido e aí ele tinha acabado de sair de uma relação e eu também... e a gente começou a se dar bem, se envolver. Teve um dia que eu cheguei nele e falei assim: por que você não vem morar de vez aqui em casa? Com 6 meses, por que você não vem. E aí foi tão interessante que eu já tinha sofrido tanto com o meu primeiro casamento, que a minha família quando conheceu o Marido ficou apaixonada, todo mundo amou. (Girassol²¹)

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

Aos trinta anos, ela permitiu-se recomeçar e ser feliz. Foi um ressurgir de uma mulher intensa e verdadeira consigo mesma.

O sexto incidente crítico: nascimento do filho e acidente de carro

O nascimento do filho foi um acontecimento de realização pessoal. Girassol sonhava em ser mãe.

Eu fiquei sabendo que eu estava grávida e ainda não tinha um mês de gravidez. Eu trabalhei os nove meses inteirinho, sem faltar um dia nem para ir ao médico. Quando voltei a trabalhar, a mãe era a avó. Eu entrava no banco 8:00 e saía 20:00 e muitas vezes eu saía ele estava dormindo, eu chegava e ele estava dormindo. Não sabia o que ele gostava de comer, eu não sabia o que ele fazia, o que ele deixava de fazer, porque naquela época o banco absorvia muito, e eu era totalmente, trabalho, trabalho. quando eu sai dez anos atrás, ele estava com 12 anos. (Girassol²²)

O trabalho fazia com que Girassol se sentisse útil. Ela nunca se viu sem atividades e queria estar sempre produtiva profissionalmente.

Quando meu filho tinha um ano e meio e eu sofri um acidente de carro. Vindo de Cruzeiro, trabalhando pelo banco, capotei o carro, cai em uma ribanceira. O carro capotou dia 13 de agosto de 96. Quebrei a rótula do joelho, porque ficou toda exposta. Quando aconteceu isso comigo eu fiquei 90 dias sem andar com a perna engessada. Do jeito que sou, eu fiquei em choque. Eu ligava para o gerente do banco e falava assim: pelo amor de Deus, você manda alguma coisa para eu fazer aqui em casa... porque eu vou ficar louca, eu falava para ele que eu não aguentava mais. (Girassol)

Ao narrar esses acontecimentos, o sentimento expresso é de uma mistura de autorrealização pelo sonho de ter filho e inconformismo por não estar atuante e produtiva.

O sétimo incidente crítico: término da carreira bancária e nascimento da empreendedora

Com o passar dos anos, a rotina massacrante e limitadora de um bancário fizeram com que Girassol repensasse no sentido daquela profissão em sua vida. Inicialmente, tentou sair do banco, mas acabou cedendo e dando uma segunda chance, que na verdade só a fez certificar-se que sua carreira bancária chegava ao fim. Ela solicitou seu desligamento.

²² Idem.

Aí eu sai do HSBC porque eu não aguentava mais a limitação. Como que eu posso viver em um negócio que não me dá liberdade de fazer uma coisa que eu quero, de me liberar um dia. Não dá, então sabe assim, isso vai acabando com a sua vida [...] entrei em contato com o RH do banco, pedi para eles me demitirem. Quando eu sai de férias, eu deixei minha mesa limpa e voltei das minhas férias, trabalhei mais um mês, aí um dia de manhã o Jorge chegou e falou assim para mim: Girassol o que aconteceu? Eu falei: como assim? Ele falou: chegou sua carta de demissão. Eu falei: graças a Deus! E ele: como assim? Eu: estava esperando Jorge! Eu pedi tanto para você e o banco fez um acordo comigo. (GIRASSOL²³)

Girassol relata ter chegada ao seu limite, não via mais possibilidade de crescimento e criação. Era presa em horários, prazos e metas. Não tinha liberdade de atuação e queria gerenciar sua própria agenda e vida. Depois de anos, ela preferiu buscar novos desafios e abrir-se a novas adaptações.

O oitavo incidente crítico: um recomeçar para si mesmo e para a família

Há dez anos, Girassol se vê realizada profissionalmente e relatou manter o mesmo ânimo do começo de sua carreira. O diferencial é que nesse momento todo seu esforço e entrega são para o negócio da família. Em parceira com o esposo, está à frente da seguradora e nos últimos seis anos, concilia a seguradora com a vice-presidência da associação comercial da cidade.

O administrar seu próprio negócio já é um grande desafio. Porém, Girassol mostrou-se ainda inconformada com a situação atual e fala.

Ah para mim...eu sempre vou querer mais, entendeu? Aqui na corretora, posso atuar em qualquer lugar que eu quiser. A gente tem clientes em Aparecida, Lorena, Caraguá, Piquete, Pinda, Cachoeira... Agora eu acabo de vir de Lorena... então eu posso ir pra onde eu quiser. E o seguro tem um leque de produtos, porque a gente trabalhava por exemplo assim, com algumas coisas e agora eu já estou mudando para outras, eu já estou passando para parte de seguro de vida, seguro saúde. (GIRASSOL²⁴)

O inconformismo faz com que ela sempre acredite que pode e queira fazer algo a mais.

Nesse meio tempo, nesses 10 anos, a 6 eu estava na associação comercial. [...] Na associação comercial é tudo bacana. Os serviços que a gente faz, na parte administrativa, eu gosto muito. Por exemplo, eu organizo os eventos, a gente participa de congresso, palestras, e eu adoro essas coisas... Já parte política do negócio,

²³ Idem.

²⁴ Idem.

*essa parte política eu não tenho Habilidade, não tenho maturidade.
(GIRASSOL²⁵)*

Girassol demonstrou que ainda há muito para sonhar, produzir e realizar. Não demonstrou, nem de longe, vontade de parar ou diminuir o ritmo. Ela relatou que sua ideia atual é buscar novas áreas e conquistar novos espaços. Sentir-se útil e ativa é o que a mantém viva e dá sentido à sua existência. Ela não coloca limites para buscar por sucesso, e com certeza, fará todo o possível para crescer em tudo o que fizer.

Jasmim: uma história de força e coragem

Jasmim mostrou ser uma mulher decidida, batalhadora, que busca constantemente melhorar suas condições financeiras e negócios. Há trinta anos é proprietária de um salão de moda e estética, reconhecido como de sucesso na cidade. Membro de uma família humilde, ainda com pouca idade buscou soluções para obter seu próprio sustento e crescimento profissional. Uma das características mais evidente na trajetória dessa empreendedora também é o inconformismo. Ela nunca se conformou com a situação em que se encontra, não medindo esforços para se superar.

O primeiro incidente crítico: primeiro emprego – aprendiz em um salão de beleza

Jasmim nasceu em uma família desprovida de boas condições financeiras e estrutura. Ela e dois irmãos moravam com a mãe, com quem sempre teve dificuldades no relacionamento. Esse conflito aumentou, após o segundo casamento da mãe, do qual nasceu seu terceiro irmão.

Diante dos fatos, foi preciso ajudar financeiramente na manutenção da casa. Jasmim cursou até o ensino fundamental e muito cedo buscou recursos para auxiliar nas despesas domiciliares. Jasmim buscou oportunidade na área que lhe parecia

²⁵ Idem.

mais fácil, devido ao seu interesse. Pelo seu aparente esforço, a proprietária do salão, percebendo sua situação e necessidade, prontamente a apoiou

Com 12 anos eu já tive que me virar e trabalhar. Então a gente precisava trabalhar para ajudar a minha mãe. Eu sempre gostei dessa parte de unha, de cabelo. Eu achei fácil começar na parte de manicure. Como eu gostava disso e era fácil poder entrar em salão como aprendiz, fui para o salão [...] a dona viu que eu tinha muita vontade, mas pouca prática, porque com doze anos a gente não ganha bem, ela me indicou para um curso na igreja metodista que era um curso gratuito para manicure. Aí eu fui para lá e comecei a fazer o curso e trabalhar para ela, fiquei lá até meus quinze anos. (JASMIM²⁶)

Ainda muito jovem, Jasmim enfrentou o desafio da situação e buscou condições para reverter a situação em que vivia.

O segundo incidente crítico: casamento precoce, filhos e relação abusiva

Devido às condições em que vivia, na tentativa de ter sua própria vida e espaço, com 15 anos Jasmim se casou, dando início imediato a uma relação marcada pelo machismo e ciúmes. Entretanto, sua determinação e força de vontade sempre foram maiores que os problemas, levando-a a enfrentá-los.

Eu casei, só que naquela época era meio complicado mulher trabalhar fora depois de casada. Eu já engravidei logo no primeiro mês e daí pelo conceito de época, que mulher não trabalhava fora depois de casada, comecei a trabalhar em casa. Abri um espaço em casa para poder atender, então eu só fazia unha naquela época [...] começou a ficar muito apertado porque a gente teve que morar no bairro São Dimas e daí lá não tinha clientela mesmo, era muito pequeno. Aí fui trabalhar no salão, meu primeiro filho tinha 4 meses, só que aí logo em seguida eu já fiquei grávida do segundo filho [...] Ela não pagava direito, eu trabalhava muito. Tinha muito problema para receber e passava muita necessidade em termos de dinheiro. Eu precisava daquele dinheiro, pois meu marido não parava em emprego. A renda ainda era mais minha e eu precisava do dinheiro para as coisas da casa. Isso me deu vontade de trabalhar por conta própria. Eu comecei a atender nas casas das clientes. (JASMIM²⁷)

Jasmim foi se adaptando de maneira a conseguir sustentar os filhos, dar conta dos afazeres domésticos e atender suas clientes. Com o passar do tempo, houve necessidade de se aprimorar e achar novas saídas. Muito curiosa e proativa, ela se propôs a fazer algo a mais.

²⁶ Informação verbal.

²⁷ Idem.

eu fazia unha e era muito curiosa, tinha muita vontade de fazer tudo, então junto eu fazia pintura de tecido, fazia crochê e tudo que eu podia ter pra vender, colocava fazendo unha junto com minhas clientes [...] eu senti a necessidade de fazer cabelo, porque eu já fazia cabelo, mas só aquelas coisas de curiosidade, aplicar tinta, fazia hidratação. (JASMIM²⁸)

Ela sentiu necessidade de investir em seu crescimento profissional, mas novamente deparou-se com o comportamento autoritário do marido, que acabou sendo mais um desafio superado.

Sempre, eu sempre quis melhorar, sempre eu quis mais além do que eu tinha [...] Em 84 eu entrei no curso do SENAC, fiz o curso de cabeleireira. Tive muita sorte, porque meu marido era muito machista, eu não podia sair de casa para outras coisas [...] a minha sogra o convenceu a ficar com as crianças, aí eu fiz o curso um ano, trabalhando durante o dia e ia para o curso a noite. eu trabalhava de casa em casa, daí eu arrumava uma bolsa, investi nisso, fiz todas as coisinhas e comecei a vender minhas coisas. Eu ia a pé... Do São Dimas vinha a pé para o Pedregulho. Passava o dia, aí depois ia embora direto para o curso. Aí fazia o curso e depois vinha embora para casa. (JASMIM²⁹)

Apesar de todos os empecilhos, Jasmim terminou o curso e animou-se com domínio de mais uma atividade. Entretanto, uma terceira e inesperada gravidez aconteceu e com ela outro rumo foi dado à sua trajetória.

Eu comecei a fazer cabelo em casa, tinha minhas clientes, aí fiquei grávida do meu terceiro filho o Filho 03. Dificultou muito, porque eu estava trabalhando nas ruas e não podia parar de trabalhar. Meu casamento já estava bem fracassado, já tinha praticamente acabado e eu fiquei grávida. Com a gravidez, vi que não tinha mais jeito mesmo. Pois foi uma imposição, era na hora que ele queria, do jeito que ele queria, aí eu fiquei grávida assim. Eu fiquei muito triste e não queria de jeito nenhum... eu estava começando uma nova vida, de poder fazer e trabalhar ... pensei em desistir, fiquei muito desanimada, por que eu falei: o que eu vou fazer? [...] então, ele me bateu... na realidade eu fui parar no hospital e no hospital eles mesmo que chamaram a polícia. Eu estava grávida e tinha sido agredida. Eu estava com o nariz quebrado, machucada e cheia de hematomas. Aí eles chamaram a polícia, ele teve que responder e eu não queria nada disso. [...] separei dele, ele aceitou muito mal a separação. Ele não deu pensão. (JASMIM³⁰)

Além dos desafios financeiros e familiares, Jasmim precisou enfrentar o desafio da violência doméstica e viu seus objetivos se perderem por um determinado

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

momento. Entretanto, Jasmim não desistiu. Mudou a rota, mas não abandonou seus propósitos iniciais.

O terceiro incidente crítico: regredir para progredir

Esse foi um incidente muito difícil para Jasmim. Ela já havia saído da casa da mãe, que por sua vez tinha continuado sua vida, casado novamente e mantinha pouca afinidade com a filha.

Jasmim diante da agressão, separação e com praticamente três filhos, não tinha para onde ir. Não houve alternativa naquele momento a não ser de pedir auxílio para a mãe. Ela utilizou-se dessa dificuldade como alavanca para reerguer-se.

Aí fui conversar com minha mãe e ela meio contra a gosto, aceitou. Não tinha nem lugar para ficar na casa dela, porque era muito pequeno. A gente não tinha lugar para dormir, porque na casa dela só tinha um quarto. Aí a gente revezava, aí eu arrumava as coisas para as crianças dormirem na sala, aquela coisa triste [...] Como não tinha espaço na casa dela, eu trabalhando assim nas ruas consegui construir uma suíte - um cômodo e um banheiro nos fundos da casa dela e fiquei com as crianças ali. A partir daí, eu comecei atender mais, foi aumentando a minha clientela e do mesmo jeito eu fazia, eu tinha minha bolsa com meus apetrechos de salão e uma bolsa com coisas pra vender, coisas do Avon, Demillus [...] O primeiro terreno que eu comprei, eu ainda estava na casa da minha mãe, morando com meus três filhos e com o dinheiro que eu fazia isso tudo (JASMIM³¹)

O empreendedorismo, resiliência e perseverança foram características constantes e efetivas para que Jasmim conseguisse ultrapassar as barreiras encontradas em sua trajetória de vida pessoal e profissional.

O quarto incidente crítico: anjos no caminho

Este incidente marcou a vida de Jasmim. Embora tenha passado por momentos difíceis, ela demonstrou grande sentimento de estima e gratidão às suas clientes, que considerou como o apoio fundamental para que não desistisse diante dos obstáculos.

Eu tinha muita cliente que por exemplo... como eu trabalhava o dia inteiro na rua e estava grávida, por que eu passei minha terceira gravidez inteira andando na rua... Eu trabalhei até na semana do parto, sozinha, então essas clientes me acolheram muito assim, me

³¹ Idem.

davam almoço, me davam lanche, porque sabiam que eu estava andando grávida. O enxoval dele todinho, foram elas que me deram, porque a gente não tinha condições. Como elas sabiam que eu estava fazendo esse cômodo aqui em casa, para não tirar o dinheiro para o enxoval elas fizeram o enxoval[...] Quando ele nasceu e eu amamentava, uma delas tinha um rancho no fundo da casa dela e me deixou trazer ele para eu não parar de amamentar...então ele vinha comigo e com minha irmã de 14 anos, aí eu ficava atendendo todas elas que se juntavam e iam lá. Quantas pessoas foram assim... anjos na minha vida (JASMIM³²)

Na narrativa de Jasmim, foi possível perceber o quanto ela reconhece que mesmo sentindo-se só e sobrecarregada de responsabilidades, às pessoas que a acolheram reforçaram nela a coragem e garra em vencer.

O quinto incidente crítico: recomeçar – relação, filho e salão próprio

O não desistir estendeu-se para todas as áreas de sua vida. Ela permitiu-se recomeçar, sem medo das consequências de uma nova tentativa.

Eu conheci o pai do quarto filho, que foi uma pessoa que agregou muito na minha vida. Como era mais velho que eu, os meus temores ele tirou em relação a isso, ele achava que eu tinha capacidade. Nessa época mesmo, eu comecei a querer abrir um salão pra mim e aí apareceu essa oportunidade, num lugarzinho ali na Rua Joaquim Maia, que era um espaço pequenininho. Ele falou, vai mesmo, vai dar certo, aí foi até bem simples o salão, porque não tinha muita coisa. Eu trabalhava sozinha nessa época, aí com a ajuda dele até em termos assim...eu tinha na realidade muito medo, eu era muito ingênua, tinha muita força de vontade. Ele até me deu uma ajuda financeira, lembro que foi tudo muito simples, mas ele me ajudou na parte de montar o salão. Quando abri começou Graças a Deus dar tudo certo, comecei até sentir a necessidade de uma ajudante. Sempre eu tive muita vontade de melhorar, então eu abri firma e meu contador tinha uma filha que fazia unha. (JASMIM³³)

Entretanto, ainda não foi nesse momento que o sucesso veio para ficar. Após sete anos de relacionamento, o casamento não deu certo e com a separação os problemas financeiros foram inevitáveis. Ela relatou “a gente perdeu tudo né na época, nós perdemos tudo inclusive eu tive que sair do salão e alugar um outro lugar. Aí eu vim para uma casinha pequena aqui perto e comecei do zero”.

Uma mistura de sentimento se fez presente, mas a força e a característica empreendedora fizeram com que Jasmim não desistisse. Novamente, ela recomeçou.

³² Idem.

³³ Idem.

O sexto incidente crítico: fortalecimento de si mesma, formação do filhos e crescimento do negócio

A partir de 1994, Jasmim tomou definitivamente às rédeas de sua trajetória pessoal e profissional. Com quatro filhos, proprietária de um salão já com mais de dez funcionárias, ela fortaleceu a marca que hoje é sólida na cidade. Não conseguiu estudar, mas foi se aperfeiçoando naquilo que sabia e amava fazer .

Eu era muito novinha pra ter essas coisas assim de cursos e eu tinha muita criança, então não dava pra deixar... Era a vez, deles estudarem. Investi nos cursos que eu podia fazer e eu não tive estudo, o estudo que eu tenho é só de cursos ligado aqui. (JASMIM³⁴)

A dedicação, a coragem e a garra foram determinantes na vida de Jasmim. Seu relato sobre o trabalho desenvolvido, demonstra: *“E foi dando certo assim... É ...eu fiz trinta anos semana passada...Hoje nós somos dez, todos registrados, todos ganham todos os direitos de funcionários”*.

Essa superação a faz repensar em sua posição no empreendimento. Ela almeja sair da operação para tornar-se somente a administradora do seu negócio, podendo assim fazer com que ele cresça, dando oportunidade a outros profissionais.

Pretendo diminuir meu ritmo de trabalhos manual de salão mesmo de fazer o que eu faço, porque hoje eu faço unha, eu depilo.. Depois eu fui entender que quando a gente está na retaguarda, por exemplo lá na frente atendendo, recebendo, marcando, vendendo, eu consigo direcionar melhor meus funcionários, direcionar melhor os horários dos atendidos e mesmo eu pensar em mais coisas para poder estar atendendo melhor as pessoas entendeu? Ter mais produtos, ter mais coisas para poder fazer[...] eu gostaria muito de que isso aumentasse, para gerar mais empregos, ter assim uma estabilidade para poder estar ajudando mais pessoas em termos de trabalho mesmo. Ter mais pessoas trabalhando aqui, ter maior estrutura para que todos tenham qualidade para trabalhar, gerando qualidade e conforto para quem vem ser atendido. (JASMIM)

Após 30 anos de um negócio que só fidelizou por esforço próprio, suas características pessoais foram determinantes para a empreendedora de sucesso que ela se tornou.

Lírio: uma história de determinação e força de vontade

³⁴ Idem.

Lírio é uma experiente mulher de 65 anos, que conquistou seu espaço com muita determinação, força de vontade, perseverança e garra. Proprietária de um salão de beleza, realizou seu sonho de adolescente. Membro de uma família muito humilde, sempre buscou soluções para apoiar financeiramente seus pais. Para estar na posição em que se encontra profissionalmente, foi preciso enfrentar e superar as condições culturais nas quais foi criada, dando-lhe suporte para sua realização e direção em sua trajetória profissional.

O primeiro incidente crítico: conciliar trabalho e estudo

Nasceu em uma família muito humilde. O pai trabalhava na prefeitura, a mãe era diarista e tinham dez filhos para sustentar e criar. Muito cedo Lírio precisou fazer algo para ajudar financeiramente no sustento da casa.

Com oito anos eu era babá, comecei como babá, depois eu comecei a trabalhar fixo por mês, não era mais como babá, de limpeza mesmo e não parei até hoje. Trabalhei em casa de família, isso foi até dezoito anos. Estudei, mas eu trabalhei meio período, todos os meus professores precisavam de mim eu ia. Aí se não dava certo aqui, não me pagava, me punha em outra casa pra trabalhar e foi assim até os dezoito anos. (LÍRIO³⁵)

Nunca teve medo ou vergonha de trabalhar. Ao narrar o início de sua trajetória, demonstrou orgulho e relatou o interesse em passar para os filhos os valores aprendidos e vividos desde criança.

O segundo incidente crítico: falecimento da mãe e reestruturação da vida

Com 18 anos, sua mãe faleceu e foi preciso uma readequação de sua rotina para cuidar da família. Buscou a conclusão do ensino médio e ainda conseguiu receber algum dinheiro para ajudar na manutenção da casa.

Aí com dezoito anos eu perdi minha mãe e parei de trabalhar. Porque aí eu tinha cinco irmãos pra cuidar menores que eu, eu tive que parar, fui obrigada a parar, mas mesmo assim eu ia lá na casa, a última que eu trabalhei, fazia lá umas coisinhas, trabalhava e voltava correndo. Aí foi assim, até que conheci meu marido. Eu estudei até a quarta, depois fiz o quinto ano que antes era separado, depois eu fiz o supletivo, aí terminei a oitava série, o colegial eu fiz também o supletivo, então foi o que me ajudou a ser cabeleireira, senão eu não poderia, você tem que ter o colegial, agora já exige mais, antes era o colegial. (LÍRIO³⁶)

³⁵ Informação verbal.

³⁶ Idem.

Ficou evidente a força e determinação de Lírio para dar conta de toda a responsabilidade que assumiu. Ela expressou na narrativa que sempre se cobrou muito em tudo que realiza. Buscou constantemente fazer tudo da melhor forma possível.

O terceiro incidente crítico: casamento, filhos e formação profissional

Aos 22 anos, Lírio casou-se com um homem apaixonado, mas que mantinha uma cultura machista, de que a esposa precisaria cuidar exclusivamente da casa e dos filhos.

O meu marido não permitia de jeito nenhum que eu estudasse. Ele não me deixava estudar de jeito nenhum, daí tive um filho, dois filhos, três filhos e ele falou: agora você não vai porque você vai ter que criar seus filhos. Aí quando eu criei meus filhos, ele falou: agora você não vai por que eu não tenho dinheiro. (LÍRIO³⁷)

Por dez anos ela cuidou da casa, do marido e dos filhos. O não ter dinheiro para estudar foi mais um estímulo para que ela lutasse por seu sonho.

Aí eu peguei e arrumei emprego em frente de casa, no Tom Marrom. Trabalhei lá durante dois anos, paguei todo o meu curso e estou aqui. Lá eu era cozinheira, chefe de cozinha, amava, eu amava. Daí fiz o curso para cabeleireira, foi um ano de curso. Depois abri um salão na minha casa, com um ano, aí tinha mais oito meses de curso, continuei no curso, no Tom Marrom, trabalhando na minha casa, trabalhando no salão. Amava cabelo, desde quinze aninhos eu já arrumava cabelo dos outros, da minha mãe eu escovava, fazia touca, aparava, fazia maquiagem. (LÍRIO³⁸)

Lírio nunca teve a pretensão de ser empreendedora, ela sonhava em fazer o que gostava desde jovem e não havia obstáculo que pudesse impedi-la, principalmente porque as crianças, embora ainda estivessem pequenas, já conseguiam se ajeitar e a apoiavam no que fazia.

O quarto incidente crítico: profissionalização e crescimento do espaço profissional

³⁷ Idem.

³⁸ Idem.

Mesmo sem conhecer sobre gestão de negócios e todos os termos envolvidos, ela buscava obter clientela e fidelizar aquelas que já frequentavam seu salão, aperfeiçoando o conhecimento.

Sozinha, sempre sozinha, eu tinha manicure, mas cabelereira não. Eu dava um serviço pra alguém de presente, fazia um sorteio, cortava aquele cabelo maravilhoso, escovava e aí vinha mais umas três. E assim foi, comecei devagarinho, fui cumprindo horário, o principal em qualquer profissão é você cumprir horário. As pessoas passavam e o salão aberto ainda, aí ah vou ali está aberto ainda, e assim foi indo. Trabalhava de terça a sábado e fui fazendo muitos cursos, em São Paulo na Avenida Paulista, na Wella e Alfaparf. No começo era difícil porque era tudo muito caro e não tinha o crédito que tenho hoje. Depois passei a não pagar nenhum curso. (LÍRIO³⁹)

O marido já havia repensado na ideia de ter uma mulher profissional independente, afinal ela já havia passado a ser um suporte financeiro para manutenção da família.

Em um ano de trabalho eu comecei a ganhar igual ele. Ele era motorista e comecei a ganhar igual ele. Mas, tudo que eu fazia era tudo no controle, no dia-a-dia marcadinho ali, muito controlado, porque aí ele ia lá ver... Ele abriu mão, porque passei a ganhar igual a ele, paguei a faculdade das crianças junto com ele... então resolveu ir em frente e me deu o maior apoio. (LÍRIO⁴⁰)

Lírio conseguiu assim conquistar o apoio necessário para buscar o crescimento profissional.

O quinto incidente crítico: espaço de trabalho e transferência de conhecimento

A partir desse momento, a carreira de Lírio começou a decolar. Primeiramente, abriu um salão em um espaço alugado, mas fora de sua casa. Começou a dar aula e formar novos cabeleireiros. Abriu espaço para uma auxiliar. Conquistou então seu espaço próprio.

Aí sai de casa para pagar aluguel e foi uma benção, parece que eu respirei um ar puro, porque trabalhava dentro de casa, com ele querendo comida na hora certa e eu cumpria meu horário dentro do salão. [...] eu comecei a dar aula primeiro, eu dava aula lá no sindicato do Comércio, aí tinha uma aluna que ia fazer estágio e veio comigo. Foi a primeira, a Sandra que está comigo até hoje, já tem quinze anos comigo, a primeira pessoa que veio. Nos dias que eu dava aula no começo, ela abria para mim, ficava lá, atendia, marcava

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

horário para o dia seguinte, eu tinha uma pessoa de confiança dentro do salão. Aí depois tinha que dar aula quatro dias, porque tinha muito alunas. Mas, aí dava aulas de manhã e à tarde eu estava no salão, mas eu não parava um minuto. (LÍRIO⁴¹)

A realização total deu-se quando conseguiu comprar seu próprio espaço, maior e para melhor atendimento de suas clientes. Essa mudança foi em 2009.

Eu sai do aluguel, porque lá fui assaltada a mão armada, entraram, eu acho que eu tinha terminado o dia, levaram todo dinheiro, secador, telefone, celular, foi horrível. A minha filha mais nova já trabalhava comigo. [...] comprei meu ponto ali e tenho até hoje, dinheiro nosso, meu e do meu marido. Ali tem três ambientes, uma sala de recepção, tudo separado, tudo certinho, mas aí ficou pequeno. (LÍRIO⁴²)

O negócio prosperou e o espaço ficou pequeno. A clientela queria mais profissionais especializados em outras áreas. As filhas vieram como parceiras do negócio e foi preciso uma nova mudança.

A minha primeira filha entrou de sociedade comigo, hoje sou eu e ela. Então, ela quis um lugar grande pra ter tudo, porque ali não dava pra atender tudo e como ela ficou de sócia atraiu os clientes dela, aí entrou comigo e nós alugamos aqui, mas porque ela quis, não eu, por mim eu tinha ficado lá. Ai ela colocou mais funcionárias e ela que administra, ela administra o pessoal financeiramente e eu só trabalho aqui agora. (LÍRIO⁴³)

Ao ouvir Lírio narrar o momento atual do seu negócio, foi possível identificar certa tristeza com algumas situações. A parceria com a filha foi interessante, mas sua preferência era por um espaço menor, com um atendimento de melhor qualidade e mais próximo. Falava Lírio do desejo de redução da carga horária, de transferir o bastão para as filhas, de diminuir o esforço, mas de ensinar e atuar até que não conseguir mais fazê-lo por vocação e por amor.

Agora eu quero respirar um pouquinho. Eu já estou trabalhando meio período, já estou trabalhando das 14h às 19h, menos carga porque agora eu não administro. Mas, deixar de trabalhar eu não vou... a minha profissão, eu amo o que eu faço, amo cabelo, então não posso deixar. Onde eu vou também minha mala está ali com tudo para trabalhar. Vou para Caraguá, as vezes domingo eu vou para Itatiaia e minha mala está prontinha com tudo, tudo o que eu tenho aqui eu tenho lá. Me sinto muito realizada, tudo o que eu tenho eu consegui pelo salão, meu marido me deu um maior apoio a partir do momento que ele viu que era isso mesmo que eu queria, que era

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

sério, então ele viu a clientela chegando cada vez mais e até hoje, eu tenho cliente de trinta anos. Em outubro eu completo 30 anos de cabeleireira, então eu tenho cliente até hoje, daquela época até agora. As pessoas que estão vivas ainda estão todas aqui, agora os que eram muito velhinhos eu fui atender em casa até a última hora, aí eles deixaram os filhos, os netos tudo comigo. Quando você faz o que você gosta, levanta a cabeça e vai em frente. Aqui na nossa cidade tem muitas cabeleireiras que se formaram junto comigo. Só parei porque começou a cansar muito, com 60 anos eu parei de dar aula, fiquei só com o salão porque é muito pouco que se ganha. Desde pequena quando eu tinha que trabalhar na casa dos outros eu me cobrava pra ser a melhor, eu queria ser a melhor, daí eu sempre fui melhor pra limpar as coisas dos outros entendeu? Por que eu queria ser, então ninguém queria que eu sáisse, o tempo todo trabalhando, era respeitada graças a Deus pelo meu esforço. Até hoje eu me sinto bastante respeitada. (LÍRIO⁴⁴)

Na segunda entrevista, encontrei uma outra Lírio. Mais forte e decidida, deixando o espaço grande e de aluguel, para voltar para o de sua propriedade, menor e de onde ela não quis ter saído. A alegria voltou a fazer seus olhos brilharem e o repensar em diminuir ou não administrar já era um desafio que ela está disposta a voltar a assumir. Lírio indicou querer continuar e não demonstrou nenhum motivo para deixar sua trajetória se encerrar.

Rosa: uma história de dedicação e simplicidade

Rosa é uma senhora que traz consigo muita vitalidade e energia para manter o seu negócio (que tem o seu próprio nome), com a mesma qualidade e respeito conquistados nos muitos anos de trabalho e dedicação. Proprietária de um Buffet de festas, sua trajetória foi marcada pela resiliência e determinação, dirigida pelo olhar empreendedor do esposo, que foi o alicerce para a construção do estabelecimento de sucesso e reconhecimento merecido. Membro de uma família muito humilde, necessariamente precisou ser criada por padrinhos a fim de tornar-se quem hoje é.

O primeiro incidente crítico: criação pelos padrinhos e oportunidade de emprego

Sua infância foi muito precária. Nascida em uma família com poucas condições financeiras, dez filhos, pai alcoólatra e agressivo. Sua mãe era uma lavadeira impecável e muito cedo Rosa precisou apoiar nos afazeres da casa. Com

⁴⁴ Idem.

dez anos, foi viver com os padrinhos, que também tinham muitos filhos, mas eram bem financeiramente, dando-lhe oportunidade de uma vida melhor.

Com dez anos eu vim aqui para casa do meu padrinho, que me batizou. Eu vim morar para trabalhar e fui ficando. Ele tinha onze filhos. Um bando mesmo, eu trabalhava ali, morava junto no mesmo quarto, era aquele monte de cama tudo beliche (risos). Era muito bom ali! A gente dividia mais ou menos o serviço, porque a casa era muito grande. Uma das filhas, que tinha aproximadamente a minha idade, era a cozinheira da casa, apesar dela ser pequena também... e era eu que ajudava, a gente ia fazer compras no mercado/feira e eu ajudava. Fazia bolo, untava as formas. Eu trabalhei bastante lá, a minha madrinha era uma santa, que Deus a tenha. Ali eu era igual os filhos, tudo igual. (ROSA⁴⁵)

Rosa sentia-se uma filha, entretanto, não teve oportunidades de estudar como os filhos dos padrinhos. Ela ajudava na casa, durante o dia todo, nos afazeres domésticos. Com dezoito anos, teve a oportunidade de conseguir emprego em uma padaria da cidade. Continuou morando na casa dos padrinhos e trabalhando para conseguir um dinheiro, visto que já namorava e pensava em ter sua vida.

Muitas aprendizagens e valores foram adquiridos nesse tempo. Rosa lembra com gratidão e carinhosamente pela família que a recolheu.

O segundo incidente crítico: gravidez, casamento e mudança de vida

A vida de Rosa mudou quando ela engravidou e casou. Ela diz que acreditava ser a oportunidade de viver em um espaço próprio, porém foi morar com os sogros. Muitos desafios surgiram dessa convivência com a família do esposo e devido a um desentendimento entre o marido e o cunhado, eles tiveram que mudar novamente e inesperadamente.

Aí uma tia dele nos levou pra casa dela... nossa eu tive muitos anjos, eu tenho até hoje (risos). Tive muita ajuda, sabe assim, nunca implorei a ninguém, mas me ajudaram. Ai essa tia dele foi uma coisa na minha vida[...] meu esposo entrou na aeronáutica, graças a Deus e eu fiquei morando na casa da tia dele. (ROSA⁴⁶)

Rosa reconheceu a importância das pessoas que foram apoio e lembrou-se dessas com total respeito, guardando consigo cada detalhe e características que a modificaram, fizeram-na uma mulher forte e batalhadora.

⁴⁵ Informação verbal.

⁴⁶ Idem.

O terceiro incidente crítico: casa própria

Esse foi um acontecimento inesquecível para Rosa. A compra da casa própria foi uma oportunidade única, que trouxe a ela um forte sentimento de liberdade, bem como um grande desafio com o propósito de conseguir cumprir com os compromissos financeiros assumidos para a realização do sonho. Rosa precisou trabalhar para ajudar a pagar as dívidas pela compra da casa.

Aí acabei comprando essa casinha da esquina, que é o sobrado ali. Aí conseguimos, vir para essa casinha aqui, foi uma benção. Mas era sofrido, porque na época minha sogra começou a cobrar o dinheiro que o meu sogro tinha emprestado. Aí decidi a trabalhar e meu primeiro filho era pequenininho. Com o dinheiro do trabalho, daria todo mês do meu pagamento para o marido pagar seu pai. Tudo com a instrução daquela tia dele, que era advogada. A namorada do irmão do meu marido arrumou um trabalho para mim, na espuladeira da fábrica de cobertores, para enrolar fio. [...] Fiquei pouco tempo, acho que uns cinco meses. Não sei o motivo que sai da fábrica, acho que foi mais pra olhar meu filho. Acabei saindo e nem sei se eu paguei meu sogro na época, eu sei que resolveu. (ROSA⁴⁷)

O sonho havia se realizado, mas vieram novos desafios com ele. A casa precisava de uma reforma, estava em péssimas condições. Rosa precisava fazer algo para poder ter condições financeiras para arrumar a casa e foi aí que nasceu a empreendedora.

O quarto incidente crítico: empreendedorismo como solução e vocação

Surgiu aqui uma nova Rosa, que deixou vir à tona toda a bravura e força existentes desde pequena, porém, mantidas adormecidas. Nesse momento, ela precisava agir para manter a conquista do que tanto sonhava. Ela precisava conseguir recursos financeiros para arrumar a casa e ainda tinha que cuidar dos filhos e da casa.

Comecei a costurar por que eu sabia mais ou menos, mas eu não tinha paciência de ficar na máquina sentada. Aí comecei a fazer de tudo, naquela época tinha aqueles bolos de casamento, fazia bolão do tamanho de uma mesa enorme. Fiz bolo, antes do salgado, aí comecei a fazer aquele bolão enorme. Sobrava tempo eu fazia maionese nos domingos, fazia as coisas de comer e oferecia para os vizinhos, vendia tudo por aqui mesmo, fui vendendo, eu tinha que fazer dinheiro. Para a reforma da casa, voltei a morar na casa dos meus sogros que haviam mudado de lá. (ROSA⁴⁸)

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Idem.

Nessa época, passou a atender a encomenda diária de salgados para uma cantina da escola próxima de sua casa e acabava fazendo os mesmos salgados em tamanho menor, para as professoras levarem para casa. Desses salgados, outras encomendas foram surgindo.

Eu já estava fazendo salgadinho, fomos fazendo e o meu esposo pegando encomenda, antes de eu voltar pra cá, quando eu ainda estava lá em cima, peguei uma encomenda de dois mil salgados pra aeronáutica, menina que dureza! (ROSA⁴⁹)

A reforma terminou, mas as dívidas ainda precisavam ser pagas. Então quando retornou para casa, um novo meio para obter condições financeiros foi pensado e Rosa enfrentou com sucesso.

Ai eu comecei a fazer marmita. Meu marido tinha o pagamento dele garantido como taifeiro. E eu comecei a trabalhar com marmita, comecei, comecei, comecei, aí comecei, teve uma época de eu ter 35 jogos de marmita e ter 70 marmitex por dia, eu sozinha. Tinha uma irmã minha que vinha me ajudar, depois acho que eu comecei a pegar uma ajudante, uma pessoa só. [...] Fiquei trinta anos fazendo marmita aqui e dois anos para conseguir parar com elas, porque eu já tinha bastante encomendas de salgado, eu já estava começando a fazer bastante salgados. (ROSA, 2017)

O esforço de Rosa sempre foi reconhecido por seus clientes e assim o negócio foi crescendo, com muito esforço e dedicação.

O quinto incidente crítico: novo negócio

Por influência do marido, um novo negócio familiar começou e tornou-se o empreendimento de sucesso da família.

Meu esposo é assim, eu devo muito a ele também... ele enfia a cara, ele não tem medo, talvez se fosse só eu não teria chegado até aqui. Ele sempre diz: nós vamos conseguir! Com o dinheiro do salgado, abriu uma firma só no nome dele, daí eu já tinha comprado esse prédio aqui, eu comprei um terreno e nós construímos. Onde é a minha cozinha agora, onde eu frito os salgados, ele punha as coisas para alugar para festa, que também foi um dos primeiros na cidade. Foi alugando, alugando e eu trabalhando junto, fazendo salgado também. Com o tempo fui colocando mais uma, mais uma pessoa para trabalhar. (ROSA⁵⁰)

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

O espaço foi ficando pequeno para conciliar os dois negócios no mesmo local e Rosa percebeu a necessidade de abrir uma firma no nome dela, dividindo as responsabilidades.

Eu abri uma firma pra mim porque eu já tinha mais um funcionário, aí eu abri uma firma para mim. O marido ficou com a firma dele, ficamos com duas firmas, uma de aluguel de material e a outra de produção de salgados. Não dava mais para as duas empresas ficarem juntas. (ROSA⁵¹)

Rosa mostrou satisfação por ter sua independência, mas ciente de que sua responsabilidade dobrou. Forte e decidida como sempre, ela conseguiu manter seu negócio, fazendo-o crescer e ser o Buffet mais o conhecido da cidade.

Uma de suas principais características é a entrega total para aquilo que faz. Ela narra que ter seu nome como a marca do negócio a faz participar ativa e incansavelmente. Sua preocupação no momento é não saber quem irá dar continuidade em tudo que construiu. Os filhos trabalham com eles, pai e mãe, mas não demonstram os mesmos cuidados e preocupação dos dois. Na narrativa dela, pode-se perceber a angústia que esta situação provoca no casal empreendedor.

Na minha opinião eu sempre fui muito humilde, então eu não tenho esse negócio que sou a dona, que sou a patroa... nunca fiz isso, nunca. Sou realizada e tenho que ser, de qualquer forma foi para frente. Agora o que dá dó é isso que a gente vê, que às vezes talvez não vá ter continuidade.[...] Não tenho perspectiva de parar, porque se parar em vida, em seis meses acaba tudo isso aqui, acaba, em um ano acaba. Se a gente parar o negócio aqui acaba, eles não tratam o freguês do jeito que a gente trata. Você faz qualquer negócio para agradar a todos e dar emprego que também é muito importante. Hoje a gente emprega 14 famílias em uma empresa e 09 em outra... e vamos levando em frente, com Deus no comando. (ROSA⁵²)

A fé em Deus é uma forte característica dessa empreendedora, que se fez pela necessidade e se fidelizou pela força de vontade. Relata que não irá parar em quanto tiver condições físicas e psicológicas de estar à frente de um grande empreendimento de sucesso. Resiliência é sua característica, pois nenhum problema, mesmo quando se trata dos filhos, fazem-na esmorecer ou desistir.

4.2.2 Geração X

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

Azaleia: uma história de superação

Azaleia é uma mulher em processo de crescimento pessoal e amadurecimento profissional, atualmente proprietária de um restaurante inovador, com dois anos de existência. Membro de uma família da zona rural da cidade e descendentes de italianos, traz para o empreendimento as raízes familiares, com uma proposta de um local original, que mistura arte e comidas básicas dentro de um cardápio ítalo-caipira. Suas origens impactam diretamente em seu desenvolvimento como empreendedora, que não é uma escolha de realização e sim um redirecionamento de sua trajetória profissional.

O primeiro incidente crítico: estágio na FATEC e início da formação do ensino superior

Sua infância e adolescência foram marcadas pelo apoio à família e dedicação aos estudos. Como primogênita de um agricultor, sempre se apoiou nos pais.

Eu vim de uma família de produtores rurais[...] Comecei a trabalhar desde cedo, comecei a cuidar das coisas do meu pai com dez anos, eu era a filha mais velha, então quem dirigiu o trator pela primeira vez, buscou trator de caminhão de terra, arroz, laranja era eu e quando a minha mãe foi trabalhar eu já tinha doze pra treze anos, e além de eu ter algumas atividades que eu precisava pra dirigir, eu tinha a casa e meus irmãos. Eu estudava meio período e tinha essas atividades, tarefas que eu achava que era superimportante para preencher o dia, sempre fui uma aluna boa, exemplar, não vou dizer que era aluna dez em tudo, mas sempre fui uma aluna exemplar. (AZALEIA⁵³)

Embora sua vida profissional tenha sido iniciada ainda na infância, sua trajetória profissional começa a ser desenvolvida após o estágio na FATEC e o ingresso no ensino superior. Ela relatou essa mudança de rumo e seu desenvolvimento pessoal diante da situação em que vivia.

Daí na FATEC eu fiquei dois anos como estagiária e fiz dois vestibulares na FATEC, um no final de 96 para 97 e depois teve no meio do ano em julho de 97, daí eu entrei no segundo semestre. Daí no último ano do colégio técnico, eu estava fazendo FATEC faculdade e estágio. Eu levantava às 6h da manhã, ia para o colégio técnico o último de segurança, a tarde eu fazia o estágio e já emendava com a aula, eu chegava no ônibus das 23:15 da noite, todos os dias. E no sábado, meus pais faziam feira e muitas vezes

⁵³ Informação verbal.

eu levava o pessoal para feira. Eu, de caminhão e de madrugada, 04h00 da manhã no sábado. (AZALEIA⁵⁴)

Azaleia mostrou que sua vida profissional passa a ser direcionada para o mundo empresarial a partir desse momento. Esse momento foi árduo, porém a levou para uma realidade muito distante da vivida até então. O interessante da narrativa de Azaleia é o fato de reconhecer que em sua trajetória os acontecimentos foram sem planejamento ou intenção inicial, ocorreram e ela abraçou-os com alguns receios, porém, sem recusá-los.

O segundo incidente crítico: experiência profissional em uma renomada multinacional

Este acontecimento foi narrado por Azaleia como marcante em sua vida profissional e pessoal. A experiência totalmente nova fez surgir uma jovem mulher aberta às descobertas e responsabilidades que nunca foram imaginadas.

Como eu já estava indo para o segundo ano na FATEC, a BASF abriu um processo seletivo pra estágio na área de Recursos Humanos... E lá eu comecei muito nova e aos 21 eu fui efetivada da BASF, fui para um prédio de produção. Eu falo que pra mim foi como um divisor de águas, por que lá eu tive contato com pessoas de todos os lugares do mundo e do país, e eu usava muito o meu idioma. Em um ano eu estava fluente em alemão, porque era o dia inteiro alemão e foi uma junção de coisas, eu ir pra uma área que eu tinha que usar o inglês, que era o RH e eu recebia muitos familiares alemães e depois trabalhar na área de produção, que você recebe muitas informações em alemão e eu tinha que ter noção de distribuir o que era pra cada gerente, o que era pra cada engenheiro, então a partir disso ativou ainda mais o meu interesse por idiomas. (AZALEIA, grifo nosso⁵⁵)

A resiliência tornou-se uma característica marcante de Azaleia, visivelmente, no aventurar-se em uma realidade até então desconhecida, com pouca idade e experiência, mas com muita vontade de aprender e se superar. Esta característica ficou mais explícita quando o setor em que ela trabalhava na empresa multinacional foi fechado. Surgiu aí, um enorme desafio.

Em 2001, eu fechei essa planta. Eu fui responsável por documentação técnica de toda a planta, para transferir pra China, responder para as auditorias de todos os órgãos em inglês e alemão. Em outubro, tirei férias, fui para o Canadá e fiquei 30 dias. Em dezembro de 2001 que foi feito o fechamento das atividades, foi

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

quando eu recebi o dinheiro da rescisão. Com esse dinheiro quitei meu carro, paguei um monte de contas adiantadas e paguei meu curso de inglês que eu fui para o Canadá. (AZALEIA⁵⁶)

Inicialmente, ela imaginava-se desempregada. Porém, recebeu uma nova chance de recomeçar. Ir para uma empresa do grupo em São Paulo, temporariamente, com a intenção de cobrir uma licença maternidade, na área administrativa de vendas Brasil ligadas ao Mercosul. Seu sim foi a resposta imediata dada a tal proposta.

O terceiro incidente crítico: mudança para capital, nova área de formação, grandes descobertas e desafios

Recomeçar e renovar são condições comuns na vida de Azaleia. Em dois meses após o convite, ela já estava instalada em São Paulo, em uma realidade muito diferente de tudo já vivido. O desafio de cobrir uma licença maternidade, estendeu-se e durou no mínimo quatro anos.

Em oito meses eu rodei São Paulo, Suzano, Mogi nessas coisas e nisso surgiu uma vaga, daí o diretor falou que eu ia ficar na área de administração de vendas, por que a gente vai movimentar uma pessoa e eu acho que o seu perfil é pra ficar nessa área, você vai ter que atender Mercosul e os clientes internos, e o que você gostaria de fazer de curso? [...] fiz marketing na Mackenzie. Já estava na área de administração em Marketing, fazendo pós, por eu ter essa facilidade, e Marketing é uma área de muita movimentação, muito clientes, eventos e eu usava meu idioma, tanto que eu fiquei fluente em inglês, alemão e espanhol por que eu falava direto com as américas (AZALEIA⁵⁷)

Na narrativa de Azaleia, ficou evidente que sua entrega à vida profissional era intensa e os desafios aceitos imediatamente. Ela deu sempre o seu melhor e abriu mão do pessoal por um bom tempo. Tanto que foi convidada para representar a empresa no exterior. O relato foi de orgulho e sentimento de realização ao falar da oportunidade de representar sua empresa nos Estados Unidos, mesmo afirmando sentir medo do tamanho do desafio enfrentado.

De 2002 a 2005 eu fiquei 100% lá, de 2004 a 2005 além de cuidar de administração de vendas eu recebi a responsabilidade de cuidar de qualidade, na área de gestão de qualidade lá em São Paulo [...] Nasce outra Azaleia, por que vislumbrei a parte executiva mesmo, eu era executiva por que eu respondia nacionalmente pra uma área que

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

era de gestão de qualidades, e eu estava fazendo pós em Marketing e eu cuidava de uma coisa que era muito importante, e quando eu fui para os EUA, eu falei: gente olha onde eu fui parar, responder pelo Brasil, eu tinha acabado de terminar a pós. (AZALEIA⁵⁸)

A liberdade e o ritmo frenético das grandes cidades e grandes empresas não foram de difíceis adaptação, mas ficou claro que a maior dificuldade enfrentada por Azaleia foi a lembrada: *“Eu sofri muito, por que por mais que eu tenha esse espírito aventureiro, tinha uns momentos ruins por que você não tinha contato com as pessoas, e eu era realmente sozinha”*. Ela sentiu muita falta das características culturais do interior, aproximação e relacionamento caloroso entre as pessoas.

O quarto incidente crítico: retorno ao interior, namoro, noivado, casamento e gravidez

Este incidente deixou claro que Azaleia esperava uma oportunidade para retornar às suas raízes e ao seu mundo. Embora o processo de deixar seu espaço conquistado não tenha sido fácil internamente, a proposta financeira foi considerável e o readaptar-se em sua cidade natal era menos sofrido do que o continuar em uma vida solitária, de poucos contatos humanos.

Em 2005 eu voltei para Guará, larguei meu presidente lá, pedi mil desculpas, mas ele entendeu, tive que pedir demissão, mas eu deixei tudo redondinho, manual feito, tudo certinho e voltei. Ai eu fiquei com o Oliveira até fevereiro de 2008, eu voltei para cá, morei com meus pais e pra mim foi uma dificuldade muito grande, por que eu tinha minha independência, minha vida era diferente, eu exigi uma série de coisas um quarto com suíte (risos). Quando eu voltei, final de setembro eu encontrei com o meu marido, ai a gente ficou enrolado uns quarenta dias, começamos a namorar, em dezembro eu noivei. (AZALEIA⁵⁹)

Novamente, os acontecimentos foram inesperados, rápidos e determinantes na vida de Azaleia. Os acontecimentos transformaram-na em uma nova mulher.

Em maio eu casei de 2006, com dez meses de casada eu engravidei, daí foi outro divisor de águas, até então era só eu, trabalho, profissão, eu acho que se eu não voltasse pra cá eu não teria casado, por que minha vida era essa mesma, com certeza eu estaria respondendo pra uma área do país por que eu tinha essa visão. (AZALEIA, grifo nosso⁶⁰)

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Idem.

Nasceu não apenas uma mulher nova, mas uma esposa e mãe. Consequentemente, trouxe-lhe mudanças também na vida profissional.

O quinto incidente crítico: demissão, discriminação e frustração profissional

A mudança na vida pessoal refletiu no rumo da vida profissional de Azaleia. A experiência do ser desligada da empresa e o motivo disto causaram extrema e inesquecível decepção. O sentimento de mágoa foi fortemente percebido em sua narrativa.

Quando eu me casei, com dez meses de casada eu engravidei, para o meu gerente foi péssimo, por que aí ele perdeu a secretária dele, finalzinho de 2007 nasceu o filho 01 e ele me desligou em fevereiro de 2008, no primeiro dia voltando da licença maternidade. Ele falava: que perdi o perfil que ele gostava que era de secretaria , profissional... e isso que eu falo que foi um grande divisor na minha vida, porque até então eu era profissional, na hora que eu resolvi ser pessoa, mulher, eu tive um baque, essa quebra, que foi ser profissional e mãe. (AZALEIA⁶¹, grifo nosso)

A indignação foi tamanha diante da discriminação pela maternidade, principalmente por sua dedicação e empenho profissional ao longo de tantos anos.

Até então eu nunca tinha faltado, eu não dava atestado, não tinha esse problema comigo, só que me doeu muito por que eu fui analisada de forma errada, eu falei como assim, a partir desse momento eu não sou tão boa quanto. (AZALEIA⁶²)

O inconformismo e a incredibilidade estenderam-se diante da aridez profissional e falta de oportunidade para regressar ao mercado de trabalho.

Esse momento foi mais drástico ainda por que por quatro anos eu não consegui emprego nenhum, eu não sei se teve algum bloqueio, de 2008 até 2011 [...] nesses quatro anos que eu fiquei fora de 2008 a 2011 eu tive o Filho 01, tive o Filho 02 em 2010. (AZALEIA⁶³)

Expressou uma mistura de sentimentos sobre o assunto. Até o momento da narrativa, ela afirmou não aceitar o motivo para tamanha falta de consideração com a profissional que sempre foi.

O sexto incidente crítico: retorno ao trabalho em empresa, nova demissão, frustração e discriminação

⁶¹ Idem.

⁶² Idem.

⁶³ Idem.

Em novembro de 2011, Azaleia teve a oportunidade de retornar ao mercado de trabalho com um desafio significativo de “construir” a primeira unidade brasileira de uma multinacional japonesa em sua cidade. Mostrou extrema satisfação e motivação diante de tal oportunidade. Para ela “foi um *start* mais legal que eu falo de uma carreira, por que você vê uma empresa construindo do zero”. Seu entusiasmo relacionava-se principalmente pela possibilidade de se recolocar e poder mostrar todo seu potencial profissional

Entretanto, novamente deparou-se com a dificuldade no universo do trabalho em aceitar e possibilitar às mulheres conciliação de sua vida pessoa e profissional. Diante de grande pressão e conflitos na relação com sua gestora, que esperava com que Azaleia estivesse disponível somente para empresa, o fato de conciliar a atenção para filhos/família e o trabalho pesou mais forte na decisão da empresa em desligá-la.

Em 16 de janeiro de 2016 eu fui mandada embora. Qual foi a justificativa? Na frente do RH que era uma pessoa que me conhecia desde 2009, falou que tecnicamente eu era exemplar e sem questionamento, o problema era nosso pessoal - eu e ela. (AZALEIA⁶⁴)

Esse acontecimento causou extremo desconforto, decepção, inconformismo e sofrimento para Azaleia, que começou a questionar-se quanto ao valor depositado nas pessoas no mundo dos negócios e sobre a qualidade de vida em decorrência das relações humanas no trabalho.

O sétimo incidente crítico: nascimento da empreendedora

Este incidente fortaleceu a ideia de resiliência como característica marcante na personalidade da pesquisada. Verificou-se, ainda, sua criatividade, determinação, coragem e força para enfrentar novos desafios e renascer mesmo quando não encontrava mais motivos para acreditar. Azaleia narra o quanto tudo era sombrio no início do empreender.

Na verdade, eu não tive muita opção, porque as vagas que surgiram, oportunidades para a entrevista, eram fora daqui. Eu tinha duas crianças pequenas e o marido tinha decidido não mais viajar e ficar

⁶⁴ Idem.

também por aqui. De 2016 a 2018 foi tudo muito difícil, teve aquela crise toda em 2016 e início de 2017, foi muito difícil. (AZALEIA⁶⁵)

No entanto, ela buscou uma saída para enfrentar a situação. Inspirada pelo olhar de uma amiga que enxergava em sua casa um bistrô, pelo projeto de ter algo próprio aos 40 anos e por sua fé na direção divina, ela com 37 e diante de todas as condições em que se encontrava, abriu seu próprio negócio.

Fiz um pequeno estudo de possibilidade com um pedreiro, eu fiz um pequeno estudo com o SEBRAE. Fui até o SEBRAE pra ver algumas coisas, sentei com a moça, me deu umas cartilhas, mais ou menos um projeto padrão e comecei a estudar. Percebi eu tenho isso, tenho aquilo, tenho um terreno que é meu, uma área que é minha, não que eu tenha feito um planejamento de negócio, mas eu via possibilidades. O arquiteto veio, a gente analisou e o que tinha de área construída era compatível com o projeto e com o dinheiro que eu tinha dava para fazer 80% do que era necessário. Daí eu falei: se eu fizer isso eu vou ficar zerada de dinheiro, e como vou ter um restaurante sem ser da área? Eu fui ver um curso profissionalizante no Instituto Mix aqui, que é um curso curto de seis meses, mas que te dá uma noção muito grande de técnico de cozinha para restaurante. Em fevereiro eu me matriculei, começou a aula em fevereiro de 2016, um mês para pensar e me organizar. Em setembro eu peguei o certificado e terminamos todas as etapas, em julho a gente inaugurou só que eu fui muito esperta, eu sabendo que eu não tinha respaldo e fora da experiência eu pedi uma parceria com meu professor. Então ele veio, fez todo esse start comigo no primeiro grande evento de inauguração, ele me ensinou o que eu ia precisar, o que eu não ia precisar, o que era essencial e o que não era. Inaugurei em 24 de Julho de 2016. (AZALEIA⁶⁶)

Azaleia renasceu como profissional, fortaleceu seu negócio e sua marca.

E o negócio cresceu, hoje a gente atende por dia, por exemplo no domingo dia das mães no primeiro momento eu atendi 70 pessoas, a partir das 14h foram mais 30, então naquele dia foi 100 pessoas no final de semana. Hoje tem eu e a minha cunhada, ela foi fazer o curso de gastronomia por que eu incentivei, eu me profissionalizei e automaticamente ela foi junto comigo. Então é ela e eu na cozinha, tem sempre duas ajudantes na cozinha no final de semana, atendimento geralmente é o marido. (AZALEIA⁶⁷)

No momento da entrevista, a perspectiva de negócio era favorável e Azaleia pareceu feliz com o rumo que seu negócio estava tomando.

O restaurante está tomando um formato que é interessante e eu fiquei feliz que dia 20 de maio, a gente teve um almoço muito movimentado... teve um evento da diversidade cultural, a gente

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Idem.

recebeu mais de 100 pessoas, por que estava tendo atividades culturais aqui, e sempre foi o desejo nosso, principalmente do marido por ser dessa área de cultura, de ter o envolvimento do restaurante, do contexto cultural que aqui falta muito. O restaurante está bem, quero ter meu segundo negócio, que eu acho que nada vem por acaso na minha carreira profissional. (AZALEIA⁶⁸)

Azaleia mostrou-se realizada com seu negócio. Já havia recebido três propostas para administrar outros negócios no mesmo ramo e estava estudando a possibilidade de aceitar alguma delas. No entanto, não acredita que todo seu potencial intelectual e conhecimentos adquiridos estejam adormecidos. Somente o próprio negócio não a realiza.

Só que quando eu lembro, todo janeiro eu lembro que eu fui mandada embora de um lugar que eu estava amando, que eu construí e eu ficava me questionando “Deus por quê? Se eu errei eu peço desculpas, eu peço perdão, mas por quê? O que eu fiz de tão errado, se é um castigo eu vou tentar melhorar, ser mas ponderada, eu comecei a fazer uma reflexão , e hoje eu me coloco em paz por que eu tenho que aceitar o que aconteceu comigo, e o que eu tenho que fazer daqui pra frente né? Eu nasci em cima do salto, hoje as pessoas me veem de chinelo, mas descontraída e eu falo que hoje eu estou assim (risos)... O meu desejo é voltar para parte administrativa. Mesmo sendo uma empreendedora, uma empresária, tendo essa parte financeira, a parte técnica ainda me falta... Porque o empreendedor nunca está satisfeito, então a gente já deslumbrou várias coisas que precisa modificar aqui e gradativamente a gente vai modificando, dentro do negócio, entrando pra outras áreas, mas algo além, eu falo que nunca...a última empresa tinha um slogan que era muito interessante “look beyond that” Olha além disso, que é vidro semimística, sem parar, vidro 24 horas, então eu também tenho esse negócio “olhe além disso”.. não tem só isso aqui, o horizonte não é só visualizar a primeira empresa, eu visualizo além disso. (AZALEIA⁶⁹)

A trajetória de Azaleia indica que o espírito aventureiro que afirmou ter ainda está ativo e sempre inconformado, sempre na busca de algo a mais para ser realizado e conquistado.

Gérbera: uma história marcada pela busca do encontrar-se

Gérbera é uma mulher em processo de amadurecimento pessoal e reestruturação profissional. Sua área de atuação é a moda, na qual a criatividade é um ingrediente fundamental, o que ela demonstrou ter em demasia. Ao mesmo

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

tempo, os negócios da família requerem que sua participação seja ativa, já que é a herdeira sucessora. A soma das duas atividades e inúmeros fatores pessoais fez com que se encontrasse desorientada quanto às prioridades e decisões a serem tomadas. Atualmente, ela divide seu tempo em um ateliê especializado em lingerie e vestidos de noivas-festas, assim como na administração de depósito de material de construção do pai. Sua família, com tradição em empreendimentos comerciais, influenciou diretamente em suas opções durante a trajetória profissional.

O primeiro incidente crítico: empreendedorismo nato – falência do pai e solução para viagem de formatura

Esse incidente foi significativo na vida de Gérbera. Por estar sempre acostumada a ter boas condições financeiras, com a falência do pai precisou buscar soluções para obter recursos a fim de realizar sua viagem de formatura.

Meu pai faliu [...] Eu queria ir para, como chama? Que todo mundo vai no... quando se forma? ...Porto Seguro, todos os dinheiros, eu tinha um cofrinho que eu vendia lanche natural, brigadeiro, doce na escola. Fui, fui com meu dinheiro. (GÉRBERA⁷⁰)

Esse acontecimento mostrou a ela que situações desafiadoras seriam tratadas de maneira criativa e inovadora, motivadas por sua determinação em obter o desejado.

O segundo incidente crítico: mudança de vida do interior para a capital e início da faculdade de moda

Aos 17 anos, ela foi morar em São Paulo para cursar moda em instituição que na época era a única do Brasil nessa área de formação. Foi um momento de vivenciar um mundo de novidades, desde a grandeza da cidade, um curso que era totalmente inovador e até o viver sem o olhar da família, em plena liberdade.

Tudo novo, aula de fotografia, era tudo meio assim... Os alunos ajudavam na aula, um dividia com o outro o que já sabia o professor ah como vai fazer o trabalho... Muita criatividade, eu sou pura criatividade eu apanho para o lado administrativo. Fiquei perdida de sair do interior e chegar a uma cidade imensa, nunca tinha visto drogas, vi... me perdi, assim, era muita festa, não da minha faculdade, mas da PUC, de não sei quem, não sei quem, não sei quem, e eu sempre fui muito bonita assim, não é de bonita assim sabe. Você chega assim alguém já quer falar com você, e eu falo com todo mundo, então fazia amizade, ah vamos à USP hoje não sei

⁷⁰ Informação verbal.

o que, vamos não sei onde, então. e eu era muito solta, minha mãe: isso mesmo, aproveita, sabe não tem noção... Então era assim, eu experimentei tudo quanto é droga. Isso eu tinha 18 anos. (GÉRBERA⁷¹)

Gérbera sentiu-se livre e demonstrou não saber o que fazer com tamanha liberdade.

O terceiro incidente crítico: experiência no exterior – liberdade e mundo dos sonhos

Ainda embalada pela excessiva liberdade, Gérbera por impulsividade e curiosidade, resolveu fazer um curso na Itália.

Mas aí deu um negócio na minha cabeça, daí eu fui fazer um curso em Milão, no segundo ano de faculdade. Instituto Marangoni, tudo em italiano, me virei lá, fiquei lá um mês. Nossa... fiz um amigo, daí lá eu gostava de fazer joalheria, eu fazia e o povo nossa...adorava. Conheci uma amiga e fui parar em Portugal, fiquei seis meses em Portugal e não queria mais voltar nunca mais. (GÉRBERA⁷²)

Para manter-se financeiramente em Portugal, novamente o espírito empreendedor de Gérbera foi mais forte, fazendo com que ela encontrasse novos caminhos e saídas.

Fiquei um mês na Itália e seis meses em Portugal. Para eu ficar em Portugal, eu tinha uma costureira aqui que é amiga minha há quinze anos, ela fez mais de vinte conjuntos de biquíni com bandeirinha do Brasil. Desenhei os biquínis, mandava pra ela, tudo com cara do Brasil, com etiquetinha do Brasil, tudo do Brasil, porque era um máximo ser Brasileira. [...] Eu vendi todos os biquínis antes deles chegarem lá. E daí eu vendia a custo, sei lá era 18 reais hoje em dia, eu vendia a 200. Eu ganhei muito dinheiro, eu fiquei seis meses na Europa, eu vendia muito biquíni, eu era minha própria vendedora. (GÉRBERA⁷³)

Gérbera foi crescendo profissionalmente em Portugal. A proprietária de uma conhecida casa de show a conheceu e contratou para recepcionar os DJs famosos que se apresentavam no local. Ela diz ter aproveitado a oportunidade para mostrar seu talento como criadora de roupas para todos da casa noturna. Afirmou ter feito sucesso com essa habilidade e talento.

Eu mesma fazia a minha roupa, Daí o que aconteceu, daí eu já comecei a fazer a roupa de todo mundo que dançava na balada, eu

⁷¹ Idem.

⁷² Idem.

⁷³ Idem.

peguei e falei gente estão feias essas roupas, preciso de tecido tal, tal, tal, a Heineken é verde eu quero todo mundo de verde, não sei quem é prata eu quero todo mundo de prata. A mulher pirava, e eu ganhava dinheiro. (GÉRBERA⁷⁴)

A liberdade e o ritmo frenético da vida fez Gérbera repensar em sua situação: *“Eu estava com saudades... e vi também que esse mundo de drogas e tal é muita loucura. E daí quis voltar porque eu tinha um prazo na faculdade para voltar também”*.

Ela percebeu que o aparente mundo dos sonhos e holofotes, na verdade, era uma fuga da realidade e provocava um grande vazio. Os valores que lhes foram passados prevaleceram.

O quarto incidente crítico: abertura do ateliê em São Paulo

Após retornar de Portugal, Gérbera deu continuidade aos estudos na faculdade, quando encontrou um estágio que possibilitou em um desenvolvimento considerável.

No último ano da faculdade eu montei um ateliê que chamava Sorte Sua. era eu e a Fernanda, e a gente só fazia blusinha de fluity, esse que é mais larguinho, confortável e tal, e uns bordadinhos pequenos, fazia para uma ONG de senhoras, a gente ensinava, elas faziam, costuravam quantidade pequena e a gente pegava e vendia em loja. a gente deixava e elas acertavam com a gente semanalmente, então entrava um dinheirinho bom também. Daí fiquei quatro anos com o ateliê. (GÉRBERA⁷⁵)

Esse acontecimento tornou-se marcante, por ser seu primeiro ateliê e principalmente por ser em parceria com uma ONG, dando-lhe realização pessoal em ter seu próprio empreendimento e profissional em poder gerenciar seu negócio.

O quinto incidente crítico: gravidez, nascimento do filho e retornar a vida no interior

Após uma traição amorosa, ela engravidou de seu melhor.

Eu já tinha 26 anos, não era tanto assim, eu já tinha meu negócio, meu dinheiro, minhas coisas. Meu pai não falava comigo, meu irmão não falava comigo, meu avô não falava comigo. E minha mãe comigo, daí a barriga vai crescendo, meu pai vai começando a ter cuidado, olhando mais para você, mas não falava. (GÉRBERA⁷⁶)

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Idem.

A gravidez, na verdade, foi uma grande mudança na trajetória de Gérbera e inicialmente nem ela e muito menos a família souberam lidar com a situação. Ela se sentiu envergonhada e receosa. Foi necessário retornar para sua cidade natal e recomeçar sua vida em todos os aspectos. Afirmou: *“peguei computador, tudo e coloquei tudo no carro, aí eu vim embora no oitavo mês”*.

Novos desafios surgiram, inclusive profissionalmente.

O meu filho nasceu, começou a crescer e eu comecei a trabalhar com meu pai na loja de material de construção. Eu ficava no caixa, a vida inteira desde que o Meu filho nasceu. A Áurea apareceu na minha casa, falando que tinha separado do marido, e que precisava voltar a trabalhar. Começou o ateliê Love ali, ele só chamava Love, daí era meu e de uma amiga minha, na minha casa em Aparecida e na casa da Áurea em Taubaté, que ela morava em Taubaté. Eu fiquei assim uns três anos fazendo essas coisas. Uns nove anos atrás, que eu montei o Love, mas era um blog na época, blog sport. (GÉRBERA⁷⁷)

Para desempenhar melhores serviços no depósito de seu pai, devido ao crescimento deste, ela precisou voltar aos estudos, como contou: *“fui fazer pós na FGV em administração de empresas. Para ajudar na administração do meu pai, mas aí me ajudou demais no meu blog sport lá”*.

Seu negócio também cresceu e exigiu novas adequações. Foi preciso mudanças e busca de novas soluções.

Daí eu fui indo, a minha sócia saiu, porque eu queria investir e ela não podia. Eu comecei a investir no ateliê, meu pai reformou minha casa, me deu material para um ateliezinho em casa. Foi à primeira loja física e aí cresceu e não cabia mais naquele quadradinho do ateliê, não dava mais, não tinha mais espaço. E a Áurea lá em Taubaté, então a produção ia e vinha. Isso eu trabalhando para o meu pai, tudo junto. Sai do ateliê do quintal da minha casa e fui para o Mezanino do Estúdio Vênus, isso há cinco anos, quatro anos e meio assim. Fiquei lá durante dois anos. (GÉRBERA⁷⁸)

Todas as adequações foram feitas associadas ao trabalho no depósito do família e com o acompanhamento do pai, que sempre a apoiou, mesmo acreditando que ela poderia ficar apenas junto dele, naquilo que já era certo.

O sexto incidente crítico: ateliê próprio

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Idem.

Gérbera realizou o sonho de ter seu ateliê em um espaço próprio, porém sem muito planejamento, fazendo com que a experiência não fosse tão perfeita como imaginou.

Vim pra cá e montei o meu ateliê, contra o meu pai - Aquilo lá é certo, o que você está fazendo é hobby, não precisa crescer igual você está crescendo, você está vendo como é difícil aqui, mas eu não enxergava tudo isso, não conseguia ver que o patrão sabe tudo como que está na loja, eu era muito sonhadora, sabe assim. Daí me deparei com funcionária, problemas com contador, leis trabalhistas, eu não sabia nada, nada, nada, nada, como manter isso aqui, planilhas, e nossa! (GÉRBERA⁷⁹)

Ela expressou o quanto amadurecer tem sido doloroso e relatou sobre o quanto estava sendo importante repensar sobre sua essência profissional.

Eu sou meio assim, meu pai por ser razão ele me puxa, só que ele está aprendendo a puxar agora, por que ele não sabia. E me perdi da minha essência, de eu criar, de eu fazer o que eu gosto, do jeito que eu gosto. Eu comecei por que eu tinha que pagar aquele custo fixo, pagar aquilo ali, eu tinha que manter aquele negócio aberto, eu comecei a fazer o que as pessoas queriam que eu fizesse, e não o que eu sempre sonhei. E me perdi da minha essência, de eu criar, de eu fazer o que eu gosto, do jeito que eu gosto. (GÉRBERA⁸⁰)

Essa situação foi um divisor de águas na vida da entrevistada. Um rever de sua trajetória profissional e uma necessidade grande de mudança comportamental diante da vida e das pessoas.

O sétimo incidente crítico: casamento

Este incidente foi outro divisor na vida de Gérbera. Ela precisou aprender a conviver com as diferenças, a ceder, a conviver com excesso de amor e divergências culturais entre famílias. Gérbera comentou o quanto foi sofrido reaprender a viver com quem se ama.

Eu casei, a minha vida virou do avesso. Tanto que eu sumo, eu volto, eu sumo de novo, eu volto e isso em tudo eu estou assim, sabe, eu estou confusa. Meu pai falou assim para mim: termina seu apartamento, não briga com seu marido, ele é excelente, um homem maravilhoso, ele ama você, isso que você está sofrendo, calma. Porque é a primeira vez que meu pai me orientou sem brigar, por que ai eu soube ouvir também, eu também estava bem para ouvir. Então estou bem, vou poder arrumar o meu apartamento, estou bem com meu marido. (GÉRBERA⁸¹)

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Idem.

O amadurecimento trouxe-lhe o reconhecimento de sua essência profissional, a busca de condições reais para realizar seus sonhos e aceitação do outro com suas próprias características. Para tanto, foi preciso enxergar o mundo com outros olhos.

Hoje, eu estou estruturada, eu tenho capital de giro, eu tenho funcionárias e não estou feliz. Eu não vou parar, mas eu vou voltar a fazer o que eu gosto, eu vou começar a fazer [...] eu vou mudar de lugar, eu vou ter uma sala de 40 metros quadrados, entendeu, tudo branquinho, arrumado minhas mesas de corte, eu vou diminuir minha produção, diminuir minha responsabilidade, eu voltei a trabalhar com meu pai em janeiro, eu estou trabalhando lá das sete da manhã, era até às 13h, agora até às 16h entendeu? (GÉRBERA⁸²)

Gérbera aprendeu a recomeçar, a ser mais firme e precisa em suas decisões. O empreendedorismo requer uma revisão constante, e conseqüentemente, a vida pessoal também. O encontrar-se mais forte e segura, menos impulsiva e com mais planejamento, vem sendo um exercício constante em sua trajetória pessoal e profissional.

Hortênsia: uma história de coragem para enfrentar o diferente

Hortênsia é uma mulher pública na cidade, por ter sido primeira dama durante oito anos consecutivos. Membro de uma família de classe média, o pai sempre foi negociante. Segundo ela, herdou dele essa habilidade. Após uma longa trajetória profissional marcada pelo comércio de produtos de várias origens, inclusive da sua própria criação, atualmente é proprietária de um ateliê de artesanato e costura.. A veia artística foi impactante em seu perfil profissional.

O primeiro incidente crítico: despertar para criação artística e opção de formação superior

Ainda muito pequena, sua vocação e interesse pela arte e costura foram aflorados.

Com sete anos de idade, eu comecei a mostrar já em casa que eu queria fazer aula de costura. Eu já tinha adoração por tecidos... antigamente tinha Casas Pernambucanas aqui, que tinha os tecidinhos, eu adorava comprar um metrinho de algodãozinho para levar para minha tia fazer short, fazer blusinha pra mim, eu já gostava dos combinadinhos, né? Então isso já começou a

⁸² Idem.

despertar... até que eu achei uma senhora que dava aula de costura e ela que deu um start na minha vida... fiz aula com ela acho que uns 3, 4 anos e depois fui procurar por um outro método, que eu não me dei bem e acabei formando meu próprio conceito a respeito de costura. (HORTÊNSIA⁸³)

Esse acontecimento foi importante para a vida de Hortênsia o suficiente para ser lembrado e aplicado no seu dia-a-dia profissional, até nos dias de hoje. Tanto que sua escolha de formação do ensino superior foi pela Educação Artística.

Os meus cadernos de educação Artística com a dona Telma, que era professora do Instituto, eram impecáveis. Adorava aquela coleção de lápis de cor, o colorido eu já me encantava pelas cores, eu sabia que eu tinha essa coisa para o lado da arte, realmente. Aí eu fui fazer educação Artística. (HORTÊNSIA⁸⁴)

Na prática, de uma maneira ou outra sua vocação sempre impactam em suas ações. Suas atividades profissionais sempre estão relacionadas com sua formação educacional e vocação natural.

O segundo incidente crítico: experiência profissional como negociadora

Por influência do pai, que era comerciante, Hortênsia buscou sua independência financeira. Ela encontrou uma oportunidade de colocar em prática sua habilidade de negociação e vendas.

Já querendo ter a minha loja e meu pai sempre falava: não adianta eu te ajudar a ter sua loja se você não começar de baixo. Primeiro você precisa ter sua experiência de como funciona, para depois você ter o seu negócio. Eu peguei e fui gerenciar a loja que fui convidada para trabalhar, montei toda a cartela de clientes, eu fiquei oito meses. Quando eu sai de lá eu tive uma proposta para ir para o banco, já pensando em montar minha loja, eu já vendia roupa. Eu ia muito para Minas para buscar roupa, já era meio que sacoleira, sempre com um pé no comércio. Meu pai tinha loja, eu sempre ali negociando carro e tal. (HORTÊNSIA⁸⁵)

Na narrativa de Hortênsia, ficou evidente não só uma habilidade nata de negociar e vender, como o querer ter seu próprio negócio e administrar o seu espaço. O espírito empreendedor latente tornou-se manifesto por volta dos vinte e dois anos.

⁸³ Informação verbal.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Idem.

O terceiro incidente crítico: carreira bancária

Por oito anos, Hortênsia foi bancária com carreira meteórica. Cresceu rapidamente e sofreu o preconceito por ser mulher e se destacar em um curto período de tempo.

Fui para o banco [...] Eu fiz todo esse processo, entrei na Martineli, passei pela Pontual, aí da Pontual eu sai fui para o Itaú, fiz o contrário, fui pro Itaú, o Unibanco veio e me tirou do Itaú e depois eu sai antes da fusão Itaú Unibanco. [...] E eu era muito invejada por ser mulher... os operadores antigos que começaram junto comigo no banco continuavam a ser operadores, eu já tinha passado pra coordenação. Aí eu tinha três mulheres que trabalhavam comigo e mulher não gosta de mulher. Eu já estava no meu limite e foi quando juntou a fome com a vontade de comer mesmo. Fui mandada embora do banco, injustamente, porque depois os superintendentes me ligaram... a menina foi pega, ela tinha feito quando eu estava de férias, ela falsificou uma assinatura minha, ela refinanciou o carro dela. (HORTÊNSIA⁸⁶)

Ela manifestou que esse tempo foi de crescimento profissional e pessoal. Possibilitando, inicialmente, um sentimento de reconhecimento, poder e liberdade financeira. Com o passar dos anos, Hortênsia foi acometida pela frustração profissional, cansaço e esgotamento emocional.

O quarto incidente crítico: realização do sonho – abertura do seu próprio negócio e mudança de local

Segundo Hortênsia, a saída do banco foi a oportunidade do nascer da empreendedora, que ela sempre sonhou em ser.

Eu sai do banco em outubro de 2002 e dia dois de dezembro eu estava com a loja pronta, montada, inaugurando a loja das roupas que eu vendia paralelo, ai fui pra São Paulo e comprei mais coisas... Falei para o Marido conversar com seu pai e verificar se ele não me daria ai uns seis meses pra reformar e tal, porque eu ainda tinha que pegar o dinheiro do banco para fazer essa montagem toda. (HORTÊNSIA⁸⁷)

O sogro fez uma contraproposta e a loja foi aberta em parceria com sua cunhada. Não foi uma experiência agradável, com curta duração e muitas mágoas entre os membros da família. Essas feridas abertas, o tempo se encarregou de curá-las, mas já a sociedade foi desfeita em meses. Diante de tal situação, Hortênsia assumiu de fato um negócio próprio e as responsabilidades deste.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Idem.

Com o tempo montei a loja, tive que alugar um outro ponto... Paguei o ponto, investi, tive que fazer reforma, então ali eu tive uma dívida a pagar e vencer. O marido me ajudou e a loja era minha, ali eu fiquei uns anos. Fiquei de 2003 até o Marido entrar na prefeitura em 2005. Aí quando ele entrou na prefeitura eu não tinha mais, ainda fiquei uns seis, oito meses, aí não tive mais condições... Não dava, porque quando eu cheguei na prefeitura, eu não queria ser mais uma que tinha passado por lá sem ter feito nada. Vendi a loja. (HORTÊNSIA⁸⁸)

Ela expressou o quanto essa fase foi de realização, responsabilidades, desafios e conquistas. Foi acima de tudo, um tempo de muita aprendizagem e crescimento.

O quinto incidente crítico: Primeira Dama – uma mistura de sensações

Seu marido foi eleito prefeito da cidade e a vida de Hortênsia transformou-se totalmente. Uma mistura de poder, realização, despertar para fazer pelo outro, dedicação, empenho e muita coragem para enfrentar as críticas positivas e negativas oriundas de uma vida pública.

Imediatamente após assumir a prefeitura, ela, como esposa, foi designada a cuidar do Fundo Social.

Eu fiquei fundo social que era ligado ao gabinete, na promoção você já trabalha com verba. No fundo social você é ligado ao gabinete, é mais doação, campanhas e tal, geração de emprego, geração de renda. Aí fiquei ali e foi uma outra história incrível, várias oficinas e tudo ligada à minha área mesmo de artes, então eu criei oficina de sapataria, de bijuteria, bordados em linhas e pedrarias, oficinas de costura. [...] Consegui montar várias oficinas de artes, artesanato de costura com muito custo, montei parceria com a Basf [...] foi onde eu comecei a minha oficina de costura, por que eu só tinha duas maquininhas de costura caseirinha para o fundo social, aí o maquinário que estragava e a gente sem verba pra nada, pedindo auxílio para todo mundo. Aí eu comecei a confeccionar tudo para a Basf, todos os brindes da Basf eu que fazia. Aí comecei a fazer para escola da Aeronáutica [...] sempre fui muito preocupada com aquele povo todo do Fundo Social, dependendo de serviço, dependendo de emprego, tudo estava nas minhas costas, ali eu já atendi mais de 600 pessoas. (HORTÊNSIA⁸⁹)

Foram oito anos de dedicação e entrega. Há um carinho explícito na fala de Hortênsia quanto a esse trabalho. Muitas pessoas foram beneficiadas por essas oficinas e até hoje, quase seis anos após deixar esse trabalho, resultados são vistos através da vida de pessoas que participaram.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Idem.

O sexto incidente crítico: falecimento do sogro e nascimento do filho

Esse incidente foi impactante na vida de Hortênsia. Em 2016, o sogro faleceu, abalando muito o marido. Ela relatou que *“o pai dele faleceu em 2006, o pai dele faleceu e um mês e meio depois eu fiquei grávida. Até hoje ele fala que foi uma tristeza superada por uma alegria”*. Ela precisou dar toda assistência ao marido, mas estava assustada com a gravidez não esperada.

A minha gravidez foi tudo tranquilo, tudo perfeito. Só que eu tomei um susto muito grande, porque na verdade eu estava com uma lipoaspiração marcada. Eu estava meio cheinha e ia fazer uma lipo. Fui fazer todos os exames e o médico me disse que eu deveria voltar em uma semana para fazer um outro ultrassom, porque estava grávida. Daí a minha vida já mudou. O marido feliz da vida porque ele tinha acabado de perder o pai dele... Ele falou que era aquele misto de sensações, que não sabia se estava triste se estava alegre, mas mudou a vida dele. Aí o que aconteceu é... eu sempre a fortuna, carregando todo mundo nas costas, fazendo e acontecendo. Acabei tendo uma depressão pós-parto. (HORTÊNSIA⁹⁰)

Hortênsia, que sempre foi muito ativa e independente, viu-se em uma brusca mudança de rotina. Houve dificuldades de adaptação, precisando de uma reestruturação em todas as áreas de sua vida, principalmente, ela consigo mesma.

O sétimo incidente crítico: doença do filho

Este incidente tem sido o mais impactante na vida de Hortênsia e de toda a família. Desde 2011, o filho apresentou, por um determinado período, uma febre altíssima. Em 2017, a crise foi muito grave, com risco de vida, sendo realizado tratamento nos melhores hospitais do país, com auxílio do exterior, sem nenhum diagnóstico conclusivo sobre o caso.

Em sua narrativa, cheia de emoção e angústia, pode-se perceber a gravidade desse último episódio.

O do meu filho foi o seguinte, eu acho que ele toda vez que sente um pouco enfraquecido ou distância minha ou do Marido, qualquer coisa que o desestabilize, qualquer coisa é o suficiente pra ele poder falar: mãe, eu estou meio fraco, eu estou meio não sei o quê, entendeu? E isso caiu a albumina, a albumina só se toma na UTI, então o quadro foi agravando e ele já com aquela respiração toda diferente... ficamos 20 dias na UTI, deu 40 dias no hospital. Dessa vez a gente quase o perdemos. Se eu não mudasse para o Sírio Libanês...foi complicado demais da conta, demais da conta. Você não tem noção, muito difícil

⁹⁰ Idem.

e sem saber assim... o problema é a expectativa! A gente fica assim: está tudo bem e daí... cadê o diagnóstico? (HORTÊNSIA⁹¹)

Esse acontecimento levou Hortênsia a repensar nos valores dados às situações da vida, a mudar de hábitos, diminuir o ritmo e dedicar-se à família. Essa doença fez com que ela se dedicasse totalmente ao filho e buscasse muito mais pelo seu crescimento pessoal e espiritual.

O sétimo incidente crítico: continuação do empreendedorismo – reconstruir seu espaço

Após sair da prefeitura – término do mandato no final de 2012, na tentativa de adequar a família ao negócio, em busca de sentir-se útil, ter o próprio dinheiro e de continuar ajudando pessoas, Hortênsia buscou novamente outras saídas.

Montei a primeira loja de artesanato, onde estou hoje. Montei uma loja de artesanato, primeiro uma loja de páscoa, depois eu montei uma loja de natal. Fiquei em casa, aí eu trouxe a Estela que era funcionária do Fundo Social Trouxe ela comigo, ficou aqui em casa a gente fazia [artesanato] e ainda gerava renda para um monte de gente. (HORTÊNSIA⁹²)

Em 2015, até por orientação psicológica, ela abriu definitivamente o ateliê, criando forças para restabelecer-se e voltar a crescer profissionalmente, podendo realizar-se pessoal e financeiramente, além de desvincular-se integralmente do ambiente familiar e da excessiva proteção para com o filho.

Em 2015 que eu resolvi levar tudo para cidade, até com a própria conversa com a psicóloga. Ela disse: Chega! Vamos cuidar da vida... ele precisa desse distanciamento para poder crescer e amadurecer. Eu, graças a Deus, não posso reclamar por que a minha clientela é uma clientela diferenciada. Faço coisas tanto para adulto, como para criança. Toda semana eu tenho como pagar os meus funcionários. Hoje lá na loja o que eu faço: Eu pago os meus custos, pago as minhas funcionárias, invisto em material e faço uma beifeitoriazinha com um dinheiro que fica no caixinha reservado. Eu não tiro dinheiro de lá pra viver, porque eu comecei do zero de novo sem ajuda. (HORTÊNSIA⁹³)

O empreendedorismo é uma característica de Hortênsia. Entretanto, ainda tem dúvidas sobre o que fará futuramente. O marido pretende voltar fortemente a concorrer pela prefeitura da cidade. Caso eleito, ela pretende retornar com as

⁹¹ Idem.

⁹² Idem.

⁹³ Idem.

oficinas do Fundo Social e ainda assumir a secretaria de turismo da cidade, por ter vários projetos para esta. Contudo, o lado empreendedor continuará em atuação.

No meu negócio queria entrar em alguma coisa de produção em série. Porque apesar de todo mundo adorar o que eu faço, nessa época eu estou totalmente parada. [...] Eu queria montar uns ônibus da festa sabe de artesanato mesmo, para poder colocar em Aparecida, na Canção Nova. Porque se comprar um ônibus velho é muito mais barato e ele não vai rodar. Eu só preciso de um alvará da prefeitura para deixa-lo estacionado em um determinado lugar e mexer com essa parte de artesanato tudo lá. Já imaginou um ônibus inteiro todo adesivado, a pessoa entrar dentro do ônibus, eu vou fazer isso pelo fundo social eu vou fazer, se eu não conseguir antes, montar esse negócio e vai ganhar muito dinheiro principalmente em Aparecida. (HORTÊNSIA⁹⁴)

O que foi percebido é que a criatividade de Hortênsia não tem limites. A coragem para iniciar, reiniciar, construir e recomeçar são determinantes na trajetória profissional dessa empreendedora.

Margarida: uma história de confiança em seu próprio potencial

Margarida é uma mulher de trinta e oito anos, com aparência de adolescente e determinação de uma pessoa bem mais experiente. Maquiadora profissional e professora de maquiagem tem sua profissão como vocação natural. Dos dezesseis anos dedicados a essa área, os três últimos foram como empreendedora, proprietária do seu ateliê de beleza para noivas e festas. Sua marca está fortalecida na cidade que inicialmente ela teve dificuldades de se colocar, devidos às resistências culturais quanto a tudo que não é originário desta. Membro de uma família humilde de Birigui, interior de São Paulo, ela percebeu que para ter sucesso, precisava acreditar em suas habilidades e ir em busca de sonhos. Foi exatamente o que fez para escrever sua trajetória profissional.

O primeiro incidente crítico: outras áreas profissionais – necessidade e certeza de suas habilidades naturais

Filha de uma dona de casa e um motorista, com três irmãos, começou a trabalhar muito cedo como todos seus irmãos. Com quatorze anos, ela iniciou sua vida profissional em uma fábrica de sapatos de sua cidade natal.

Meu primeiro emprego eu tinha 14 anos, aí depois 15, 16, 17. Nunca fiquei parada, só que assim, eu trabalhava em uma fábrica de

⁹⁴ Idem.

calçados...Lá em Birigüi, porque Birigüi é a capital do calçado só tem fábrica de calçados. Na época eu tinha carteira, era com 14 anos que começava trabalhar. Estudava a noite. Eu precisava financeiramente. No segundo ano de faculdade que eu sai da fábrica de calçados. Trabalhava e estudava...Eu fiz a faculdade fazendo escola da família aos finais de semana, eu não parava. (MARGARIDA⁹⁵)

Margarida precisou trabalhar para apoiar financeiro em casa, mas continuou a estudar. Concluiu o ensino superior, no curso de Administração de empresas. Esse foi um período difícil, mas fundamental para ser quem se tornou. Ela teve uma oportunidade de emprego na área de formação, que a fez ter certeza de que aquilo não era sua vocação.

Sai da fábrica de calçados e entrei no escritório, no escritório de contabilidade [...] eu era secretária e me auto avaliando nunca me achei uma boa secretária, sempre soube que poderia ser melhor, mas eu não tinha aquela coisa... aquele gás. [...] eu não levo jeito, o meu dom é trabalhar com maquiagem [...] Aí eu terminei a faculdade e fui para o primeiro curso de maquiagem. Foi onde eu me encontrei, e na faculdade, a minha maquiagem de formatura foi eu quem fiz, tinha umas amigas da faculdade que iam para algumas festas e já me chamavam para fazer maquiagem. (MARGARIDA⁹⁶)

Ser uma maquiadora, mesmo que ainda pouco conhecida já a realizava. Ela conseguiu perceber que fazer aquilo que lhe proporcionava felicidade, era fundamental para sua realização profissional.

Eu comecei fazendo das amigas por fazer, porque eu gostava, aí depois que eu comecei a cobrar. Logo no começo eu sempre achei que eu era boa em maquiagem, só precisava ser moldada e ter a parte teórica, conhecimento mais a fundo. Sempre com facilidade, eu sempre achei que eu levava jeito. (MARGARIDA)

Foi assim o início da trajetória de Margarida. Ela buscou ampliar conhecimentos para fazer carreira e obter sucesso. Percebendo que atualizar-se deveria ser um ato contínuo.

O segundo incidente crítico: mudança para o Vale do Paraíba

Esse incidente foi de grande impacto na vida de Margarida. Através desse acontecimento, ela reinventou-se para adaptar em cidades que não conhecia absolutamente nada e ninguém.

⁹⁵ Informação verbal.

⁹⁶ Idem.

Cheguei aqui por conta do trabalho do meu esposo né...ele é meteorologista e teve a oportunidade de vir trabalhar no INPE em Cachoeira Paulista [...] Quando nós viemos para cá, nós viemos e moramos em São José dos Campos. Eu fiquei apaixonada em morar lá, só que o meu marido, ele tinha que viajar todos os dias para Cachoeira. Então, assim a gente morou dois anos. Eu trabalhava no salão que chama “O shopping da beleza”, lá na Avenida Andrômeda. Eu trabalhava lá, quando eu estava começando a me destacar mais lá no salão a gente teve que mudar para cá. (MARGARIDA⁹⁷)

Vir para a cidade de moradia atual foi novamente um recomeçar. Por ser uma cidade menor, com maior dificuldade de relacionamento e menor possibilidades de trabalho.

Foi bem difícil no início. Por que como que eu ia divulgar que fazia designer de sobrancelha, se eu não tinha nenhuma amiga? Nem assim colega. Eu ia dizer: deixa eu fazer pra você (risos). Foi bem difícil no começo, mas a gente morava em um apartamento, a gente chegou aqui alugamos um apartamento e eu ficava muito presa, eu me sentia muito sozinha, muito solitária, foi até então que ele me deu a Malu de presente, que é a minha cachorrinha, aí olha só que interessante. Eu falei assim, eu pensei... eu preciso fazer parte de algum grupo para poder fazer alguma amizade, porque assim que a gente começa né? Nem que eu tenho que fazer alguma aula de inglês, uma aula de alguma coisa, eu preciso fazer alguma coisa e foi quando eu descobri que tinha a Embeleze aqui, e era nova a Embeleze, ela tinha acabado de inaugurar. Então fui lá, me inscrevi apesar de ser maquiadora profissional, apesar de eu já ter curso. (MARGARIDA⁹⁸)

Embora o objetivo fosse o de conhecer pessoas, Margarida esperava ainda conseguir mais um diploma para reforçar seu currículo.

Eu vou entrar, vou fazer alguma coisa, vou aprender com certeza né? Mas o intuito maior era para conhecer pessoas. E eu sai sem certificado porque eu sai com professora. Tinha prática e assim, as meninas que estavam do meu lado tinha dificuldade e eu sem querer ensinava, ajudava. Nesse meio tempo, a professora do curso teve que mudar para Minas e tinha Embeleze lá, ela foi pra lá transferida e me indicou para a secretaria. Ela falou assim: ela sabe muito, ela está ali mas não pode ser aluna, ela daria para ser professora. (MARGARIDA⁹⁹)

Margarida passou de aluna à professora. Ficou um ano como professora e deixou o curso para ser designer de sobrancelhas e maquiadora. Através dessa

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ Idem.

⁹⁹ Idem.

nova oportunidade, divulgou seu nome no mercado, aumentou sua carteira de clientes e aperfeiçoou-se profissionalmente.

O terceiro incidente crítico: experiência no exterior

Depois de um ano no salão, o esposo foi defender o Doutorado nos Estados Unidos. Ela não perdeu a oportunidade de acompanhá-lo e utilizar desse tempo para seu crescimento profissional.

Fui para os Estados Unidos em 2014, em janeiro de 2014. Pelo doutorado do Marido exatamente, então como eu fui como acompanhante eu não pude trabalhar lá e aí eu fiz vários cursinhos, aí eu fiz curso de inglês né? Óbvio, porque eu não sabia nada, eu precisava estudar inglês. Aí fazia curso de inglês lá e fazia alguns cursos também na área da beleza, fiz algumas especializações de sobrancelhas, fiz de maquiagem, fiz até um curso na Mac e assim tinha um salão grande lá que fazia vários workshop, cursos mesmos né?... aí eu fiz alguns lá e quando eu voltei eu voltei com tudo sabe. (MARGARIDA¹⁰⁰)

Margarida voltou com muitos conhecimentos e materiais, fortalecida para fazer a diferença. Retornou trabalhando no salão que estava antes de ir viajar e por um ano conciliou os atendimentos neste, com atendimentos domiciliares aos seus clientes particulares. Rapidamente, optou por trabalhar apenas para si. Ela tinha amadurecido pessoalmente e sentia-se segura profissionalmente.

O quarto incidente crítico: empreendedorismo – a abertura do seu próprio negócio

Esse incidente foi um divisor na vida de Margarida. Ele foi a realização de um sonho – a conquista do seu espaço.

Em 2016 eu abri o ateliê... Assim, a gente sempre tem um sonho né? O meu era de ter um espaço, aí eu fiz o curso de micro pigmentação que é fio a fio, só que a micro pigmentação eu não poderia atender a domicílio eu teria que ter um espaço com uma luz, com ambiente próprio pra poder executar a tarefa, mesmo porque eu também vou trabalhar com agulha tem que ser muito certinho e a vigilância não aprovaria esse tipo de trabalho então...e o curso que eu fiz eu fiz um investimento muito grande, eu fiz um investimento muito alto pra fazer esse curso, fui lá em Londrina no Paraná, comprei o melhor equipamento que existe... investi muito alto pra não poder fazer... depois eu fiz uma especialização em Jundiaí com o maior nome de micropigmentação no Brasil. Aí foi quando surgiu a ideia de montar um ateliê, um espaço que mesmo que fosse para maquiagem,

¹⁰⁰ Idem.

sobrancelha, a eu falei assim: Bom já que eu vou montar um espaço, eu quero que seja uma coisa diferenciada que já tem na cidade, eu preciso para dar certo, propor algo diferente. Fiquei com muito medo de não dar certo, de não conseguir pagar as despesas. Quando a gente montou, que nem... papel de parede tudo foi pensado em atender Madrinhas... noivas...formandas também, assim... Alguém que queira ir para uma festa e querem uma maquiagem e não importa para que... que seja para tirar foto, fazer um ensaio fotográfico. Não é um salão, exatamente isso, porque aqui a gente não faz corte, química e unha. Eu dou cursos de maquiagem profissional, o ano passado nós formamos mais ou menos ... em torno de 7 a 8 turmas de Maquiagem profissional. (MARGARIDA¹⁰¹)

Margarida investiu em seu sonho, trouxe um espaço inovador, conquistou seu lugar na cidade e vem crescendo tanto em número de funcionários, quanto em número de clientes. O sucesso já é a marca registrada dessa profissional.

O quinto incidente crítico: Ser mãe

Esse acontecimento foi considerado por Margarida como o mais emocionante de sua vida. Mesmo sem planejar, ver a filha nos braços a fez sentir-se completa. Entretanto, a mudança de rotina foi inevitável e a readequação de agenda também, mesmo que por um pequeno período.

Não foi planejada, ela veio. Dei conta graças a Deus, eu tive uma gestação bem tranquila, não passei mal desde o início... Descobri que eu estava grávida porque a barriga apareceu muito rápida e engordei bastante, mas assim ...não passei mal. Eu não desmarquei nenhuma cliente, minhas funcionárias me ajudaram muito, ficavam sempre perguntando se eu estava bem se não estava. A maternidade é uma coisa que eu estou aprendendo ainda. Estou feliz, só que assim, a gente aprende né? Um dia a gente vai aprendendo né? É muita coisa, é tudo muito novo, eu não tenho minha mãe aqui pra ficar falando: filha é assim, é assim, mas você vai aprendendo. Ainda não, não planejei nada porque quero ver como as coisas vão fluir, porque a partir do momento em que estiver me atrapalhando e eu achar que não tem problema colocar eu vou colocar ela na escolinha, mas se a gente for vendo que dá pra eu conseguir trabalhar durante a semana com ela aqui e com alguém ajudando a cuidar, tranquilo. (MARGARIDA¹⁰²)

Apesar de todas as manobras, adaptações, entregas e recusas, Margarida vem conciliando o ser mãe e profissional. Ela afirmou sentir-se muito realizada em todos os âmbitos de sua vida, já que o esposo participava ativamente como pai e administrador do negócio. Novos cursos já estavam agendados e muitas clientes já

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² Idem.

tenham suas datas marcadas para atendimento. O ateliê iniciou em uma sala de um prédio comercial e hoje o espaço já foi ampliado para duas salas. Ela sabe que irá crescer mais um pouco, com o objetivo de dar um atendimento de melhor qualidade a quem acredita no trabalho do ateliê, porém, isso será feito com muito planejamento e estudo, já que não pretende perder de vista a ideologia central do negócio – atendimento personalizado e de qualidade, para realização de sonhos das clientes.

Margarida mostrou-se disposta a melhorar sempre e não via a possibilidade de qualquer obstáculo limitá-la nesse objetivo.

Orquídea: uma história de resiliência e desbravamento

Orquídea é uma jovem senhora de 50 anos, proprietária de uma tradicional loja de roupas e acessórios, com 24 anos de existência, em uma cidade da região do Vale do Paraíba, no interior de São Paulo. Membro de uma família da região sul do Brasil, seus pais trabalhavam arduamente para manter a família, mas preocupavam-se com a transmissão de valores e a educação dos filhos. Sua vida, plena de decisões impactantes, reflete uma trajetória profissional/feminina e empreendedora.

O primeiro incidente crítico: férias na casa dos avós paternos

Dos 06 aos 12 anos, anualmente, Orquídea passava suas férias escolares na casa dos avós paternos. Durante esses dias de férias, em meio às recordações do prazer em viver na natureza e saborear as delícias feitas pela avó, ela relatou que muitos dos seus comportamentos e valores foram apreendidos lá.

E o que eu encontrava lá? Uma disciplina completamente diferente até da minha rotina diária... Eu gostei muito dessa fase que a gente passava férias na casa da minha avó, pois a gente não tinha tempo ocioso. (ORQUÍDEA¹⁰³)

Orquídea atribuiu aos momentos vivenciados nessa época, a responsabilidade adquirida de sempre manter uma disciplina rígida em suas atividades diárias, não se permitindo viver momentos de ociosidade que não lhe trouxessem um crescimento pessoal e/ou profissional. Considerou que a experiência

¹⁰³ Informação verbal.

proporcionada pela convivência com os avós a fizeram uma pessoa organizada, capaz de planejar e preencher sua agenda diária, diminuindo as chances de desperdício do tempo e de oportunidades.

O segundo incidente crítico: a admiração pela mãe e sua busca por soluções para a manutenção financeira da família

Orquídea, emocionada, expressou a admiração pela mãe, sua principal fonte de inspiração para se tornar uma mulher persistente e incansável na busca contínua de melhorias e soluções para enfrentar os obstáculos impostos pela vida.

[...] a mulher acompanhava o marido na roça, realizava as mesmas atividades e ainda cuidava da casa e dos filhos [...]. Era sempre assim, não tinha roupa de loja, [tudo era] sempre feito em casa. Minha mãe sentava na máquina e costurava. Fazia tudo isso e me influenciou muito". Com muito orgulho, relatou Orquídea: "eu herdei esse lado guerreiro da minha mãe, essa mulher de não esperar nada de ninguém [...] Olha eu comprei essa casa, estudei as meninas, comprei o terreno na Vila Paraíba comprei o meu ponto ali... sempre [com pagamento] à vista. Eu tenho dinheiro eu compro, eu não tenho eu não compro. Eu estou terminando de construir nossa chácara. (ORQUÍDEA¹⁰⁴)

O reflexo do exemplo da mãe, na vida de Orquídea, foi expresso com muita ênfase em toda sua narrativa.

O terceiro incidente crítico: o contexto cultural e histórico

Outro aspecto manifesto constantemente na narrativa de Orquídea foi sua persistente busca por recursos próprios para o desenvolvimento pessoal e profissional. Segundo ela, independente da classe social, a cultura do sul do Brasil estimula os filhos a não dependerem financeiramente de seus pais para sua formação.

O trabalho fez parte de sua rotina diária desde os 12 anos e teve em sua trajetória funções diversas, como a de babá, bancária até o de assistente administrativa em uma metalúrgica, pelo qual expressou orgulho por ser esse emprego a conquista de um sonho.

Lá no Paraná, quando era pequena, eu falava para minha mãe que quando eu fosse trabalhar iria comprar um fogão... e eu fiz exatamente isso, quando fui trabalhar troquei todos os móveis dela[...] nesses anos todos [...] [de trabalho], todo o dinheiro que eu

¹⁰⁴ Idem.

ganhava era para fazer enxoval, porque fui criada para casar e para ajudar dentro de casa com alimentação... Eu gostava muito de comprar móveis, cadeiras, geladeiras, fogão... todos os móveis da casa da minha mãe fui trocando com meu dinheirinho [...] herdei, uma sucessão de costumes, nunca esperei nada dos meus pais, eu casei lá no Sul, trabalhei, paguei meu casamento, meu vestido [...] e todo mundo que [...] foi convidado para igreja automaticamente [...]foi para a festa (costume de lá). Fiz uma festa para 50 pessoas. (ORQUÍDEA¹⁰⁵)

Quando veio morar no Vale do Paraíba, uma das suas maiores dificuldades enfrentadas foi a diferença cultural. Ela relatava que *“foi um choque de cultura muito grande, porque de onde eu vinha filho de classe baixa, média ou alta trabalhava e pagava sua faculdade. O pai não bancava estudo para filho, ele bancava até o terceiro colegial”*.

O quarto incidente crítico: casamento, gravidez e mudança para o Rio de Janeiro

Este incidente, para Orquídea, foi o acontecimento mais impactante em sua vida, pois alterou definitivamente o rumo de sua trajetória. Em um curto período de tempo, tornou-se uma mulher casada e com uma filha, além da mudança para longe da família e o afastamento das tradições culturais tão significativas para a entrevistada.

Na metalúrgica encontrei meu ex-marido [...] Eu fazia o terceiro colegial e ele [...] me ensinava as matérias exatas [...]. Depois do nascimento de minha primeira filha, fiquei mais 06 meses [naquela cidade] [...]. O meu ex-marido arrumou um emprego no Rio de Janeiro... No Rio de Janeiro eu fiquei um pouco ansiosa, não fiquei muito feliz lá. Fiquei 01 a 03 meses lá e fui para Petrópolis. [...] Eu comecei a fazer biscoito em casa, petifours, fazia biscoitinhos recheados com geleia de goiaba, fazia meia lua [...] e passava no açúcar cristal. Eu juntava os saquinhos de açúcar união, juntava acho que uns 20 a 30 saquinhos, mandava pelo correio e ganhava um livro de receitas [...]. Ganhava um salário mínimo fazendo biscoitinho em casa... Eu vendia no prédio e na creche, quando eu ia buscar minha primeira filha. (ORQUÍDEA¹⁰⁶)

Toda as mudanças impulsionaram-na a buscar soluções inovadoras e reaprender a viver. A resiliência é uma constante característica na trajetória de Orquídea.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Idem.

O quinto incidente crítico: mudança para a casa dos sogros, no interior de São Paulo

Após 03 anos em Petrópolis, em razão de problemas financeiros, eles se mudaram novamente. Agora para uma cidade do Vale do Paraíba, interior de São Paulo. Esse novo tempo foi de superações e renovação. O empreendedorismo tornou-se marca determinante em sua trajetória. Para conseguir e manter uma moradia, foi preciso um desdobramento de alternativas, pois o rendimento do marido não era suficiente para as despesas.

Eu fazendo pão ainda, fazendo pão de batata, indo para Petrópolis, pegando ônibus, comprando roupa e vendendo roupas na rua. E o primeiro mês de aluguel da casa foi pago. Embora a família do marido, que morava na mesma cidade, tivesse boas condições financeiras, ela afirmava: eu não vim para ficar de graça aqui, [as contas] de a água e a luz pagava com o dinheiro do pão e das roupas [...]. Uma tia de meu marido tinha uma fábrica de absorventes e então ela trazia aqueles pacotes de absorventes, de fraldas de neném e eu vendia na rua... comecei o brechó no comecinho de 94. Eu abri firma em outubro de 94. Tenho empresa aberta desde o brechó. Eu pegava Natura, vendia e ganhava 20% [...] eu pagava água, luz, telefone, tudo com o dinheiro do brechó. Quando eu comecei o brechó, parei de fazer pães. Nunca atrasei um mês de aluguel. Tudo com dinheiro do brechó então, [assim], eu paguei o aluguel. (ORQUÍDEA¹⁰⁷)

O espírito empreendedor já era determinante e tomou força com a abertura do próprio negócio, sendo mantido e fortalecido ao longo dos anos.

O sexto incidente crítico: separação conjugal e as filhas sob sua responsabilidade

Orquídea relatou que a separação conjugal foi determinante para que sua versão empreendedora se estabelecesse no comércio local.

Depois de 2005, quando houve a separação, minha vida fez assim “pum”! Comprei essa casa, comprei o terreno nesse bairro bom, comprei o meu ponto lá... Financeiramente estabilizei [...]. E assim, quando eu pensava em desistir, eu lembrava que tinha minhas filhas, eu lembrava que eu podia ter um futuro melhor [...] e que eu era forte, saudável, que eu podia trabalhar... Então eu não perdi meu tempo na separação em correr atrás de bens dele [...], Conquistei meu espaço por necessidade e busquei esse caminho por ser a solução. Eu sempre sabia que ia dar um jeito... minha mãe sempre dava um jeito e comigo não seria diferente [...] Hoje, eu estou quase

¹⁰⁷ Idem.

me aposentando, faltam dois anos para me aposentar [...] Eu vou ficar ainda mais um pouco com a loja, porque a loja prende bastante, não é? [...]. Eu estou pensando justamente agora com elas [as filhas] se continuarão e como continuarão com a loja. (ORQUÍDEA¹⁰⁸)

Como narrado por Orquídea, o momento atual é marcado por sua preocupação em passar seu legado. A aposentadoria faz parte de seu planejamento, vislumbrando um possível descanso. Para tanto, vive um tempo de revisão do percurso, de uma nova mudança de rumo e de incertezas pessoais.

4.2.3 Geração Y

Dália: uma história de convicção

Dália é uma jovem mulher, que desde criança apresentou interesse pelo empreendedorismo, embora o termo não fizesse nem de longe parte do seu vocabulário. Ao longo dos processos formativos e experiências profissionais, não se reconheceu como uma profissional assalariada e tornou-se proprietária de uma loja de acessórios femininos, que no momento da pesquisa encontrava-se em desenvolvimento e expansão.

O primeiro incidente crítico: brincadeira inspiradora n na infância

Dália narrou ter vivido uma infância em família unida e feliz. Contou, ainda, que seu lado hoje reconhecido como empreendedor já era discretamente percebido em brincadeira realizada habitualmente junto à irmã e prima.

Tenho uma irmã mais nova... Sempre família. A gente é bem unida, nunca tive problemas familiares, não passei necessidade. Sempre juntas. As duas se formaram em TI, os dois (pais) sempre deram suporte para gente, sempre ajudaram, sempre apoiaram na tarefa... iam à biblioteca porque não tinha Internet... Aí eu fui crescendo [...] Acho que a veia empreendedora, acho que já nasceu comigo. Aquela ali é minha mãe, ela conta que desde criança a gente brincava - eu, minha irmã e minha prima... Eu era a que tinha o restaurante, a minha irmã era cliente e a minha prima era funcionária... mas só que isso eu nem imaginava que seria minha profissão. (DÁLIA¹⁰⁹)

Embora fosse uma simples brincadeira de criança, ela a registrou na lembrança e acabou utilizando-a como “inspiração” para sua condição atual.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ Informação verbal.

O segundo incidente crítico: identificação do que não é sua vocação - formação superior e experiência profissional na área

Aos dezenove anos, Dália terminou o ensino superior em Tecnologia da Informação. Ela afirmou que sempre foi insatisfeita com sua escolha de formação e que por ter iniciado o curso ainda muito nova, não tinha certeza sobre o que realmente tinha interesse em ser e fazer. O fazer esse curso trouxe-lhe sentimento de infelicidade.

Eu gostava muito da área de arquitetura, eu me identificava e nessa área, apesar de não ter ninguém na minha família, nunca tive contato, pelo menos nessa área eu sabia que poderia ter meu escritório por exemplo. Aí fiz o vestibular para arquitetura e não passei em nenhum. Passei para a área de informática. Fiz na FATEC, foi a única que passei... Era pública, todas que tentei eram públicas. Foi onde eu passei e então falei vou tentar, não vou passar mais um ano prestando vestibular. [...] Aí fiz, mesmo nesse período todo da faculdade sendo infeliz, eu não gostava. Eu gostava só da parte gráfica, que é o que uso hoje... E fiz esses três anos. Nunca repeti nenhuma matéria mesmo não gostando. Nunca repeti... Passei de primeira no TCC também. Terminei fiz estágio. Aí terminei a faculdade. (DÁLIA¹¹⁰)

Suas experiências profissionais, a partir da conclusão do ensino superior, também não foram satisfatórias e muito menos prazerosas.

Comecei a trabalhar com dezoito anos. Eu trabalhei em um escritório, era Imobiliária e Advocacia, por volta de oito meses. Depois trabalhei na SAEG, no atendimento, como estagiária Depois trabalhei, fiz o estágio mesmo, aquele um assinado na área de videoconferência do Estado, na Diretoria do Ensino [...] Aí terminei a faculdade e fiquei três meses em uma empresa na Basf, terceira, de São Paulo. Eu gostei da empresa... A empresa é uma empresa multinacional, tive contato com várias pessoas e é uma empresa que tem um sistema diferente de tratar os funcionários... Todo mundo, quem trabalha lá assim, na empresa mesmo, gosta né? Eu gostei da empresa, mas não do serviço. E aí que a empresa foi embora e eu fiquei desempregada. (DÁLIA¹¹¹)

As experiências profissionais mostraram a Dália que ser uma profissional de informática não a faria feliz. Despertaram nela a ideia de que trabalhar como funcionária não era o que ela sonhava para sua vida. Fortaleceu assim o desejo latente de ter seu próprio negócio, embora não tivesse ainda um projeto.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Idem.

O terceiro incidente crítico: tentativa frustrante – experiência como empregada e continuação dos estudos

Em uma última tentativa de trabalho formal, trabalhou em uma editora da região, Dália relatou a vivência da falta de reconhecimento e sobrecarga de responsabilidades.

A Editora foi um local marcante, por causa da responsabilidade que eu tinha. Então eu entrei para trabalhar na minha área, entrei no TI, só que em dois meses eu fui transferida para área da produção. Eu cuidava dos sistemas da pré-impressão de livros. [...] Sobrecarregava, porque era só eu para cuidar do sistema.[...] tinha outros clientes, de outras cidades, Rio de Janeiro e São Paulo, a gente tinha que ir lá, eles não entendiam por telefone e tinha que dar suporte pessoalmente. E nisso, eu não ganhava nada, era assim... muito pouco hora extra e esse que eu atendia na minha casa, não ganhava nada. Aí o tempo foi passando, passou um ano, fui reclamar para o padre que eu estava muito estressada, sobrecarregada, ver o que ele poderia fazer... Aí fui promovida!!! Promoveu no mesmo lugar, no mesmo serviço, só mudou o nome na carteira e aumentou R\$ 200,00. Aí só para eu ficar quieta e não reclamar mais... E aí continuou a mesma coisa, a mesma coisas. (DÁLIA¹¹²)

Mesmo insatisfeita, Dália insistiu em continuar sua formação na área de Tecnologia da informação, para até mesmo prestar melhores serviços na Editora, mas não obteve êxito e estava infeliz. Definitivamente, ela não pretendia seguir na área e não conseguiu dar andamento em cursos de aperfeiçoamentos, como narrou: “Quando eu estava na Editora, eu cheguei a começar um MBA na UNESP de Engenharia da Computação, fiz um mês... eu estava tentando insistir ainda... (risos) Aí tranquei”.

Ainda na Editora, ela conseguiu vivenciar e conhecer de perto a dificuldade cultural e geracional no ambiente de trabalho, o que a fez experimentar o quanto o trabalho pode adoecer.

Os caras com quem eu trabalhava, era uma equipe de 12 pessoas, eram duas mulheres, eu falava que parecia repartição pública, por mais que fosse uma empresa era aquele pessoal que faz tudo errado todo dia e não quer mudar. Irritava-me também as pessoas, porque você chega nova, quer fazer isso, quer dar ideias e as pessoas tinham 20 anos de casa, todo mundo já estava quase aposentando, então às vezes o serviço nem era meu e sobrava para mim.. Aí passou, eu estava completando quase dois anos de empresa, super estressada, nossa era um terror pra mim, tinha que pegar dois ônibus, 06h00 da manhã e eu não tinha vontade de levantar da cama... Muito infeliz! (DÁLIA¹¹³)

¹¹² Idem.

¹¹³ Idem.

Diante de tamanha insatisfação, seu corpo respondeu a todo mal estar emocional que vivia e como consequência na empresa, obteve retorno esperado, mas não mais aceitável.

Em um dia tive três crises, eu comia e dava uma dor na minha barriga, que até rolava no chão de dor, eu chorava. Aí fui ao médico, descobriu que estava com 35 pedras na vesícula, aí eu operei e fiquei 45 dias afastada. Aí eu voltei, como eu os deixei meio que na mão porque o sistema estava sob a minha responsabilidade, eu voltei e fui mandada embora. Fiquei feliz da vida, foi até no dia do 07 X 01 no Brasil, 08/07/2014, eu estava toda contente, sai feliz da vida e todo mundo triste... (risos). (DÁLIA¹¹⁴)

Esse acontecimento foi definitivo para o nascimento da empreendedora.

O quarto incidente crítico: empreendedorismo – abertura da loja virtual

Influenciada pelo namorado que também abriu sua loja após perder o emprego em uma grande empresa local, ela decidiu abrir seu negócio. Por não se reconhecer como uma vendedora, preferiu realizar essa experiência virtualmente.

Aí resolvi, vou começar com o site. E o que o site era? Era um catálogo que eu montei em 01/12/2014... comprei as peças de um site, como se fosse revendedora. Montei CNPJ... Eu comprava no atacado, aí eu recebia as peças coloquei na minha Page, tirei as fotos e coloquei no site... E comecei a divulgar! Assim vendi para o Brasil inteiro... Mas, como eu levava pessoalmente para as cidades da redondeza, o que aconteceu? As pessoas queriam que eu levasse as peças pessoalmente. O ano inteiro de 2015 eu entreguei, só que foi aumentando. E aí eu já não dava conta do site... para o Brasil eu já não enviava muito direito. Eu marcava, das 10h00 até 20h00, uma cliente por hora, ia a casa delas, chegava lá com a mala e elas compravam. O ano inteiro de 2015 eu entreguei os produtos. (DÁLIA¹¹⁵)

Pela primeira vez, Dália se viu realizando algo que fazia sentido à sua vida e promovia sua realização profissional. Estava feliz.

O quinto incidente crítico: revisão de rota – casamento e transição da loja virtual para a loja física

Com o casamento marcado para setembro de 2016, não foi mais possível conciliar as entregas e os preparativos necessários para o evento. Aproveitando o

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ Idem.

espaço comercial do futuro marido e o apoio deste para seu desenvolvimento, ela iniciou o projeto de ter seu negócio físico montado.

Meu marido me ajudou muito nessa transição da loja virtual para a loja física [...] Na loja dele, eu coloquei metade de um painel desses daqui com as bijuterias. Então não tinha mais o site em 2016. Em 2016 eu não tinha mais o site, não entregava mais, tinha só esse painel e o Facebook e Instagram. Porque até hoje, as redes sociais são o forte da loja. (DÁLIA¹¹⁶)

Com a mudança da loja virtual para a loja física, novos desafios foram agregados à vida de Dália e adaptações foram necessárias. Foi preciso um reinventar-se constante, até porque o espaço físico acabou ficando pequeno demais para o negócio dos dois, principalmente pelo fato da loja do marido ser masculina, diferente de seu negócio voltado às mulheres.

Eu tive que conquistar mesmo novas clientes, porque eu já não dava conta de entregar e porque assim, as que eu entregava já não vinham mesmo na loja. Então praticamente eu comecei de novo! Na loja física ali, né? No painel que eu tinha, porque nem era loja [...] Aí em novembro, um dia, tinha tanta mulher, tanta mulher na loja, que elas não conseguiam ver e atrapalhavam os homens que entravam na loja... Aí ele disse não, você vai ter que arrumar um espaço para você, porque aqui você está me atrapalhando. (DÁLIA¹¹⁷)

A partir daí, seu negócio tomou forma, foi crescendo e chegou à loja que ia no momento da entrevista.

O sexto incidente crítico: inauguração do próprio negócio – sonho e responsabilidades

Abrir seu próprio negócio despertou em Dália um misto de sentimentos e atitudes. Ela narrou a satisfação pela conquista e a realização do sonho de ser empreendedora, como também o aumento de responsabilidades, o reconhecimento de limitações, a necessidade de buscar melhoria contínua para seu crescimento pessoal e profissional. Afirmou que os desafios foram muitos e constantes, entretanto, ela fez e continua fazendo o possível para enfrentá-los e superá-los, com muita alegria e determinação.

Em janeiro de 2017 a gente alugou aqui e em 11 de fevereiro a gente inaugurou. Aí aqui nesse ponto fiz um ano agora, em fevereiro de 2018 né? O bom de ter a loja física é que às vezes a cliente vem ver um brinco, ela leva um relógio, leva uma bolsa... Só que ela compra

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Idem.

tanta coisa, que ela não volta rápido. Então é todo mês conquistando novos clientes e tentando manter as clientes antigas... com promoção... A gente tem cartão fidelidade da loja, que a cada seis carimbos a cliente ganha R\$ 50,00 de acessórios... É uma coisa que a gente tenta manter para elas voltarem (risos). (DÁLIA¹¹⁸)

Atualmente, Dália demonstra estar muito satisfeita com seu negócio. Sua mãe trabalha com ela e seu projeto futuro é de “Aumentar essa loja daqui, porque tem muito acessório ainda que dá para trabalhar, mas aí a gente não tem mais espaço, não tem aonde por... E abrir novas lojas, principalmente na cidade vizinha”.

A trajetória de Dália como empreendedora parecia estar direcionada. Segundo ela, o momento que vivia era de amadurecimento e fortalecimento do negócio e da marca criada por ela.

Quando eu fui fazer o site, tem um papel que eu guardo até hoje, tem duas fileiras que eu fui marcando. Eu gostei do significado de lua, porque lua é feminino e faz mudança, eu pensei tem tudo a ver com mulher. Porque mulher é de fase. Um dia você quer um brinco pequeno, outro dia você quer um brinco grande. Mulher é de fase... Todas que vem aqui falam sou de fase, usei por uma fase brincos grandes, agora eu quero pequeno. Aí achei que tinha tudo a ver... Só que lua, Lua Chic, achei que não combinou e aí coloquei em inglês Moon Chic e combinou [...] Aí eu criei, fiz o logo, fiz o site e agora se puxar Moon Chic tem uns 16 perfis, que usaram até meu logo. Aí a gente já entrou com a marca registrada e agora o ano que vem sai o registro, e aí diz o advogado que irá colocar R\$ 1.000, 00 de multa por dia... Aí a gente está esperando, mas já está tudo encaminhado. (DÁLIA¹¹⁹)

O amadurecer requer ainda o enfrentamento dos problemas provenientes do mundo dos negócios. Dália mostrou-se determinada e pronta para sobrepor as barreiras, fazendo crescer seu empreendimento e sua atuação como uma mulher de sucesso.

Gardênia: uma história de vigor e desapego

Gardênia é uma jovem mulher com uma forte história de perseverança e confiança. Ela encontra-se em processo de crescimento pessoal e amadurecimento profissional, sendo proprietária de uma loja de roupas e acessórios infantis, há quase cinco anos. Membro de uma família de classe média-baixa sempre buscou

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Idem.

por condições para seu crescimento e realização. Mesmo diante das diversas dificuldades enfrentadas, nunca pareceu desistir ou desanimar. Atualmente, seu maior desafio é o sucesso do seu negócio e a felicidade de seu filho.

O primeiro incidente crítico: emprego formal e faculdade

Até seus quatorze anos, Gardênia morava com os pais e irmãs. Após um desentendimento com seu pai, passou a morar na casa dos avós. Logo, buscou soluções para ter seu próprio dinheiro, para sua independência financeira e pelo desejo de viver em melhores condições. Conseguiu nessa época um trabalho informal, como monitora em uma escola infantil. Ao completar dezoito anos, participou de um processo seletivo para caixa na Riachuelo, iniciando sua trajetória profissional de maneira formal.

Eu fiz 18 anos eu fui pra Riachuelo, passei em uma seleção, entrei como caixa, daí lá eu comecei a batalhar, fiquei lá um ano e meio como caixa e já fui fazer faculdade também, trabalhando e fazendo faculdade, e eu mesma que pagava minha faculdade, que na época eu não morava com minha mãe, eu tinha brigado com meu pai eu tinha saído de casa e morava com meus avós. Na Riachuelo, fiquei um ano e meio no caixa, depois eu subi para o escritório e fiquei como auxiliar de escritório, eu ajudava a tesoureira, daí resolvi que queria sair do comércio. Fiquei na Riachuelo três anos. (GARDÊNIA¹²⁰)

Cansada do ritmo e pouco reconhecimento do comércio, ela participou de um processo seletivo para estagiária em uma empresa reconhecida da região. Dessa forma, poderia colocar em prática também os conhecimentos que estavam sendo aprendidos na faculdade de Administração.

No penúltimo ano de faculdade eu passei para um estágio em uma fábrica em Pinda. Em agosto de 2006 eu entrei como estagiária no setor de PCP, me apaixonei pelo setor, mas ainda não era isso que eu queria. Era muito desgastante, eu acordava 05h30, ia pra Pinda, aí eu ficava lá até 17h00, o estágio era o dia todo, daí eu ia embora direto pra Lorena, pegava Van, ia para UNISAL onde ficava até 22h00, chegava aqui às 23h00 e chegava na minha casa 23h30, para fazer comida pra levar no outro dia. Eu dormia 5h00 por dia. Daí foi quando em 2007, no último ano de faculdade, um amigo me perguntou se queria participar de uma seleção para o banco. Imediatamente aceitei. (GARDÊNIA¹²¹)

¹²⁰ Idem.

¹²¹ Idem.

Trabalhar como funcionária do comércio ou no ritmo acelerado de uma grande empresa não trouxeram satisfação a Gardênia. Não fizeram sentido à sua trajetória, embora tenham sido experiências de aprendizagem. Já casada, Gardênia continuou procurando melhorar suas condições de vida, mostrando interesse em conhecer novas áreas, fazendo cursos e faculdade, sempre objetivando novos conhecimentos e preparo prático, que agregassem para seu desenvolvimento como profissional perante a sociedade e trazendo-lhe valores significativos como ser humano.

O segundo incidente crítico: experiência bancária

Diante da proposta de um amigo para participar do processo seletivo de um banco, Gardênia prontamente entregou seu currículo e escolhido, imediatamente iniciou sua trajetória como bancária.

Eu participei na seleção normal e passei, entrei para o banco. Na época entrei para financeira, trabalhava com financiamento de veículos. Comecei a trabalhar na financeira na parte interna, eu fazia toda a parte de contas a pagar, pagamentos para os lojistas, cuidava da conta de pessoas jurídicas [...] Em três anos a financeira iria acabar e eu tinha a opção: ou ia ser alguma operadora externa, que hoje eles falam que é gerente de relacionamento, aquela que vai às lojas buscar clientes, ou seria mandada embora. Não me falaram com essas letras, mas eu aceitei o desafio e fui, voltei pra Pinda. Daí comecei em Pinda atendendo lojas, gostei, eu achei que eu não ia me identificar, porque é trabalho com homem e é difícil. Eu fiquei seis meses em Pinda, aí eu engravei e perdi o bebê com três meses, nisso meu gerente me trouxe pra Lorena. (GARDÊNIA¹²²)

Ao vir para uma cidade vizinha, ela recomeçou a conquistar seu espaço, agora em outra realidade, como também o desafio de conquistar novos clientes.

Ai comecei de novo o meu trabalho naquela cidade, foi dando certo, mas é muito difícil isso, o assédio era grande, a pressão do banco é grande e acabei engravidando de novo. Continuei trabalhando no banco com aquela pressão toda, tive a gravidez normal e sai de licença com um mês para ter o bebê. (GARDÊNIA¹²³)

Importante também ressaltar, que por muitas vezes em sua narrativa, Gardênia expressou a dificuldade do trabalho bancário quanto ao assédio sexual e moral: “Porque é difícil, a gente sabe que é difícil impor, porque para gente além do

¹²² Idem.

¹²³ Idem.

assédio que tem, sexual acontecia, tem o moral também. Aí você tem que se impor e a gente sofria muito, eu sofria mais nas lojas pequenas”.

Ela sempre bateu metas, recebeu premiações e desempenhou suas atividades que a fizeram referência para as outras pessoas que estavam na mesma posição. Após a licença maternidade, quando o filho já estava com um ano, ela sentiu-se desmotivada a continuar.

Em agosto de 2012 explodi a minha meta, eu fiz três milhões, fiz um absurdo que nunca ninguém tinha conseguido fazer no banco. Aí o banco me pagou quinhentos reais de comissão, era para eu ter recebido um monte, que ele alegou que a cobrança do banco anual estava grande no mês, que todo mundo tinha explodido e ele tinha que pagar uma comissão altíssima pra todos os operadores, ele falou que a cobrança foi alta e virou a comissão de todo mundo. Era para dobrar meu salário e eu recebi quinhentos reais. Resolvi que não queria mais ficar no banco. Nisso eu ganhei uma viagem pra Orlando, porque fiquei em primeira do estado de SP, eu explodi. Fui na viagem, cheguei e já falei para o meu gerente: eu quero ser mandada embora. Cheguei de Orlando, tinha deixado meu filho sozinho com minha mãe e meu marido, uma semana depois que eu voltei eu pedi para ser mandada embora. (GARDÊNIA¹²⁴)

Havia agora um novo motivo para lutar e ela decidiu-se por ele. A contragosto, seu gerente atendeu ao seu pedido. Ela expressou sofrimento ao sair, mas sabia que não tinha mais como continuar: *“Nas últimas semanas que fiquei no banco, o gerente perguntou se eu tinha certeza, eu falei agora não dá para ficar mais, agora eu tenho que sair mesmo. Então sai depois 15 dias.”*

Quanto a sua trajetória bancária, Gardênia demonstrou certeza que sempre fez o seu melhor, entretanto, sentiu-se cansada pela falta de reconhecimento, excesso de pressão e assédios. Além disso, o filho era sua prioridade naquele instante.

O terceiro incidente crítico: nascimento do filho – uma nova razão para viver

O nascimento do filho foi um incidente divisor da vida de Gardênia. Na verdade, foi uma mudança radical, em todos os sentidos.

Ai meu filho nasceu e foi aquela correria total, nós ficamos dois meses em SP e depois quando voltei havia a suspeita que ele não era só cardíaco, que ele tinha uma síndrome, começamos a fazer fisioterapia quando ele tinha quatro meses, duas vezes por semana. Com cinco meses ele começou também a terapia ocupacional e com oito meses ele iniciou ainda a fono, para engolir, para passar da

¹²⁴ Idem.

mamadeira para papinha. Foi muito difícil, e depois da papinha para comida ele não engolia, ele engasgava, aí precisou fazer um trabalho da fono com ele, ele faz até hoje, ele não engasga, mas até hoje não fala. A única coisa que sai perfeito é mamãe. Agora esses dias, ano passado eu até falei que eu coloquei a banana na frente dele e saiu “BA”, eu escutei, ele falou e ele olha o copo de água e fala “A”, mas a palavra mesmo não sai. Tem horas que ele não entende e ele se morde, quando a gente não entende o que ele quer, aí ele se morde, ele se auto agride ou agride a gente. É uma síndrome rara, é uma monossomia do cromossomo 18, e ele tem uma trissomia parcial do cromossomo, ele tem duas síndromes concomitantemente e ainda tem uma deleção do cromossomo 5, só essa os médicos desconsideraram, por acreditarem que não influencia. Mas eu falo que era pra ele ser meu, porque se fosse a trissomia e dele faltou um pedaço, se fosse a trissomia do cromossomo se triplicasse ele viveria até dois, três anos no máximo, porque ia ser muito grave. Pelo o que a gente leu, não fala nada que eles morrem cedo e ele está evoluindo super bem. [...] Inicialmente o Filho era cardíaco, eu fui descobrindo as coisas em doses homeopáticas, até então era um problema, ele era cardíaco e era um bebê na minha cabeça, que iria evoluir normal. Com seis meses o meu sobrinho nasceu, e todo mundo falava pra mim que o meu era mole, eu não entendia o que era uma criança mole, minha mãe também não lembrava por que já tinha tido filho fazia tempo... quando eu peguei meu sobrinho a primeira vez, eu falei: mãe, o meu Filho é mole! Meu sobrinho era aquela criança dura, firme... Aí a minha ficha começou a cair e depois foi caindo. (GARDÊNIA¹²⁵)

A experiência de ter um filho especial, que precisaria muito da sua presença e apoio, Gardênia disse ter compreendido o real motivo da saída do banco, mesmo não tendo compreendido no momento que aconteceu.

A primeira mudança de rota que eu falo que foi gigante, foi o meu menino, meu filho, que eu tenho certeza que (choro)... hoje eu entendo o porquê Deus me mandou ele. Eu falo para todo mundo que se tivesse um filho que talvez não tivesse nessas condições, que não precisasse de todo o carinho, de todo amor e atenção, certamente eu iria colocar meu filho na creche e continuar trabalhando igual uma louca, desenfreada. Eu não conseguiria ser assim, porque sempre bati todas as metas, sempre, meu gerente falava: dá pra Gardênia que ela consegue. Então eu ia fazer isso, eu sei que talvez eu não seria uma mãe presente como eu sou hoje. Por que hoje eu levo-o na terapia, minha mãe ajuda, se ele fica doente sou eu que fico, nas férias sou eu que fico. (GARDÊNIA¹²⁶)

A maternidade trouxe novo sentido à vida de Gardênia, que afirmou aprender muito com ele, coisas da vida e do melhor viver.

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Idem.

O quarto incidente crítico: nascer da empreendedora

Motivada pela dificuldade de encontrar roupas para o filho, ela começou a desenvolver um interesse por essa área de negócio.

Eu ia comprar roupa para meu filho nas lojas e nunca tinha coisa diferente de menino. Ficava indignada, eu brincava com os donos da loja: um dia vou abrir uma loja e vai ter coisas diferentes para menino, porque isso é discriminação, só tem coisas para meninas. E fiquei com aquilo na minha cabeça. (GARDÊNIA¹²⁷)

Ao sair do banco, Gardênia começou a pensar em empreender as verbas rescisórias em um negócio que atendesse não só a ela, como também às mães ao seu redor.

Sai do banco e estava abrindo um shopping aqui. Eu já tinha um dinheiro guardado e com o dinheiro que eu recebesse do banco, pensei em abrir uma loja. Daí para montar a loja, fui ao SEBRAE, pedir ajuda. Comecei a estudar algumas marcas, primeiro foi por base minha. Eu pensei na loja infantil sem saber nada, comecei a pesquisar um monte de coisa e comecei a procurar fornecedor, foi muito difícil. Até que apareceu um anjo na minha vida, que me deu todos os telefones de fornecedores, todas as dicas, me deu tudo o que era necessário. Aí comecei a comprar tudo, fiz o primeiro estoque, peguei a chave no dia 15 de novembro, levantamos dinheiro nos carros, financiei o meu carro e fomos. Eu sei que a gente conseguiu levantar a loja em dez dias, eu lembro o último dia que estava aqui lavando a loja e falei para os pedreiros: “eu quero que vocês saiam daqui, pois vou abrir em dezembro”. Não foi em dez dias, foi em vinte dias, porque eu abri a loja em 08 de dezembro de 2013, inaugurei a loja e já vai para cinco anos, sem saber nada, no sufoco. O primeiro dezembro foi mais do que o esperado, vendeu bastante, foi legal, eu nunca deixei de vender nada aqui, um dia eu vendi 30 reais, mas nunca fiquei zerada, nunca zerei um dia. (GARDÊNIA¹²⁸)

Se abrir o próprio negócio foi um desafio, mantê-lo não era diferente. O primeiro dos desafios veio logo em seguida da inauguração da loja, com as quedas nas vendas em janeiro e fevereiro. Depois, foram compras sem planejamento e por fim, sobreviver à crise nacional. Gardênia pensou que não iria conseguir e até o esposo a fez duvidar. Porém, com a ajuda do SEBRAE, ela continuou persistindo e acreditando no sucesso do seu empreendimento.

Veio janeiro, fevereiro e ninguém compra nada. Aqui o aluguel é caro e começou 2014 foi um ano de crescimento, até então estava patinando, eu tinha emprestado muito dinheiro para abrir aqui, não tinha retorno financeiro. 2015 comecei a crescer também, mas não

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ Idem.

tinha mercado financeiro, me atrapalhava com compra, era compra, eu fiz uma compra de inverno errada, ai me arrebentei e me afundei mais ainda, cheque especial, pegando juros aquelas coisas. Aí veio a crise e arrebentou comigo de vez, 2016 foi o pior, parou tudo, foi a luta. Meu marido dizia: você vai fechar! E eu falei: não vou fechar, porque embora eu pagasse empréstimo e devesse para o cheque especial, ainda entrava dinheiro e eu ainda ia conseguindo equilibrar... bati a cabeça, estudava e voltava para o SEBRAE, eu ficava muito na consultoria, o consultor sempre me ajudou muito, então eu ia lá, perguntando se estava no caminho certo ou errado, fui umas duas vezes de 2016. Em 2017, eu consegui fazer um planejamento de conta, comecei a equilibrar, mas ainda está se arrastando até hoje. Agora falta muito pouco para eu conseguir liquidar, mas no começo desse ano foi onde o Marido disse não entender o motivo que meu DRE apontava lucro e meu dava negativo, continuava no especial no banco e pagando juros. Eu voltei no SEBRAE. Em janeiro desse ano de 2018 fui e mostrei todos esses anos da minha trajetória, se o consultor me dissesse para fechar, porque recebi um a proposta para voltar a trabalhar no banco, se ele falasse que eu tinha que fechar, eu fecharia a loja e voltaria a trabalhar, mas ele disse para eu continuar. Fiquei aliviada pois não quero voltar a trabalhar, não suporto votar a trabalhar para o banco, não consigo. (GARDÊNIA¹²⁹)

Apesar dos questionamentos do esposo, Gardênia reconheceu que a ajuda dele foi fundamental para continuidade da loja, como também foi trabalho prestado pelo SEBRAE.

Meu marido sempre me ajudou muito, da loja a gente sempre entrou em confronto, mas foi desses confrontos que sempre tomamos atitudes para gente melhorar, mudar, porque ele pensa de um jeito, eu penso do outro, mas a gente consegue achar sempre um caminho e ir. Meu marido sempre me ajudou muito e o SEBRAE é uma coisa que sempre...muita gente não acredita, mas é. Você vai para o curso ou você vai lá para uma consultoria, você volta com sua cabeça, tem dias que eu não conseguia nem dormir, porque você volta com aquele negócio e quer colocar em prática. (GARDÊNIA¹³⁰)

No momento da entrevista, afirmou a convicção em continuar e pensava, para um futuro próximo, no crescimento do negócio, na abertura de um espaço amplo.

Liz: uma história de destemor

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Idem.

Liz é uma jovem de 19 anos, que vem conquistando seu espaço com muita coragem e inovação. Em sociedade com o namorado, vem fortalecendo sua marca com uma busca contínua de melhorias. Proprietária de uma doceria, sempre sonhou em ter seu próprio negócio. Membro de uma família de classe média, que sempre a apoiou em suas decisões e opções. Seu amadurecimento pessoal vem acontecendo em conjunto com o lado profissional que está crescendo e se modelando.

O primeiro incidente crítico: empreendedorismo infantil

Liz expressou forte sentimento de realização por desde pequena apresentar interesses incomuns às pessoas da sua faixa etária, como o de ter seu próprio dinheiro e gostar de vender. O interesse pelas vendas foi criando força com o tempo e quando começou a namorar, aos quatorze anos, inspirada em sua sogra que fazia e vendia bolos e pães de mel, virou uma realidade.

Desde pequenininha, na verdade, eu gosto de inventar umas coisas. Vendia em casa bijuterias, fazia pulseirinhas e vendia. Desde pequena eu gostava de vender, de comprar bijuterias, vendia para minhas amigas, minha família [...] Daí, inspirada pela minha sogra comecei fazer pão de mel. Do pão de mel eu comecei a me interessar mais, comecei a fazer bolo, daí fui melhorando minha massa de bolo, depois comecei a fazer brigadeiro, fui melhorando, vendo aquilo que ficava melhor. Comecei juntar todas as receitas que eu tinha e criar, até porque são uns doces bem diferentes. Eu levava uma bolsa cheia de salgados e uma bolsa cheia de doces, bolo no pote, trufas, pão de mel. Desde pequena eu sempre tive essa vontade de ter uma coisa minha, mas eu nunca imaginei que seria uma loja de doce. Mas sempre quis... E também eu não queria depender mais sempre da minha mãe e de ninguém. E quando eu comecei a vender na escola e vi que eu não pedia mais dinheiro pra minha mãe, não pedia para o meu pai. O primeiro doce que eu fiz foi um bolinho de cenoura, levei para o escritório que minha mãe trabalha, ela vendeu, aí com esse dinheirinho eu fui comprando as coisas, mas meu pai me ajudou muito também. (LIZ¹³¹)

Liz animou-se para expandir o que amava fazer e trazia-lhe retorno financeiro. Sem receios, foi encarando as propostas e desafios propostos pelas circunstâncias.

O segundo incidente crítico: abertura do seu próprio negócio

Após seis meses vendendo salgados e doces na escola, Liz percebeu que poderia ir além.

A inauguração foi na minha casa... Aí foi mais gente da família e eu fiquei muito feliz, até nesse dia comentei com meu irmão: nossa

¹³¹ Informação verbal.

queria muito abrir uma loja minha só que o investimento é muito alto é uma coisa que está muito distante de mim. E ele falou: não, se você já está começando aqui, está pertinho de alcançar esse sonho. Aí no começo eu saía da escola 13h30 e abria lá às 14h30 e fazia esse horário até eu me mudar de lá. Era a casa que eu moro na verdade, na casa do meu pai, aí eu abria das 14h30 e ficava até 18h30, aí eu era mais conhecida aqui, às vezes eu ficava o dia inteiro e não tinha cliente. (LIZ¹³²)

O sonho de empreendedor começou a tomar forma, porém não foi tão fácil como ela imaginou. Despendeu de muita perseverança e determinação, para que continuasse com o propósito. Ela pensou em desistir, mas foi incentivada a continuar e assim o fez.

Cheguei a desanimar várias vezes, porque estudava, eu chegava 13h30, fazia as coisas, corria pra poder conseguir abrir 14h30 e ficava lá o dia inteiro às vezes e não entrava ninguém, perdia um monte de coisa. Meu namorado sempre me incentivou... ele falou: o começo é assim mesmo, vai e não desista, aí depois eu comecei a fazer algumas coisinhas diferentes, divulgava bastante na internet, sempre foi o melhor meio. (LIZ¹³³)

Ao encerrar o ensino médio, sua atenção voltou-se para o negócio.

Aí eu terminei, comecei a me empenhar muito nisso, como eu estudava de manhã eu ficava só naquilo... Aí eu comecei a fazer propaganda e meu logo era bem artiguinho, minha tia que fez. Aí eu decidi mudar tudo. Eu paguei um cara só pra fazer o logo. Fazer a marca, cardápio tudo. Aí eu coloquei um luminoso e depois de dois dias começou a fluir. Depois dessa comunicação visual que melhorou e de toda a divulgação, aí eu comecei a não dar conta. Na verdade a minha sogra me ajudava fazer os doces já, só que ela não ia todos os dias. Quando apertava um pouco ela ia, mas não ficava o dia todo. Só que daí, ela começou ir todo dia. (LIZ)

O sonho de empreendedor começou a tomar forma, porém, não foi tão fácil como ela imaginou.

O terceiro incidente crítico: primeiro grande desafio profissional

Liz sempre aceitou desafios e nunca se intimidou diante destes. E não diferente, ela aceitou a primeira grande encomenda. Sua primeira grande prova.

Minha mãe trabalha na Gold Finger e toda encomenda de bombom, faziam comigo. Aí teve um dia em que eles encomendaram, acho que foi para o dia da mulher, 1.400 pães de mel. A encomenda foi feita no dia do meu aniversário, em um sábado e era para entregar

¹³² Idem.

¹³³ Idem.

na segunda. Nesse sábado eu ia fazer uma coisinha em casa, não tinha dinheiro pra comprar o material e meu pai emprestou, para devolver na segunda-feira. Foi uma loucura. Comprei e chamei minha sogra para me ajudar. Eu tinha aula na segunda e aí ela ia assando a massa. No domingo a gente trabalhou também, daí ela foi assando tudo na casa dela, foi levando para a minha casa... eu sei que ficamos até 3h00 da manhã no domingo. Aí na minha mãe avisou que o chefe dela disse que poderíamos entregar terça-feira cedo. Aí viramos segunda-feira de novo, meu pai ajudando a colocar adesivo o padrasto do meu namorando ajudando a embalar e foi uma loucura. (LIZ¹³⁴)

Ao narrar esse episódio, Liz demonstrou o quanto esse acontecimento a incentivou a não desistir mesmo diante dos mais desafiadores acontecimentos. Ela percebeu que é possível encontrar saídas para entregar um produto de qualidade e realizando seus objetivos.

O quarto incidente crítico: certeza da direção certa e fortalecimento do negócio

Como o início de um negócio tem muitas dificuldades, Liz que esperava resultados imediatos, por um determinado tempo, utilizou sua reserva financeira e foi a São Paulo buscar roupas para comercializá-las. A experiência foi no final de 2016 e rapidamente ela percebeu que não era esse seu ramo de atuação. Ela narrou que sempre foi de desanimar com situações que não lhe trazem prazer, enfatizando que o fazer doce é bem diferente e que jamais se cansaria.

Já nos primeiros meses de 2017, Liz assumiu que a doceria é o campo de negócio no qual espera prosperar. Ela narrou que a doceria começou a crescer e foi então que a sociedade com o namorado aconteceu definitivamente.

Quando começou a ficar mais conhecida eu me uni ao meu namorado. Ele também tem muita visão das coisas, as fotos foi ele quem começou a melhorar... ele é muito perfeccionista, muito preocupado com isso... Aí ele começou a melhorar as fotos, era mais gente seguindo, mais gente conhecendo, ele corria atrás de tudo, compras, todas essas coisas ficavam para ele. (LIZ¹³⁵)

Liz sabia que ainda faltava o principal. Com a parceria, a clientela foi aumentando e o local acabou ficando pequeno demais. O negócio merecia um lugar próprio, com todos os recursos necessários para ser de fato um estabelecimento de sucesso e moderno.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ Idem.

O quinto incidente crítico: realização do sonho – abertura da loja de doce

Buscando um atendimento de qualidade e profissionalização do negócio, eles foram em busca do lugar ideal.

Foi aí que começamos a procurar um lugar pra mudar, só que nunca dava certo. Procuramos vários lugares, aí a prefeitura não deixava. É muito complicado, é que tem uma lei que não é em qualquer lugar que você abre... aí a gente achava a casa e não dava... várias vezes a gente quase mudou. Daí essa casa aqui tinha um comprador pra casa, só que ele só queria comprar se alguém alugasse e se já estivesse alguém interessado. Aí ele comprou e a gente alugou e começamos, ficamos seis meses mexendo aqui, o dinheiro que entrava lá a gente colocava tudo aqui. Começamos a mudar e até agora ainda tem coisinhas pra fazer. Só que a gente queria esperar estar tudo perfeito pra mudar, aí eu peguei e falei: não, vamos mudar e o que ficou agora aqui a gente vai mudando aos poucos. (LIZ¹³⁶)

O processo para encontrar o espaço ideal foi trabalhoso, mas segundo Liz valeu o cansaço. Desde o momento da inauguração, o sucesso tem sido a marca registrada da casa de doces. O sentimento de realização, a ansiedade e a busca de melhoria contínua permanecem fortes desde a abertura das portas da tão sonhada loja.

Na inauguração fiquei nervosa, fiquei uma semana passando mal... lotou muito, nossa eu olhava lá de dentro e chorava, mas no fim deu tudo certo. Eu me sinto muito realizada, muito mesmo, era mais do que eu esperava, tanto que os nossos clientes até achavam que a gente ia pegar a estrutura que a gente tinha lá e mudar e só. E a gente mudou muito, a gente melhorou muito mesmo e eu não imaginava. Tenho cinco funcionárias registradas. (LIZ¹³⁷)

O crescimento do negócio tem trazido muitos desafios para Liz e o companheiro. Foi preciso buscar por formação e aperfeiçoamento. Em um determinado momento, foram atrás de cursos de confeitaria e busca de novas alternativas.

A gente já está fazendo o nosso cardápio de café que vai ter cappuccino, vai ter chocolate quente, a gente pretende colocar um salgado ali junto com pão de queijo pelo menos, uma tortinha de frango, tem muita gente pedindo e suco natural, tem bastante gente que gosta. a gente queria ser referência no doce e o salgado só pra complementar. Por isso que eu gosto sempre de montar doce novo, porque eu enjojo de fazer sempre aqueles mesmo doces todos os

¹³⁶ Idem.

¹³⁷ Idem.

dias. deve ser mais de 50 variedades. Tudo inventado por mim (LIZ¹³⁸)

Liz narrou que o pai não ficou satisfeito por ela deixar os estudos. Contou que no ensino médio, um determinado professor a questionava se ela iria vender doce a vida inteira e ela respondia que sim. Afirmou que estudar nunca foi o seu forte, mas quando se trata de doces, há sempre curiosidade em aprender e melhorar.

Para ela, sua maior dificuldade é descentralizar a produção dos doces a serem servidos.

A montagem dos Brownies que é só eu, não consigo deixar outra pessoa fazer eu vou ter que trabalhar isso ainda (risos). Eu acho que eu preciso me desapegar um pouquinho dessa parte de só eu que faço, só eu que monto, principalmente assim... eu não sou muito de ficar falando muito para os outros fazerem, eu vou e faço, então eu acho que eu preciso desapegar um pouco disso, treinar, porque eu peguei mais duas meninas na cozinha e treinar mais. (LIZ¹³⁹)

Liz sabe que é preciso delegar, para que ela e o companheiro possam de fato administrar o negócio, que só vem crescendo. Ela reconhece a necessidade de confiar mais nas pessoas, que ela mesma contratou.

Ele já pensou várias vezes em ir ao SEBRAE e a gente tem alguns amigos que são advogados, com quem ele tira muitas dúvidas. Ele tem mais essa vontade do que eu... e eu não tenho vontade nenhuma de fazer faculdade. Eu queria treinar todo mundo, para que se um dia eu quiser ficar aqui na frente o dia todo, eu possa ficar... entendeu? (LIZ¹⁴⁰)

O empreendedorismo de Liz vem sendo fortalecido pelo apoio do companheiro e lapidado com o crescimento do negócio. Muitos ajustes ainda serão necessários para o desenvolvimento do empreendimento e dos empreendedores, que em muito pouco tempo já chamam a atenção na cidade pela inovação e sucesso conquistado.

Tulipa = uma história de renúncia, perdão e recomeços

Tulipa é uma jovem mulher em processo de definição da carreira e amadurecimento pessoal. Recentemente, tornou-se proprietária de uma doceria em parceira com a mãe. Filha única, de uma família que viu seu patrimônio ser perdido

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Idem.

ao longo do tempo. Leva consigo o empreendedorismo do pai. Sua trajetória profissional está sendo feita por vocação, oportunidades e necessidades.

O primeiro incidente crítico: falência do negócio e da família

Tulipa viveu até os sete anos em São Paulo com a mãe, que tinha suas atividades laborais naquela cidade. O pai permanecia na cidade de moradia atual, administrando um supermercado próprio. A distância fez com que a mãe solicitasse a aposentadoria e viesse apoiar os negócios do marido.

A partir dos dez anos, todo final de dia, Tulipa relatou que ficava com os pais no supermercado, contando as moedas e cuidando do estoque.

Ele falava que ser comerciante estava no meu sangue. Eu tinha um amor, porque eu gostava de ficar no supermercado, eu fechava com eles às 10 da noite, eu saía da escola ia para lá, saía do inglês ia para lá, eu gostava muito. (TULIPA¹⁴¹)

Entretanto, uns cinco ou seis anos depois, o negócio do pai veio à falência. Foi um período muito difícil, principalmente para manutenção das relações entre pai, mãe e filha.

Só que quando a gente passou por muita dificuldade financeira e ele vendeu o supermercado, o meu relacionamento com ele entrou em atrito, porque eu acabei apoiando a minha mãe na separação, eu peguei certo pavor de comércio e de tudo o que tinha acontecido. Então eu falava, Deus me livre, eu nunca vou ser comerciante! Criei aversão por tudo que aconteceu. Na minha cabeça entre a infância e adolescência, o supermercado tinha acabado com o casamento deles. (TULIPA¹⁴²)

Para Tulipa, esse foi um momento de revolta, incompreensão e sentimento negativo em relação às pessoas e à vida. Tomou uma nova postura e começou a ver o mundo com outros olhos.

O segundo incidente crítico: escolha e experiência profissional com mudanças familiares

Tulipa queria ser advogada.

Eu queria fazer direito. Eu sempre fui muito apaixonada pela questão de justiça, sempre gostei muito, e aí prestei vestibular com 17 anos. Queria fazer direito antes e nesse turbilhão de emoções eu falei, eu quero fazer psicologia. E prestei o vestibular, passei em segundo

¹⁴¹ Informação verbal.

¹⁴² Idem.

lugar na Unisal e fui... só que nessa época, também a gente estava com problemas financeiros. Mas, fui! Primeiro mês, segundo mês, aí fiz uma prova para estágio no CRAS em Aparecida. Passei! (TULIPA¹⁴³)

Logo apaixonou-se pela opção feita e o estágio foi uma oportunidade de aprendizagem. Nessa época, a mãe foi trabalhar no exterior e Tulipa reaproximou-se do pai.

Comecei em junho e fiquei um ano e meio lá no CRAS trabalhando, aprendi muita coisa lá, porque eu não sabia nada de psicologia. O meu pai já não tinha o supermercado e a minha mãe foi para Angola. Quando ela foi para a Angola, ele voltou a morar aqui comigo e a gente foi obrigado a conviver, então era assim. (TULIPA¹⁴⁴)

Esse período foi de revisão dos valores e quebra de rancores. Tulipa foi vendo a vida de outra forma, refazendo-se e aceitando situações para viver melhor.

O terceiro incidente crítico: nova experiência profissional e morar sozinha

Com dezenove anos, a tentativa de convivência com o pai tornou-se insustentável. Havia uma lacuna que não se fechava entre eles e novamente houve uma reviravolta em sua trajetória.

No começo de 2011 a gente já não conseguia mais se conviver, muita divergência e ele foi morar em Cunha, foi morar na roça e eu morei sozinha. Aí eu morei sozinha, tinha 19 anos, morei sozinha por mais ou menos um ano e meio... E aí comecei a fazer estágio [...] com os padres redentoristas e fiquei dois anos lá. Eu trabalhava de dia, estudava a noite, morava sozinha tinha total liberdade. Tinha 19, 20 anos, mas a cabeça já era bem madura mesmo. E aí nessa época entraram na chácara e ameaçaram meu pai e foi quando ele voltou a morar comigo. (TULIPA¹⁴⁵)

Os dois anos foram de autoconhecimento, amadurecimento, liberdade e sensação de poder por conseguir decidir as coisas por si mesma. Entretanto, nova mudança lhe foi imposta e Tulipa aceitou a voltar a conviver com o pai. Sentia-se mais confiante e madura para isso.

O quarto incidente crítico: estágio na Penitenciária e no Conselho Tutelar

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Idem.

Este incidente foi um divisor de águas na vida de Tulipa. Ela que agora voltava a ter um relacionamento melhor com o pai, começa a rever os valores pertinentes à família, mediante a convivência com pessoas em situação de vulnerabilidade diante da violência doméstica e social. Ao relatar essa experiência, Tulipa transbordou emoção nas palavras.

Meu pai sempre foi muito machista. Ele falou imagina minha filha de 21 anos trabalhando em uma penitenciária, com 1.500 homens, de segurança máxima, regime fechado, não vai! Só que aí eu cheguei lá, conheci, fechei tudo com a diretora e cheguei no carro e falei para ele: vou trabalhar aqui! Ele ficou um mês sem falar comigo. A experiência foi maravilhosa, foi assim: Eu sempre tive um apoio emocional, e aí quando você sai. A minha cabeça mudou totalmente. Eu consegui trazer, fazer o vínculo familiar de novo com mãe, com esposa, com filhos... até no final eu recebi cartas deles agradecendo. Fui para o conselho tutelar e lá comecei a rever processos de adoção, processos de abandono, de negligência. No Conselho Tutelar era o meu estágio obrigatório e o não obrigatório foi dentro da Penitenciária, porque eu queria fazer. (TULIPA¹⁴⁶)

A vivência profissional na penitenciária proporcionou a Tulipa o encontro com o que ela denominava felicidade/realização. Ela terminou os estágios, concluiu o curso de Psicologia e automaticamente inscreveu-se em uma pós-graduação na área da Psicologia Jurídica Familiar, em Curitiba. Empolgada, buscava um local para morar, quando a vida lhe trouxe um desafio inesperado. Talvez, o mais difícil vivido até o momento.

Foi em fevereiro, estava procurando apartamento, que eu queria fazer um estágio junto com a pós lá em Curitiba. Aí em maio a gente descobriu o câncer do meu pai, então eu desisti de morar lá e duas vezes por mês eu ia pra lá... Eu larguei tudo. (TULIPA¹⁴⁷)

Sempre resiliente, Tulipa refez sua trajetória e ganhou forças para a verdadeira reaproximação do seu pai.

O quinto incidente crítico: doença e falecimento do pai, adoecimento de Tulipa

A reaproximação com o pai aconteceu por meio de uma entrega e dedicação total a ele.

Cuidei dele de maio a outubro, foi quando ele faleceu. Ele faleceu no dia 1 de outubro de 2015. Eu dava banho nele, eu o trocava, eu ficava sozinha no hospital com ele. Ele sofreu muito, porque era muito orgulhoso, muito machista. Eu tomava banho de porta aberta

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ Idem.

com medo de escutar uma coisinha e no fim como ele morreu? Comigo no hospital. O cérebro parou, ele teve morte cerebral de mão dada comigo, não deu tempo de socorrer. Todo dia, o dia inteiro eu ficava lá, porque o coração estava batendo e como ele tinha morrido? No início não entrava na minha cabeça, eu acreditava em um milagre, que ele ia ressuscitar. (TULIPA¹⁴⁸)

Tulipa, ao cuidar do pai, não percebeu que ela também estava adoecendo. Só tomou consciência quando se viu sozinha, após sua morte.

Quando eles falaram morreu, aí que eu entendi... antes disso, eu não consegui entender. Enfim, acho que de outubro até fevereiro ou março quando eu fiquei ruim mesmo, acho que eu vivi meio sem cair à ficha.[...] em março de 2016 eu comecei a apresentar alguns sintomas de depressão e até faltei em algumas aulas,. Na verdade, estourei o meu limite de falta e a pós ia acabar em dezembro de 2016. Morava sozinha aqui e não pedi ajuda para ninguém. Graças a Deus eu fazia terapia e minha psicóloga conseguiu me levar no psiquiatra. Não tive coragem de falar para ninguém. Eu estava totalmente apática, parecia que estava amortecida. Não sentia vontade de rir, de fazer nada, não tinha vontade de tomar banho. Eu tinha terminado o meu relacionamento, minha mãe estava longe, eu morava sozinha, eu não tinha emprego, porque eu estava procurando emprego em Curitiba e parei para ficar aqui. (TULIPA¹⁴⁹)

Foi um momento marcado por uma mistura de sentimentos, por extrema solidão, não aceitação da morte, incompreensão de suas limitações e falta de sentido para continuar a caminhada. Entretanto, foi um momento de redescobrir a si mesma e se superar. Com muito esforço, ela terminou a pós-graduação em Dezembro de 2016 e continuou o tratamento com doses menores, fazendo as pazes com a vida.

O sexto incidente crítico: experiência no exterior

Como a mãe continuava em Angola e Tulipa resolveu viver um tempo lá, por ser os últimos meses da sua mãe naquele país.

Terminei a pós e em 2017 falei para mim mesma que agora é vida nova. Queria utilizar meu conhecimento. Perguntei a minha mãe se ela voltaria e tive como resposta que ficaria mais um pouco. Resolvi que: eu vou para aí. Lá a minha mãe achou uma pessoa que trabalhava em um lar do governo com 300 crianças abandonadas, órfãs... Aí eu comecei a frequentar o lar e eles me contrataram, pagando super pouco, mas o tanto que valeu. Foi muito difícil, porque eles ainda têm muita cultura de violência, tanto homem contra mulher, quanto adultos com crianças. Imagina a criança sem pai e

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ Idem.

sem mãe e que moram em um lar... nessa eu conheci a menina que eu me encantei e não planejei nada... antes de vir embora, dei entrada no processo de adoção, no meu último dia lá e aí a gente viajou. (TULIPA¹⁵⁰)

Em Angola, Tulipa fez aquilo que ama fazer – cuidar de pessoas em situações de vulnerabilidade social e familiar. Sofreu com a cultura do local, deu seu melhor e resolveu trazer consigo um pedaço dessa época, marcado pelo resgate a si mesma. Até o final das entrevistas, o processo de adoção não tinha sido definido, mas era visível o interesse da entrevistada de renascer.

O sétimo incidente crítico: volta ao Brasil e o nascer da empreendedora

Ao retornar ao Brasil, renovada e fortalecida pelo convívio com a mãe que voltou para casa definitivamente, logo em seguida, completando os vazios ainda existentes. Tulipa, chegava repleta de ideias para atuação na área de escolha da psicologia. Pensava em um concurso público ou até mesmo em abrir seu próprio consultório.

Eu vou para essa área para ajudar ou é para ganhar pouco e trabalhar em instituição mesmo ou eu abro o meu escritório, vou fazer os meus relatórios sendo justa e honesta com o que eu tiver vendo, fazendo os meus laudos. Mas eu percebi que até eu abrir, até eu ter um retorno, eu precisava fazer algo. E foi quando esse negócio pareceu. Foi a oportunidade que eu achei que era para a gente, eu preciso manter a vida... Estou feliz, mas sinto muito a falta de pessoas. E aí foi onde a gente começou cogitar sobre isso, eu amo psicologia foi onde eu falei agora é hora de parar um pouco, me dedicar a um negócio para ter a nossa renda e para depois eu poder voltar para a psicologia. Eu quero daqui um ano mais ou menos, quando tudo estiver mais estruturado, eu quero voltar. Ou em uma instituição ou no meu espaço, eu quero muito voltar, eu gosto muito mesmo, faz muita falta que eu sempre assim trabalhei. (TULIPA¹⁵¹)

Embora fosse um negócio recém-inaugurado, a veia empreendedora herdada do pai já levava a se desdobrar na aventura de ter sucesso e querer ampliar seu espaço. O fato de querer se dedicar à psicologia, como instrumento de conseguir justiça social, não a inibe de levar a diante o empreendedorismo, buscando soluções para o crescimento de algo que a remete ao passado, trazendo o desafio de conquistar novamente tudo que a experiência anterior lhe tirou – trabalho em família, amor e união.

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ Idem.

Violeta: uma história de desprendimento

Violeta é uma jovem mulher, que se apresenta de maneira muito objetiva e com um olhar muito decidido em relação aos aspectos profissionais. Formada em audições públicas, há um ano tornou-se proprietária de uma unidade da franquía de sorveteria, em sociedade com a mãe. Membro de uma família de classe média alta sempre foi incentivada a buscar seus ideais e crescimento pessoal. Em sua narrativa, foi possível perceber que sua trajetória profissional sempre teve e continuará tendo mudanças, todas às vezes que seu trabalho não estiver fazendo-lhe sentido ou não estiver proporcionando-lhe realização pessoal.

O primeiro incidente crítico: São Paulo – experiência profissional e pessoal

Os dez primeiros anos de sua vida profissional foram em São Paulo. Lá, Violeta formou-se no curso de opção e teve as experiências que proporcionaram seu crescimento prático e pessoal.

Eu fiquei em São Paulo esse tempo todo trabalhando em empresas. Meu primeiro emprego foi no instituto Ayrton Sena que foi uma oportunidade muito legal que tive. Eu comecei trabalhando num lugar superbacana, que eu cresci muito, não só como profissional, mas como pessoa. Eu aprendi muito lá... aí sai do Instituto e fui para uma editora, para Trip. Eu sai do Instituto que é super tradicional com essa questão dos valores e fui para uma editora que trabalha com jornalista, com uma galera que era bem mais mente aberta, foi, foi uma mudança bem interessante, e fiquei um tempo na Trip, é, e foi ótimo também. A Trip faz revistas super legais, além disso ela fazia os catálogos da Natura, hoje não faz mais... mas na época, fazia todos os catálogos da Natura, C&A, revista da Globo. Fazia várias revistas e eu trabalhava na parte de relações públicas mesmo da editora, então eu tinha muita, isso é uma coisa que me faz falta, porque eu estava muito presente em ambientes culturais, em programas culturais e eventos, então isso, isso eu sinto falta. Mas eu não estava satisfeita, eu cheguei num momento que eu não estava satisfeita mais no meu trabalho, apesar de ser um lugar superbacana, eu achava que não estava mais me trazendo satisfação, eu senti uma necessidade muito grande mesmo de voltar para cá. (VIOLETA¹⁵²)

Embora tenha vivido muitas oportunidades de desenvolvimento como pessoa e profissional, sempre com grandes desafios, Violeta sentiu-se insatisfeita e resolveu voltar para recomeçar. Antes de vir definitivamente para cá, ela ficou por seis meses no Chile, para aperfeiçoamento do Espanhol e para um encontro consigo mesma.

¹⁵² Informação verbal.

Eu sai de São Paulo, me desliguei da Trip e fui morar no Chile. Precisava falar o espanhol, me traria benefícios e eu fui fazer espanhol no Chile e fiquei seis meses, voltei para cá, sai do Chile voltei para cá... Mas me perguntei: E agora? (VIOLETA¹⁵³)

Violeta preparou-se para um novo tempo, ainda incerto, o qual ela optou a arriscar-se na tentativa de preencher lacunas e significados perdidos ao longo dos anos.

O segundo incidente crítico: retorno à sua cidade – recomeçar e readaptar

O retorno para sua cidade natal foi um período de grandes desafios para Violeta. Profissionalmente, ela precisava encontrar-se em um mercado ainda muito limitado da região e pessoalmente foi necessário adaptar-se para viver em família novamente.

Voltei a morar com os meus pais, que também foi uma mudança grande depois de dez anos sozinha. Aí eu trabalhei na Cervejaria do Gordo um tempo, em marketing também. Foi uma experiência muito legal, que também é bem interessante... eles estavam crescendo na época, estavam fazendo a produção das próprias cervejas. Sai de lá e fui trabalhar com os amigos em uma construtora... era lá que eu estava antes de abrir a Sorveteria. Nesse tempo a minha mãe se aposentou. (VIOLETA¹⁵⁴)

O retornar trouxe-lhe um repensar de sua história, um buscar de novas soluções e voltar o olhar para tudo aquilo que a cidade e as pessoas à sua volta ofereciam-lhe.

O terceiro incidente crítico: Oportunidade de realizar um sonho de criança

Ao narrar sua trajetória, Violeta expressou que ser empreendedora era um desejo sempre presente em sua história. Como também, o fazer algo que pudesse agregar para a sua cidade, traria grande satisfação. Quando sua mãe se aposentou, foi possível fazer com que seu desejo pudesse ganhar forma e tornar-se real. A ideia de investimento em sua cidade era algo que trazia consigo por muito tempo, podendo ser efetivo a partir de então.

Voltei para nossa cidade faz três anos, eu sempre quis, eu sempre tive vontade voltar para cá, eu sempre tive vontade de ter um negócio aqui, na minha cidade, essa era uma vontade que eu tinha de investir aqui...então, eu sempre tive vontade de empreender e o

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ Idem.

ramo do sorvete, é engraçado que era uma coisa, que eu percebia muito essa oportunidade de mercado daqui, como eu tinha muita essa vontade eu sempre tive essa intenção, atenção voltada para a cidade, eu sempre prestava atenção no comércio, no jeito das pessoas... é aqui não é uma cidade muito fácil, só morando no lugar para você saber qual é o hábito. (VIOLETA¹⁵⁵)

Para que todos os projetos fossem de fato executado, foi necessário atentar-se para as oportunidades e assumir sem receio, o trabalho e os riscos inevitáveis. Violeta permitiu-se a isso, pois sua parceria foi com sua mãe, por quem ela expressa claramente admiração e confiança.

Minha mãe era engenheira, trabalhou na EMBRAER. Minha mãe tinha 32 anos de EMBRAER e resolveu aposentar-se no ano passado. E foi quando tudo aconteceu na verdade [...] Aí a gente começou a pensar em algumas possibilidades e a conversa de abrir a Sorveteria que sempre existiu, voltou a acontecer [...] Minha mãe estava em Ubatuba, na verdade procurando um apartamento, porque a gente pensou em comprar um apartamento e colocá-lo para alugar, fazer o dinheiro render. Aí ela me ligou e falou: Violeta o que você acha de a gente tentar de verdade aquela ideia de sorveteria. Respondi que podíamos e a minha mãe, a minha mãe é assim, ela faz as coisas acontecer, se a gente falar é isso, amanhã ela, é impressionante como ela tem essa habilidade de fazer com que as coisas aconteçam mesmo[...] Ai fez a reunião com o proprietário e ele se interessou, para ele também era um desafio. A obra aqui foram 3 meses para construir a loja. (VIOLETA¹⁵⁶)

Violeta estava pronta para começar sua trajetória agora como a proprietária e administradora. Com sua determinação e em conjunto com a força da mãe, ela foi à frente do seu próprio negócio.

O quarto incidente crítico: tornar-se empreendedora

Rapidamente, o negócio foi colocado para funcionar e de fato esse foi o acontecimento divisor de águas na vida profissional de Violeta.

É a primeira vez que eu trabalho para mim e que agora sei o quanto ter comércio não é fácil. Minha vida mudou muito, hoje eu trabalho todos os dias da semana, ainda é assim. Agora já consigo tirar uns dias de folga, eu revezo com a minha mãe, mas isso foi uma coisa que a gente conquistou depois de seis meses de loja. Porque no começo não tem como, no começo a gente faz tudo e você ainda tem uma insegurança também, a gente também está aprendendo, mas a minha vida mudou muito, do início para cá melhorou demais, agora já estou muito acostumada com a minha rotina, já estou acostumada com a responsabilidade que eu tenho. Primeiro que eu acho que o

¹⁵⁵ Idem.

¹⁵⁶ Idem.

crescimento pessoal foi, é sensacional. Você tem o negócio na mão você tem uma responsabilidade de fazer ir para a frente, tem pessoas dependendo disso, hoje eu tenho as minhas funcionárias, preciso treinar, pensar e inovar o tempo todo. Então é um desafio constante, todo dia eu acordo e penso no que eu vou trazer de diferente para fazer às pessoas funcionarem e para a Sorveteria. Estou muito, muito satisfeita. Ter um negócio também não é fácil, às vezes eu paro, penso e falo: olha, tem que ter realmente muita coragem para abrir um negócio, porque a responsabilidade é muito grande, e não é só responsabilidade, você demora muito tempo para ter uma tranquilidade, e não tem sossego. Eu acordo todos os dias, mesmo no meu dia de folga, muitas vezes minha cabeça está na loja. (VIOLETA¹⁵⁷)

Violeta mostrou o quanto sua dedicação é imprescindível para o sucesso do seu negócio. Seu empreendimento requer criatividade e inovação para a conquista e fidelização de clientes. Entretanto, com a experiência no negócio, os desafios tornaram-se interessantes, ao ponto de almejar a expansão dos produtos oferecidos e a abertura de novas lojas. Ela sabe que o seu papel é o administrativo e precisa aprender a deixar o operacional para a equipe, que julga já estar preparada. Sua perspectiva é de buscar constantemente satisfazer os clientes, ampliar o nicho de mercado, através de muito planejamento e estudo de possibilidades.

Embora Vitória não seja tão transparente com questões pessoais, foi possível perceber sua realização e satisfação com o negócio. Parece ter se encontrado naquilo que é hoje sua profissão e não mostra interesse em mudar de área, pelo menos no momento.

4.3 O paradigmático nas trajetórias profissionais: incidentes críticos comuns

Outra forma de análise das narrativas, segundo Bolívar (2002), é o chamado paradigmático. Esse modo é marcado pela categorização de atributos comuns às histórias narradas pelos sujeitos.

As categorias identificadas mediante as sobreposições dos biogramas dos três grupos geracionais mostraram que as trajetórias das entrevistadas seguem fases semelhantes, diferenciando-se apenas por comportamentos e valores reconhecidos culturalmente como característicos de determinada geração. Nesse momento de análise das narrativas, foi possível evidenciar uma provável relação

¹⁵⁷ Idem.

entre a importância dada ao acontecimento com a convergência dos sentidos comuns dados a uma determinada época, tempo e lugar.

Ressalta-se que a interpretação de dados através da sobreposição dos Biogramas possibilitou ao pesquisador a esquematização dos incidentes críticos e os sentidos dados a esses por cada empreendedora, bem como a idade vital e profissional da pesquisada no momento do acontecimento.

A partir dessa esquematização, encontramos as categorias abaixo descritas que tiveram sentidos semelhantes e/ou comum às pesquisadas.

4.3.1 Como tudo começou: o início da vida profissional

Para as pesquisadas da geração *Baby boomer*, o início de suas trajetórias profissionais ocorreu antes da maioridade, entre 8 e 17 anos. Esse fato deu-se devido às dificuldades enfrentadas quanto à situação financeira, ao pertencimento à família com grande número de filhos e à necessidade de encontrar novas possibilidades para seu crescimento pessoal.

Ao observar as narrativas de cada participante, é possível verificar que os motivos e formas são diversos, entretanto, o significado do trabalho foi de agregação de valores para a formação da profissional que hoje se tornaram.

O sentido do início cedo ao trabalho pode ser percebido em partes das próprias narrativas dessas mulheres:

Com oito anos eu era babá, comecei como babá, depois eu comecei a trabalhar fixo por mês, não era mais como babá, de limpeza mesmo e não parei até hoje. Trabalhei em casa de família, isso foi até dezoito anos[...] nunca teve medo ou vergonha de trabalhar, seja do que for. (LÍRIO)

Com dez anos eu vim aqui para casa do meu padrinho, que me batizou. Eu vim morar para trabalhar e fui ficando [...] A gente dividia mais ou menos o serviço, porque a casa era muito grande. Uma das filhas que tinha aproximadamente a minha idade, era a cozinheira da casa [...] era eu que ajudava, a gente ia fazer compras no mercado/feira e eu ajudava. Fazia bolo, untava as formas. Eu trabalhei bastante lá. (ROSA)

Com 12 anos eu já tive que me virar e trabalhar. Então a gente precisava trabalhar para ajudar a minha mãe. Eu sempre gostei dessa parte de unha, de cabelo tudo. Eu achei fácil começar na parte de manicure. Como eu gostava disso e era fácil poder entrar em salão já aprendiz, fui para o salão. (JASMIM)

Com 15 anos, porque queria pagar minhas contas, meu pai nunca precisou pagar escola para mim, eu fiz curso técnico, meu pai nunca precisou pagar faculdade para mim. comprava as coisas para mim e ainda ajudava em casa. eu comecei a trabalhar muito cedo, com 15 anos de idade, aí eu fiz um curso técnico, quando eu estava na faculdade, e eu tipo assim... sempre, eu achava um absurdo ter que pedir dinheiro para pai, do mesmo jeito que eu nunca pedi dinheiro pra marido sabe assim? (GIRASSOL)

Eu comecei a trabalhar aos 17 anos no escritório de contabilidade da dona Lígia, era muito firme, que ensinava muito bem, aprendi muita coisa lá. [...] antes de fazer 18 já consegui a BASF, eu fiz concurso e ainda tive que trabalhar uns dias na BASF sem registro, porque ela só pegava com 18 anos, mas acharam que eu fui tão bem no teste que já me seguraram. Tinha ensino fundamental, mas eu não parei de estudar [...] Eu fiz contabilidade, depois especialização em Auditoria. (BEGÔNIA)

Diante dos relatos, tornou-se possível compreender a importância demonstrada ao sentido dado ao trabalho como sendo uma maneira de contribuir com a família, bem como uma solução para conseguir melhores condições de vida e até mesmo uma independência financeira.

Notou-se, ainda, que o estar trabalhando promoveu o desenvolvimento de habilidades como comprometimento, lealdade e disciplina, percebidas nas ações profissionais dessas mulheres ao longo da vida profissional. Essas características consideradas como predominantes aos pertencentes da geração *baby boomer*, como relatadas por estudiosos (SILVA *et. al.*, 2014; BOTELHO *et. al.*, 2018; CARRARA, NUNES e SARSUR, 2013), podendo ser consequência do prematuro início da trajetória profissional delas.

Para as pesquisadas pertencentes da geração X, o início da vida profissional de algumas, também aconteceu como apoio à família. Entretanto, para algumas deu-se em busca pela realização dos próprios propósitos e como verificação daquilo que de fato não gostaria de realizar como profissional.

Eu vim de uma família de produtores rurais[...] Comecei a trabalhar desde cedo, comecei a cuidar das coisas do meu pai com dez anos, eu era a filha mais velha, então quem dirigiu o trator pela primeira vez, buscou trator de caminhão de terra, arroz, laranja era eu e quando a minha mãe foi trabalhar eu já tinha doze pra treze anos, e além de eu ter algumas atividades que eu precisava pra dirigir, eu tinha a casa e meus irmãos. (AZALEIA)

Quando completei 12 anos de idade, eu falei mãe eu preciso trabalhar, ter meu dinheiro. Porque meu pai era encanador e

eletricista e minha mãe dona de casa, e com cinco filhos não tinha dinheiro, né? Então, fui ser babá. (ORQUÍDEA)

Meu primeiro emprego eu tinha 14 anos [...] Nunca fiquei parada, só que assim, eu trabalhava em uma fábrica de calçados... Lá em Birigüi, [...] Na época eu tinha carteira, era com 14 anos que começava trabalhar. Estudava a noite. Eu precisava financeiramente. (MARGARIDA)

No último ano da faculdade eu montei um ateliê que chamava Sorte Sua. Era eu e a Fernanda, e a gente só fazia blusinha de fluity e uns bordadinhos pequenos, fazia para uma ONG de senhoras, a gente ensinava, elas faziam, costuravam quantidade pequena e a gente pegava e vendia em loja. a gente deixava e elas acertavam com a gente semanalmente, então entrava um dinheirinho bom também. Daí fiquei quatro anos com o ateliê. (GÉRBERA)

Já querendo ter a minha loja e meu pai sempre falava: não adianta eu te ajudar a ter sua loja se você não começar de baixo [...] Eu peguei e fui gerenciar a loja que fui convidada para trabalhar, montei toda a cartela de clientes, eu fiquei oito meses. (HORTÊNSIA)

De acordo com Carrara, Nunes e Sarsur (2013), essa geração é considerada mais prática na busca do equilíbrio financeiro, devido à vivência de um tempo turbulento quanto à ordem econômica. Esse fato impactou diretamente na trajetória profissional dessas mulheres.

Andrade *et. al.* (2012) apontam a flexibilidade, facilidade em fazer escolhas, ousadia, independência, abertura às mudanças e inovações, como características predominantes da geração Y. Carvazotte, Lemos e Viana (2012) e Botelho *et. al.* (2018) complementam-nas, afirmando que essas são potencializadas pela utilização da tecnologia computacional e fácil acesso ao conhecimento.

Diante desse perfil dos Ys, tornou-se possível a compreensão de que o início da vida profissional das pesquisadas foi divergente, respeitando a individualidade, condições sociais e o tempo de cada uma. Entretanto, é comum verificar que essas foram fortalecidas por uma tendência à atividade empreendedora, forte presença do espírito de independência e constante busca por segurança.

Silva *et al.* (2014) apontam ainda sobre uma presente inquietação nos integrantes dessa geração e Botelho *et. al.* (2018) reforça a pouca resistência destes à frustração de seus desejos. Esses apontamentos são perceptíveis nas narrativas das participantes, através da busca constante de melhores condições, tentativas de maior satisfação e tendência em encontrar a felicidade naquilo que realizam.

Desde pequenininha na verdade eu gosto de inventar umas coisas, vendia em casa bijuterias, fazia pulseirinhas e vendia. Desde pequena eu gostava de vender, de comprar bijuterias, vendia para minhas amigas, minha família [...] Daí do pão de mel eu comecei a me interessar mais, comecei a fazer bolo, daí fui melhorando minha massa de bolo, depois comecei a fazer brigadeiro, fui melhorando, vendo aquilo que ficava melhor. (LIZ)

Com 18 anos eu fui pra Riachuelo, passei em uma seleção, entrei como caixa, daí lá eu comecei a batalhar, fiquei lá um ano e meio como caixa e já fui fazer faculdade também, trabalhando e fazendo faculdade, e eu mesma que pagava minha faculdade, que na época eu não morava com minha mãe, eu tinha brigado com meu pai eu tinha saído de casa e morava com meus avós. (GARDÊNIA)

Eu queria fazer direito que eu sempre fui muito apaixonada pela questão de justiça, sempre gostei muito, e aí prestei vestibular com 17 anos. Queria fazer direito antes e nesse turbilhão de emoções eu falei, eu quero fazer psicologia. E prestei o vestibular, passei em segundo lugar na Unisal e fui[...] só que nessa época também a gente estava com problemas financeiros, mas fui, primeiro mês, segundo mês, aí fiz uma prova para estágio no CRAS em Aparecida. (TULIPA)

Comecei a trabalhar com dezoito anos. Eu trabalhei em um escritório, era Imobiliária e Advocacia, por volta de oito meses. Depois eu trabalhei na SAEG, no atendimento, como estagiária Depois trabalhei, fiz o estágio mesmo, aquele um assinado na área de videoconferência do Estado, na Diretoria do Ensino [...] Aí terminei a faculdade e fiquei três meses em uma empresa na Basf, terceira, de São Paulo Eu gostei da empresa, mas não do serviço. E aí a empresa foi embora e aí eu fiquei desempregada. (DÁLIA)

Meu primeiro emprego foi no instituto Ayrton Sena que foi uma oportunidade muito legal que tive. Eu comecei trabalhando num lugar superbacana, que eu cresci muito, não só como profissional, mas como pessoa [...] aí sai do Instituto e fui para uma editora, para Trip. Mas eu não estava satisfeita, eu cheguei num momento que eu não estava satisfeita mais no meu trabalho, apesar de ser um lugar superbacana, eu achava que não estava mais me trazendo satisfação, eu senti uma necessidade muito grande mesmo de voltar para cá. (VIOLETA)

O início da vida profissional das empreendedoras teve sentidos diferentes a cada geração. Evidenciou-se que as pertencentes da geração *Baby boomer* entraram no mundo do trabalho, em sua maioria, como uma forma de sobrevivência tanto de sua família como de si mesmas. Por outro lado, algumas da Geração X buscavam condições de vida melhores e outras iam em busca de seus interesses e ideais. As empreendedoras da geração Y mostraram o quanto o trabalho é um meio de realização de suas habilidades e formação da própria identidade pessoal.

4.3.2 O tornar-se mãe: maternidade e seus impactos

Muitos autores, como Jonathan e Silva, 2007; Souza, 2015; Alperstedt, Ferreira e Serafim, 2014, escrevem sobre o desafio da inserção feminina no mundo do trabalho, sendo um ponto de discussão a conciliação entre os aspectos pessoais/familiares e os profissionais.

A relação trabalho e família – administração e sentimento – foi evidenciada em quase todas as narrativas. Um dos acontecimentos relevantes foi o nascer de um filho.

Para as da geração *Baby boomer*, ser mãe era algo natural e esperado por todas elas, sendo que os trabalhos profissionais realizados no âmbito doméstico, muitas vezes, facilitariam no estar e cuidar dos filhos. Apenas Begônia diferenciou-se das demais quanto a esse aspecto.

O meu marido não permitia de jeito nenhum que eu estudasse. Ele não me deixava estudar de jeito nenhum, daí tive um filho, dois filhos, três filhos, aí ele falou: agora você não vai porque você vai ter que criar seus filhos. Aí quando eu criei meus filhos, ele falou: agora você não vai por que eu não tenho dinheiro. (LÍRIO)

Aí decidi a trabalhar e meu primeiro filho era pequenininho. Com o dinheiro do trabalho, daria todo mês do meu pagamento para o marido pagar seu pai. A namorada do irmão do meu marido arrumou um trabalho para mim, na espuladeira da fábrica de cobertores, para enrolar fio. [...] Fiquei pouco tempo, acho que uns cinco meses. eu não sei o motivo que sai da fábrica, acho que foi mais pra olhar meu filho. (ROSA)

Eu casei, só que naquela época era meio complicado mulher trabalhar fora depois de casada. Eu já engravidei logo no primeiro mês e daí pelo conceito de época, que mulher não trabalhava fora depois de casada, comecei a trabalhar em casa. Abri um espaço em casa para poder atender, então eu só fazia unha naquela época. (JASMIM)

Eu fiquei sabendo que eu estava grávida e ainda não tinha um mês de gravidez. Eu trabalhei os nove meses inteirinho, sem faltar um dia nem para ir ao médico. Quando voltei a trabalhar a mãe era a avó. (GIRASSOL)

Quando eu perdi três antes dela, logo no comecinho, foi quando eu fiz um tratamento homeopático com minha médica homeopata ginecologista. Foi quando eu consegui reter e me equilibrei. Porque essa questão de perder, deixa-nos muito fora, muito frustrada e muito descompensada. (BEGÔNIA)

As pesquisadas relatam a grandeza do ser mãe e as mudanças que essa missão traz para a profissional em desenvolvimento. Independentemente da idade vital e profissional em que se encontravam ao tornarem-se mães, todas precisaram adaptar-se a novas rotinas, sobrecarga de responsabilidade e abdicação de sonhos e oportunidades momentaneamente.

Não diferente, a maternidade trouxe para as pesquisadas da geração X significativas mudanças de rotas, abdicação de sonhos, oportunidades temporárias, vivência de discriminação no mundo do trabalho. Azaleia relatou em detalhes a vivência da discriminação e assédio no ambiente profissional, devido ao fato de ser mãe. Em contrapartida, a maternidade e todas as suas consequências as fortaleceram como empreendedoras ou a fizeram descobrir-se como tal.

Em maio eu casei de 2006, com dez meses de casada eu engravidei, daí foi outro divisor de águas, até então era só eu, trabalho, profissão, eu acho que se eu não voltasse pra cá eu não teria casado, por que minha vida era essa mesma, com certeza eu estaria respondendo pra uma área do país por que eu tinha essa visão [...] para o meu gerente foi péssimo, por que aí ele perdeu a secretária dele, finalzinho de 2007 nasceu o filho 01 e ele me desligou em fevereiro de 2008, no primeiro dia voltando da licença maternidade. Ele falava que perdi o perfil que ele gostava que era de secretária , profissional... e isso que eu falo que foi um grande divisor na minha vida, porque até então eu era profissional, na hora que eu resolvi ser pessoa, mulher, eu tive um baque, essa quebra, que foi ser profissional e mãe. (AZALEIA, grifo nosso)

Não foi planejada, ela veio. Dei conta graças a Deus, eu tive uma gestação bem tranquila, não passei mal desde o início... Descobri que eu estava grávida porque a barriga apareceu muito rápida e engordei bastante, mas assim ...não passei mal. Eu não desmarquei nenhuma cliente, minhas funcionárias me ajudaram muito, ficavam sempre perguntando se eu estava bem se não estava. A maternidade é uma coisa que eu estou aprendendo ainda. Estou feliz, só que assim, a gente aprende né? Um dia a gente vai aprendendo né? É muita coisa, é tudo muito novo. (MARGARIDA)

No oitavo mês, eu peguei computador tudo e coloquei tudo no carro, aí eu vim embora no oitavo mês [...] o meu filho nasceu, começou a crescer e eu comecei a também a trabalhar com meu pai na loja de material de construção. Eu ficava no caixa, a vida inteira desde que o Meu filho nasceu. (GÉRBERA)

O pai dele faleceu em 2006 e um mês e meio depois eu fiquei grávida, até hoje ele fala que foi uma tristeza superada por uma alegria [...]A minha gravidez foi tudo tranquilo, tudo perfeito. Só que eu tomei um susto muito grande, porque na verdade eu estava com uma lipoaspiração marcada. Eu estava meio cheinha e ia fazer uma lipo. Fui fazer todos os exames e o médico me disse que eu deveria voltar em uma semana para fazer um outro ultrassom, porque estava

grávida. Daí a minha vida já mudou. O marido feliz da vida porque ele tinha acabado de perder o pai dele... Ele falou que era aquele misto de sensações, que não sabia se estava triste se estava alegre, mas mudou a vida dele. Aí o que aconteceu é... eu sempre a fortona, carregando todo mundo nas costas, fazendo e acontecendo. Acabei tendo uma depressão pós-parto. (HORTÊNSIA)

Na metalúrgica encontrei o Glauco, que se formou em Itajubá, engenheiro, família de Guará e foi trabalhar nessa empresa em Jaraguá. Eu fazia o terceiro colegial e ele ia me ensinar matemática, física, química e ele dava uma força nas matérias exatas. Eu namorei, engravidei e casei [...] Depois do nascimento dela, fiquei mais 06 meses em Jaraguá. Nesse período estava em licença maternidade e férias, quando encerrou isso eu pedi demissão. O Glauco arrumou um emprego no Rio de Janeiro. (ORQUÍDEA)

Já na geração Y, a única participante dessa pesquisa que era mãe teve uma missão mais que importante – cuidar de uma criança especial. Isso fez com que todas as outras pessoas e situações passassem para o segundo plano em sua trajetória e ela precisou reaprender a viver, aceitando uma nova maneira de ver o mundo, dando outro sentido a sua existência.

Ai meu filho nasceu e foi aquela correria total, nós ficamos dois meses em SP e depois quando voltei havia a suspeita que ele não era só cardíaco, que ele tinha uma síndrome, começamos a fazer fisioterapia quando ele tinha quatro meses, duas vezes por semana. Com cinco meses ele começou também a terapia ocupacional e com oito meses ele iniciou ainda a fono, para engolir, para passar da mamadeira para papinha [...] É uma síndrome rara, é uma monossomia do cromossomo 18, e ele tem uma trissomia parcial do cromossomo, ele tem duas síndromes concomitantemente e ainda tem uma deleção do cromossomo 5, só essa os médicos desconsideraram, por acreditarem que não influencia. Mas eu falo que era pra ele ser meu, porque se fosse a trissomia e dele faltou um pedaço, se fosse a trissomia do cromossomo se triplicasse ele viveria até dois, três anos no máximo, porque ia ser muito grave. Pelo o que a gente leu, não fala nada que eles morrem cedo e ele está evoluindo super bem. (GARDÊNIA)

Conciliar a vida familiar com a profissional realmente é um dos maiores desafios para as mulheres. É preciso um constante readequar-se para a manutenção da qualidade em ambos os aspectos. Percebe-se nas narrativas, que as mulheres da geração *Baby boomer*, utilizavam-se de atividades possíveis de serem realizadas também em suas residências. Diferentemente da geração X e Y, que adequam suas atividades e rotinas, para realizarem-se profissionalmente nos lugares que tiverem como opção. Tornou-se possível identificar a fala de Botelho *et.*

al. (2018), quanto à busca do equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, levando-as a optarem em trabalhar para si mesmas.

4.3.3 Empreendedora: a conquista do próprio negócio

O terceiro aspecto comum verificado na sobreposição dos biogramas foi a “conquista do próprio negócio”. Embora algumas das mulheres já tivessem despertado para o empreendedorismo, o marco de estar à frente do seu próprio negócio foi narrado com boa dose de emoção pela conquista, como também com uma grande carga de responsabilidade e dedicação em mantê-lo ativo, obtendo o sucesso esperado.

Características das pertencentes à geração *Baby*, como as apresentadas por Andrade *et.al.* (2012) relacionadas à determinação, empenho e perseverança ficaram evidenciadas desde o início da vida profissional, como e principalmente, na abertura do seu próprio negócio e na escolha em empreender.

Abri um salão na minha casa, com um ano de curso e aí tinha mais oito meses pela frente... Então continuei no curso, no Tom Marrom como chef de cozinha, trabalhando na minha casa, trabalhando no meu salão. [...] E assim foi! Comecei devagarinho, fui cumprindo horário, o principal em qualquer profissão é você cumprir horário. Em um ano de trabalho eu comecei a ganhar igual ele. Ele era motorista e comecei a ganhar igual ele. Mas, tudo que eu fazia era tudo no controle, no dia-a-dia marcadinho ali, muito controlado, porque aí ele ia lá ver... Ele abriu mão porque passei a ganhar igual a ele, paguei a faculdade das crianças junto com ele... então resolveu ir em frente e me deu o maior apoio. (LÍRIO)

Eu comecei a fazer marmita. Meu marido tinha o pagamento dele garantido como taifeiro. E eu comecei a trabalhar com marmita, comecei, comecei, comecei, aí comecei, teve uma época de eu ter 35 jogos de marmita e ter 70 marmitex por dia, eu sozinha. [...] Fiquei trinta anos fazendo marmita aqui e dois anos para conseguir parar com elas, porque eu já tinha bastante encomendas de salgado, eu já estava começando a fazer bastante salgados para festas. (ROSA)

Eu conheci o pai do meu quarto filho, que foi uma pessoa que agregou muito na minha vida Como era mais velho que eu, os meus temores ele tirou em relação a isso, ele achava que eu tinha capacidade. Nessa época mesmo eu comecei a querer abrir um salão pra mim e aí apareceu essa oportunidade, num lugarzinho, que era um espaço pequenininho. Ele falou, vai mesmo, vai dar certo, aí foi até bem simples o salão, porque não tinha muita coisa. (JASMIM)

Aí eu sai do HSBC, porque eu não aguentava mais a limitação. Como que eu posso viver em um negócio que não me dá liberdade de fazer uma coisa que eu quero, de me liberar um dia. Não dá,

então sabe assim, isso vai acabando com a sua vida [...] Ah para mim...eu sempre vou querer mais, entendeu? Aqui na corretora, posso atuar em qualquer lugar que eu quiser. A gente tem clientes em Aparecida, Lorena, Caraguá, Piquete, Pinda, Cachoeira... Agora eu acabo de vir de Lorena... então eu posso ir pra onde eu quiser (GIRASSOL)

Na realidade o motivo de me tornar uma empreendedora é por causa da minha filha, entendeu? Porque nosso negócio seria aberto pela dona aqui do espaço. Na realidade a gente decidiu junto eu e a Filha, tinha aquele espaço, nós ficamos... A princípio minha Filha se interessou muito. Perguntou para mim se eu ajudaria. Eu falei vamos embora filha, se é isso que você quer, você está com vontade de fazer e vamos lá. Estou junto com você. (BEGÔNIA)

Conforme apresentado por Villa Boas e Diehl (2012), percebe-se aqui que as motivações em empreender dessas mulheres foram: a busca por qualidade de vida, transformar uma paixão em profissão e obtenção de fonte de renda.

As pesquisadas da geração X mostraram a busca pela liberdade e conquista de seus objetivos pessoais e profissionais. Não se intimidaram em abrir o próprio negócio, com ideias inovadoras e gerenciando outras pessoas. Mesmo que inicialmente o negócio fosse pequeno, logo buscavam crescimento, trazendo outras pessoas para acompanhá-las. Confirma-se, assim, a ideia de Carvazotte, Lemos e Viana (2012) de que as pertencentes dessa geração estão interessadas nos ganhos de oportunidades, visualizadas nas narrativas da abertura do próprio negócio pelas participantes da pesquisa dessa geração.

[...] como vou ter um restaurante sem ser da área? Eu fui ver um curso profissionalizante no Instituto Mix aqui, que é um curso curto de seis meses, mas que te dá uma noção muito grande de técnico de cozinha para restaurante. Em fevereiro eu me matriculei, começou a aula em fevereiro de 2016, um mês para pensar e me organizar. Em setembro eu peguei o certificado e terminamos todas as etapas, em julho a gente inaugurou só que eu fui muito esperta, eu sabendo que eu não tinha respaldo e fora da experiência eu pedi uma parceria com meu professor. Então ele veio, fez todo esse start comigo no primeiro grande evento de inauguração, ele me ensinou o que eu ia precisar, o que eu não ia precisar, o que era essencial e o que não era. Inaugurei 24 de Julho de 2016. (AZALEIA)

Em outubro de 94. Tenho empresa aberta desde o brechó. Eu pegava Natura, vendia e ganhava 20% [...]Quando eu comecei o brechó, parei de fazer pães. Depois de 2005, quando houve a separação, minha vida fez assim “pum”! [...] Financeiramente estabilizei [...] Conquistei meu espaço por necessidade e busquei esse caminho por ser a solução.. (ORQUÍDEA)

Em 2016 eu abri o ateliê... Assim, a gente sempre tem um sonho né? O meu era de ter um espaço, aí eu fiz o curso de micro pigmentação [...] eu fiz um investimento muito grande, eu fiz um investimento muito alto pra fazer esse curso [...] depois eu fiz uma especialização em Jundiaí com o maior nome de micro pigmentação no Brasil. Aí foi quando surgiu a ideia de montar um ateliê, um espaço que mesmo que fosse para maquiagem, sobrancelha, a eu falei assim: Bom já que eu vou montar um espaço, eu quero que seja uma coisa diferenciada que já tem na cidade, eu preciso para dar certo, propor algo diferente. (MARGARIDA)

Começou o ateliê Love ali, ele só chamava Love, daí era meu e de uma amiga minha, na minha casa em Aparecida e na casa da Áurea em Taubaté, que ela morava em Taubaté. Eu fiquei assim uns três anos fazendo essas coisas. Uns nove anos atrás, que eu montei o Love, mas era um blog na época, blog sport [...] daí eu fui indo, a minha sócia saiu, porque eu queria investir e ela não podia. Eu comecei a investir no ateliê, meu pai reformou minha casa, me deu material para um ateliezinho em casa. Foi à primeira loja física e aí cresceu e não cabia mais naquele quadradinho do ateliê, não dava mais, não tinha mais espaço [...] Vim pra cá e montei o meu ateliê, contra o meu pai - (GÉRBERA)

Com o tempo montei a loja, tive que alugar um outro ponto... Paguei o ponto, investi, tive que fazer reforma, então ali eu tive uma dívida a pagar e vencer. Fiquei de 2003 até o Marido entrar na prefeitura em 2005. (HORTÊNSIA)

Dentro das motivações para empreender apresentadas por Villa Boas e Diehl (2012), percebe-se que os motivos foram o de transformar uma paixão em profissão, obtenção de fonte de renda e identificação de oportunidade para sobreviver.

Para a maior parte das pesquisadas da geração Y, o empreender foi uma adequação e encontro de equilíbrio entre vida profissional a pessoal, conforme mencionado por Silva *et al.* (2014) e uma busca de liberdade e experiências novas, como mencionado por Colet, Mozzato e Grybovski (2016).

Um aspecto de atenção nas narrativas foi quanto à existência de assédio moral e sexual, como fortalecedor do propósito de deixar um trabalho considerado seguro, para arriscar-se em abrir seu próprio negócio. Decisões mais individualistas, priorizando questões pessoais são a base das decisões aos pertencentes a essa geração, conforme Veloso, Dutra e Nakatas (2016).

A inauguração foi na minha casa... Aí foi mais gente da família e eu fiquei muito feliz, até nesse dia comentei com meu irmão: nossa queria muito abrir uma loja minha só que o investimento é muito alto é uma coisa que está muito distante de mim. E ele falou: não, se você já está começando aqui, está pertinho de alcançar esse sonho

[...] Cheguei a desanimar várias vezes [...] Aí eu decidi mudar tudo. Eu paguei um cara só pra fazer o logo. Fazer a marca, cardápio tudo. Aí eu coloquei um luminoso e depois de dois dias começou a fluir. Depois dessa comunicação visual que melhorou e de toda a divulgação, aí eu comecei a não dar conta. (LIZ)

Eu ia comprar roupa para meu filho nas lojas e nunca tinha coisa diferente de menino. Ficava indignada, eu brincava com os donos da loja: um dia vou abrir uma loja e vai ter coisas diferentes para menino, porque isso é discriminação, só tem coisas para meninas. E fiquei com aquilo na minha cabeça [...] Sai do banco e estava abrindo um shopping aqui. Eu já tinha um dinheiro guardado e com o dinheiro que eu recebesse do banco, pensei em abrir uma loja. Daí para montar a loja, fui ao SEBRAE, pedir ajuda. Comecei a estudar algumas marcas, primeiro foi por base minha. [...] eu abri a loja em 08 de dezembro de 2013, inaugurei a loja e já vai para cinco anos, sem saber nada, no sufoco. (GARDÊNIA)

Foi a oportunidade que eu achei que era para a gente, eu preciso manter a vida... Estou feliz, mas e sinto muito a falta de pessoas [...] agora é hora de parar um pouco, me dedicar a um negócio para ter a nossa renda e para depois eu poder voltar para a psicologia. Eu quero daqui um ano mais ou menos, quando tudo estiver mais estruturado, eu quero voltar. (TULIPA)

Aí resolvi, vou começar com o site. E o que o site era? Era um catálogo que eu montei em 01/12/2014... comprei as peças de um site, como se fosse revendedora. Montei CNPJ... Eu comprava no atacado, aí eu recebia as peças coloquei na minha Page, tirei as fotos e coloquei no site... E comecei a divulgar! Assim vendi para o Brasil inteiro... Mas, como eu levava pessoalmente para as cidades da redondeza, o que aconteceu? As pessoas queriam que eu levasse as peças pessoalmente. O ano inteiro de 2015 eu entreguei, só que foi aumentando. [...] Em janeiro de 2017 a gente alugou aqui e em 11 de fevereiro a gente inaugurou. Aí aqui nesse ponto fiz um ano agora, em fevereiro de 2018 né? O bom de ter a loja física é que às vezes a cliente vem ver um brinco, ela leva um relógio, leva uma bolsa... (DÁLIA)

Voltei para nossa cidade faz três anos [...] Minha mãe tinha 32 anos de EMBRAER e resolveu aposentar-se no ano passado. E foi quando tudo aconteceu na verdade [...] Aí a gente começou a pensar em algumas possibilidades e a conversa de abrir a Sorveteria que sempre existiu, voltou a acontecer [...]A obra aqui foram 3 meses para construir a loja. (VIOLETA)

Segundo a Tabela I: Principais motivos que levam mulheres e homens a empreender de Villa Boas e Diehl (2012), verificou-se, nas narrativas das pesquisadas da geração Y, a predominância de mulheres que sempre quiseram ter o seu próprio negócio e identificaram a oportunidade no mercado para ganhar dinheiro e sobreviver.

Considerando os conceitos de empreendedor apresentado por Dolabela, 2009; Dornelas, 2010; Lezana e Tonelli, 2009, tornou-se evidente que essas mulheres transformam problemas em oportunidades através da inovação, sozinhas ou não, com muita força de vontade, perseverança e preparação, buscando benefícios próprios e muitas vezes realização de sonhos sempre levados consigo.

4.3.4 Em busca do novo: experiência em outras culturas

Carvazotte, Lemos e Viana (2102) apontam como característica da geração X a facilidade em aceitar mudanças, trocar de emprego, lugares e ramos por maior desafios e recompensas, melhores oportunidades, características identificadas nas empreendedoras entrevistadas e pertencentes a essa geração.

As cinco pesquisadas tiveram experiências com mudanças de cidade e estado, aproveitando a oportunidade para crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional, por mais difícil ou desafiante que fosse a condição. Três delas aventuraram-se em experiências internacionais, sendo que uma por iniciativa própria, outra por desafio profissional e outra para acompanhar o esposo. Entretanto, todas utilizaram da experiência para maiores resultados para sua vida profissional e pessoal.

Em oito meses eu rodei São Paulo, Suzano, Mogi nessas coisas e nisso surgiu uma vaga, daí o diretor falou que eu ia ficar na área de administração de vendas, por que a gente vai movimentar uma pessoa e eu acho que o seu perfil é pra ficar nessa área, você vai ter que atender Mercosul e os clientes internos[...] quando eu fui para os EUA, eu falei: gente olha onde eu fui parar, responder pelo Brasil, eu tinha acabado de terminar a pós. (AZALEIA)

O meu ex-marido arrumou um emprego no Rio de Janeiro[...] No Rio de Janeiro eu fiquei um pouco ansiosa, não fiquei muito feliz lá. Fiquei 01 a 03 meses lá e fui para Petrópolis [...] depois viemos para cá” (ORQUÍDEA)

Foi bem difícil no começo [...] a gente chegou aqui, alugamos um apartamento e eu ficava muito presa, eu me sentia muito sozinha, muito solitária [...] Fui na Embeleze, me inscrevi apesar de ser maquiadora profissional, apesar de eu já ter curso [...] Fui trabalhar em um salão e depois fui para os Estados Unidos em 2014, em janeiro de 2014. Pelo doutorado do Marido exatamente, então como eu fui como acompanhante eu não pude trabalhar lá e aí eu fiz vários cursinhos, aí eu fiz curso de inglês né? Óbvio, porque eu não sabia nada, eu precisava estudar inglês. Aí fazia curso de inglês lá e fazia alguns cursos também na área da beleza, fiz algumas especializações de sobrancelhas, fiz de maquiagem, fiz até um curso na Mac e assim tinha um salão grande lá que fazia vários workshop,

cursos mesmos né?... aí eu fiz alguns lá e quando eu voltei eu voltei com tudo sabe. (MARGARIDA)

Mas aí deu um negócio na minha cabeça, daí eu fui fazer um curso em Milão, no segundo ano de faculdade. Instituto Marangoni, tudo em italiano, me virei lá, fiquei lá um mês. Nossa... fiz um amigo, daí lá eu gostava de fazer joalheria, eu fazia e o povo nossa...adorava. Conheci uma amiga e fui parar em Portugal, fiquei seis meses em Portugal e não queria mais voltar, nunca mais [...] Eu ganhei muito dinheiro, eu fiquei seis meses na Europa, eu vendia muito biquíni, eu era minha própria vendedora. (GÉRBERA)

Essas experiências foram extremamente significativas na vida das mulheres empreendedoras. Foram transformações que as fortaleceram e sustentam muitas de suas decisões e atuações no momento atual.

4.3.5 O agora: momento atual e perspectivas futuras

Como já esperado, sobre essa categoria o considerado comum fica exclusivamente para os planos que estão sendo realizados no presente em busca de melhores condições futuras, sejam elas após delegar seus ofícios ou no encontro com novos desafios e seus desbravamentos.

A idade vitalícia tem agora um peso significativo. Entretanto, as condições financeiras e de logística também são importantes.

Na geração *Baby boomer*, ficou evidente que a maioria das entrevistas, muito embora ainda não pensem em parar suas atividades definitivamente, demonstram o interesse por diminuir o ritmo, transferir o legado aos filhos e administrar mais que operacionalizar. Essas pretensões ficaram claras nos seguintes relatos:

Agora eu quero respirar um pouquinho. Eu já estou trabalhando meio período, já estou trabalhando das 14h às 19h, menos carga porque agora eu não administro. Mas, deixar de trabalhar eu não vou... a minha profissão, eu amo o que eu faço, amo cabelo, então não posso deixar. [...] Quando você faz o que você gosta, levanta a cabeça e vai em frente. (LÍRIO)

Agora o que dá dó é isso que a gente vê, que às vezes talvez não vá ter continuidade.[...] Não tenho perspectiva de parar, porque se parar em vida, em seis meses acaba tudo isso aqui, acaba, em um ano acaba. Se a gente parar o negócio aqui acaba, eles não tratam o freguês do jeito que a gente trata. Você faz qualquer negócio para agradar a todos e dar emprego que também é muito importante. Hoje a gente emprega 14 famílias em uma empresa e 09 em outra... e vamos levando em frente, com Deus no comando. (ROSA)

E foi dando certo assim... É ...eu fiz trinta anos semana passada...Hoje nós somos dez, todos registrados, todos ganham todos os direitos de funcionários. eu pretendo diminuir meu ritmo de trabalhos manual de salão mesmo de fazer o que eu faço, porque hoje eu faço unha, eu depilo.. Depois eu fui entender que quando a gente está na retaguarda, por exemplo lá na frente atendendo, recebendo, marcando, vendendo, eu consigo direcionar melhor meus funcionários, direcionar melhor os horários dos atendidos e mesmo eu pensar em mais coisas para poder estar atendendo melhor as pessoas entendeu? Ter mais produtos, ter mais coisas para poder fazer. eu gostaria muito de que isso aumentasse, para gerar mais empregos, ter assim uma estabilidade para poder estar ajudando mais pessoas em termos de trabalho mesmo. Ter mais pessoas trabalhando aqui, ter maior estrutura para que todos tenham qualidade para trabalhar, gerando qualidade e conforto para quem vem ser atendido. (JASMIM)

Nesse meio tempo, nesses 10 anos, a 6 eu estava na associação comercial. [...] Na associação comercial é tudo bacana. Os serviços que a gente faz, na parte administrativa, eu gosto muito. Por exemplo, eu organizo os eventos, a gente participa de congresso, palestras, e eu adoro essas coisas... Já parte política do negócio, essa parte política eu não tenho Habilidade, não tenho maturidade. (GIRASSOL)

Eu quero sim que se transforme em uma franquia, mas sempre com a filha acima de mim. Eu quero muito que a gente consiga fazer exportação. Então eu acho que a gente precisa se estruturar pra conseguir satisfazer o mercado local e depois satisfazer o mercado exterior. Não, eu não vou parar, eu quero cada vez mais ficar assim na parte administrativa [...] Prometo que lutarei incansavelmente também para a adoção da minha neta angolana. Meu projeto é ainda de ser uma grande avó do coração como venho sendo como mãe de sangue. (BEGÔNIA)

Foi possível identificar nas narrativas acima características apontadas por Andrade *et. al.* (2012); Veloso, Dutra e Nakata (2016) e Mintzberg (2013), como a dificuldade de transferência da liderança dos negócios por parte das *Baby boomers*, pelas regras rígidas adotadas, centralização, busca de reconhecimento da sua forma de atuar, intolerância a questionamentos das gerações mais jovens e o esperar que esses tenham a mesma entrega feita por elas ao longo da trajetória.

Já as mulheres da geração X mostraram-se em plena atividade profissional, com total vitalidade e força para desempenharem suas opções laborativas. Margarida sente-se realizada, formulando ideias para o crescimento dos negócios. Gérbera e Hortênsia estão em um momento de reflexão das opções tomadas, reformulando a trajetória. Azaleia pensa em continuar com o empreendedorismo,

conciliando com outros desafios. Devido à idade vital e profissional, Orquídea já pensa passar o legado para as filhas e acompanhar como mentora o negócio deixado por ela.

Só que quando eu lembro, todo janeiro eu lembro que eu fui mandada embora de um lugar que eu estava amando, que eu construí e eu ficava me questionando “Deus por quê? Se eu errei eu peço desculpas, eu peço perdão, mas por quê? O que eu fiz de tão errado, se é um castigo eu vou tentar melhorar, ser mas ponderada, eu comecei a fazer uma reflexão, e hoje eu me coloco em paz por que eu tenho que aceitar o que aconteceu comigo, e o que eu tenho que fazer daqui pra frente né? Eu nasci em cima do salto, hoje as pessoas me veem de chinelo, mas descontraída e eu falo que hoje eu estou assim (risos)... O meu desejo é voltar para parte administrativa. Mesmo sendo uma empreendedora, uma empresária, tendo essa parte financeira, a parte técnica ainda me falta... Porque o empreendedor nunca está satisfeito, então a gente já deslumbrou várias coisas que precisa modificar aqui e gradativamente a gente vai modificando, dentro do negócio, entrando pra outras áreas, mas algo além, eu falo que nunca...a última empresa tinha um slogan que era muito interessante “look beyond that” Olha além disso, que é vidro semimística, sem parar, vidro 24 horas, então eu também tenho esse negócio “olhe além disso”. não tem só isso aqui, o horizonte não é só visualizar a primeira empresa, eu visualizo além disso. (AZALEIA)

Eu estou quase me aposentando, faltam dois anos para me aposentar [...] Eu vou ficar ainda mais um pouco com a loja, porque a loja prende bastante, não é? [...]. Eu estou pensando justamente agora com elas [as filhas] se continuarão e como continuarão com a loja. (ORQUÍDEA)

Novos cursos já estão agendados e muitas clientes já tem suas datas marcadas para atendimento. O ateliê iniciou em uma sala de um prédio comercial e hoje o espaço já foi ampliado para duas salas. Sei que irá crescer mais um pouco, pois quero dar um atendimento de melhor qualidade a quem acredita no trabalho do meu ateliê. Porém, isso será feito com muito planejamento e estudo, já que não pretendo perder de vista a ideologia inicial do meu negócio – atendimento personalizado e de qualidade, para realização de sonhos das clientes. (MARGARIDA)

Hoje, eu estou estruturada, eu tenho capital de giro, eu tenho funcionárias e não estou feliz. Eu não vou parar, mas eu vou voltar a fazer o que eu gosto, eu vou começar a fazer [...] eu vou mudar de lugar, eu vou ter uma sala de 40 metros quadrados, entendeu, tudo branquinho, arrumado minhas mesas de corte, eu vou diminuir minha produção, diminuir minha responsabilidade, eu voltei a trabalhar com meu pai em janeiro, eu estou trabalhando lá das sete da manhã, era até às 13h, agora até às 16h entendeu? (GÉRBERA)

No meu negócio queria entrar em alguma coisa de produção em série. Porque apesar de todo mundo adorar o que eu faço, nessa

época eu estou totalmente parada. [...] Eu queria montar uns ônibus da festa sabe de artesanato mesmo, para poder colocar em Aparecida, na Canção Nova. Porque se comprar um ônibus velho é muito mais barato e ele não vai rodar. Eu só preciso de um alvará da prefeitura para deixa-lo estacionado em um determinado lugar e mexer com essa parte de artesanato tudo lá. Já imaginou um ônibus inteiro todo adesivado, a pessoa entrar dentro do ônibus, eu vou fazer isso pelo fundo social eu vou fazer, se eu não conseguir antes, montar esse negócio e vai ganhar muito dinheiro principalmente em Aparecida. (HORTÊNSIA)

Carrara, Nunes e Sarsur (2013) ressaltam o fato dessa geração considerar o trabalho como fonte de aprendizagem, crescimento e fortalecimento da autoconfiança. As participantes da geração Y estão motivadas em fazer crescer seus negócios, sempre visando novos desafios e inovações, como apontados por Colet, Mozzato e Grybovski (2016). Ressalta-se que esses autores não generalizam as gerações pela faixa etária a qual pertencem, mas sim por pontos convergentes que as identificam.

Eu acho que eu preciso me desapegar um pouquinho dessa parte de só eu que faço, só eu que monto, principalmente assim... eu não sou muito de ficar falando muito para os outros fazerem, eu vou e faço, então eu acho que eu preciso desapegar um pouco disso, treinar, porque eu peguei mais duas meninas na cozinha e treinar mais. (LIZ)

Aí veio a crise e arreventou comigo de vez, 2016 foi o pior, parou tudo, foi a luta. [...] Em 2017, eu consegui fazer um planejamento de conta, comecei a equilibrar, mas ainda está se arrastando até hoje. [...] Em janeiro desse ano de 2018 fui no SEBRAE e mostrei todos esses anos da minha trajetória, se o consultor me dissesse para fechar, porque recebi um a proposta para voltar a trabalhar no banco, se ele falasse que eu tinha que fechar, eu fecharia a loja e voltaria a trabalhar, mas ele disse para eu continuar. Fiquei aliviada pois não quero voltar a trabalhar, não suporto voltar a trabalhar para o banco, não consigo (GARDÊNIA)

A minha perspectiva futura é trabalhar, é continuar, eu quero muito que o negócio cresça. E não penso tanto em franquia, mas eu penso é, da gente tá realizada com o negócio e financeiramente tranquila é o que eu penso. E eu penso que a gente consiga se realizar financeiramente, se manter financeiramente e na psicologia eu quero trabalhar. Sim, sinto muita falta mesmo, é uma coisa que quando a gente vive é totalmente diferente, eu no meio daquelas crianças, no meio daqueles presos, eu falava, nossa, eu estava muito feliz, ganhava 660 reais e estava realizada. (TULIPA)

Aumentar essa daqui, porque tem muito acessório ainda que dá para trabalhar, mas aí a gente não tem mais espaço, não tem aonde por... E abrir novas lojas, principalmente na cidade vizinha. (DÁLIA)

É a primeira vez que eu trabalho para mim e que agora sei o quanto ter comércio não é fácil. [...] Ter um negócio também não é fácil, às vezes eu paro, penso e falo: olha, tem que ter realmente muita coragem para abrir um negócio, porque a responsabilidade é muito grande, e não é só responsabilidade, você demora muito tempo para ter uma tranquilidade, e não tem sossego. Eu acordo todos os dias, mesmo no meu dia de folga, muitas vezes minha cabeça está na loja. (VIOLETA)

Acredita-se que a geração Y faz suas decisões profissionais com base em seus valores e perspectivas pessoais. As narrativas das pesquisadas pertencentes a essa geração indicaram que elas buscam sentir-se confortáveis em suas opções profissionais, sendo que o trabalho precisa fazer sentido para as pessoas que determinaram ser.

4.4 Tenuidade entre o singular e o comum

Os resultados apontados nos itens anteriores retratam a trajetória profissional das pesquisadas. Entretanto, o narrar a própria carreira, involuntariamente, requer um revistar da vida como um todo, sendo que os aspectos pessoais tornam tão presentes quanto aos profissionais.

Bolívar (2002) afirma que a narrativa é uma forma de construção da realidade. Através delas o sujeito não expressa somente as dimensões das experiências vividas, permitindo-se também vivenciar um processo dialógico, possibilitando a construção subjetiva do conhecimento sobre si mesmo e dos sentidos dados às situações e pessoas do seu viver.

Relacionando o olhar de Ferrarotti (1991) sobre a narrativa de uma história de vida pelo próprio protagonista e o conceito de experiência de Benjamin (1997), torna-se possível perceber que ao narrar sua trajetória, a empreendedora em um processo dinâmico e renovado de olhar o passado atualizado, ressignifica os sentidos sobre os mesmos fatos e experiências.

Para esse processo, a memória torna-se o roteiro da história narrada, sujeita a lembranças e percepções de quem as viveu (VILLA BÔAS, 2015). É um resgate de lembranças singulares e únicas, ligadas a um contexto social e a um tempo específico, como apontado por Brandão (2008).

Mais facilmente, os momentos decisivos de sua história de vida são sempre mencionados. Isso quando reconhecidos pelo próprio sujeito como determinantes e impactantes em sua trajetória profissional e pessoal (ALMEIDA, 2009).

Alguns incidentes se mostraram comuns às narrativas das pesquisadas, sendo eles:

- Início da vida profissional, que ocorreu no máximo aos 19 anos para todas as gerações. Em sua maioria, o ingresso no mundo do trabalho deu-se por necessidade de apoiar a família, buscar liberdade e autonomia financeira, conquistar objetivos particulares ou familiares ou fruto dos estudos formais realizados.

Ao analisar as etapas da carreira citadas por Schen (1996), o ser humano tende inicialmente a fantasiar o perfil ideal de sua trajetória e preparar-se formalmente, para então iniciar seu caminho como profissional. Diante das histórias narradas, isso de fato aconteceu com a maioria das pesquisadas. Embora nem todas tenham iniciado sua trajetória como empreendedoras, sendo que esse é o tema principal dessa pesquisa.

Há também uma manifestação de orgulho pelo primeiro emprego e suas consequências financeiras para si mesma e família, além de uma forte presença de ansiedade diante do desafio em começar a carreira e atender as expectativas próprias, das pessoas e do meio em que estavam inseridas.

O Quadro VIII apresenta como deu-se o primeiro contato das quinze pesquisadas com o mundo do trabalho.

Quadro VIII – Sobreposição Todas as Gerações – Início da Vida Profissional

Geração	Sujeito	IP ¹⁵⁸	IV	Incidente	Significado
Baby Boomer	Lírio	1	8	Trabalhar como babá	Apoiar financeiramente a família, que era muito humilde. Orgulho por trabalhar desde muito cedo, valor passado aos filhos.
Y	Liz	1	9	Venda de brigadeiros e bijuterias na escola, feitos por ela.	Despertar de uma empreendedora, buscando negociar e fazer algo para obter seus próprios recursos financeiro.
Baby Boomer	Rosa	1	10	Morar com os padrinhos, para trabalhar	Buscar melhores condições de vida, devido a humilde situação familiar. Alegria por ter tido a oportunidade de uma vida melhor.
X	Azaleia	1	10	Trabalho informal com o pai, apoio nos trabalhos rurais	Dedicação, responsabilidade e empenho para crescer. Participação ativa nos afazeres dos trabalhos de produtores rurais dos pais.
Baby Boomer	Jasmim	1	12	Trabalhar como manicure (menor aprendiz) em um salão	Apoiar financeiramente a família. Encontrar algo que sabia fazer, para entrar no mercado. Orgulho por buscar saídas desde muito nova.

¹⁵⁸ IP: Idade Profissional; IV: Idade Vital.

X	Orquídea	1	12	Influenciada pela cultura local, iniciou sua vida profissional.	Buscar por recursos para apoiar a família e para conseguir aquilo que almejava, passando por alguns empregos, sempre em busca de condições favoráveis ao seu desenvolvimento.
X	Gérbera	1	14	Falência do Pai	Aprender com o perder a facilidade de ter o queria, despertando para a criação e buscando soluções para conseguir fazer a viagem de formatura.
X	Margarida	1	15	Início da carreira em uma fábrica de calçados	Ter condições de apoiar financeiramente a família, buscando recursos para continuidade dos estudos, aceitou o desafio de trabalhar em um fábrica de calçados.
Y	Gardênia	1	15	Discussão com o pai, passar a morar com a vó e o primeiro emprego (informal)	Necessidade de buscar recursos financeiros e independência, já que havia saído de casa após uma discussão com o pai e ido morar com os avós. Movida pela ambição. Primeiro emprego informal.
<i>Baby Boomer</i>	Girassol	1	15	Empregar-se para ter seu próprio dinheiro	Busca de liberdade financeira e não suportar a ideia de dependência para ter ou realizar algo. Orgulho por não precisar depender de ninguém.
<i>Baby Boomer</i>	Begônia	1	17	Trabalhar em um escritório de contabilidade	Para contornar os problemas familiares e por iniciativa de sempre cuidar de si e dos outros. Orgulho de ser a primeira a pensar em ajudar e juntar a família.
Y	Tulipa	1	17	Faculdade e estágio	Dúvidas iniciais quanto à escolha profissional, mas logo reconhece que a psicologia lhe trouxe satisfação e muita aprendizagem com o estágio- primeiro emprego no CRAS.
X	Hortênsia	1	17	Início da carreira como professora substituta	Ao cursar o magistério, por muitas vezes foi substituta na rede pública. Experiência prática muito boa, porém determinante para não seguir a carreira de professora no ensino fundamental e médio.
Y	Dália	1	18	Início da vida profissional, não como empreendedora	A vontade de ter seu próprio negócio sempre prevaleceu. Mas, essas experiências profissionais fortaleceram a ideia de empreendedorismo.
Y	Violeta	1	19	Ida para Capital – estudo e trabalho	Ida para Capital para estudo e trabalho. Desenvolvimento e crescimento com os grandes desafios profissionais. Aprendizagem e oportunidade de novos conhecimentos. Bons serviços, mas insatisfação com a vida que levava. Solidão e vazio.

Fonte: a autora, 2018

A vida profissional requer, de acordo com Schen (1996), uma série de treinamentos para aperfeiçoamento sobre as práticas executadas e socialização. As relações de trabalho de fato só acontecem quando o sentimento de pertencimento é presente e significativo. Para tanto, a atividade e o local precisam fazer sentido, agregando valor para quem os vive. Somente assim, torna-se possível a permanência como membro ou estabilização no emprego. Na análise dos biogramas das pesquisadas, foi possível evidenciar que ao longo das gerações esse sentimento tomou outra direção.

De acordo com Botelho *et al.* (2018), a geração *baby boomer* prezava pela estabilidade, através da fidelidade e cumprimento de suas obrigações, priorizando o trabalho acima de tudo. A geração X, embora tenha um evidente apego ao retorno financeiro, aceitando longas jornadas e o acréscimo de experiência e conhecimento através de treinamentos, tende a optar por saídas que possibilitam o equilíbrio entre

vida profissional e pessoal. Já a geração Y, devido ao fácil acesso às informações e conhecimentos, domínio das tecnologias e redes sociais, apresenta comportamentos e atitudes audaciosos, buscando por desafios, autonomia e retornos além do monetário quanto ao trabalho que executam.

A caracterização feita por esses autores foram evidenciadas nesse estudo. Percebe-se que as pesquisadas da geração *baby boomer*, até hoje, dedicam-se intensamente às suas atividades. As participantes da geração X mostram-se preocupadas com a vida pessoal tanto quanto com a profissional e as pertencentes a geração Y optam facilmente por condições que propiciem autonomia e qualidade de vida, mesmo quando muito mais desafiadoras do que a empregos formais e burocráticos.

Todavia, é impossível não evidenciar que aceitar desafios seja mais uma questão de gênero do que propriamente de geração. As mulheres estudadas, independentemente de sua idade vital e o tempo histórico em que viveram, aceitaram os desafios e desenvolveram seus negócios, juntamente com os aspectos pessoais e familiares, enfrentando não somente as dificuldades do empreender, como principalmente todos os desafios apontados por Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), principalmente o do vencer os ciúmes dos companheiros ou cônjuges, administrar trabalho-família, medo de fracassar e perceber-se capaz.

Nas narrativas, encontram-se dificultadores como a necessidade de provas constantes de capacidade, como também um revisitar de tempo de espera para poder ir atrás do sonho, assédio moral e sexual, agressões veladas no mundo do trabalho e agressões físicas realizadas pelo cônjuge por não admitir o desenvolvimento da esposa.

Dentre todos os desafios enfrentados pelas mulheres no mundo do trabalho, é possível afirmar que a maternidade seja um dos mais impactantes. De acordo com o Quadro VI, onze das pesquisadas eram mães. A maternidade foi para elas um acontecimento determinante em suas trajetórias profissionais. Novos rumos foram tomados a partir desse acontecimento, mudanças bruscas ocorreram e muitas vezes, tornou-se imprescindível para essas mulheres abdicar-se de suas atividades ou definir novas maneiras de atuar.

De acordo com Jonathan e Silva (2007), é um grande esforço para elas provar que possuem habilidades além das de cuidadoras, podendo exercer tarefas fora do lar, sem necessariamente abrir mão de serem mães e mulheres com família.

Souza (2015) complementa essa ideia, afirmando que a multiplicidade de tarefas contribui para a realização e o desenvolvimento de diversas competências.

No caso das aqui pesquisadas, tornou-se notória que as dificuldades enfrentadas quanto à maternidade e suas adequações possibilitaram o desenvolvimento de pessoas mais seguras, decididas e certas de suas opções e dedicação profissional. Cabe ressaltar que em um caso foi relato uma consequência negativa profissional devido à maternidade. Após diversos anos de dedicação ao trabalho formal em um multinacional, a pesquisada teve seu contrato encerrado após o retorno da licença maternidade de seu primeiro filho, sob a alegação de que não seria mais a mesma profissional que era antes da gravidez. O fato foi recorrente no segundo emprego, quando precisou ausentar-se para acompanhar um dos filhos ao médico.

Evidenciou-se, também, o forte impacto do nascimento de uma criança deficiente em uma família. Esse fato foi determinante para a decisão de sair do emprego formal e buscar pelo empreendedorismo, visando a possibilidade da administração de sua própria agenda. Em contrapartida, o esposo ingressou como bancário após sua demissão.

Evidencia-se o apontado na PNAD (2016), quanto à predominância de mulheres em atividades domésticas e muito embora novas composições familiares sejam aceitas, ainda hoje as responsabilidades pelas atividades e afazeres não remunerados de uma casa ficam para o lado feminino da relação.

Segundo Biroli (2018), a taxa de natalidade no Brasil reduziu significativamente nos últimos anos, caindo de 2,39 para 1,77 filho por mulher entre 2000 e 2013. Essa redução é consequência do acesso a anticoncepcionais, acúmulo de trabalhos remunerados e no âmbito doméstico-familiar. As mulheres além de terem menos filhos, tornam-se mães mais tarde. Esses dados expõem mudanças nas condições de vida das mulheres.

Essas mudanças ficaram claras nas narrativas ao perceber que a maternidade pode ser planejada e acontecer em um tempo de mais fácil administração tanto das condições financeiras e profissionais, como do próprio preparo por parte da mãe.

Quadro IX – Sobreposição Todas as Gerações – Maternidade e seus impactos

Geração	Sujeito	IP	IV	Incidente	Significado
---------	---------	----	----	-----------	-------------

Baby Boomer	Jasmim	5	15	Ser mãe – Realização e revisão das possibilidades	Aprender a viver uma nova rotina, trabalhar em sua própria casa, dando conta da família e clientes, inovando para se ter um ganho maior.
Baby Boomer	Rosa	9	21	Primeiro filho e Casamento	Mudança em todos os sentidos, novos desafios, descobertas e dificuldades. Sobrecarga, muita responsabilidade e determinação para enfrentar os desafios.
X	Orquídea	10	21	Maternidade e casamento – Mudança Radical	Conhecer o marido, engravidar e casar-se, em sete meses. Em consequência precisou deixar sua cidade natal.
X	Gérbera	10	27	Maternidade – mudança radical	Retornar, inesperadamente, para o Vale do Paraíba, envergonhada, decepcionada e receosa. Em contrapartida, sentiu-se realizada por ser mãe.
Baby Boomer	Lírio	14	22	Nascimento dos três Filhos	Abrir mão temporariamente dos sonhos profissionais, para viver em função da família.
Y	Gardênia	14	28	Nascimento do Filho	Mudança radical de vida, pelo filho ser especial e precisar de dedicação total da mãe. Momento de muita dificuldade, descobertas, desafios e superação. Revisão de valores, influenciando sua vida profissional.
Baby Boomer	Girassol	16	30	Gravidez e nascimento do único filho	Realização de um grande sonho e delegar a criação para sua mãe, com o objetivo de continuar sendo uma excelente bancária.
X	Azaleia	18	26	Maternidade – desafios e consequências	Nova mudança de rota, realização pessoal, certeza de que havia deixado uma mulher para trás.
X	Hortênsia	19	35	Maternidade – mudança radical	Surpresa e receio com a inesperada gravidez, que ao mesmo tempo preencheu o vazio formado pela morte do sogro. Mistura de sentimentos – alegria e preocupação.
Baby Boomer	Begônia	22	37	Nascimento de uma filha, após várias tentativas sem êxito	Realização de um sonho antigo, de poucas possibilidades e mudança radical de vida.

X	Margarida	23	38	Maternidade – mudança de rotina	Adequar a agenda e aprender diariamente com o bebê. Mudança do estilo de vida. Realização pessoal, embora não tenha sido uma gravidez esperada.
---	-----------	----	----	---------------------------------	---

Fonte: a autora, 2018.

Outra etapa de uma trajetória profissional apresentada por Schen (1996) refere-se à crise no meio da carreira e reavaliação desta. A análise cabível para esse momento é a de que as crises não necessariamente ocorrem no meio da carreira ou ainda em uma faixa etária predeterminada. Elas podem ocorrer a qualquer tempo da trajetória, desde que existam situações externas que fujam do controle ou que internamente o trabalho realizado venha em desencontro com aquilo que causa realização e sentimento de utilidade.

Quanto aos sujeitos dessa pesquisa, as crises para muitas foi o despertar do empreendedorismo. Cabe aqui esclarecer que o presente estudo entende por empreendedor àqueles que criam equilíbrio entre as turbulências e as oportunidades, inovando e explorando novos recursos, criando negócios para capitalizar e assumindo riscos (DORNELAS, 2010).

Relacionando o despertar para as atividades empreendedoras com a idade profissional das pesquisadas, é perceptível que a geração Y ingressa nesse ramo com menos tempo no mercado profissional. Observa-se, também, que não há idade vital estipulada como padrão para a pessoa encontrar-se no empreendedorismo. Nos sujeitos da pesquisa, há uma grande variação desde os 15 até o 63. Sendo que no quadro X – Sobreposição Todas as Gerações – Conquista do próprio negócio, temos como acontecimento a abertura do próprio negócio, não considerando atividades anteriores que já apontavam a existência do espírito empreendedor.

Cabe ressaltar que algumas delas tiveram experiências anteriores ou em paralelo com empregos formais, sendo que a maior parte é das gerações com maior idade vital. Além disso, o trocar a formalidade para os riscos de empreender deu-se pela aposentadoria ou demissões, não sendo por iniciativa própria. A ousadia de escolher o próprio caminho, sem sentir-se ameaçada ou amedrontada fica para as participantes com menor idade vital.

Outro fato observado nas narrativas é a forte utilização do SEBRAE como fonte de conhecimento e ponte de desenvolvimento do empreendedor. A utilização

dessa instituição como força propulsora para o negócio é predominante na geração Y, enquanto que as demais gerações pouco usufruem dessa oportunidade. Algumas mulheres comentam sobre a existência da instituição na atualidade, porém não a procuram por elas já estarem estabilizadas ou ainda por certa comodidade. Mas, a grande maioria entende e aceita a importância do SEBRAE para o fortalecimento do empreendedorismo nessa cidade e região.

Quadro X – Sobreposição Todas as Gerações – Conquista do próprio negócio

Geraçã o	Sujeito	IP	IV	Incidente	Significado
Y	Dália	6	23	Abertura da loja virtual	Satisfação e realização pessoal com a abertura do seu tão sonhado negócio – loja virtual de bijuterias. Desafios prazerosos.
Y	Liz	7	15	Abertura do seu negócio, em casa	Realização do sonho, satisfação por empreender e receio de não conseguir dar conta de administrar e produzir. Algumas vezes, desanimava por não ter clientes e perder toda a produção. Mas, sempre tinha o incentivo do namorado e família.
Y	Dália	8	25	Abertura da loja física	Realização do sonho. O recomeçar. Muita responsabilidade, reconhecimento de limitações, busca de melhorias contínuas, novos desafios, crescimento pessoal e profissional.
Y	Tulipa	8	26	Abertura do próprio negócio	Nascer da empreendedora. Na volta ao Brasil, toma consciência da realidade e aceitação de novos desafios como estratégia de produtividade e manutenção financeira. Reinventar-se para sobreviver.
Y	Liz	11	19	Abertura da loja de doces	Realização, empolgação e ansiedade. Mistura de sentimentos pela conquista e responsabilidade crescente. Necessidade de criação constante, busca de satisfação dos clientes e de melhoria contínua da qualidade.
Baby Boomer	Rosa	12	24	Venda de marmitas e salgados	Determinação para manter um negócio que ela tinha condições de realizar e apoiar financeiramente o esposo, na melhoria de condições para família
Y	Violeta	13	31	Abertura do próprio negócio	Mudança total de vida profissional e pessoal. Trabalho dobrado e aprendizagem de administração da equipe. Determinação, persistência e realização
Baby Boomer	Jasmim	14	24	Inauguração do próprio salão	Realização de um sonho. Grande alegria de ter superado tantas dificuldades e conseguido seu espaço.
X	Orquídea	14	27	Abertura do brechó	Ter o próprio espaço, na sala de sua casa, onde administrava a venda de roupas de outras pessoas. Início do seu negócio.
X	Hortênsia	15	31	Abertura de sua loja de roupas	Realização por conseguir ter seu espaço, gerenciar sua própria vida profissional.
Baby Boomer	Lírio	15	32	Abertura do seu salão	Extrema alegria por realizar um sonho profissional, sem deixar pendências na sua vida pessoal como esposa e mãe.
Y	Gardênia	16	30	Abertura do próprio negócio	Desafios, incertezas, crises, pedido de apoio SEBRAE, persistência, determinação e decisão. Muita vontade de dar certo e grande dedicação para isso. Satisfação em gerenciar seu próprio tempo, podendo dividi-lo com os cuidados do seu filho.
X	Margarida	20	36	Abertura do próprio ateliê de beleza	Realização total em ter seu espaço, totalmente inovador quanto aos serviços de maquiagem e a formação de novos profissionais. O empreendimento veio crescendo ao longo

					desses três anos.
X	Azaleia	27	36	Inauguração do Restaurante	Estudo de possibilidades e iniciativa de juntar aquilo que era herança de família para se tornar um investimento atrativo.
Baby Boomer	Girassol	29	43	Administrar com o marido, a seguradora da família	Necessidade de ter sua liberdade de agenda e criação, optou por trabalhar no negócio da família, ampliando a oportunidade de expansão e crescimento da seguradora.
Baby Boomer	Begônia	47	63	Abertura da loja de doces	Retorno ao Brasil, necessidade de reinventar-se para fazer a família se tornar uma empreendedora e retomar a carreira.

Fonte: a autora, 2018.

Ainda quanto ao optar pelo empreendedorismo, foram considerados alguns aspectos relevantes como: apoio ao empreendedorismo da filha, liberdade para administração do próprio horário, melhor e única opção no momento, falta de conhecimento para realização de outras atividades e o sonho de ter o próprio negócio. Ficou evidente que o sonhar com o próprio negócio foi um fato forte da geração Y. Os fatores, como apoio a alguém, liberdade para se autogerenciar e falta de conhecimento para realização de outras atividades, não são condições das empreendedoras dessa geração, sendo motivo de empreendedorismo para as pertencentes a outras gerações pesquisadas.

Schen (1996) fala sobre o desligamento como uma das fases finais da carreira, muitas vezes motivado pela diminuição de ritmo tão cobrado pela competitividade do mundo dos negócios, ainda que com a consciência sobre o tamanho do prejuízo que a falta desse profissional pode causar, pela perda da experiência, qualidade e maturidade. A última fase da carreira apresentada pelo autor é a aposentadoria. Essa fase para muitos é vista como júbilo e para outros como castigo.

No estudo, cinco mulheres da geração Y, quatro da X e duas da *Baby boomer*, encontram-se na fase do avanço, do recomeçar a trajetória e rever rotas. O momento delas é de fazer crescer seus negócios, enfrentando a crise econômica do país, preocupando-se em satisfazer os clientes e procurando estratégias para manter-se no mercado. Já uma da geração XI e três da *Baby boomer* narram sobre aposentar-se e não parar totalmente. Expressam orgulho e preocupação em deixar o legado, manter a qualidade do seu nome diante daquele negócio e administrá-lo sem operacionalizá-lo, como vemos no quadro abaixo.

Quadro XI – Sobreposição Todas as Gerações – Momento atual e perspectiva futura

Geração	Sujeito	IP	IV	Incidente	Significado
---------	---------	----	----	-----------	-------------

Y	Dália	9	26	Estudo de ampliação dos negócios	Revisar condições atuais, procurando o crescimento e fortalecimento do negócio, com o aumento da cartela de clientes.
Y	Tulipa	9	27	Estudo para crescimento do negócio e resgatar sua vocação	Buscar soluções para ampliação do negócio e estudar possibilidades de retorno para o caminho de sua identidade profissional. Resgatar a autoestima.
Y	Liz	11	19	Amadurecimento profissional e pessoal. Decisão sobre a carreira.	Revisar a posição atual para descentralizar a parte operacional, administrando o negócio, suas ampliações e o crescimento repentino. Buscar as possibilidades futuras relacionadas ao trabalho. Não há interesse de realização de uma faculdade. As formações são sempre referentes ao aperfeiçoamento culinário.
Y	Violeta	14	32	Inovação, ampliação e satisfação dos clientes	Reinventar-se constantemente para criação de novos produtos, buscando a fidelidade dos clientes e as condições de ampliação do nicho de mercado, muito planejamento e estudos de possibilidades futuras.
Y	Gardênia	19	33	Compreensão e aceitação do seu papel de mãe, busca de fortalecimento da família e negócio.	Extremamente motivada em rever a situação atual, fazendo um estudo para o crescer seu negócio, superar a crise e fazer do seu empreendimento uma grande loja, referência no segmento em seu município.
X	Gérbera	21	38	Reencontrar-se profissionalmente	Reconhecimento da essência, busca de equilíbrio emocional, sentimental, pessoal e profissional. Busca de autorrealização.
X	Margarida	23	38	Realização plena e estudo para crescimento do negócio	Felicidade plena com o momento atual. Entretanto, há um planejamento para aumentar o negócio sem se perder a ideologia central. Ao mesmo tempo, tem se feito a adequação do profissional com o pessoal, para que todos permaneçam bem.
X	Azaleia	29	38	Estudo para crescimento dos negócios e retornar ao mundo organizacional	Fortalecimento do negócio e busca de possibilidade de retorno para ao mundo administrativo. Acreditar que tem muito conhecimento e potencial para não ser utilizado. Profissionalismo, identificação das necessidades locais, potencial para diferenciar um negócio comum. Crescimento, retorno ao mundo administrativo, superação e desapego da frustração atual
X	Hortênsia	31	48	Incertezas, espera, grandes ideais, procura de alternativas e parcerias.	Provavelmente, o marido candidate-se a prefeito. Caso isso aconteça, precisará rever seu papel na campanha e mandato. Por outro lado, tem projetos de um ônibus da arte para ser colocado no pátio da Basílica. Nesse caso seria precisa alternativas para recursos financeiros e parceria.
X	Orquídea	37	50	Realização profissional, podendo pensar em descansar.	Felicidade por saber que deixou seu legado e que as filhas seguem muito do seu exemplo. Perspectiva de diminuir o ritmo e um prazo para deixar a loja com as meninas.
Baby Boomer	Girassol	40	53	Ampliação de produtos do seu negócio e continuidade do trabalho voluntário	Ampliação do leque de serviços da seguradora, busca de novos clientes e áreas de atendimento, continuação no trabalho voluntário na Associação Comercial.
Baby Boomer	Jasmim	46	56	Reposicionamento dentro dos negócios	Determinada a diminuir o ritmo do trabalho operacional e dedicar-se a administração do negócio. Aumentar as vendas, melhorar a qualidade dos serviços e possibilitar novos empregos e formação de novos profissionais. Sente-se realizada e disposta a continuar crescendo.
Baby Boomer	Lírio	47	65	Revisão de atividades	Feliz por retornar ao salão menor, pensa em diminuir sua agenda, apoiar as filhas na administração do negócio, mas não vê possibilidade de parar.
Baby Boomer	Begônia	48	64	Estudo para crescimento dos negócios e possível aumento da família	Tornar o negócio sustentável, para que a filha possa tocar futuramente e ela se torne uma consultora para situações mais complicadas. Ser avó do coração.

Baby Boomer	Rosa	54	66	Frustração de não ter para quem delegar seu tamanho esforço em construir um grande negócio.	Entristecida por não poder parar, mesmo que precise. Não acredita que os filhos mantenham o negócio por seis meses após a saída dela. Arrependimento de ter colocado seu próprio nome no negócio, pois sente-se totalmente responsável por todas e quaisquer intercorrências.
-------------	------	----	----	---	---

Fonte: a autora, 2018

Uma questão fortemente evidenciada nas narrativas é o impacto da dimensão afetiva-emocional para a atividade profissional. Segundo Nassif, Andreassi e Tonelli (2016), o desenvolvimento dos negócios de empreendedoras brasileiras são diretamente afetadas pela dosagem de emoção que elas depositam aos incidentes críticos vivenciados em suas trajetórias.

Tal aspecto foi observado nas narrativas das empreendedoras entrevistadas e nas transformações que determinados acontecimentos provocaram em suas biografias, como:

- A dificuldade de Azaleia enfrentar a demissão de uma empresa a qual ela dedicou-se totalmente durante anos de sua vida, por discriminação diante da maternidade, sem ao menos dar-lhe uma chance de provar sua capacidade em conciliar o profissional com o pessoal.

- A força de Begônia em superar momentos de adversidades como o incêndio na casa da família, o êxito no concurso para ingresso no Banco Central do Brasil, os diversos abortos espontâneos até o nascimento da única filha, romper com o Banco ainda produtiva e em crescimento profissional pela família, o término do casamento, a mudança de país e o regresso para ser o porto seguro da filha.

- A determinação de Dália em abrir mão de crescer como profissional na área promissora da Tecnologia da informação e aceitar o desafio de empreender e ser feliz após uma péssima experiência em trabalho formal.

- A garra de Gardênia ao receber e optar em viver integralmente pelo filho especial, buscando recursos profissionais compatíveis à realidade imposta pelo destino.

- A humildade de Gérbera em rever as estruturas que sempre teve, o aceitar em recomeçar e despir-se das facilidades provenientes da riqueza, beleza e conquistas materiais.

- A segurança de Girassol em recomeçar a vida sempre que as situações não possibilitassem que ela estivesse bem e feliz.

- A coragem de Hortênsia em enfrentar a doença do filho, a vida pública do marido e continuar com suas criações e inovações, possibilitando a ajuda ao próximo.

- A fortaleza de Jasmim para vencer tantos obstáculos e manter-se com sucesso por 30 anos na vida profissional, passando por violência doméstica, criação de quatro filhos praticamente sozinha, iniciar e reiniciar sua trajetória do zero.

- A força de vontade de Lírio em realizar o sonho de ter seu próprio espaço de beleza, superando ciúmes do marido e provando sua capacidade até mesmo a ela própria.

- A certeza de Liz que fazer o que ama é fundamental para o sucesso do negócio. Com pouca idade e muita determinação, a mais nova das pesquisadas está no auge do sucesso.

- O acreditar de Margarida para conseguir seu tão sonhado e diferenciado espaço. A felicidade de poder colher bons frutos de tanto esforço e empenho.

- A firmeza de Orquídea em não esperar apoio algum e sempre buscar soluções para vencer. Resiliência para alcançar os objetivos e fé para manter-se em pé.

- A simplicidade e garra de Rosa, vendo sempre o lado bom das pessoas e situações para manter a qualidade do seu negócio, dando apoio ao esposo. A tristeza dela em não saber quem daria continuidade naquilo que foi tão difícil de conquistar.

- A renúncia de Tulipa dos seus ideais, mesmo que temporariamente, com o objetivo de colocar a vida em ordem, retomando as rédeas do caminho para assim recomeçar.

- O desapego de Violeta para deixar uma carreira promissora, voltar para casa e abraçar uma oportunidade incerta que dependerá de muita dedicação para ser de fato um sucesso.

Com base na visão benjaminiana, entende-se que as narrativas são possibilidades para os narradores de reviver o passado, resgatando lembranças e dando a elas sentidos, muitas vezes ressignificados, que impactam diretamente no reconhecimento e possível alteração do presente, influenciando em ações e comportamentos futuros individuais e coletivos. O narrador é consequência da tradição cultural/social, sendo também um agente de transformação dessa tradição ao intercambiar experiências.

Considerando que os negócios das empreendedoras são instalados em uma mesma cidade, tornou-se possível perceber que alguns acontecimentos sejam relevantes e ditos comuns diante do manter a tradição cultural, através de troca de experiências de diversas formas, apreendidas através de escutas ou observações, independentemente da geração a que por idade pertencem.

Ao observar as condições aparentemente presentes de boa parte das pesquisadas, como a idade de inserção no mundo do trabalho, os ajustes necessários para a continuidade da vida profissional após a maternidade, as estratégias para conciliação da vida profissional e pessoal, causas e condições para abertura do próprio negócio, apego e dedicação ao negócio, leva-nos à reflexão sobre a repetição da história e seus motivos. Seria por influência de comportamentos tradicionalmente transferidos nas famílias dessa região? Seria um percurso escolhido com base em modelos de mulheres estabilizadas e com sucesso na cidade?

Acredita-se que essas questões deveriam ser resgatas em novos estudos, merecendo um aprofundamento sobre a relação dos acontecimentos críticos singulares, quando comuns a um determinado grupo de estudo, serem consequência de uma tradição cultural que é transferida ao longo do tempo, delimitando características sociais de uma determinada classe, cidade, profissão e até mesmo geração.

Esses aspectos demonstraram as especificadas de sonhos, condições e saídas de enfrentamento diante das etapas a serem vencidas por cada participante. Entretanto, o comum entre essas empreendedoras apareceu no acreditar em um sonho, lutar diariamente por ele e no vencer seus próprios limites para sobreviver e se sobressair em um mercado exigente, competitivo e dinâmico em relação às mudanças constantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que empreendedorismo, igualdade de gênero e diversidade geracional no ambiente de trabalho são temas de ampla discussão em diversos estudos na atualidade. Entretanto, poucas ações relativas a essas temáticas foram implementadas.

A pesquisa aqui relatada, inicialmente, estava voltada para a resiliência, liderança e gerações no contexto organizacional, com a orientação da Profa. Dra. Marluce. Contudo, a professora, por algumas questões particulares, afastou-se temporariamente do programa de mestrado. Fui adotada carinhosamente pela orientadora do presente estudo, que me apresentou com o tema dessa dissertação.

Imediatamente, o empreendedorismo feminino tornou-se um tema mais tocante a mim, principalmente pelo fato de estar estudando a possibilidade de minha própria inserção no mercado, agora à frente do meu próprio negócio. Estudar casos de empreendedorismo passou a ser importante e reforçou o sonhar com meu espaço, mesmo sem ainda saber em que linha isso acontecerá.

Aproximar-se dessas histórias de vidas e entrar em contato com as trajetórias profissionais possibilitou um acesso ao saber biográfico de mulheres empreendedoras e a construção de novos conhecimentos sobre os rumos e direções tomadas ao longo dos acontecimentos vividos, sempre em busca da obtenção do sucesso profissional e pessoal.

A utilização das narrativas biográficas permitiu às participantes (mediante o acesso às suas memórias, ativadas pelos aspectos emocionais) apropriarem-se de suas histórias e transmitirem de maneira singular o percurso realizado profissionalmente.

Esquematizar o singular de cada uma delas em um biograma, ordenando cronologicamente e identificando os sentidos atribuídos aos acontecimentos vividos, provocou nas empreendedoras uma experiência revitalizadora das situações de extrema importância vividas, sendo muitas com alto grau de complexidade. Dessa forma, puderam revisitar e reconhecer esses momentos como incidentes críticos transformadores de sua trajetória de vida.

Ao sobrepor esquemas singulares, encontrou-se o comum entre as pesquisadas de uma determinada geração, aqui consideradas as *Baby boomers*, X's e Y's. Identificou-se também o comum entre mulheres que encontraram no empreendedorismo a solução para sua sobrevivência financeira, a realização de um sonho profissional, a descoberta de seus potenciais ou a felicidade no contexto profissional.

As motivações pessoais que as levaram a empreender se diversificavam de acordo com as particularidades de suas vivências. O apoio ao empreendedorismo da filha, a liberdade para administração do próprio horário, a falta de conhecimento para realização de outras atividades e o sonho de ter o próprio negócio foram alguns dos acontecimentos definidores da opção de empreender. O sonhar com o próprio empreendimento foi marcante para a geração Y. O apoio de pessoas próximas, a liberdade para o autogerenciamento e a falta de domínio para realização de outras atividades motivaram o empreendedorismo das pertencentes às outras duas gerações pesquisadas: X e *Baby boomer*.

As narrativas mostraram que com o passar das décadas a tendência foi de maior acesso aos bancos da educação formal, possibilitando aumento de nível de formação e o reconhecimento da importância do conhecimento contínuo para o desenvolvimento profissional em qualquer ramo de atividade.

As pesquisadas que concluíram o nível superior e especialização formavam um grupo composto por diversas áreas de formação, sendo elas: Ciências Contábeis, Administração de Empresas, Marketing e Comunicação, Psicologia, Moda e Tecnologia da Informação. Esses dados mostraram que a escolha inicial por uma determinada profissão não impossibilita o despertar para a criação e conquista do seu próprio negócio, nem sempre relacionados à formação inicial.

Das quinze empreendedoras pesquisadas, uma delas trabalhava no seu próprio empreendimento, em conjunto com a administração do empreendimento da família; nove já foram funcionárias de empresas privadas, sendo que uma iniciou seu próprio negócio após a sua aposentadoria, três empreenderam após o desligamento por interesse da empresa e cinco por iniciativa própria. As demais já iniciaram sua vida profissional com a criação e desenvolvimento do seu próprio negócio.

As pertencentes à geração *Baby boomer*, ao se desligarem de outros vínculos empregatícios, assim fizeram por interesse próprio. Para as integrantes da geração X, os desligamentos de outros vínculos de trabalho aconteceram por iniciativa da empresa, constituindo momento de mal-estar. O motivo de desligamento por interesse próprio parece tornar-se tendência novamente na geração Y, que apresentava como aspecto comum a busca por novos desafios e reconhecimento.

Os ramos de atividade escolhidos para criação e desenvolvimento do próprio negócio foram o alimentício (doceria, cafeteria, sorveteria e restaurantes) e moda. Outro dado relevante referente às narrativas é o da idade inicial para as atividades laborativas, formais ou não. Das quinze pesquisadas, onze delas tinham até quinze anos quando iniciaram o primeiro trabalho. Seis empreendedoras iniciaram suas trajetórias com até doze anos, sendo que três dessas eram da geração *Baby boomer*. Quatro pesquisadas ingressaram no mundo do trabalho com idade superior a quinze anos, sendo três da geração Y.

Esses dados apontam a possibilidade de que leis e estudos referentes ao trabalho infantil foram decisivos para uma mudança cultural quanto aos direitos de crianças e adolescentes.

Uma das maiores dificuldades do ingresso e permanência das mulheres no mercado de trabalho é o da conciliação entre vida pessoal-familiar e profissional, como também o suportar e ultrapassar as barreiras dos assédios sexual e moral, bem como discriminações referentes à capacidade intelectual e maternidade. As

mulheres entrevistadas indicaram que essas situações não foram limitadoras de seus objetivos e desenvolvimento pessoal.

Nas narrativas, oito empreendedoras apontaram sofrimento concernente à discriminação quanto ao gênero e idade, nos locais de trabalho e nos ambientes familiares. Quanto ao trabalho, as discriminações apontadas foram de falta de credibilidade, dificuldade para assumir cargos de maiores destaques ou responsabilidades. No ambiente familiar, predominaram os ciúmes e sentimento de posse dos maridos, e até a agressão física para intimidar o crescimento profissional. Essas discriminações no ambiente familiar foram mais presentes ou relatadas pelas da geração *Baby boomer*.

A utilização do SEBRAE como fonte de conhecimento e ponte de desenvolvimento do empreendedor foi um aspecto presente fortemente nas narrativas, predominantemente pelas componentes da geração Y. As pertencentes às demais gerações pouco usufruíram desse serviço. Algumas mulheres comentaram sobre a existência da instituição na atualidade, entretanto, não utilizavam desse recurso, por estarem estabilizadas ou ainda por não acreditarem haver necessidade.

Todas as empreendedoras pesquisadas apresentaram características de resiliência. Essas mulheres se defrontaram com vários acontecimentos e situações que as obrigaram a ativar mecanismos de defesa para diminuir os impactos dos fatores de riscos que pudessem levá-las a desistir. Relataram enfrentar as situações adversas, recomeçando sem perder valores e foco nos propósitos.

Muitos estudos atuais revelam as competências necessárias para o enfrentamento das situações e problemas que permeiam as vivências profissionais.

Tratando-se de empreendedorismo, algumas características são observadas por muitos estudiosos como base de sobrevivência e sucesso dos negócios. Sendo elas: condições psicológicas e financeiras para assumir riscos, capacidade de identificar oportunidades, busca constante por conhecimento/informações, estratégias de organização em todos os âmbitos do viver, iniciativa e segurança para tomada de decisão, técnicas e habilidades para liderar, dinamismo e flexibilidade para mudar, agilidade para administrar sua própria independência, visualizar os acontecimentos com otimismo, desenvolvimento de “faro empresarial” e reconhecimento de mercado.

As habilidades comportamentais são requeridas para profissionais de todas as áreas, como: comunicação efetiva, inteligência emocional, relacionamento interpessoal, resiliência, liderança, empatia, trabalho em equipe, entre outras.

Entretanto, as generosas narrativas das empreendedoras e minha experiência profissional, levam-me a pensar o quanto o trabalho deve estar ligado também à paixão. Conciliar o ofício profissional com a felicidade e o prazer pode ser uma das regras para saúde mental de um indivíduo. Fazer o que se ama ou amar aquilo que se faz, seriam questões importantes para futuras pesquisas.

Reconhece-se, ainda, a importância das instituições de ensino adequarem seus cursos de formação e aperfeiçoamento, buscando a excelência técnica e comportamental dos profissionais, facilitando a inserção e permanência destes no mercado de trabalho.

Cabe ressaltar a necessidade de inclusão de conteúdos referentes às diversidades de gênero, bem como geracional, racial, entre outras. É preciso a inclusão de discussões, possibilitando o conhecimento das leis atuais, promovendo estreitamento de situações através de estudos de casos, desenvolvendo os princípios da ética e cidadania. Desmistificar os assuntos, com equipes multidisciplinares, utilizando-se de metodologias ativas para despertar o protagonismo dos participantes, possibilitando acesso aos conceitos, direitos, deveres e órgãos de apoio. Com isso, possibilitaria a preparação dos profissionais para o enfrentamento das diversidades enfrentadas nos âmbitos profissionais.

Como a pesquisadora, esse estudo possibilitou um revistar da minha trajetória profissional. Foi possível a identificação de competências pessoais. Algumas potencialidades a serem fortalecidas e fragilidades a serem excluídas, por incompatibilidade à profissional despertada a partir do mesmo.

Esse curso foi uma oportunidade de ampliação de conhecimento teórico e, principalmente, uma experiência de reconhecer o empreendedorismo como uma possibilidade de atividade profissional.

Particularmente, sobre o empreendedorismo feminino, duas opções de atividade profissional empreendedora estão sendo estudadas como um novo rumo para minha trajetória profissional. Atendimentos clínicos relacionadas ao contexto do trabalho, orientação profissional para pessoas em conflito profissional, apoio na direção da carreira e no ingresso ao mercado, recolocação após rompimentos

traumáticos e orientação vocacional para os iniciantes, são algumas das possibilidades de atuação profissional futuras.

Os dois anos foram de grande aprendizagem. Deparei-me com assuntos desconhecidos, ampliei conhecimentos sobre outros já estudados e fortaleci alguns já praticados. O maior desafio foi adentrar-me no fazer ciência, na responsabilidade do pesquisar e nos cuidados ao tratar os dados para divulgação. Valores como ética, respeito, neutralidade e seriedade foram trabalhados constantemente.

Ao ouvir as narrativas das trajetórias profissionais das empreendedoras, foi possível perceber que o cientista é também humano. Há o despertar de emoção, empatia e carisma. Entretanto, há sempre atenção para que o envolvimento seja exclusivamente o da relação pesquisadora e pesquisadas.

É com imensa alegria que encerro esse estudo, atendendo meu objetivo de conhecer a trajetória das empreendedoras pesquisadas, identificando os acontecimentos determinantes desses percursos. Esses dados servirão de base para outras atividades, como aulas e palestras ministradas.

Hoje compreendi na prática, a diferença dos conceitos de reproduzir conhecimento e produzir conhecimento. Tenho como interesse a segunda, o que me leva a buscar novos temas para estudo e produção, bem como o caminhar em novos cursos de formação.

Conclui-se, ainda, o quanto se torna importante a ampliação de estudos sobre o desenvolvimento de empreendedoras, visto que a área está em expansão e há ainda poucos recursos para facilitar, orientar e incentivar a inserção das mulheres no mercado empreendedor.

Em conjunto, não menos importante, torna-se relevante o aprofundamento de estudos que possibilitem o desenvolvimento de políticas com o objetivo não somente de inserção destas no mundo do trabalho, como o de proporcionar-lhes condições de desenvolvimento pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, Narrativas e Pesquisas Autobiográficas. **História da Educação – ASPHE/FaE/UFPeI**, Pelotas, n.14, p. 79 – 95, set/2003.

ALMEIDA, L.R. O incidente crítico na formação e pesquisa em educação. **Educação e Linguagem**, São Paulo, v. 12, n. 19, p.181-200, Jan-Jun/2009.

ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B.; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo Feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. **Revista de Ciências da Administração**, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), p.221-234, 16/dez/2014.

ANDRADE, S. I.; MENDES, P.; CORREA, D. A.; ZAINE, M. F.; **Conflito de Gerações no Ambiente de Trabalho**: um estudo em empresa pública. 9th CONTECSI - International Conference on Information Systems and Technology Management, São Paulo, Mai-Jun/2012.

ANGST, R. PSICOLOGIA E RESILIÊNCIA: Uma revisão de literatura. ISSN 0103-7013. **Psicologia Argumentada**, Curitiba, v. 27, n. 58, p. 253-260, jul./set. 2009

ARROYO, M. R.; FUENTES, M. d. M. F.; JIMÉNEZ, J. M. R. An international study of the factors explaining high-growth expectation in new ventures: a gender perspective. **Review Of Business Management**, FECAP Fundação Escola de Comércio Álvares. v. 18, p.171-190, 12 jul. 2016.

BAGGIO, A.F.; BAGGIO, D. K. **Empreendedorismo: Conceitos e Definições**. Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia. Espanha: 1(1), p. 25 - 38. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

BARLACH, L.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; MALVEZZI, S. O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. **Revista Interamericana de Psicologia**, 2008. V. 42, n. 01, p. 101 -112.

BENETTI, I. C.; CREPALDI, M A. Resiliência revistada: uma abordagem reflexiva para participantes no assunto. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, v. 7, Enero, 2012, 7-30.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensayos sobre literatura e histórias da cultura**. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOLÍVAR, A. (2002). “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, 4 (1). Consultado em 10/07/2017: <http://redie.uabc.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J. & FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología**. Madri: La Muralla. 2006.

BRANDÃO, V. M. A. T. Memória (auto) biográfica como prática de formação. **Revista @ambienteeducação**. São Paulo, v. 1, n 1, jan – jul 2008.

BOLSON, E. L. **Tchau patrão!** Como construir uma empresa vencedora e ser feliz conduzindo seu próprio negócio. Belo Horizonte: SENAC/MG, 2003.

BORTOLAZZO, S. F. DE COMTE A BAUMAN: algumas aproximações entre os conceitos de geração e identidade. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 01, n. 22, 2016.

BOTELHO, M. P.; SOUZA, E. F.; FERREIRA, L. F.; SIQUEIRA, R. N. GERAÇÃO X, Y E BABY BOOMERS: Um Desafio Atual para uma Organização do Segmento Tecnológico. **REPAD – Revistas de Estudos e Pesquisas em Administração**, v. 02, n 01, Abril/2018.

CARDOSO, A. L. A narração da história e o conceito de tempo em Benjamin. **Acta Científica – Ciências Humanas**, 2007.

CARDOSO, C. E. S. **Motivações e Barreiras para a Prática do Empreendedorismo Feminino no norte de Portugal: um estudo exploratório**. Dissertação – (Curso de Empreendedorismo e Internacionalização), Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Porto, 2016.

CARRARA, T. M. P.; NUNES, S. C.; SARSUR, A. M.. Retenção de talentos de diversas gerações em um mesmo contexto organizacional. In: IV Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, Brasília. **Anais...** Brasília: ANPAD, 2013.

CARREIRA, S. S.; FRANZONI, A. B.; ESPER, A. J. F.; PACHECO, D. C.; GRAMKOW, F. B.; CARREIRA, M. F. Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. **Navus Revista de Gestão e Tecnologia**. ISSN 2237-4558 . Florianópolis-SC. v. 5, n. 2 I, p. 06-13, abr./jun. 2015.

CAVAZOTTE, F. S. N. V; LEMOS, A. H. C.; VIANA, M. L. A. **Novas Gerações no Mercado de Trabalho: expectativas renovadas ou novos ideais?** Cad. EBAPE. BR, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, art. 9, p.162-180, Mar 2012.

COLET, R. C.; MOZZATO, A. R.; GRSYBOVSKY, D. **Sentidos de Trabalho na Diversidade Geracional sob a Perspectiva Teórica das Racionalidades**. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, Porto Alegre, Out 2016.

CORTES, A. E. G.; ARAÚJO, A. G.; PEREIRA, F. A. M. A Influência dos aspectos cognitivos e afetivos de mulheres empreendedoras nas diferentes fases de desenvolvimento de um negócio. **REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, São Paulo, v.6, n, 2, mai-ago/2017.

CRISTALDO, D. S.; SENNA, J. R.; MATOS, L. S. As narrativas fundamentais do mito do desenvolvimento econômico e neodesenvolvimento brasileiro. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 52, n.3, p. 527-553, mai-jun/2018.

DATASEBRAE. **Indicadores Empreendedorismo**. Disponível em: http://sistema.datasebrae.com.br/sites/novo_datasebrae/#Empreendedores Acesso: 01 ago 2018.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho**: Estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo: Cortez. 1994.

DELORY-MOMBERGER, C. A Pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, v. 1, n. 1, p. 133-147, jan./abr. 2016.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, Editores Associados, 2009.

DOMINGUES, M. D. S.; LUZ, R. C.; QUERINO, L. C. S. A evolução da Mulher no Mercado de Trabalho. **Revista Eletrônica dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós**, p. 1-32, ago. 2013.

DORNELLAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: Transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

_____ **Entenda as diferenças entre microempresa, pequena empresa e MEI**, disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-as-diferencas-entre-microempresa-pequena-empresa-e-mei,03f5438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD> Acesso em: 08 jul. 2017.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: **Sociologia Problemas e Práticas**, n.9, p.171-177, 1991. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1239> . Acesso em: 18/02/17

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias da juventude. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, mai-ago/2010.

FIALHO, F. P; MONTIBELLER, F. G.; MACEDO, M.; MITIDIERI, T. C. **Empreendedorismo na era do conhecimento**. Florianópolis: Visual Books, 2006.

FUCHINA, R.; LUZ, A. F. **A evolução Histórica dos Direitos da Mulher Sob a Ótica do Direito do Trabalho**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE CIÊNCIA POLÍTICA DA UFRGS, 2. Porto Alegre, 2009. Disponível em: Acesso em: 08 jul. 2017.

GERBAUDO, Paula. Como fortalecer a liderança para diminuir o conflito entre as gerações X e Y. **FAZU em Revista**, Uberaba, n.8, p. 205-210, 2011.

GOULART, D. M. M.; PAPA FILHO, M. **Gestão do Fator Humano**: Uma visão baseada em Stakeholders. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

GOULART, I. B.; PAPA FILHO, S. O Sentido do Trabalho Humano. In: GOULART, I. B.; SAMPAIO, J. R. (Org.). **Psicologia do Trabalho e Gestão de Recursos Humanos**: Estudos Contemporâneos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2. ed., cap. 14. p. 71-83, 2013.

GUIA TRABALHISTA. **Assédio moral contra o trabalhador**. Disponível em: <http://www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/assediomoral2.htm>. Acesso em: 16 fev. 2019.

GUSMÃO, D. S.; SOUZA, S. J. História, memória e narrativa: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários. **Psicologia & Sociedade**; 22 (2): 288-298, 2010.

GRAY, D. E. **Pesquisa no Mundo Real**. 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

IBQP – Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade. **GEM – Global Entrepreneurship Monitor – Relatório Executivo 2017**. Disponível em: https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relatório%20Executivo%20BRASIL_web.pdf. Acesso em 15 mar. 2018.

IZQUERDO, I. Memória. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, mai-ago/1989.

JONATHAN, E. G.; SILVA, T. M. R. Empreendedorismo Feminino: Tecendo a Trama de Demandas Conflitantes. **Psicologia e Sociedade**, v. 19 (1), p. 77 – 84, jan-abr/2007.

LAIMER, R. T.; VAZ, C. F. M. A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho e o Surgimento da Profissão Secretária. **Secretariado Executivo em Revist@**, Passo Fundo, v. 6, 2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed., São Paulo: **Editora Atlas**, 2003.

LARROSA, J. B.; **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. I Seminário de Educação de Campinas, traduzido por João Wanderley Geraldi – Leituras SME – São Paulo: julho 2001.

LEZANA, A. G. R.; TONELLI, A. **O comportamento do empreendedor**. In Empreender: identificando, avaliando e planejando um novo negócio – De Mori, F. (Org.) – Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 2009.

LIMA, A. F.; CIAMPA, A. C. Sem pedras o arco não existe: o lugar da narrativa no estudo crítico da identidade. **Psicologia & Sociedade**, 29, e171330, 2017.

LIMONGI FRANÇA, A. C. **Práticas de Recursos Humanos: Conceitos, Ferramentas e Procedimentos**. São Paulo: Atlas, 2012.

MINAYO, M. C.S.; DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O; GOMES, R. **Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

MINTZBERG, H. **Criando organizações eficazes: estrutura em cinco configurações**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

NASCIMENTO, N. M.; SANTOS, J. C.; VALENTIM, M. L. P.; CABERO, M. M. M.; O Estudo das Gerações e a Inteligência Competitiva em Ambientes Organizacionais. **Perspectiva em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 6, n. especial, p.16-28, jan/2016.

NASSIF, V. M. J.; ANDREASSI, T.; TONELLI, M. J. Critical incidents among women entrepreneurs: personal and professional issues. **Revista de Administração**, v. 51, n.2, p. 212-224, 2016.

OLIVEIRA, F. M. Empreendedorismo: teoria e prática. Especialize **Revista on line IPOG**, mai – 2012.

OLIVEIRA, L. M. O assédio sexual sob a ótica trabalhista. **Atitude** (Porto Alegre), v. 6, p. 101-120, 2015; Meio de divulgação: Digital; Série: 17; ISSN/ISBN: 18095720

OLIVEIRA, M. A.; REIS, V. L.; ZANELATO, L. S.; NEME, C. N. B. Resiliência: Análise das Publicações no Período de 2000 a 2006. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 28 (4), 754-767, 2008.

OSÓRIO, J. **Empreendedorismo feminino – Momento e desafios das mulheres Empreendedoras**. Disponível em: <<http://www.mulheresempreendedoras.net.br/empreendedorismo-feminino/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

OSÓRIO, J. **Mulheres empreendedoras no Brasil – Perfil e perspectivas**. Disponível em: <<http://www.mulheresempreendedoras.net.br/empreendedorismo-feminino/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

OST. Mulher e mercado de trabalho. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. 12, n. 64, maio 2009. Disponível em: www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura Acesso em: 08 jul 2017.

PASSEGI, M. C.; NASCIMENTO, G.; OLIVEIRA, R. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, 2016.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. de; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: Pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011.

PEREIRA, H. J. **Criando seu próprio negócio**: como desenvolver o potencial empreendedor./ Coordenação de Heitor José Pereira e Silvio Aparecido do Santos. Brasília: Ed. SEBRAE, 2010.

PEREIRA, M. A. SABER DO TEMPO: tradição, experiência e narração em Walter Benjamin. **E&R Educação e Realidade**, 31(2):61-78 jun./dez. 2006.

PINHEIRO, D. P. N. A resiliência em discussão. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 67-75, 2004.

POLETTI, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos psicológicos**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 405-416, set. 2008

_____ **PRINCIPAIS MPES POR ATIVIDADE ECONÔMICA**, disponível em: <https://empresometrompe.ibpt.org.br/Estatisticas>. Acesso em: 08 jul. 2017.

PROBST, E. R. **A Evolução da mulher no mercado de trabalho**. 2013. Disponível em: www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf Acesso em: 08 jul. 2017.

QUARTAROLLI, F. P.; SILVA, G. A.; SOUZA, J. C. T.; SERAFIM, A. B. Os Conflitos Interpessoais entre as Gerações Y, X e Baby Bommer nas Organizações. **Núcleo de Pesquisa Acadêmica – FAE Centro Universitário**, São Paulo, 2014/2015.

_____ **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015**, disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf. Acesso em: 08 jul. 2017.

RODRIGUES, M. S.; SILVA, L. M. M. Discriminação do trabalho da mulher, ainda há espaço para isto? In: MOSTRA INTERNA DE TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 5, 2010. **Anais Eletrônicos...** Maringá, Centro Universitário de Maringá, 2010.

SÁ, M. A. S. **Trajetórias docentes: avanços, recuos e desvios na vida profissional de professores engenheiros**. 2004. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

SÁ, M. A. A. S.; ALMEIDA, L. R. Devolutiva de Entrevistas: O Biograma na Pesquisa em Educação. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 19, 2º Semestre - 2004.

SANTOS, H. T.; GARMS, G. M. Z. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. 2. Congresso Nacional de Professores 12. Congresso Estadual sobre Formação de Educadores. **Anais...** São Paulo: UNESP-PROGRAD, p. 4094-4106, 2014.

SANTOS, M J.; ALMEIDA, Y. M. B.; VASCONCELOS, I. E. O ensino do intra empreendedorismo em cursos de graduação em engenharia de produção. XXII Encontro de Engenharia de Produção, 2010. **Anais...** Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2002_TR111_1225.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2017.

SANTOS, G. J.; MUQUIUTTI, E.; COSTA, W. L.; SAID, R. A.; PINTO JUNIOR, D. M. Empreendedorismo feminino no mercado de trabalho: uma análise de seu crescimento. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 3, n. esp, p. 450-464, dez/2017.

SEBRAE. **Aprender Empreender**. Brasília: Sala de Produções, 2009.

SEBRAE. **Relatório Especial: O Empreendedorismo e o Mercado de Trabalho**. Brasília: 2017.

SCHEIN, E. H. **Career survival: strategic job and role planning**. Pfeifer e Company. San Diego: 1995. Tradução: Suzana Rosa Tolfo.

SILVA, R. C.; DUTRA, J. S.; VELOSO, E. F. R.; TREVISAN, L. N. As Gerações em Distintos Contextos Organizacionais. **Gestão & Regionalidade**, São Paulo, v. 89, n. 30, p.127-141, 2014. Mai-Ago/2014.

SILVA, A. C. C.; FURTADO, J. H.; ZANINI, R. R. Evolução do empreendedorismo no Brasil baseada nos indicadores do Global Entrepreneurship Monitor (GEM). **Revista Produção Online**, Florianópolis, SC, v.15, n. 2, p.758-780, abr./jun. 2015.

SIMPLES NACIONAL, disponível em: <https://www8.receita.fazenda.gov.br/SimplesNacional/Documentos/Pagina.aspx?id=4>. Acesso em: 08 jul. 2017.

SOUZA, I; RAMOS, S. DIVERSIDADE INTERGERACIONAL NO TRABALHO: DEMASIADO PARECIDOS PARA SEREM DIFERENTES? **SUPERAVIT – Revista de Gestão & Ideias**, n. 3, p. 31-40, 2017.

SOUZA, C. C. R. **MULHER EMPREENDEDORA: A BUSCA PELO EQUILÍBRIO ENTRE A CARREIRA E A VIDA PESSOAL E FAMILIAR**. 2015. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Fumec Faculdade de Ciências Empresariais Mestrado em Administração, Belo Horizonte, 2015.

SZYMANSKI, H.; ET AL. “**Entrevista Reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa**” In : SZYMANSKI, H. (Org). A Entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva. p.09-61, Brasília: Liber Livro, 2011.

TABOADA, N. G.; LEGAL, E. J. e MACHADO, N. **Resiliência: em busca de um conceito**. **Revista brasileira crescimento desenvolvimento humano**. [online], v.16, n., p. 104-113. ISSN 2175-3598, 2006.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira da Educação**, p. 5-24. 2000. Disponível em: http://www.joinville.udesc.br/portal/professores/jurema/materiais/RBDE13_05_MAU_ICE_TARDIF . Acesso em: 20/08/18

TOLFO, S. R. VELOSO, E. F. R.; SILVA, R. C.; DUTRA, J. S. Diferentes Gerações e Percepções sobre Carreiras Inteligentes e Crescimento Profissional nas Organizações. **Revista Psicologia Organização e Trabalho**, Santa Catarina, v. 2, n. 2, p.39n- 63, jul.- dez. 2002.

VELOSO, E. F. R.; SILVA, R. C.; DUTRA, J. S. Diferentes Gerações e Percepções sobre Carreiras Inteligentes e Crescimento Profissional nas Organizações. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 13, n. 2, p.197-207, jul.- dez. 2012.

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S; NAKATA, L. E. Percepções sobre carreira inteligentes: diferenças entre gerações y, x e baby boomers. **REGE – Revista de Gestão**. São Paulo, n. 23, p. 88 – 98. 2016.

VERGA, E.; SOARES DA SILVA, L. F. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 3, p. 3-30, 2014.

VILLA BOAS, A.; DIEHL, B. V. B. **Elas Empreendedoras**. São Paulo: Queen Books, 2012.

VILLAS BOAS, L. História, memória e representações sociais: por uma abordagem crítica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 156, p. 244 -258, abr – jun 2015, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000200244&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 01 set. 2018.

VYGOTSKY, L. S.. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WORD EMPLOYMENT SOCIAL OUTLOOK: TRENDS FOR WOMEN 2017. Organização Internacional do Trabalho (OIT), disponível em: http://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/trends-for-women2017/WCMS_557245/lang--en/index.htm Acesso em: 08 jul. 2017.

ANEXO I



UNITAU - UNIVERSIDADE DE
TAUBATÉ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Pequenas empresas e grandes mulheres: trajetórias profissionais de empreendedoras

Pesquisador: PAULA FERREIRA DO AMARAL

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 78867017.0.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Universidade de Taubaté

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.428.087

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa qualitativa do tipo biográfico-narrativa, que utilizará entrevistas biográficas, em profundidade, em dois momentos nos quais as mulheres pesquisadas (nascidas em gerações distintas, irão narrar suas histórias de vida, e nelas os acontecimentos marcantes do seu processo de desenvolvimento profissional e social no mundo empresarial.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Conhecer nas trajetórias profissionais de mulheres empreendedoras o processo de liderança e os acontecimentos marcantes que definem as escolhas de acordo com as gerações Baby boomer, X e Y.

Objetivo Secundário:

- a) Delinear o perfil sociodemográfico de mulheres empreendedoras.
- b) Identificar as características de liderança nas três gerações de mulheres empreendedoras.
- c) Conhecer os acontecimentos críticos que definem as trajetórias profissionais de empreendedoras.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

São previstos riscos mínimos decorrentes da participação na pesquisa relacionam-se à possível desconforto decorrente das lembranças evocadas pelas narrativas.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 2.428.087

São previstos benefícios para as mulheres sobre o conhecimento aprofundado da sua presença no mundo empreendedor e os modos como desenvolvem a liderança.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa foi planejada para investigar as experiências profissionais de cada mulher empreendedora e relacionar as escolhas de cada participante de acordo com a sua geração. A amostra será de 25 participantes. A metodologia usará entrevista com a pergunta desencadeadora "O que foi necessário ser realizado para se chegar até neste momento de sua vida profissional? para então se construir o biograma da participante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE ajustado as orientações da resolução CNS_510_16.

Recomendações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté recomenda a entrega do relatório final ao término da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 08/12/2017, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_995984.pdf	19/11/2017 11:01:38		Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	19/11/2017 11:00:09	PAULA FERREIRA DO AMARAL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	19/11/2017 10:59:51	PAULA FERREIRA DO AMARAL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	19/11/2017 10:59:23	PAULA FERREIRA DO AMARAL	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO.pdf	11/10/2017 15:20:52	PAULA FERREIRA DO AMARAL	Aceito

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
 Bairro: Centro CEP: 12.020-040
 UF: SP Município: TAUBATE
 Telefone: (12)3635-1233 Fax: (12)3635-1233 E-mail: cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 2.428.087

Declaração de Instituição e Infraestrutura	PERMISSAO.pdf	11/10/2017 15:20:43	PAULA FERREIRA DO AMARAL	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	18/09/2017 15:13:32	PAULA FERREIRA DO AMARAL	Aceito
Folha de Rosto	Folho_de_Rosto.pdf	18/09/2017 15:05:21	PAULA FERREIRA DO AMARAL	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 11 de Dezembro de 2017

Assinado por:
José Roberto Cortelli
(Coordenador)

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br

ANEXO II

MODELO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Sra está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Pequenas empresas e grande mulheres: trajetórias profissionais de empreendedoras”, sob a responsabilidade da pesquisadora Paula Ferreira do Amaral. Nessa pesquisa pretendemos conhecer nas trajetórias profissionais de 15 mulheres empreendedoras o processo de liderança e os acontecimentos marcantes que definem as escolhas de acordo com as gerações Baby boomer, X e Y. Sua participação é voluntária e se dará por meio de pesquisa biográfico-narrativa, constituída por duas entrevistas biográficas. A primeira tem como objetivo conhecer as trajetórias profissionais e a segunda visa levantar os acontecimentos marcantes e completar/confirmar a cronologia dos acontecimentos narrados. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa relacionam-se à possível desconforto decorrente das lembranças evocadas pelas narrativas. Nesse caso, estará livre para recusar-se a participar e a recusa não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Se você aceitar participar estará contribuindo para o conhecimento sobre a presença das mulheres no mundo empreendedor e os modos como desenvolvem a liderança. Para participar deste estudo a Sra não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. A Sra não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor (a). Para qualquer outra informação o sr. (a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (012) 99751.5616, inclusive ligações à cobrar ou pelo e-mail paula.famaral@bol.com.br. Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

Paula Ferreira do Amaral
Pesquisadora Responsável

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “Pequenas empresas e grande mulheres: trajetórias profissionais de empreendedoras”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de 20__ .

Assinatura da Participante

